

O APOCALIPSE ALEGÓRICO, MAS SEM FANTASIAS

(UM ESTUDO SISTEMÁTICO DO LIVRO DE APOCALIPSE)

Nelson Szilard Galgoul

ÍNDICE

1.0 - INTRODUÇÃO	1
2.0 - ALGUMAS DIRETRIZES PARA O ESTUDO	6
3.0 - REVISÃO DE TEXTOS PROFÉTICOS DA BÍBLIA.....	11
3.1 - NOTA GERAL	11
3.2 - O SERMÃO DO MONTE DAS OLIVEIRAS	11
3.3 - PROFECIAS DE DANIEL	13
3.4 - PROFECIAS PAULINAS SOBRE A VOLTA DE CRISTO	23
3.5 - PROFECIAS DE EZEQUIEL	26
3.6 - PROFECIAS DE PEDRO	34
3.7 - PROFECIAS DE JOÃO	34
3.8 - PROFECIAS DE ISAÍAS	36
4.0 - O ARREBATAMENTO DA IGREJA.....	39
4.1 - PALAVRAS INTRODUTÓRIAS.....	39
4.2 - A SEGUNDA VINDA DE CRISTO EM DUAS ETAPAS.....	39
5.0 - OS PAPÉIS DE ISRAEL E DA IGREJA	48
6.0 - QUEM É O ANTICRISTO.....	51
6.1 - INFORMAÇÕES A RESPEITO DO ANTICRISTO	51
6.2 - NOMES DO ANTICRISTO	51
6.3 - ORIGEM DO ANTICRISTO	53
6.4 - IDENTIFICANDO O ANTICRISTO	53
7.0 - MORTE, NOSSA ÚLTIMA INIMIGA	57
8.0 - OS JUÍZOS DO PERÍODO APOCALÍPTICO	61
9.0 - O PERÍODO DE TRIBULAÇÃO	66
9.1 - INFORMAÇÕES GERAIS	66
9.2 - UM CRONOGRAMA GERAL DO PERÍODO DE TRIBULAÇÃO.....	75
10.0 - O REINO MILENAR.....	79
11.0 - NOVOS CÉUS E NOVA TERRA	83
11.1 - AS ORDENS MUNDIAIS	83
11.2 - DESCRIÇÃO GERAL DA ORDEM ETERNA	83
11.3 - A NOVA JERUSALÉM.....	84
12.0 - UMA VISÃO GERAL.....	86
13.0 - DETALHANDO O TEXTO APOCALÍPTICO.....	90
13.1 - A VISÃO DO SENHOR EM GLÓRIA - CARTAS ÀS IGREJAS.....	90
13.2 - A VISÃO DAS TRIBULAÇÕES	98
13.2.1 - A VISÃO DO TRONO.....	98
13.2.2 - A ABERTURA DOS SETE SELOS	100
13.2.3 - O TOCAR DAS SETE TROMBETAS	106
13.2.4 - UMA VISÃO GLOBAL DO FIM.....	109
13.2.5 - O DERRAMAR DAS SETE TAÇAS	121
13.3 - A VISÃO DA REDENÇÃO DIVINA.....	125
13.3.1 - A DESTRUIÇÃO DA GRANDE BABILÔNIA	125

13.3.2 - AS BODAS DO CORDEIRO	131
13.3.3 - A VOLTA DE CRISTO.....	132
13.4 - NOVO CÉU E NOVA TERRA	136
BIBLIOGRAFIA.....	140

1.0 - INTRODUÇÃO

Os prefixos “macro” e “micro” normalmente são usados não só para denotar coisas grandes e pequenas, respectivamente, mas, também, a forma global ou particular como olhamos para elas. Assim sendo, a Macroeconomia lidaria, por exemplo, com aspectos globais de uma Economia, como o nível de investimento, o produto nacional bruto etc., ao passo que a Microeconomia seria afeita a unidades de natureza particular, qual seja, por exemplo, o desempenho financeiro de uma loja. Claro está que o Ministro da Economia vê o combate à inflação, à luz de todos os parâmetros que a influenciam, de modo bem diferente que o dono da loja, que apenas sente os seus efeitos negativos sobre seus lucros.

Ao examinarmos a Bíblia e, especificamente, qualquer dos muitos assuntos que ela aborda, podemos fazê-lo com uma visão macro de todo o livro, ou seja, inter-relacionando os ensinamentos do mesmo, ou limitando-nos aos versículos relativos ao assunto em apreço. Obviamente a pessoa que examina um tema à luz da macrovisão que tem de todo o livro, há de interpretar as diretrizes bíblicas de forma muito mais fiel que outra que se limita a um texto particular, ou mesmo ao seu contexto próximo.

Ao longo deste texto estaremos abordando assuntos ligados à interpretação do livro de Apocalipse. Ao fazê-lo, contudo, não queremos proceder apenas da forma como o faz a maioria dos autores, tentando desvendar, versículo a versículo, os segredos nele escondidos. A primeira vez que escrevi sobre Apocalipse fiz isso e fiquei frustrado ao final por descobrir que, mesmo como autor, acrescentara muito pouco àquilo que já sabia.

Em função disso e à luz do que foi dito acima, talvez você esteja se perguntando como e o que podemos fazer para ter uma visão macro do livro de Apocalipse. Ocorre, contudo, que essa é a pergunta errada. Esse livro deve ser estudado à luz de uma visão macro de toda a Bíblia, ou seja, trata-se da consumação de um plano divino, que nos é apresentado ao longo de toda ela. Como podemos querer entender a consumação, se a dissociamos do todo? Precisamos não perder de vista que a Bíblia se auto-interpreta, ou seja, versículos não muito claros devem ser interpretados à luz de outros do mesmo Texto Sagrado.

Ao longo dos últimos anos tenho dedicado meu tempo, cada vez mais, ao estudo de Escatologia e passei a encará-lo como um quebra-cabeça do tipo chamado “puzzle” (um neologismo cujo sentido literal como substantivo seria “confusão”). Esse tipo de quebra-cabeça tem uma forma bem característica de ser montado. Separa-se e monta-se, inicialmente, todas as peças que têm uma borda reta. Estas se constituem na moldura ou no contorno do “puzzle”. No nosso caso específico, essas peças correspondem às profecias claras e bem definidas, com as quais estaremos trabalhando. Estão incluídas nesta categoria, no Velho Testamento, algumas profecias de Daniel, de Isaías, de Ezequiel e de outros profetas e, no Novo Testamento, o sermão profético pronunciado por Jesus, bem como alguns textos de Paulo, de Pedro e ainda o próprio texto de Apocalipse, é claro (ver figura 1a).

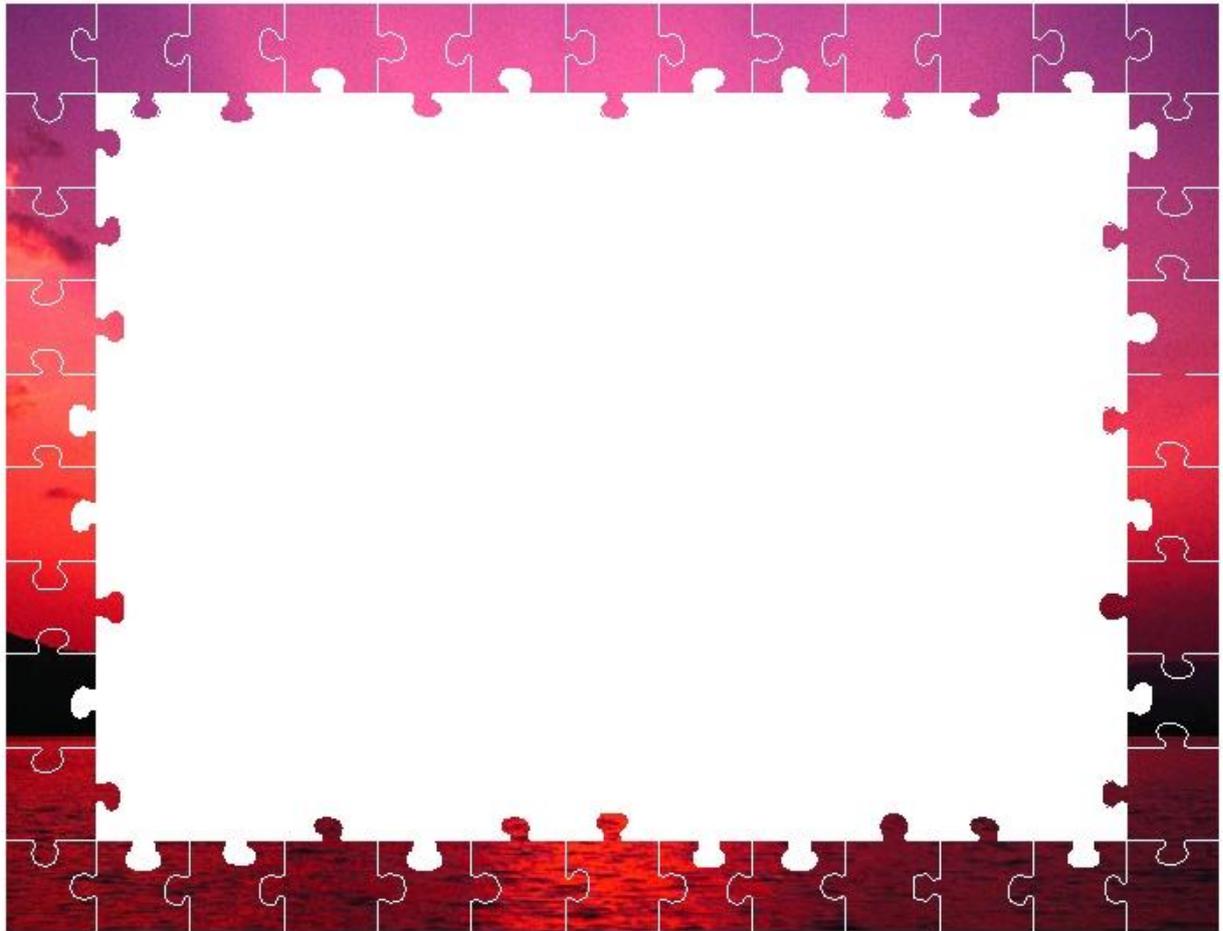


Figura 1a - Contorno típico de um “puzzle”

Na sequência de montagem procura-se as peças que indiquem transições bem definidas como, por exemplo, a separação entre o céu e os tons mais escuros de árvores e montanhas, ou mesmo entre montanhas e mar. Essas separações corresponderiam, ainda, a profecias, mas não tão claras como as citadas anteriormente (ver figura 1b).

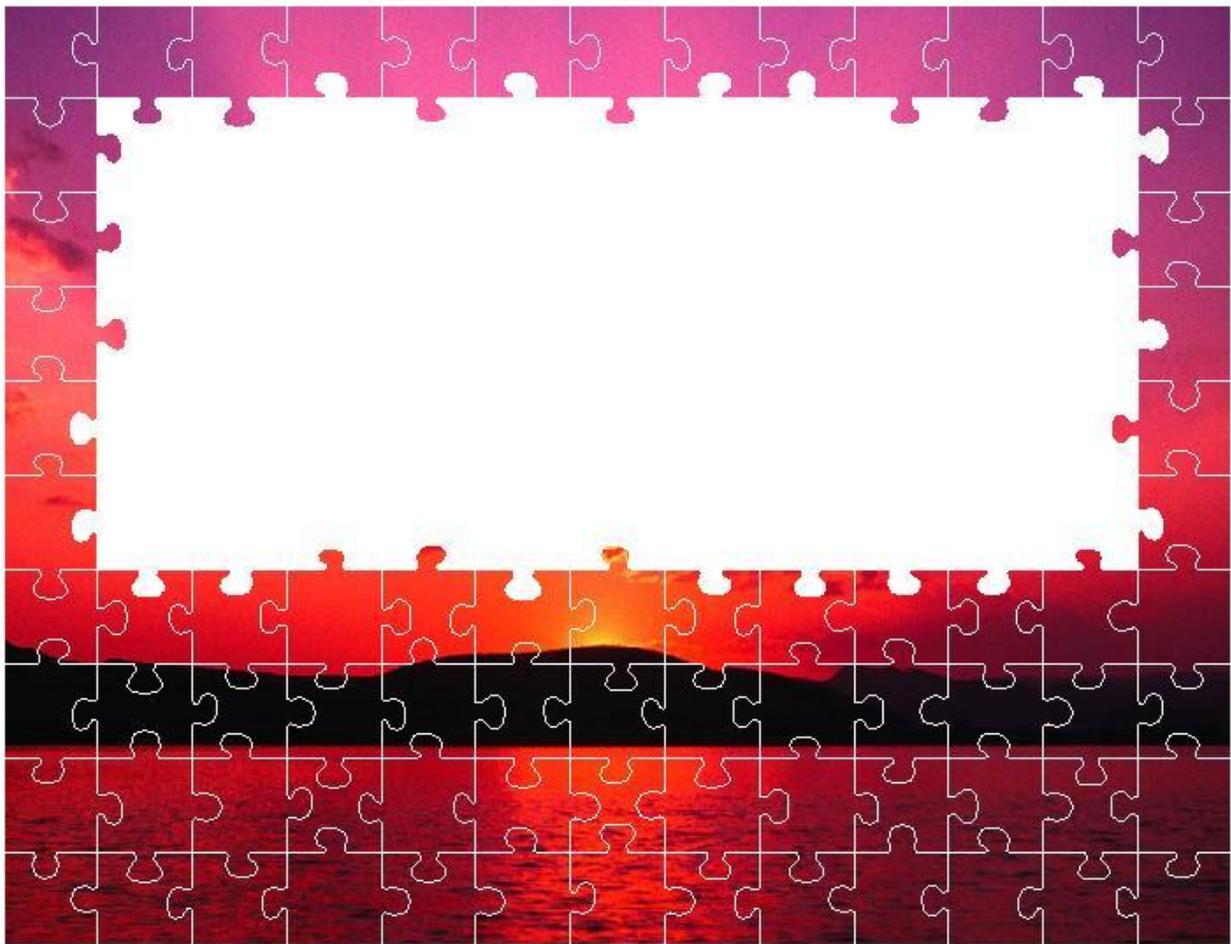


Figura 1b - Adicionando interfaces bem definidas

Finalmente, as últimas peças do “puzzle” são montadas por “tentativa e erro”. De igual modo algumas profecias são tão confusas que só mesmo “tateando” para ver onde se encaixam numa sequência global (ver figura 1c).

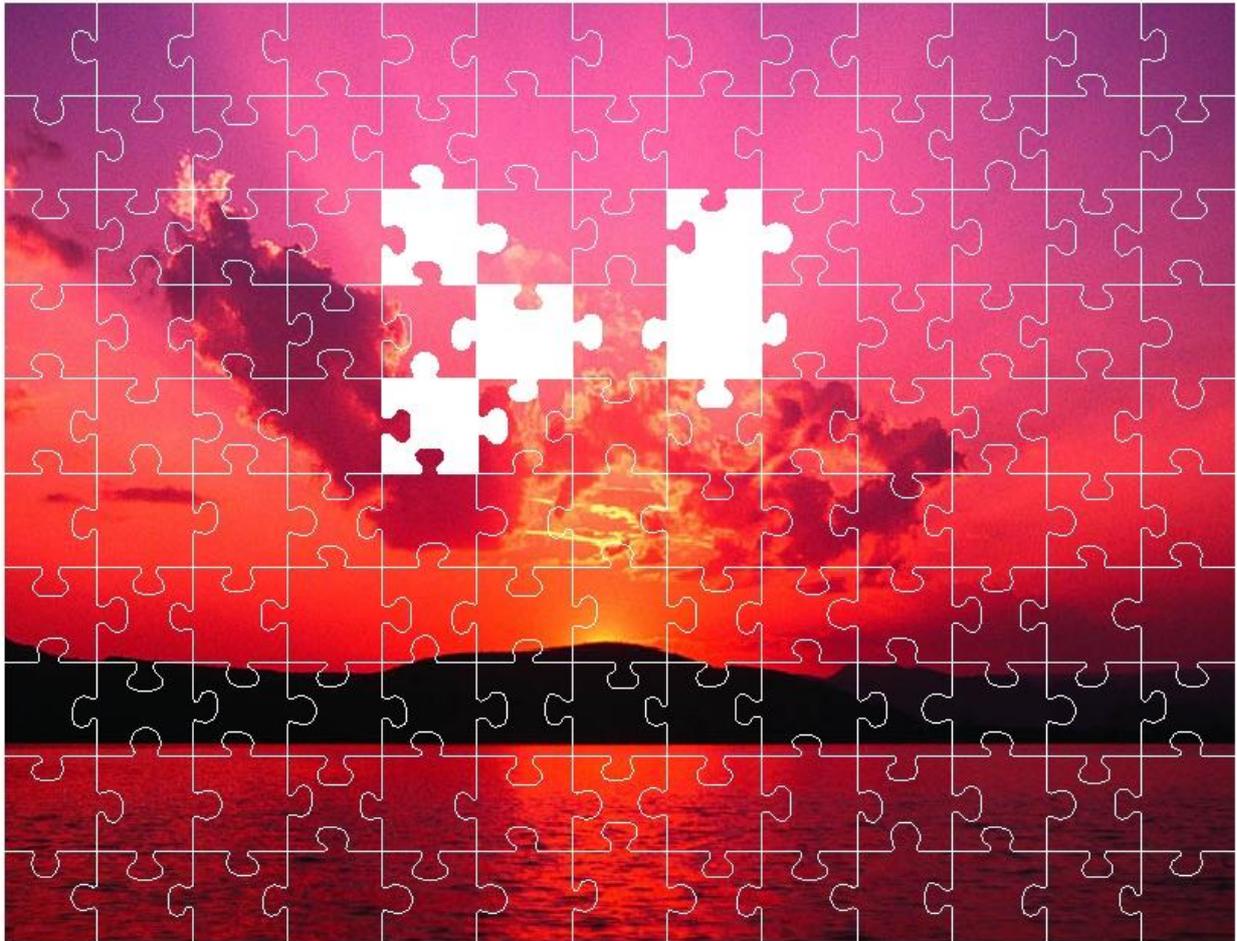


Figura 1c - Completando o “puzzle”

Claro que não desvendaremos todos os segredos, mas certamente teremos uma visão bem clara, que permitirá distinguir entre as alegorias do texto e as muitas interpretações fantasiosas que se tem criado em relação ao mesmo. Que Deus, para tanto, nos abençoe e dirija!

A título de informação adicional, é importante ressaltar a singularidade da Bíblia no tocante a profecias. Cerca de 30% da Bíblia é dedicado a profecias diversas (/13/, pág. 21), que lidam, basicamente, com o povo de Israel e com o seu Messias. Isso estabelece um contraste marcante com os escritos de outras religiões como o Corão, por exemplo, onde a profecia inexistente. Além disso, o fato de que a maioria dessas profecias já se cumpriram à risca, confere à Bíblia uma credibilidade que nenhum outro livro pode ter. É, no mínimo, curioso, portanto, que a crítica muçulmana da falta de credibilidade da Bíblia possa ser rebatida de forma tão cabal e enfática pela própria Bíblia.

Apenas a título de exemplo, a Bíblia contém cerca de 300 profecias no Velho Testamento identificando o Messias de Israel (/13/, pág. 22). Todas foram cumpridas literalmente. Estabelecendo, conservadoramente, uma probabilidade de 50% para o cumprimento de cada uma, a probabilidade matemática de Jesus ser o Messias, por ter

2.0 - ALGUMAS DIRETRIZES PARA O ESTUDO

Antes de começarmos a preparar a moldura do nosso “quebra-cabeças” apocalíptico, há alguns princípios que devemos estabelecer para a interpretação dos textos proféticos que estaremos abordando.

1º Princípio → “**A Bíblia quer dizer o que ela diz**”

Essa é a máxima de uma amiga que gravei e estou aplicando aqui para dizer que não estamos interessados em interpretações que venham das entrelinhas. O texto deve ser interpretado sempre da forma mais natural. Lutero chamou isso de “princípio da interpretação literal”. Conforme já dissemos, o Velho Testamento contém mais de 300 profecias referentes à 1ª Vinda de Cristo, que focalizam pelo menos 60 facetas distintas de Seu ministério (/13/, pág. 22). Os autores neotestamentários foram muito cuidadosos ao mostrar que todas se cumpriram “literalmente”. Não há, portanto, nenhum motivo para crermos que a Sua 2ª Vinda não se cumprirá de igual forma.

2º Princípio → “**Texto fora de contexto é pretexto**”

Esta é outra máxima, mas desta feita ignoro sua origem. O estudo de profecias só é sério se conhecermos antes o contexto próximo e o contexto global. Demos anteriormente ao contexto global o nome de visão macro. A descontextualização de uma profecia leva a erros grosseiros. Outra forma de infringir esse princípio diz respeito ao uso forçado de textos para provar uma idéia concebida previamente e que, não necessariamente, fica provada pelos mesmos. Como professor universitário ligado à área de pesquisa, aprendi que é sempre necessário conferir citações que “provam claramente que ...”, pois, não raramente, não provam nada disso. Não vou chegar a dizer que é uma desonestidade, mas, no mínimo, é uma tentativa de “empurrar” uma idéia, que não pode ser provada. Assim sendo, uma idéia não provada tem que ser tratada como hipótese e não como uma verdade irrefutável.

3º Princípio → “**Harmonizar as profecias**”

A Bíblia contém várias profecias sobre os mesmos assuntos, ou seja, Deus normalmente não faz revelações sobre determinada verdade profética a um único profeta. Sempre que houver outras profecias sobre o mesmo assunto devemos compará-las, tanto para melhor compreensão da verdade revelada, como para dirimir aparentes contradições que, vez por outra, aparecem. Creio na inerrância das Escrituras; portanto, sempre que se identifica uma aparente contradição, normalmente jaz um erro de interpretação. Todas as contradições devem ser avaliadas e sanadas antes que possamos concluir por alguma verdade.

4º Princípio → **Muitas profecias, tanto do Velho como do Novo Testamento têm uma aplicação próxima e outra longínqua**

Isso é mais uma advertência que propriamente um princípio. Deixar de reconhecer esse fato pode levar a graves distorções do estudo profético. As profecias de Daniel referentes a Antíoco Epifane aplicam-se igualmente ao Anticristo. A primeira cumpriu-se literalmente, ao passo que Paulo adverte os tessalonicenses sobre o fato de que a volta de Cristo não se dará até que a segunda se cumpra no Anticristo (*// Tessalonicenses 2:3*).

Ao lidarmos com textos proféticos nos próximos segmentos deste estudo, cumpre que não deixemos de aplicar os princípios ora estabelecidos.

Outra diretriz importante diz respeito à forma de interpretação do Apocalipse. Neste ponto os “autores apocalípticos” normalmente falam de suas posições:

- em relação à época à qual o texto se aplica;
- ao tempo em que se dará o Arrebatamento da Igreja;
- ao estabelecimento do Reino Milenar.

Um resumo dessas posições é dado a seguir.

a) Com relação à interpretação da época do texto apocalíptico:

- Visão Preterista → é aquela que admite que o livro de Apocalipse diz respeito ao tempo de João e às igrejas do 1º século, pelo que a maioria das profecias se refere a eventos ocorridos naquela época.

O Judaísmo dos dias de Jesus foi fortemente influenciado pela ânsia que o povo tinha de libertar-se do domínio romano, transferindo ao Cristianismo o mesmo tipo de influência. Sob esta ótica, muitas informações do livro, bem como a necessidade de cumprimento de suas profecias, seriam preteridas em função da ideia fixa de que a Roma imperial seria a Besta e seus sacerdotes idólatras caracterizariam o Falso Profeta. A Igreja estaria ameaçada de extinção pela perseguição de Roma, de modo que João teria escrito o livro principalmente para fortalecer a fé dos irmãos, até que Cristo voltasse para aniquilar o reino de Roma e estabelecer o Reino de Deus. Como nada disso ocorreu, os defensores do método argumentam que o livro preencheu sua finalidade de fortalecer as igrejas do primeiro século e que nunca teve a intenção de ser um livro profético;

- Visão Historicista → é a que encara o livro como uma profecia simbólica de toda a história da Igreja, desde a sua criação até a volta de Cristo. Os símbolos do livro estariam todos associados a fatos da história que ocorreram ao longo destes dois milênios. A maior parte do livro diria respeito, portanto, a fatos que se situam no passado, ficando no futuro uns poucos eventos que se relacionam com o fim da presente ordem universal. Segundo a linha mais popular desta forma de interpretação, defendida hoje, principalmente, pelos Adventistas do Sétimo Dia, a Besta seria o papado e a Igreja de Roma o falso profeta;
- Visão Futurista → é aquela que supõe que a maioria das previsões apocalípticas diz respeito a eventos futuros do final dos tempos. É a mais aceita pelos teólogos de nossos dias e entende que o propósito do livro é descrever a implementação da redenção divina através da consumação dos fatos que denotam o fim dos tempos;
- Visão Idealista → é a que interpreta o Apocalipse de forma atemporal, descrevendo o conflito eterno entre bem e mal, sem discernir pessoas ou eventos específicos. A mensagem a ser extraída é aquela que proclama a vitória final de Deus, ou seja, do bem;
- Visão Espiritualista → é similar à Idealista, mas preconiza que todos os eventos são simbólicos e aplicáveis a todos os tempos, no sentido de apresentar os grandes princípios do Governo Divino.

b) Com relação ao arrebatamento da Igreja:

- Pré-Tribulacionista → ênfase que prevê que a volta do Senhor Jesus Cristo se fará em duas etapas: uma para buscar a Sua Igreja, a realizar-se antes das tribulações apocalípticas e, outra, ao final da Grande Tribulação, quando Ele derrotará as hostes satânicas e estabelecerá o Reino Milenar;
- Arrebatamento em Duas Etapas → ênfase similar à anterior, só que aplicável apenas a crentes fiéis. Para aqueles que confessaram Jesus, mas vivem de forma mundana, é previsto que fiquem para trás para o período de aprimoramento associado à tribulação apocalíptica. Os vencedores seriam arrebatados juntamente com os convertidos desse período, quando da Vinda Gloriosa do Senhor Jesus;
- Arrebatamento no Meio da Tribulação ou Meso-Tribulacionista → ênfase no arrebatamento que se dá após o surgimento do Anticristo, mas antes que tenha início a Grande Tribulação;
- Arrebatamento Pós-Tribulacionista → prevê que a Igreja de Jesus Cristo seja arrebatada para se encontrar com Ele quando de Sua 2ª Vinda, depois de ter passado pela Grande Tribulação.

c) Com relação ao Milênio:

- Ênfase Pré-Milenista → trata-se de uma linha de interpretação que atribui sentido estritamente escatológico ao capítulo 20 de Apocalipse, que se refere, então, a um período de 1.000 anos (literais ou simbólicos) entre a Volta de Cristo e a implantação final e definitiva dos Novos Céus e da Nova Terra.

É uma posição que pode ser encontrada em escritos que datam do 2º século e que contou com poucos seguidores ao longo dos anos, até que Darby (1800-1882 - /21/) deu a ela uma versão um pouco alterada, segundo a qual o milênio estaria associado à restauração de Israel, período no qual se daria a conversão de todos os judeus. Essa posição foi abraçada por Moody (1837-1899), que passou a difundi-la em seu instituto bíblico e, também, por Scofield (1843-1921), cuja Bíblia comentada já vendeu milhões de exemplares (/22/).

Curiosamente, contudo, com o aumento dos seguidores da doutrina de Darby, aumentou, também, sensivelmente, o número dos seguidores da doutrina pré-milenista original, que interpreta o Apocalipse como sendo aplicado à Igreja e não a Israel.

Hoje em dia o pré-milenismo, nas suas duas versões, é a linha interpretativa mais comumente aceita.

- Ênfase Amilenista → não prega propriamente a inexistência do milênio, mas atribui a este um sentido simbólico representativo de um período, ao longo do qual a Igreja de nosso Senhor reinou na Terra. Entende-se que o texto referente ao aprisionamento de Satanás é uma referência às palavras de Jesus, contidas em *Mateus 12:25-32*, quando fala de amarrar o valente para poder saquear-lhe a casa. Assim sendo, o

milênio teria principiado com Cristo amarrando Satanás, mas este seria solto pouco antes de Sua 2ª vinda, mais especificamente por ocasião do surgimento do Anticristo.

Essa interpretação é atribuída a Agostinho (354-430, /24/), que via também o capítulo 20 de Apocalipse como uma espécie de resumo histórico, contendo uma parte escatológica, que incluía o surgimento do Anticristo e sua derrota em Armagedom. Ela se tornou muito popular na época da Reforma Protestante, quando a Igreja Romana já estava sendo considerada como o Anticristo, pelo que se achava que o fim estava próximo. Essa doutrina ainda hoje conta com adeptos, mas não muitos;

- Ênfase Pós-Milenista → trata-se uma linha interpretativa que admite que o milênio seja, basicamente, um reinado do Cristianismo e não de Cristo. Esse reinado, não necessariamente de 1.000 anos literais, dar-se-ia pelo triunfo do Evangelho de Jesus Cristo sobre as principais religiões da Terra (Islamismo, Budismo, Hinduísmo etc.), com as nações se convertendo em massa a Jesus. A volta de Cristo dar-se-ia após a vitória do Cristianismo nos termos citados acima.

A primeira formulação consistente dessa teoria foi apresentada por Daniel Whitby (1638-1726, /23/). O Anticristo seria a Igreja Romana, que seria destruída antes da volta de Cristo, O qual encontraria, então, uma Igreja mundial bíblica. O avivamento metodista do século 18 teria dado grande impulso às ideias de Whitby, de modo que grandes teólogos da época, como Matthew Henry, tê-la-iam abraçado.

Essa doutrina atingiu o seu auge de popularidade no início do século XX, quando começou a ser minada pelo Materialismo, que veio junto com a era da Industrialização. O avanço do Islã e outras religiões não-cristãs, aliado a um acentuado declínio dos princípios morais no mundo inteiro, indicam um cenário bem mais próximo daquele descrito pelo próprio Jesus, que se referiu a um caminho largo para a perdição, trilhado pela maioria das pessoas, e outro estreito no qual andam poucos, e que conduz à vida (*Mateus 7:13-14*). Por volta do meio do século XX, contudo, já havia sido abandonada (/3/, pág. 130). Pode-se dizer que essa linha interpretativa tem hoje muito poucos adeptos;

É fácil ver que com cinco visões distintas para a interpretação do texto apocalíptico, quatro opções em relação ao arrebatamento e três ênfases quanto ao Milênio e considerando, ainda, as possíveis combinações destas alternativas, é absolutamente necessário limitar a abrangência do estudo que pretendemos empreender.

A esmagadora maioria dos teólogos entende que a interpretação correta está associada à Visão Futurista e se inclinam para o Pré-Milenismo no que diz respeito à Volta de Jesus Cristo, mas cabe reconhecer que os historicistas existem em número representativo, bem como aqueles que creem na possibilidade de que muitos eventos terão duplo cumprimento: um passado, ao longo da História da Igreja, e outro futuro.

No tocante ao arrebatamento, contudo, o século XX assistiu a um forte surgimento de denominações pentecostais, que são quase unanimemente pré-tribulacionistas (não poucos dos quais admitem que o arrebatamento será privilégio apenas dos membros fieis da Igreja), enquanto as denominações tradicionais são mais propensas ao pós-tribulacionismo. Seja como for, a interpretação bíblica é bem menos uniforme, sem falar da minoria que defende um arrebatamento meso-tribulacionista.

Em vista do acima exposto, a visão principal desse estudo será futurista, admitindo um retorno pré-milenar do Senhor Jesus Cristo, mas serão avaliadas as hipóteses pré, meso e pós-tribulacionistas para o arrebatamento. A ideia de um arrebatamento preliminar, apenas para crentes fieis, associa salvação a obras e não pode ser levada a sério no contexto bíblico, na opinião deste autor, pelo que não será considerada.

O estudo em apreço cobrirá uma revisão das profecias apocalípticas em outros livros bíblicos que não o Apocalipse e apresentará uma avaliação de vários tópicos bíblicos associados ao estudo escatológico, que servirão, então, de base para uma exegese mais tradicional versículo a versículo do livro de Apocalipse de João.

3.0 - REVISÃO DE TEXTOS PROFÉTICOS DA BÍBLIA

3.1 - NOTA GERAL

A Bíblia é um livro que principia com a narração da criação, sem entrar em detalhes científicos, e logo depois narra a desobediência e queda de Adão e Eva. Claro está que, sendo Deus onisciente, seria impossível imaginar que Ele concebesse um plano que precisasse de remendo. Não há dúvida, portanto, que a intenção dEle era relacionar-Se com um ser, criado à Sua imagem e semelhança e que, tendo conhecimento do bem e do mal, escolhesse voluntariamente buscá-IO, por reconhecer nEle a fonte de todo o bem e amá-IO em resposta ao grande amor que Ele nos mostrou primeiro.

Todo o restante do Velho Testamento, não apenas narra o relacionamento de Deus com o homem através do estabelecimento de alianças, como também apresenta uma grande quantidade de profecias, muitas já cumpridas, tanto em relação às vindas do Messias, como em relação às demais ocorrências apocalípticas.

Já o Novo Testamento acusa o cumprimento das muitas profecias relativas à 1ª Vinda do Messias e apresenta várias outras referentes ao final dos tempos. São justamente as profecias referentes aos últimos dias que queremos avaliar a seguir, tanto no Velho Testamento como no Novo.

3.2 - O SERMÃO DO MONTE DAS OLIVEIRAS

Trata-se da profecia escatológica mais significativa que há na Bíblia, não só por ser apresentada pelo próprio Senhor Jesus (principalmente por isso), mas também pela sua abrangência. Normalmente é estudada juntamente com textos das profecias de Daniel e do próprio livro de Apocalipse. Refere-se a um discurso que os três autores dos Evangelhos Sinóticos apresentam (*Mateus 24-25; Marcos 13 e Lucas 21*).

O discurso é a resposta a três perguntas que os discípulos fizeram a Jesus depois que Ele profetizou a destruição do templo, quais sejam:

- Quando essas coisas ocorrerão?
- Qual será o sinal de Sua vinda?
- Qual será o sinal do fim dos tempos?

As respostas de Jesus a Seus discípulos, tanto em Mateus, como em Marcos e Lucas são bastante semelhantes. Ele começa tratando de alertá-los para alguns sinais que antecederão a Sua vinda, quais sejam: o surgimento de falsos cristos, bem como a ocorrência de guerras, fomes e pestilências. Isso seria, contudo, apenas o princípio das dores. Então haveria perseguição, não apenas por parte dos judeus, mas de todos.

Mateus e Marcos fornecem, a seguir, uma curiosa declaração, segundo a qual o Evangelho do Reino seria pregado a todas as nações e, então, viria o fim (*Mateus 24:14 e Marcos 13:10*). Cabe perguntar aqui o que Jesus realmente quis dizer com isso. Muitos concluem, com base nestes versículos, que a volta de Jesus só pode se dar depois que todas as pessoas do planeta Terra tiverem ouvido o Evangelho da salvação em Jesus. Conquanto reconheçamos que a concretização disso seja o ideal

de todo crente sincero, somos obrigados a admitir que não é isso o que está escrito. Todas as nações ouvirem o Evangelho do Reino não é a mesma coisa que todas as pessoas de todos os reinos virem a ouvi-lo. Parece lícito dizer que, a essa altura, o Evangelho de Jesus Cristo já foi pregado em todas as nações da Terra, a única coisa implícita neste versículo, pelo que essa condição já está cumprida e, com base nela, Jesus poderia voltar a qualquer momento.

Depois de Jesus dizer isso, mais uma vez apenas Mateus e Marcos registram a advertência para que estejam atentos a “abominação da desolação” prevista por Daniel (*Mateus 24:14 e Marcos 13:10 em referência a Daniel 9:27*), antes de começarem a falar da destruição de Jerusalém. Lucas, por outro lado, dá como sinal para a destruição de Jerusalém o fato de exércitos virem cercar a cidade (*Lucas 21:20*). É interessante, contudo, que Mateus e Marcos parecem falar da destruição de Jerusalém nos últimos dias, enquanto Lucas deixa entender que está falando do ano 70, quando o general Tito arrasou a cidade. Isso porque ele fala, a seguir, da cidade pisada pelos gentios até que o tempo deles se complete (*Lucas 21:24*). Como os três referem-se ao mesmo discurso de Jesus, segue que devemos entender que a descrição se refere aos dois eventos: a destruição de Jerusalém dos dias apostólicos e a do final dos tempos. Os três autores, então, passam a falar de sinais nos astros antecedendo o Grande Dia de Sua Vinda, que se dará de modo que todos a vejam.

Há uma curiosa referência, a seguir, ao sinal da figueira (*Mateus 24:32, Marcos 13:28 e Lucas 21:29*), ao qual deveriam estar atentos, não obstante Sua vinda se dar sem qualquer aviso prévio. Os autores apocalípticos têm descrito a figueira como um símbolo do povo judeu, ou da cidade de Jerusalém, com base no que ela teria já florido em 1948 (retorno do povo judeu à Palestina - /24/, pág17) ou em 1967 (retomada de Jerusalém - /25/). Ainda outros preferem uma interpretação simplesmente literal, já que a figueira perde as folhas no inverno, de modo que volta a florir, anunciando a primavera. Desta forma, Jesus estaria dizendo apenas que devemos estar atentos aos sinais que Ele descrevera. Finalmente, os três registram a declaração de Jesus de que “aquela geração” não passaria antes que “todas” aquelas coisas ocorressem. Mais uma vez “aquela geração” tem detonado as mais diversas explicações. Alguns dizem que se refere apenas à destruição do ano 70, enquanto outros creem dizer respeito ao tempo do fim. Desta forma, várias datas limites para o retorno de Jesus têm sido estabelecidas. A forma de raciocínio é simples: basta estabelecer a duração de uma geração (seja, por exemplo, considerar que houve 2.000 anos de Abraão até Jesus, durante os quais transcorreram 42 gerações, com base em *Mateus 1:17*; logo, a duração superposta de uma geração será $2.000/42 \sim 48$ anos. Admitindo-se que uma pessoa tenha o primeiro filho na idade média de 22 anos, isso significa que uma geração bíblica tem a duração de $48 + 22 = 70$ anos, coincidindo com a previsão davídica: *Salmos 90:10*).

Tomando como datas associadas ao florir da figueira os anos de 1948 ou 1967, é fácil concluir que Cristo deve voltar até 2018 ou 2037. Tudo isso, contudo, é mera especulação. É possível que Jesus fizesse referência à Sua própria geração no caso da destruição de Jerusalém no ano 70 e à geração que visse o início da tribulação, que veria todo o restante quando do final dos tempos.

Outra alternativa é apresentada por Hunt (/9/, págs. 274-277), onde ele explora outros contextos em que Jesus usou a palavra “geração”. Em *Mateus 12:39 e 16:4* Ele a

utilizou para se referir a uma classe de pessoas a quem chamou de “*geração má e adúltera*”. O mesmo ocorre em *Mateus 17:17*, onde Ele as chama de “*geração incrédula e perversa*”. Raciocinando ao longo dessa linha, Jesus poderia estar dizendo que aquela “*geração de rebeldes incrédulos*”, referindo-se aos judeus que O rejeitaram, persistiria em existir até a Sua 2ª Vinda.

Seja qual for a interpretação correta, ela não tem a finalidade de fixar uma data para o retorno de Jesus, pois “*aquele dia e hora ninguém conhece, nem mesmo os anjos do céu, nem o Filho, mas apenas o Pai*” (*Marcos 13:32*). A Sua intenção, isso sim, é que todos estejamos atentos, em oração, para que não sejamos surpreendidos.

Uma das coisas que chama a atenção na narrativa dos três evangelistas, é que não há qualquer referência a um arrebatamento separado da Igreja. Pelo contrário, os três narram os sinais nos céus, que incluem o escurecimento do sol, da lua e das estrelas para, então, surgir o Senhor Jesus com “*poder e grande glória*”. Ele enviará Seus anjos, então, para ajuntar os Seus eleitos dos quatro ventos e de uma extremidade a outra do céu. Esta informação é dada apenas por Mateus e Marcos. Lucas, contudo, cita uma declaração de Jesus que nos deixa intrigados: “*Vigiai, portanto, e orai sempre para que possais ser considerados dignos de escapar a todas estas coisas que ocorrerão e estar em pé diante do Filho do Homem*” (*Lucas 21:36*).

Para aqueles que defendem um arrebatamento anterior às dores causadas pela grande tribulação, esse versículo é um “prato cheio”. Esse assunto relativo ao arrebatamento será discutido no item 4.0.

O texto de Mateus nos apresenta um juízo, que não consta dos outros dois sinóticos e que contém uma grande dificuldade de interpretação. Também este assunto será abordado adiante, no item 9.0, quando estaremos falando dos demais juízos do tempo do fim.

3.3 - PROFECIAS DE DANIEL

O livro de Daniel traz algumas profecias muito marcantes que gostaríamos de avaliar a seguir. Algumas já se cumpriram, enquanto outras estão, ainda, em fase de cumprimento:

a) Estátua do Sonho de Nabucodonosor (*Daniel 2*)

O sonho do rei, para o qual Deus deu a Daniel a interpretação necessária, apresenta uma estátua com as seguintes características:

- cabeça de ouro → correspondia ao próprio reinado de Nabucodonosor na Babilônia;
- peito e braços de prata → simbolizava o império dos medos e persas;
- região da cintura de bronze → correspondia ao reino grego;
- pernas de ferro → representavam o império romano da antiguidade.

Até esse ponto a visão não apresenta qualquer dificuldade, mas a partir do versículo 42, Daniel passa a falar dos pés formados por uma associação de ferro e argila, dois materiais que obviamente não se misturam, dando a entender que se trata, ainda, do

mesmo reino. Esse reino seria destruído por uma pedra cortada de uma montanha, sem intervenção humana (por Deus), dando origem ao Reino Eterno do Deus dos céus. Como o Império Romano não foi vencido dessa forma (foi vencido no 5º século pelos bárbaros no Ocidente e pelos muçulmanos no Oriente um milênio depois), o texto parece dizer respeito a uma época futura de algum reino que seja representativo do Império Romano. Maiores informações a esse respeito são dadas a seguir, na interpretação da profecia de *Daniel 7*.

É verdade que há algumas outras interpretações, apresentadas a seguir apenas como curiosidade, mas que serão descartadas por se basearem em hipóteses pouco prováveis. Na primeira, apresentada em “The Broadman Bible Commentary” (/1/ pág. 391), os medos e persas seriam tratados como dois reinos distintos, o 2º e o 3º, enquanto a Grécia seria o 4º. Outra alternativa, prevista por Gaebelein (/2/, pág. 48), teria os medos e persas como o 2º reino, o 3º reino seria apenas o de Alexandre (Grécia), enquanto o reino de seus quatro generais seria tratado separadamente como o 4º.

b) Visão de Quatro Animais / Quatro Reinos (*Daniel 7*)

Desta feita trata-se de um sonho do próprio Daniel, que tem a visão de 4 animais: um leão, um urso, um leopardo e outro que ele sequer conseguiu identificar. Aparentemente essa visão é paralela à anterior, acrescentando à mesma mais alguma informação.

- 1º reino → é descrito, inicialmente, como um leão que tem asas de águia (Babilônia de Nabucodonosor), mas cujas asas foram arrancadas à medida em que o leão foi convertido em homem (possivelmente a degradação do poder de seus sucessores).
- 2º reino → é representado por um urso com 3 costelas entre os dentes. Seria, intuitivamente, o reino dos medos e persas.
- 3º reino → tem 4 asas e 4 cabeças. Parece indicar o reino da Grécia, que foi dividido entre os 4 generais de Alexandre o Grande.
- 4º reino → trata-se de um animal terrível, de grande força, com dentes de ferro, quebrando em pedaços e pisando tudo mais uma vez. Salta aos olhos tratar-se do Império Romano. Desta vez, contudo, a referência a esse reino é, claramente, descrita associada aos tempos do fim. Nessa época o referido reino seria formado por uma confederação de 10 reis, representados no animal por dez chifres. Enquanto Daniel examinava os chifres, surgiu um outro pequeno, que arrancou três dos dez, desde a sua raiz. Esse pequeno chifre, contudo, tinha olhos de homem e boca, que Daniel disse estar falando “pomposamente”. Daniel quis, então, saber mais a respeito desse 4º animal e foi dito a ele que durante este reino os santos seriam perseguidos por um tempo, tempos e metade de um tempo. Ao longo deste período o chifre arrogante tentaria mudar os tempos e a lei (*Daniel 7:25*). Ao final deste período, todavia, seria instaurado um reino eterno, no qual seria dado o domínio aos santos do Altíssimo. Desta forma, o 4º reino seria destruído para sempre. Maiores informações a respeito desse reino são fornecidas no item 6.0, associadas à descrição do Anticristo.

c) **Visão do Carneiro e do Bode** (*Daniel 8*)

Essa visão, tida novamente pelo próprio Daniel dois anos após aquela registrada no capítulo 7, é uma das visões históricas mais claras da Bíblia, com cumprimento nos quatro séculos que se seguiram. Ela apresenta também um trecho que encontra paralelo no período apocalíptico, daí o interesse imediato para o presente estudo.

Daniel nos informa que viu primeiramente um carneiro com dois chifres (um mais longo que o outro), que fazia conquistas para o leste, para o norte e para o sul, a cujo poder nenhum outro animal podia resistir. Enquanto Daniel pensava a respeito desse animal, surgiu um bode voador vindo do Ocidente, que tinha um chifre proeminente com o qual investiu contra o carneiro e o aniquilou. O bode, então, cresceu em poder, mas repentinamente o chifre grande foi quebrado e em seu lugar surgiram quatro chifres apontando para quatro direções distintas. De um desses chifres surgiu um outro, que começou pequeno, mas cresceu em direção ao sul, ao leste e à Terra Formosa. Cresceu até jogar por terra alguns seres das hostes celestiais, aos quais pisou. Ele assumiu, então, o lugar de príncipe das hostes inimigas, removeu o sacrifício diário, prosperou em tudo e a verdade foi jogada por terra.

Daniel, então, ouviu um anjo perguntando ao outro qual seria a duração da supressão do sacrifício diário e da transgressão desoladora que resultariam naquela situação, tanto para o templo, como para as hostes fieis. A resposta apresentada em algumas traduções bíblicas como 2.300 dias é, na realidade, 2.300 tardes e manhãs, que tanto pode significar 2.300 dias, como 1.150 dias, já que cada dia tem uma tarde e uma manhã. Enquanto ele meditava na visão, ouviu uma voz que dizia: “Gabriel, explica a ele a visão”. Assim, um anjo se aproximou e começou a explicar aquilo que ele vira:

- o carneiro → representava o reinado dos medos e persas;
- o bode → seria o reinado dos gregos;
- o chifre grande → seria Alexandre o Grande;
- os 4 chifres menores (substitutos do grande) → seriam seus 4 generais a quem o seu reino foi entregue após sua morte súbita.

Até este ponto, que corresponde ao versículo 22, tudo que foi dito se reveste de uma clareza inquestionável e que a História registrou com a mesma precisão.

A partir do versículo 23 e até o 26 o anjo passa a falar de um evento relacionado com um governante selêucida de nome Antíoco Epifane, que a história registra ter ocorrido entre os anos 167 e 165aC, mas, ao mesmo tempo, parece retratar ações do Anticristo, que são previstas para os tempos apocalípticos. Antíoco Epifane profanou o altar do templo de Jerusalém ao oferecer uma porca sobre o mesmo em 167aC. Os sacrifícios diários, prescritos de acordo com *Números 28:3*, foram suspensos e assim permaneceram até que as tropas de Judas Macabeu derrotaram o selêucida em 165aC. Nestas condições, o referido período seria de 1.150 dias, e não de 2.300. O versículo 25 informa que este personagem, a serviço de Satanás, seria removido e quebrado sem mão humana, que, aparentemente, não se aplica a Antíoco Epifane; daí admitir-se que o texto diga respeito também ao Anticristo dos tempos apocalípticos.

d) **As 70 Semanas** (*Daniel 9:24-27*)

Essa é, sem dúvida, uma das profecias mais espetaculares de toda a Bíblia, não apenas pela precisão com que previu a data de chegada do Messias a Jerusalém (já cumprida), como pela forma como “emoldura” todo o período apocalíptico em termos de duração, ao mesmo tempo em que apresenta a sequência geral de seus eventos. Os medos já haviam conquistado o Império Babilônico e Daniel tinha em mãos os escritos de Jeremias, onde lera que a duração do cativeiro naquele local seria de 70 anos (*Jeremias 29:10*).

Nessas condições, ele fez a Deus uma das orações intercessórias mais emocionantes de toda a Bíblia, na qual ressalta a iniquidade dele e de seu povo, exalta a justiça divina nos castigos aplicados, mas roga pela misericórdia do Deus de Israel no sentido de fazer cumprir o refrigério prometido. A resposta de Deus à sua oração veio na forma de uma aparição angelical, na qual Gabriel se apresentou para informar, não apenas que sua oração fora ouvida, mas que ele era muito amado. Como é maravilhoso ter um Deus como esse! Como prova desse grande amor, Gabriel foi comissionado a revelar a Daniel aquilo que Deus estava por fazer realizar desde aquele dia até os tempos do fim. Mais uma vez Deus confirmava que Ele não faz coisa alguma sem antes revelar a Seus servos, os profetas (*Amós 3:7*). Aleluia! Ele nos faz participantes de Seus grandes feitos! A Sua fidelidade mostrada a Abraão, Moisés e outros também é revelada aqui a Daniel.

As explicações dadas por Gabriel começam dizendo que 70 semanas estão determinadas para que ocorram seis coisas distintas. É interessante atentar para que coisas são essas, porque delas depende a compreensão do arranjo dessas semanas:

- 1) dar fim à transgressão → como a transgressão é uma coisa intrínseca da natureza humana, que continua existindo até os nossos dias, segue que se trata de uma realização que exige uma nova ordem mundial, qual seja, a implantação do Reino de Deus associado ao final das dores do período apocalíptico;
- 2) dar fim aos pecados → trata-se de uma realização totalmente associada à anterior. Com a implantação do Reino Milenar, cessarão tanto a rebelião (transgressão) como o pecado dela resultante;
- 3) prover a reconciliação para a iniquidade → essa parece ser a única das seis realizações que já teria sido cumprida. Escrevendo aos coríntios (*II Coríntios 5:1a*), Paulo diz que “*Deus nos reconciliou Consigo mesmo através de Jesus Cristo*”, obviamente referindo-se ao Seu sacrifício;
- 4) implantar justiça eterna → justiça em nosso meio, a todos os níveis, é algo pelo que todo crente anseia, mas que só existirá no Reino Messiânico;
- 5) selar a visão e a profecia → o profeta Joel (*Joel 2:28*) previu, para os últimos dias, intensa atividade profética, pelo que o fim de toda a visão e profecia só pode ser uma referência aos dias de implantação do Reino de Deus;
- 6) ungir o Santo dos Santos → parece ser uma referência ao templo do Reino Milenar.

Observa-se, portanto, que pelo menos cinco dessas seis realizações estão ainda por se cumprir. Isso tem uma implicação importante, porque confirma no discurso de Jesus a 70ª semana postergada. De imediato, podemos interpretar que o anjo está dizendo a Daniel o seguinte: as 70 semanas, ou literalmente os 70 setes, são 490 anos associados a alguns eventos futuros e que virão a ocorrer conforme indicado abaixo:

Data inicial → é a ordem para que Jerusalém fosse restaurada e construída. Aparentemente se trata da ordem dada por Artaxerxes, como resultado de uma solicitação feita por seu copeiro Neemias e que se encontra registrada em *Neemias* 2:5-8. Normalmente este feito é datado pelos historiadores em 444aC (/9/, pág. 310).

Outra possibilidade seria a ordem anterior, do mesmo Artaxerxes, dada a Esdras, para a construção do templo (*Esdras* 7:11-26), que teria ocorrido por volta de 457aC. A preferência por uma ou outra data está associada ao fato de considerar-se anos de 360 ou 365 dias (lunares ou solares).

Reconstrução de Jerusalém → a profecia previa, para o cumprimento desse evento, um total de 49 anos, ou seja, considerando anos de 360 dias e o início em 444aC, teríamos o final dessa fase em 396aC. Caso optemos pela outra alternativa, o início seria 457aC e o evento terminaria em 408aC.

O Messias, o Príncipe → o evento seguinte é apresentado como o Messias, com relação ao qual a única referência é que Ele seria removido após a semana 69 (62 semanas depois do evento anterior). Considerando as datas obtidas anteriormente, isso coloca Sua crucificação no ano 33, admitindo o início da contagem em 444aC e anos de 360 dias ou no ano 30 caso seja considerada a outra alternativa.

Semana 70 → com relação à semana 70, fica claro, tanto pelas profecias anteriores, como pelo fato de não se terem cumprido as realizações descritas no início das explicações de Gabriel, que há uma defasagem entre o cumprimento da semana 69 e o início da final.

Os eventos associados a essa semana (versículo 27) são antecidos, contudo, pelo aviso da destruição de Jerusalém e do templo “pelo povo de um príncipe que há de vir”. Entende-se aqui uma referência clara ao Império Romano e à destruição levada a cabo no ano 70. A segunda parte do versículo 26 fala do fim como uma inundação (não necessariamente literal) de tempos de guerra. Isso parece se encaixar bem com as previsões de Jesus, que falaram também de guerras e rumores de guerra, antes da chegada do fim propriamente dito. A semana 70 é finalmente o objeto da descrição apresentada no versículo 27, que começa falando que um personagem, que é facilmente identificado com o Anticristo, que vai iniciar o período de 7 anos fazendo um acordo com “muitos”.

Já sabemos que esse personagem é o líder de uma coligação de nações e fica patente, pela continuidade do versículo, que a quebra do acordo resultará em dano para Israel e seu culto, de modo que fica totalmente intuitivo que o acordo será firmado de modo a prover paz em Israel.

Na metade do período de 7 anos, contudo, o personagem em apreço romperá, ele mesmo, o acordo firmado e fará cessar o culto e os ritos de sacrifício do templo de Jerusalém. Isso é interessante porque nos dias atuais não há templo nem sacrifícios no culto judaico realizado ali. Fica implícito, portanto, que em algum momento, anterior ao meio da semana, os judeus terão reerguido o templo e reinstituído os sacrifícios no mesmo. Deve ser lembrado que o local do templo, feito por Herodes ao lado de seu próprio palácio, foi destruído no ano 70 e não mais reconstruído desde então, sendo ocupado hoje por duas construções muçulmanas, quais sejam: a mesquita de El Acsa

e o Domo da Rocha, ambas sagradas para eles. Embora a administração da cidade de Jerusalém mantenha, como um dos pontos turísticos da cidade, um local onde apresenta o projeto do novo templo e informações relativas aos materiais já armazenados para tanto, é verdade, também, que os judeus não podem simplesmente derrubar qualquer das duas edificações ali existentes, sem incorrer no risco de detonar um novo conflito com os países islâmicos. Assim sendo, reconhece-se a necessidade de algum agente externo que cause a ruína das referidas edificações para que o templo possa ser reconstruído (destruição, por exemplo, por terremoto ou por bomba - de preferência detonada pelos próprios muçulmanos ou por mediação do Anticristo).

Finalmente, somos informados que o Anticristo fará cessar os sacrifícios novamente, tornando abominável o templo, a exemplo do que fizera Antíoco Epifane. Essa nova suspensão terá uma duração de 3,5 anos, ou seja o período referente ao restante do acordo, quando, então, o Anticristo será destruído, “conforme já decretado”.

e) **Período Interbíblico** (*Daniel 10-12*)

Daniel 10 nos apresenta um quadro vívido do confronto de forças espirituais (celestiais X satânicas) associados à resposta a uma oração de Daniel. Este se encontrava às margens do Rio Hiddekel (Tigre), quando se defrontou com um homem vestido de forma resplandecente. Embora sejamos informados que apenas Daniel o tenha visto, mesmo assim vemos no texto bíblico que aqueles que o acompanhavam fugiram aterrorizados, escondendo-se e deixando Daniel só. Ele estava muito fraco, de modo que desmaiou quando o homem começou a falar. Tocado pelo anjo, levantou-se e ouviu dele que ele lhe fora enviado tão logo iniciara sua oração, mas que fora impedido de chegar por 21 dias, devido à resistência empreendida pelo príncipe da Pérsia. Finalmente, com a ajuda de Miguel (um dos arcanjos), conseguiu vencê-lo e estava ali para falar do futuro de seu povo.

Daniel continuou a lutar contra sua fraqueza física, mas o anjo o tocou novamente e disse a ele que não temesse porque ele era muito amado. Disse, ainda, que sentisse paz e que se fortalecesse. Finalmente, o anjo disse que teria que voltar para lutar contra as hostes satânicas, mas que antes lhe falaria sobre aquilo que estava escrito no Livro da Verdade.

Nesta visão, ocorrida no 3º ano do reinado de Ciro, o anjo informou a Daniel que haveria ainda três reis sobre o trono do reinado medo-persa, que podemos identificar como sendo Cambises, filho mais velho de Ciro (529-523aC), seguido de um impostor que se fez passar pelo filho mais novo de Ciro, Smerdis, que foi assassinado (523-522aC) e Dario o persa (522-485aC). Depois disso, ainda segundo o anjo, reinaria um 4º rei, Xerxes (Assuero, marido de Ester - 485-464aC). *Daniel 11:2* nos fala da riqueza e grande poder de Xerxes, que levantou suas forças contra a Grécia, dando início a uma prolongada animosidade entre os dois impérios. Aproximadamente um século e meio mais tarde, contudo, surgiu o rei grego poderoso previsto em *Daniel 11:3*: Alexandre o Grande, que em 331aC derrotou completamente a Pérsia na batalha de Graugarela. Em pouco tempo ele criou o maior império mundial até então, mas morreu com apenas 33 anos, em 323aC, deixando o seu reino para quatro de seus generais: Ptolomeu (rei do sul), Seleuco (rei do norte), Cassandro (rei da Grécia e Macedônia) e Lisímaco (rei da Trácia e Ásia Menor).

A princípio a Palestina ficou sob os cuidados dos ptolomeus por aproximadamente 1 século, mas a partir de então começaram as disputas com os selêucidas, que culminaram com a conquista da Terra Santa em 200aC por Antíoco o Grande, que venceu Ptolomeu V. Essas disputas são minuciosamente descritas em *Daniel 11:5-20*. Em *Daniel 11:21-35* a narrativa passa a focalizar um rei selêucida conhecido como Antíoco Epifane, que é um tipo do Anticristo e que execrou o templo em 167aC, sacrificando uma porca sobre o altar, dando fim ao sacrifício diário (*Daniel 11:31*). Este só foi restabelecido por Judas Macabeu em 165aC, 1.150 dias depois (2.300 tardes e manhãs).

Até este ponto a maioria dos estudiosos concorda que o texto de *Daniel 11* descreve fielmente o que se passou entre os dias de Ciro, o persa, e Antíoco Epifane, o selêucida. A partir de *Daniel 11:36*, contudo, a narrativa parece focalizar o Anticristo dos tempos do fim, que nos interessa de perto. Nesse versículo lemos que este personagem há de se exaltar acima de todos os deuses e que blasfemarà contra o Deus dos deuses, prosperando em tudo, conforme determinado (Deus continua no controle!). Já em *Daniel 11:37* lemos que desrespeitarà o Deus de seus pais, dando a entender que o Anticristo poderia ser um judeu, mas devemos ter em mente que o Deus dos judeus é o mesmo dos cristãos, pelo que o Anticristo também pode ser oriundo de uma família cristã.

Daniel 11:38-39 fala de como glorificarà um deus que seus pais desconheciam e, no restante do capítulo, o texto fala de uma guerra contra o reino do sul, no qual será vitorioso, mas que o levarà a encontrar o seu fim ao adentrar a Terra Santa. A batalha em questão parece ser a de Armagedom.

Daniel 12 começa com o anjo informando a Daniel que naquele tempo se levantará o arcanjo Miguel, que guarda o povo de Israel e livrará a todos, cujos nomes forem encontrados no Livro da Vida, da tribulação inigualável daqueles dias.

Em *Daniel 12:2* o anjo fala da ressurreição de uns para a vida eterna e outros para eterna perdição.

O profeta é instruído, a seguir, a fechar suas profecias e selar o livro, porque o seu cumprimento é apenas para os últimos dias, numa época em que muitos viajarão bastante e o conhecimento terá grande incremento.

Daniel quis saber quando essas coisas se cumpririam, e foi informado que levaria um tempo, tempos e metade de um tempo para que o povo fosse completamente derrotado e, aí, viria o fim. Essa resposta curiosa nos remete aos 3,5 dias que já haviam sido mencionados na profecia das 70 semanas. Daniel se confessou ainda confuso, pelo que voltou a perguntar a respeito. Foi dito a ele que fosse pelo seu caminho, porque essas coisas ainda estavam seladas até o tempo do fim, mas foram dadas a ele algumas informações complementares. Ficamos sabendo, por exemplo, que seriam 1.290 dias entre a abominação do templo e algum evento relativo à purificação do mesmo, ou seja, 30 dias além da meia semana, que é de 1.260 dias. Além disso, foi dito a Daniel que seriam benditos os que perseverassem por 1.335 dias, ou seja, mais 45 dias, até um outro evento que possivelmente estivesse associado à finalização dessa purificação e o reinício dos sacrifícios diários.

Neste ponto ficamos a imaginar o que poderiam ser esses 75 dias (30 + 45) além dos 1.260 previstos tanto aqui como no livro de Apocalipse e inevitavelmente nos lembramos das associações que muitos teólogos fazem entre as festas judaicas e os acontecimentos marcantes do início e do final da Nova Aliança (veja, por exemplo, /26/, pág. 43-44).

Vale a pena, neste ponto, fazer um pequeno resumo do calendário judaico para que fique claro do que estamos falando. A tabela 3.3a, apresentada a seguir, mostra o calendário dos meses judaicos, as sete principais festas instituídas por Deus (*Levítico* 23) e mais três festividades instituídas pela tradição judaica, quais sejam: Tisha B'Av, Hanukkah e Purim.

Uma descrição do significado destas festas para o povo judeu e uma tentativa de estabelecer os significados proféticos correspondentes são fornecidos na tabela 3.3b, onde se pode ver que há uma associação muito interessante entre as festas da primavera e eventos já cumpridas na primeira vinda de Jesus. Com base nisso justifica-se a extrapolação feita para as festas do outono, associando-as à Sua 2ª Vinda.

O Calendário Judaico				
	Mês	Duração	Data da Festa	Nome da Festa
1	Nisan	30 dias	Nisan 14 Nisan 15-21 Nisan 16	Páscoa Pães sem Fermento Primícias
2	Iyar	29 dias		
3	Sivan	30 dias	Sivan 6	Shavout (Semanas)
4	Tammuz	29 dias		
5	Av	30 dias	Av 9	Tisha B'Av
6	Elul	29 dias		
7	Tishri	30 dias	Tishri 1 Tishri 10 Tishri 15-21	Rosh Hashanah (Trombetas) Yom Kippur (Expição) Sukkot (Cabanas)
8	Cheshvan	29 ou 30 dias		
9	Kislev	29 ou 30 dias	Kislev 25 a Tevet 2/3	Hanukkah
10	Tevet	29 dias		
11	Shevat	30 dias		
12	Adar (ver nota)	29 dias	Adar 14	Purim

Nota: Nos anos bissextos o mês de Adar é precedido de um mês adicional de mesmo nome e com 30 dias de duração para compensar a diferença entre o calendário lunar e solar.

Tabela 3.3a - Calendário judaico /27/

Festa	Significado para os Judeus	Significado Profético
Páscoa	Celebra a passagem do anjo da morte sobre as casas dos filhos de Israel, graças ao sangue do cordeiro pintado nos umbrais da porta de entrada por ocasião de sua saída do Egito.	Celebra a morte do Cordeiro de Deus, que derramou o Seu sangue na cruz do Calvário, onde deu a Sua vida para a redenção do homem que era escravo pelos seus pecados.
Pães sem Fermento	O fermento na Bíblia é associado ao pecado, pelo que o pão sem fermento representaria a purificação ou a santificação dos filhos de Israel durante a sua saída do Egito.	A idéia de santificação continua válida no sentido profético, mas essa festa aponta também para o fato de que o Messias não veria a corrupção.
Primícias	A oferta das primícias da colheita da cevada, que havia sido plantada no inverno, tinha como contrapartida a promessa do favor de Deus (<i>Levítico 23:11</i>), que era a garantia de colheita plena no restante do ano.	Essa festa aponta para a ressurreição de Jesus Cristo como as primícias dos que dormem, assegurando que também nós seremos ressuscitados quando de Sua vinda (<i>I Coríntios 15:20-23</i>).
Semanas	Para esta festa, conhecida pelo nome de pentecostes por ser celebrada 50 dias após a anterior, Deus definiu que seria feita uma oferta de cereais de dois pães feitos com fermento a partir de dois jarros da melhor farinha de trigo. Essa era uma oferta de gratidão. Juntamente com ela deveriam ser feitas mais duas ofertas, uma de sete cordeiros queimados em holocausto (oferta de expiação geral) e outra de dois bodes oferecidos pelo pecado. Tudo isso para os judeus era um ritual que englobava gratidão e expiação de pecados.	O sentido profético desta festa foi cumprido no dia de pentecostes com a descida do Espírito Santo. Os dois pães aparentemente representam os judeus e os gentios que passam agora a fazer parte do mesmo corpo, que é a Igreja de Cristo. Paulo atesta isso em <i>Efésios 2:14-15</i> . O fermento ressaltaria o fato de sermos ainda sujeitos ao pecado. O Messias, que é a cabeça, ressuscitou com primícias não fermentadas, mas nós, ainda sujeitos ao pecado, convivemos com o fermento.
Tisha B'Av	Esta é uma celebração da tradição judaica, que recorda com tristeza e com jejum a destruição do templo, que ocorreu duas vezes no mesmo dia, qual seja 9 de Av: primeiro no ano 586 AC e depois no ano 70 da nossa era. A citação bíblica deste jejum é feita em <i>Zacarias 7:3</i> . Curiosamente, houve outras calamidades que se abateram sobre o povo judeu nesta mesma data. Entre elas podemos citar o esmagamento da revolta de Bar Kochba no ano 135, a expulsão dos judeus da Inglaterra em 1.290 e a instauração da Inquisição de Isabela e Fernando da Espanha em 1.492, quando muitos judeus foram mortos.	
Trombetas	Esta é a primeira das três festas de outono, que ocorrem nas três primeiras semanas do mês de Tishri. O texto de Levítico nos diz	Contrastando com as quatro festas da primavera, todas profeticamente cumpridas na 1ª Vinda de Jesus Cristo, as festas de outono

	<p>apenas que o primeiro dia deste mês seria de santa convocação (nenhum trabalho) para a apresentação de uma oferta queimada. O anúncio deste dia seria feito por trombetas. Com a destruição do templo no ano 70, este dia ganhou a conotação de início do ano civil judaico, donde vem o nome Rosh Hashanah (início do ano). Assim, aquele dia, que era o prenúncio do dia da expiação, passou a ter conotação própria e virou um dos principais feriados judaicos.</p>	<p>representam para muitos teólogos os eventos associados à sua 2ª Vinda /26/. Esta festa, a única na lua nova, representa o dia mais negro da história de Israel, no qual 2/3 dos israelenses são mortos (<i>Zacarias 13:8</i>), mas será também o dia do toque da trombeta que anunciará a 2ª Vinda de Jesus Cristo, que derrotará o exército do Anticristo pela palavra de Sua boca (<i>I Tessalonicenses 4:16</i>), seguido do arrebatamento de Seus servos. Em <i>Zacarias 13:9</i> é previsto o início da purificação do 1/3 restante.</p>
Expição	<p>O dia da expiação, que tem lugar 9 dias após a festa das trombetas, é até hoje o feriado judaico mais importante. É o dia estabelecido pelo Senhor no qual o sumo sacerdote entrava no santo dos santos para oferecer o sacrifício anual de expiação pelos pecados do povo, enquanto este deveria se humilhar diante de Deus em busca de perdão. Aquele que não procedesse dessa forma seria eliminado de seu povo. A tradição considerava o estabelecimento, na festa das trombetas, de 3 grupos de pessoas, dentre os filhos de Israel: aqueles que Deus deixaria continuar a viver até o ano seguinte, aqueles que seriam mortos ao longo daquele ano, por terem sido reprovados e aqueles que tinham até o dia de Yom Kippur para mostrar que se arrependeram de seus pecados.</p>	<p>O texto de <i>Daniel 12:11</i> fala de um período de 75 dias aos longo dos quais se dá a restauração do culto judaico. Muitos teólogos (/26/, pág. 29, por exemplo), associam esse período ao dia do Yom Kippur. Nesse dia teria início não apenas a purificação do templo execrado pelo Anticristo mas também a purificação do terço de israelenses que sobreviveram à batalha de Armagedom (<i>Zacarias 13:9</i>). Será cumprido, também, o que foi profetizado em <i>Zacarias 12:10</i>, ou seja: “<i>olharão para Mim, a Quem traspassaram e O prantearão como quem pranteia por um Unigênito; e chorarão amargamente por Ele, como se chora amargamente pelo Primogênito</i>”. Esse assunto será discutido mais adiante, quando estivermos falando sobre o futuro de Israel.</p>
Cabanas	<p>No dia 15 do mês de Tishri teria início a 3ª festa de outono na qual os filhos de Israel deveriam ofertar por 8 dias, celebrando a provisão do Senhor das chuvas serôdias que garantiriam o crescimento de suas plantações. No primeiro e no último dia haveria santa convocação e não se trabalharia. Além disso, habitar-se-ia em tendas para que os filhos se lembrassem que seus</p>	<p>Justamente no último dia desta festa Jesus Se colocou em pé no templo e disse: “<i>se alguém tem sede venha a Mim e beba</i>” (<i>João 7:37</i>). Embora a aplicação imediata ali fosse à vinda do Espírito Santo, a aplicação a longo prazo nos fala do Reino Milenar que será implantado para os filhos de Israel, conforme será visto adiante. Da mesma forma como Deus provera</p>

	pais habitaram em tendas quando saíram da Terra do Egito.	para eles na Velha Aliança, certamente fá-lo-á na Nova, que tem início para eles no reconhecimento do seu Messias Jesus.
Hanukkah	A festa de Hanukkah é também da tradição judaica e diz respeito ao tempo previsto na profecia do capítulo 8 de Daniel em que Antíoco Epifane profanou o templo de Jerusalém oferecendo uma porca sobre o altar. Judas Macabeu filho de Matatias teria purificado o templo depois de derrotar as forças de Antíoco Epifane no dia 25 de Kislev. Neste dia ele teria reacendido as lâmpadas do templo. Hanukkah celebra, anualmente por oito dias, não apenas a restauração do templo, mas também a providência divina no sentido de manter acesas as lâmpadas enquanto o serviço sacerdotal e os suprimentos correspondentes eram novamente instaurados. O nosso interesse específico por esta festa reside no fato de ter início exatamente 75 dias depois do Yom Kippur e dizer respeito à purificação do templo, igualmente mencionado em <i>Daniel 12:11</i> .	
Purim	A festa de Purim é conhecida dos leitores da Bíblia através da história narrada no livro de Ester. Fica citada aqui apenas por uma questão de completeza.	

Tabela 3.3b - Descrição das festas judaicas e interpretação profética provável

É claro que a associação às datas das festividades judaicas da volta de Jesus, da restauração do povo de Israel e da implantação do Reino Milenar têm grande apelo, tendo em vista o fato de Jesus ter cumprido à risca as primeiras 4 festas da primavera. Tem contra si, todavia, o fato de fixar o retorno de Jesus ao dia da expiação, pelo que limitaria a expectativa de Sua vinda a um único dia do ano. Mais a esse respeito será dito adiante.

3.4 - PROFECIAS PAULINAS SOBRE A VOLTA DE CRISTO

Talvez profecia não seja a palavra mais adequada no que diz respeito aos textos “paulinos” relativos ao Apocalipse, pois em todos os casos ele está, na realidade, esclarecendo dúvidas, causadas por ensinamentos deturpados que os destinatários de suas cartas tinham ouvido de outra fonte.

a) a respeito dos que já dormem (*I Tessalonicenses 4:13-18*)

O versículo de abertura desse texto nos informa que alguém havia ensinado aos tessalonicenses que aqueles que falecessem antes do retorno de Jesus Cristo não participariam do Seu reino, pelo que não havia mais esperança para eles. O ensino “paulino” foi direcionado, então, no sentido de esclarecer que aqueles que morreram em Cristo têm a sua garantia no fato de que Jesus também morreu e ressuscitou, vencendo a morte. Desta forma, eles estão nos céus e Jesus os trará de volta Consigo mesmo quando vier (*I Tessalonicenses 4:14*). No versículo 15 ele enfatiza esse ensino, que diz ter recebido diretamente do Senhor, no qual declara que os vivos de modo algum precederão os que já dormem. É importante ressaltar que o fato de Paulo dizer, no versículo 17, que então “*nós os que estivermos vivos*” não significa que ele

certamente ainda estaria vivo nesta ocasião, mas denota apenas o fato dele se incluir entre os vivos naquela ocasião e que esperavam o retorno iminente de Jesus Cristo.

O versículo 16 nos informa que a volta de Cristo se fará acompanhar do brado de um arcanjo e do tocar da trombeta de Deus, seguido do que os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro. Há uma certa dificuldade aqui, porque estes que primeiro ressuscitarão são os mesmos que retornarão com Jesus. Uma possibilidade seria admitir que eles, não obstante presentes no céu desde a sua morte, não teriam, ainda, um corpo espiritual final, cujo recebimento Paulo nos assegura só estar previsto justamente para a data do retorno do Senhor Jesus (*I Coríntios 15:21-23*).

Estaríamos, assim, no terreno especulativo referente aos mortos, abordado no item 7.0, pelo que não precisamos descrever aqui o que será objeto daquele item. Na continuidade, então, seriam transformados os vivos e todos, já com seus corpos espirituais finais, encontrar-se-iam com o Senhor nos ares, para estar com Ele para todo o sempre. Os tessalonicenses deveriam, portanto, se consolar com esta revelação vinda diretamente do Senhor Jesus.

Há, contudo, uma outra forma de olhar para este texto, que diz respeito àquilo que não foi dito no mesmo, mas que serve para ensejar a discussão em apreço. A pergunta seria: para onde vão Jesus e a Igreja arrebatada depois que eles se encontram nos ares? O texto nos informa que estaremos sempre com Ele, mas simplesmente não nos diz onde. Para aqueles que creem no arrebatamento antes do período da tribulação, ou seja, os pré-tribulacionistas, ou, ainda, para os meso-tribulacionistas, a resposta é simples: a Igreja acompanhará Jesus de volta para o céu, de onde ambos retornarão apenas para o Juízo Final (/3/, pág. 66).

Assim sendo, o texto em apreço não seria sobre a 2ª Vinda de Cristo e, sim, sobre o arrebatamento da Igreja. Esse assunto é tão importante, que merece ser discutido num item separado. Assim, portanto, vamos abordá-lo no item 4.0.

Para os pós-tribulacionistas, ou seja, para aqueles que veem neste texto a 2ª Vinda de Cristo, o encontro deste com Sua Igreja será seguido do retorno desta comitiva à Terra, ocasião na qual terão sequência os eventos apresentados a partir de *Apocalipse 19:11*.

b) A Segunda Vinda de Cristo (*II Tessalonicenses 2:1-12*)

É interessante que os primeiros três versículos deste texto deveriam esclarecer a sequência de eventos que definem a vinda de Jesus, mas, conquanto os termos utilizados e o significado dos mesmos provavelmente fossem claros para os tessalonicenses, infelizmente não o são para a Igreja do século XXI, motivo pelo qual eles abrem uma série de alternativas:

- versículo 1 → diz o seguinte: “*Agora irmãos, com relação à vinda do nosso Senhor Jesus Cristo e o nosso encontro com Ele, vos pedimos ...*”. Para os pré e meso-tribulacionistas a “vinda de Jesus” em apreço é apenas para arrebatamento da Igreja, que é o “nosso encontro com Ele”. A “volta gloriosa” se daria apenas por ocasião da batalha de Armagedom. Para os pós-tribulacionistas essas duas vindas se confundem;

- versículo 2 → contém o pedido com o qual Paulo finaliza o versículo 1. Trata-se de que eles não se perturbassem pela carta, mensagem ou revelação que receberam em nome dele mesmo, Paulo, segundo a qual o “dia de Cristo” já teria passado. Para os pré e meso-tribulacionistas, Paulo já pregara aos tessalonicenses o arrebatamento da Igreja antes da grande tribulação. Assim sendo, o “dia de Cristo” diria respeito à Sua “volta gloriosa”, que se dará após a grande tribulação. Para os pós-tribulacionistas, mais uma vez a “vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” e o “dia de Cristo” se confundem;
- versículo 3 → mais uma vez a mesma situação ocorre. Paulo diz: “que ninguém vos engane de forma alguma, pois aquele dia não virá sem que a apostasia venha primeiro e o homem do pecado seja revelado, o filho da perdição. Neste versículo “aquele dia” tanto pode se referir à “vinda do nosso Senhor” como ao “dia de Cristo”. Para os pré e meso-tribulacionistas é conveniente que seja referido à “volta gloriosa”, que é a interpretação única também dos pós-tribulacionistas. Já alguns teólogos disputam o sentido da palavra apostasia, que tanto pode significar um desvio da fé ou um desvio físico posicional de toda a Igreja. Neste último caso, seria sinônimo de arrebatamento, condição absolutamente necessária para a interpretação pré-tribulacionista.

Por uma questão de conveniência, as interpretações seriam dadas como a seguir:

- para os pré-tribulacionistas → “Agora irmãos, com relação à vinda do nosso Senhor Jesus Cristo para arrebatá-la Igreja, vos pedimos que não sejais perturbados por revelação, mensagem ou carta, como se fosse nossa, dizendo que a volta gloriosa de Cristo já se deu. Que ninguém vos engane de forma alguma, pois a volta gloriosa não se dará antes que ocorra o arrebatamento e o homem do pecado seja revelado, o filho da perdição”;
- para os meso-tribulacionistas → “Agora irmãos, com relação à vinda do nosso Senhor Jesus Cristo para arrebatá-la Igreja, vos pedimos que não sejais perturbados por revelação, mensagem ou carta, como se fosse nossa, dizendo que o arrebatamento já se deu. Que ninguém vos engane de forma alguma, pois o arrebatamento não se dará antes que ocorra a apostasia (desvio espiritual) e o homem do pecado seja revelado, o filho da perdição”;
- para os pós-tribulacionistas → “Agora irmãos, com relação à vinda do nosso Senhor Jesus Cristo para arrebatá-la Igreja, vos pedimos que não sejais perturbados por revelação, mensagem ou carta, como se fosse nossa, dizendo que Sua volta já se deu. Que ninguém vos engane de forma alguma, pois a volta de Cristo não se dará antes que ocorra a apostasia (desvio espiritual) e o homem do pecado seja revelado, o filho da perdição”.

Fica claro, portanto, que esses 3 versículos esclarecedores podem ser usados para provar qualquer das 3 condições relativas ao arrebatamento, em função de problemas de interpretação. Esse assunto será discutido com maiores detalhes no item 4.0.

Nos versículos 4 a 12 Paulo fornece aos tessalonicenses importantes informações referentes ao Anticristo e à sua forma de proceder. Uma avaliação mais profunda a esse respeito será feita no item 6.0.

c) Corpos Naturais X Corpos Celestiais (*I Coríntios 15:35-55*)

Embora todo o texto fale da transformação do homem mortal em homem imortal por ocasião do arrebatamento da Igreja (quer anterior ou posterior à grande tribulação), os versículos a serem ressaltados aqui são apenas o 51 e o 52. Aqui Paulo diz que num momento, num piscar de olhos, ao tocar da última trombeta (a 7ª ?), nem todos teremos dormido, mas todos seremos transformados. Caso a última trombeta neste caso seja realmente a última da série de sete previstas no Apocalipse, então cai por terra qualquer tentativa de estabelecer um arrebatamento pré ou meso-tribulacionista. Mais informações sobre isso, mais uma vez, serão dadas no item 4.0.

3.5 - PROFECIAS DE EZEQUIEL

Ezequiel foi um profeta comissionado para o seu próprio povo (*Ezequiel 2:3*), o Reino de Judá, que estava sendo castigado por sua rebelião contra Deus. Ezequiel era o porta-voz de Deus no exílio babilônico. Os últimos capítulos são de particular interesse para o nosso estudo, pois são destinados à restauração prevista para Israel nos tempos do fim. Essas profecias serão abordadas a seguir:

a) **Os Pastores de Israel** (*Ezequiel 34*)

Esse capítulo começa com profecias contra os pastores de Israel, numa clara referência aos últimos reis, que vieram depois de Josias. A partir do versículo 22, contudo, Ezequiel nos informa que Deus há de purificar o Seu rebanho e colocar sobre ele o Seu servo Davi. Ele, o Senhor, será o seu Deus e Davi o seu príncipe (versículo 24). Aparentemente o texto fala do Reino Milenar, com a restauração espiritual de toda a nação remanescente.

Uma das grandes dificuldades que teremos que enfrentar nesse estudo diz respeito à forma de tratar Israel e a Igreja. Podemos imaginar, por exemplo, que Israel tenha tido a sua oportunidade de ser o povo de Deus, mas que acabou por desperdiçá-la, motivo pelo qual foi reprovado. Assim sendo, o Israel de Deus hoje seria a Igreja. Essa, aliás, é a posição da Igreja Romana e de muitos evangélicos, de igual forma. Outra alternativa seria continuar a tratá-las como entidades separadas, com futuros apocalípticos distintos.

Esta última é a opção escolhida por este autor, mas ela traz consigo duas dificuldades, quais sejam: distinguir primeiro quais as profecias dirigidas a uma, outra ou ambas essas entidades para, então, a partir dessas mesmas profecias, definir se essas duas entidades algum dia se juntarão e, caso afirmativo, quando.

Esse assunto será abordado com mais detalhe no item 5.0, mas por enquanto vamos nos referir às profecias de Ezequiel dando ênfase ao seu significado para a nação de Israel, mas tendo a liberdade de aplicá-las à Igreja, sempre que for o caso.

Ainda no capítulo 34, o versículo 25 fala de um Novo Concerto, que certamente está associado às “chuvas de bênçãos”, que são prometidas no versículo 26. O restante do

capítulo tem promessas de abundância e segurança, além da menção específica de Israel ser o Seu povo e Ele o seu Deus.

b) **A Nova Aliança** (*Ezequiel 36:24-28*)

Não raramente fazemos uso deste texto para falar do novo nascimento do crente em Jesus Cristo, aplicando-o à Igreja gentílica. Embora essa aplicação seja válida a partir da ressurreição do Senhor, devemos reconhecer que o texto em apreço fala, principalmente, de um evento escatológico referente a Israel. O título “Nova Aliança” dado a esta seção advém de um texto paralelo que se encontra em *Jeremias 31:31-34*. O texto de Ezequiel começa no versículo 24 falando a respeito da promessa de ajuntar em Israel o povo que se encontra espalhado entre as nações, para, então, estabelecer com eles uma Nova Aliança, cujos pontos básicos são descritos nos versículos seguintes. Deus promete:

- purificá-los de todos os seus pecados;
- dar a eles um espírito novo (restabelecendo a relação direta de Israel com Ele) e um coração novo (com o qual terão anseio de servi-LO, cumprindo os Seus mandamentos);
- além disso, Deus implantaria neles o Seu próprio Espírito (fazendo deles templo do Espírito Santo).

Como consequência disso, andariam segundo os Seus estatutos e guardariam os Seus juízos, pelo que habitariam na terra dada a seus pais, seriam o Seu povo e Ele o seu Deus. É a este evento que Paulo faz referência em *Romanos 11:25-27*: “*Porque não quero, irmãos, que ignoreis este mistério (para que não presumais de vós mesmos): que o endurecimento veio em parte sobre Israel, até que a plenitude dos gentios haja entrado; e assim todo o Israel será salvo, como está escrito: Virá de Sião o Libertador, e desviará de Jacó as impiedades; e este será o Meu pacto com eles, quando Eu tirar os seus pecados*”.

c) **Restauração de Israel** (*Ezequiel 37*)

Uma das cenas mais degradantes da história da humanidade é aquela oferecida pelas pilhas de ossos secos resultantes do holocausto realizado nos campos de concentração nazistas. Trata-se de um vergonhoso morticínio promovido pelos alemães contra o povo judeu na 2ª Guerra Mundial. Parece ser exatamente isso que retrata a profecia aqui apresentada. No versículo 3 Deus parece testar a fé do profeta, perguntando a ele se podia ver aqueles ossos, representativos de toda a nação israelense (Israel e Judá), revivendo. A situação é tão desesperadora para ele, que o profeta se esquiva de responder, dizendo simplesmente “o Senhor sabe”. Exatamente neste ponto Deus instrui Ezequiel quanto a como profetizar para trazer vida àquela situação de total desolação (*Ezequiel 37:4-6*).

No final da 2ª Guerra Mundial, na qual haviam sido sacrificados seis milhões de judeus, não havia quem pudesse imaginar que apenas 3 anos mais tarde o povo de Israel estaria voltando à sua terra. Nos versículos 7 e 8, Ezequiel segue as instruções recebidas e profetiza, testemunhando a seguir a recomposição de um verdadeiro exército. Foi isso que ocorreu a partir de 1948, quando um verdadeiro exército de

judeus, vindos de todas as partes do mundo, ocorreu a Israel. Esse é o cumprimento daquilo previsto em *Ezequiel 36:24*.

No final da 1ª Guerra Mundial, foi criada uma entidade chamada Liga das Nações, cuja finalidade era impedir, através de sua mediação, que outra guerra do gênero pudesse ocorrer. Essa entidade colocou a cargo da Grã-Bretanha a administração do Oriente Médio, onde moravam alguns poucos judeus e árabes. Em 1922 eram 85.000 judeus e 650.000 árabes (/8/, pág. 103). Os judeus foram estimulados a ocupar a terra que lhes foi atribuída, mas a imigração foi lenta. Em 1935 haviam chegado a 250.000. Não demorou, contudo, para que os árabes protestassem e fossem introduzidas restrições sobre a ocupação dos judeus.

A ineficiência da Liga das Nações, no tocante a prevenir a 2ª Guerra Mundial, levou à sua dissolução, dando lugar às Nações Unidas. Ao mesmo tempo, o holocausto causou grande constrangimento, pelo que precipitou a criação da nação judaica, que foi estabelecida em 14 de maio de 1948, com o nome de Palestina, à qual os judeus, contudo, deram o nome de Israel. Nesta ocasião houve um rápido crescimento da população judaica, que chegou a 600.000 pessoas, enquanto a população árabe (também chamados de palestinos) chegava a um milhão. No dia seguinte à criação do Novo Estado de Israel, os países árabes se juntaram e tentaram ocupar o território, mas foram milagrosamente derrotados. Houve novas guerras em 1967 e em 1973, mas em ambos os casos Israel foi vitorioso e alargou, ainda mais, suas fronteiras.

Antes do início da primeira guerra contra Israel, os árabes haviam recomendado a saída dos palestinos, para que estes não fossem mortos juntamente com os judeus, que eles criam poder exterminar. A grande maioria destes abandonou suas casas pensando que seria por pouco tempo. Além disso, muitos, que não haviam saído e que ocupavam terras produtivas, foram expulsos pelos judeus. Todos estes foram mantidos em campos de refugiados, que seriam temporários, mas que acabaram gerando as condições miseráveis em que os palestinos se encontram concentrados, até o dia de hoje, na margem oriental do Jordão (Jericó e adjacências) e na faixa de Gaza.

Há, contudo, uma segunda parte dessa profecia, que diz respeito à restauração espiritual dessa nação, ainda por se cumprir nos moldes previstos em *Ezequiel 36:25-28*. Em *Ezequiel 37:9*, Deus instrui o profeta para que profetize “*sopro de vida*” para aquele exército, o que efetivamente ocorre no versículo 10.

Os versículos 11 a 14 são palavras de Deus ao profeta, dizendo em que circunstâncias Ele faria aquilo. É notável como Ele reproduz o que foi dito por toda a parte ao final da 2ª Guerra Mundial em 1945: “*nossos ossos estão secos, a nossa esperança perdida e nós mesmos fomos eliminados*” (versículo 11b). Em resposta a isso, Ele diz que “*então sabereis que Eu, o Senhor, falei (desta restauração) e a realizei*”. Aleluia! Ele cumpre Sua Palavra, não obstante a impossibilidade das circunstâncias!

Nos versículos 15 a 21 Deus fala da restauração dos dois reinos (Israel e Judá). Ele manda que Ezequiel prepare duas varas, uma representativa de Judá e outra de Efraim e que as junte, em testemunho àqueles que lhe perguntariam o significado do que estava fazendo. Assim sendo, as referências futuras à nação de Israel não se limitam a Judá.

Os versículos finais deste capítulo falam da restauração do reino unido de Israel sob a liderança do seu rei Davi, que os pastoreará, fazendo com que observem Seus juízos e estatutos (versículo 24).

No versículo 26 há mais uma referência à Nova Aliança e nos últimos dois versículos há menção do tabernáculo que será construído e através do qual Israel será santificado (versículos 27 e 28). Esta reconstrução do templo com o restabelecimento do sacrifício expiatório é uma dificuldade com a qual lidaremos adiante.

d) **Gogue e Magogue**_(*Ezequiel 38-39*)

Estes dois capítulos descrevem uma batalha conhecida como a de Gogue e Magogue. Estes nomes são mencionados aqui e em *Apocalipse 20:8*, onde são inequivocamente associados à batalha que ocorrerá ao final do Reino Milenar. Naquela ocasião é previsto que Satanás seja finalmente derrotado, após ser solto de sua prisão, igualmente milenar, enganar as nações e fazer com que marchem contra Jerusalém, tão somente para serem destruídas por fogo vindo dos céus. Curiosamente, contudo, muitos autores apocalípticos (/3/, pág. 92) têm dificuldade de achar que se trata do mesmo evento, devido à lista de nações que a compõem: um exército cujo contingente vem da Pérsia (Irã), Etiópia (norte oriental da África), Pute (norte ocidental da África), Gomer e Togarma (europeus da Turquia até a Alemanha), conforme indicado nos versículos 5 e 6, contrastando com “o contingente dos quatro cantos da Terra” citado em *Apocalipse 20:8*.

Em função disso muitos lembram que existe ainda outra batalha importante, mencionada no texto de Apocalipse, que é a batalha do Armagedom (montanhas de Megido), que está associada à vitória final do Rei dos reis sobre o exército da Besta (Anticristo). Esta é associada ao derramar da 7ª taça da ira de Deus (*Apocalipse 16:16-17*) e tem, portanto, o seu tempo dentro do etéreo calendário apocalíptico, tão bem definido quanto nos é permitido precisá-lo (final da semana apocalíptica).

Novamente, porém, há autores que ressaltam as diferenças entre a guerra descrita por Ezequias e a do Armagedom, de modo que parece difícil compatibilizar, de igual forma, estas duas. Uma lista de sete diferenças é apresentada por Fruchtenbaum e transcrita por La Haye (/3/, pág. 92):

- o livro de Ezequiel menciona alguns aliados bem específicos guerreando contra Israel, enquanto todas as nações se juntam contra ela na batalha do Armagedom;
- no livro de Ezequiel a invasão vem do norte, ao passo que vem de toda a Terra na batalha do Armagedom;
- a batalha descrita no livro de Ezequiel tem a finalidade específica de tomar bens de Israel, ao passo que a destruição dos judeus é o objetivo em Armagedom;
- *Ezequiel 38:13* aparentemente apresenta um protesto de algumas nações contra a invasão, mas no Armagedom todas as nações estão unidas e de acordo com a guerra;
- os invasores citados no livro de Ezequiel são detidos e destruídos por acidentes naturais enviados por Deus, enquanto o próprio Senhor, em Sua 2ª Vinda, detém o ataque no Armagedom;

- as tropas invasoras (citadas por Ezequiel em seu livro) são destruídas nas montanhas de Israel, enquanto as do Armagedom são atingidas entre Petra e Jerusalém;
- a invasão descrita por Ezequiel tem por objetivo surpreender o povo de Israel, que está habitando em segurança, mas a batalha do Armagedom ocorre em tempos difíceis, nos quais Israel está em fuga e se escondendo.

Efetivamente, o que sabemos através de Ezequiel, é que esta invasão será liderada por Gogue, da terra de Magogue, o qual é príncipe de Javã, Meseque e Tubal. Em *Gênesis 10:2* lemos que Magogue, Meseque e Tubal são três dos seis filhos de Jafé, filho de Noé. Gogue aparentemente é um título que significa “ditador” ou “líder” (/7/, pág. 95) de uma terra chamada Magogue, que é também a localidade (aparentemente dentro da Rússia atual) para onde migrou o filho de Jafé com o mesmo nome. Isso colocaria a Rússia também como terra invasora juntamente com os aliados citados acima.

Resumindo, temos três possibilidades quanto ao tempo dessa invasão. La Haye (/3/, pág. 93), por exemplo, sugere que essa não é nem a batalha do Armagedom, nem a pós-milenar de mesmo nome, mas uma que se dê em data anterior à assinatura do acordo de Israel com o Anticristo (antes do início da semana de sete anos). Ele justifica isso pelo fato de Israel levar sete anos para queimar todas as armas inimigas (*Ezequiel 39:9*). Assim sendo, ele permite que haja tempo para a eliminação de todas as armas antes da volta de Cristo. As outras duas possibilidades são a própria batalha de Armagedom e a batalha pós-milenar já mencionada antes.

Claro que sabemos que a situação de Israel hoje é de animosidade com o bloco das nações muçulmanas (quase todos os aliados são desse bloco), pelo que uma nova guerra em futuro próximo é não apenas possível, como provável. Além disso, essa nova guerra seria um bom ensejo para um acordo com a mediação de um proeminente líder mundial (o Anticristo ainda não revelado). Não obstante tudo isso, contudo, essa é apenas uma hipótese, sem qualquer evidência segura para sustentá-la.

Dave Hunt (/8/, pág. 396) entende que esta guerra seja mesmo a de Armagedom, não obstante as diferenças supracitadas, pois *Ezequiel 39:28-29* mostra um Israel já reconciliado com Deus e este derramando do Seu Espírito sobre a casa de Israel, o que só ocorre após a batalha de Armagedom (*Zacarias 12:10*).

Para efeito do nosso estudo não há porque decidir por qualquer dessas posições, mas apenas ressaltar que todas as alternativas são possíveis.

e) **O Templo do Reino Milenar** (*Ezequiel 40-48*)

Quando lemos os últimos nove capítulos do livro de Ezequiel e nos deparamos com o templo a ser usado pela nação de Israel restaurada, constatamos que são previstos para o culto correspondente todos os sacrifícios expiatórios que eram previstos no livro de Levítico e que sempre soubemos serem temporários, até que viesse o sacrifício perfeito (*Hebreus 7:26-27* e *9:26*). Mais surpresos, ainda, ficamos quando verificamos que outros profetas haviam previsto sacrifícios similares (*Isaías 56:7* e *66:20-23*, *Jeremias 33:18-21*, *Zacarias 14:16-21* e *Malaquias 3:3-4*).

A pergunta que se impõe é: como isso é possível? Apesar de lermos, claramente, em *Ezequiel 45:15, 17 e 20* que os sacrifícios são para expiação, ainda assim, admitindo que tudo isso seja literal, devemos entender que estes sacrifícios terão, para os judeus, um significado similar ao que a ceia tem para os cristãos, qual seja, um memorial. Esse assunto voltará a ser abordado, com mais detalhe, no item 5.0.

O texto em apreço contém, também, medidas detalhadas das dimensões do templo que, caso literal, deve ser bem maior que todos os templos anteriores (tabernáculo, templo de Salomão, templo pós-exílio e templo de Herodes). A figura 3.5a apresenta um resumo aproximado das dimensões indicadas, admitindo para o côvado aproximadamente 50cm.

O Templo Milenar

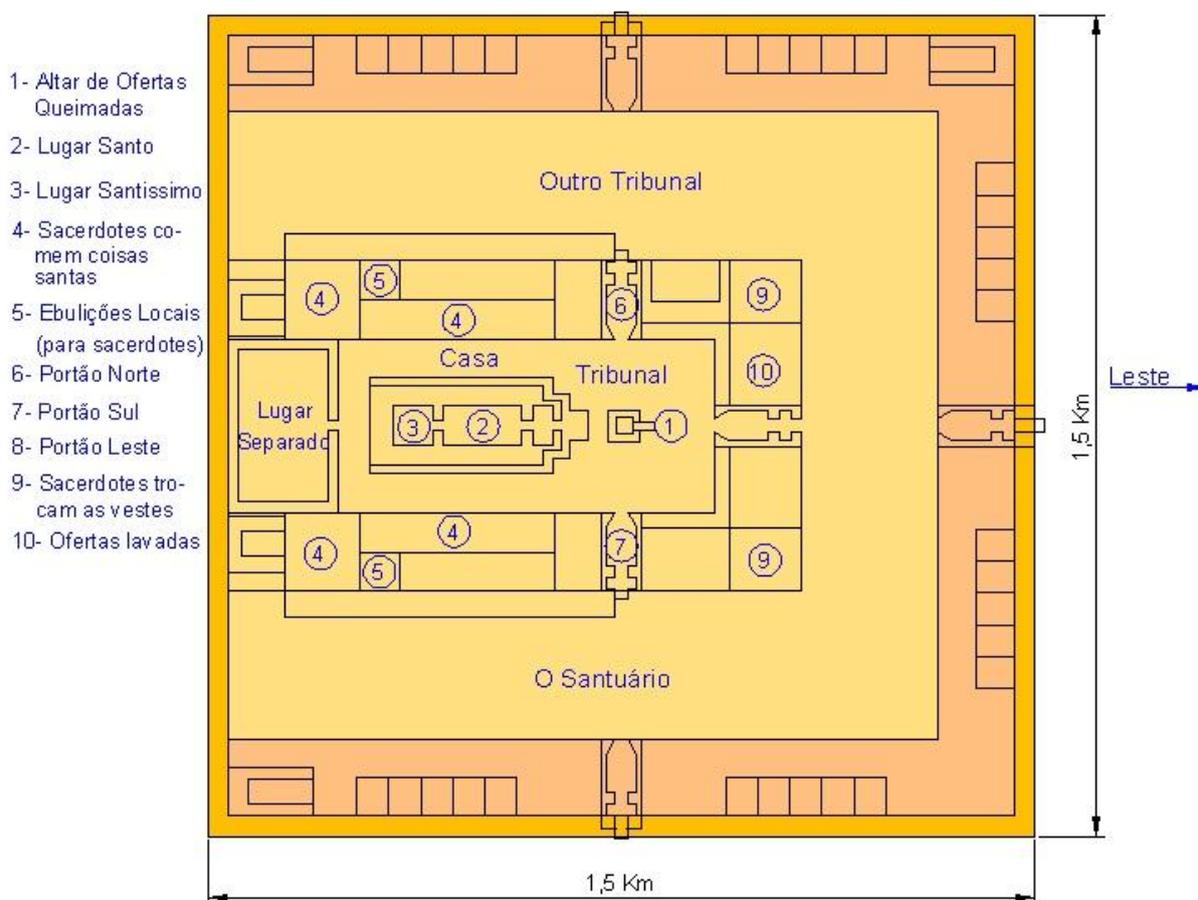


Figura 3.5a - Dimensões aproximadas do Templo Milenar

Chama a atenção o fato do templo estar circunscrito por um quadrado de aproximadamente 1,5km de lado e que esta dimensão é bastante superior àquela disponível hoje na esplanada do templo de Jerusalém (a área prevista é pelo menos 10 vezes maior que aquela existente hoje). Fica claro que mudanças devem estar previstas na cidade por ocasião do Reino Milenar.

Uma das partes mais bonitas da descrição do templo diz respeito ao rio de águas vivas que fluem a partir da parte posterior do mesmo e que é objeto dos primeiros 12 versículos do capítulo 47. Tanto Joel (*Joel 3:18*), como Zacarias (*Zacarias 14:8*) falaram, de igual modo, deste rio, que surge novamente no texto apocalíptico (*Apocalipse 22:1-2*). É claro que esse rio, que nasce no trono, é apenas uma figura da vida eterna que Deus nos disponibilizou em Jesus Cristo e que flui igualmente de nosso interior como resultado da obra do Espírito Santo. Finalmente, cabe mencionar, ainda, a nova divisão da terra de Israel, prevista em *Ezequiel 47:13-48:28*, que apresentamos na figura 3.5b, apenas a título de curiosidade.

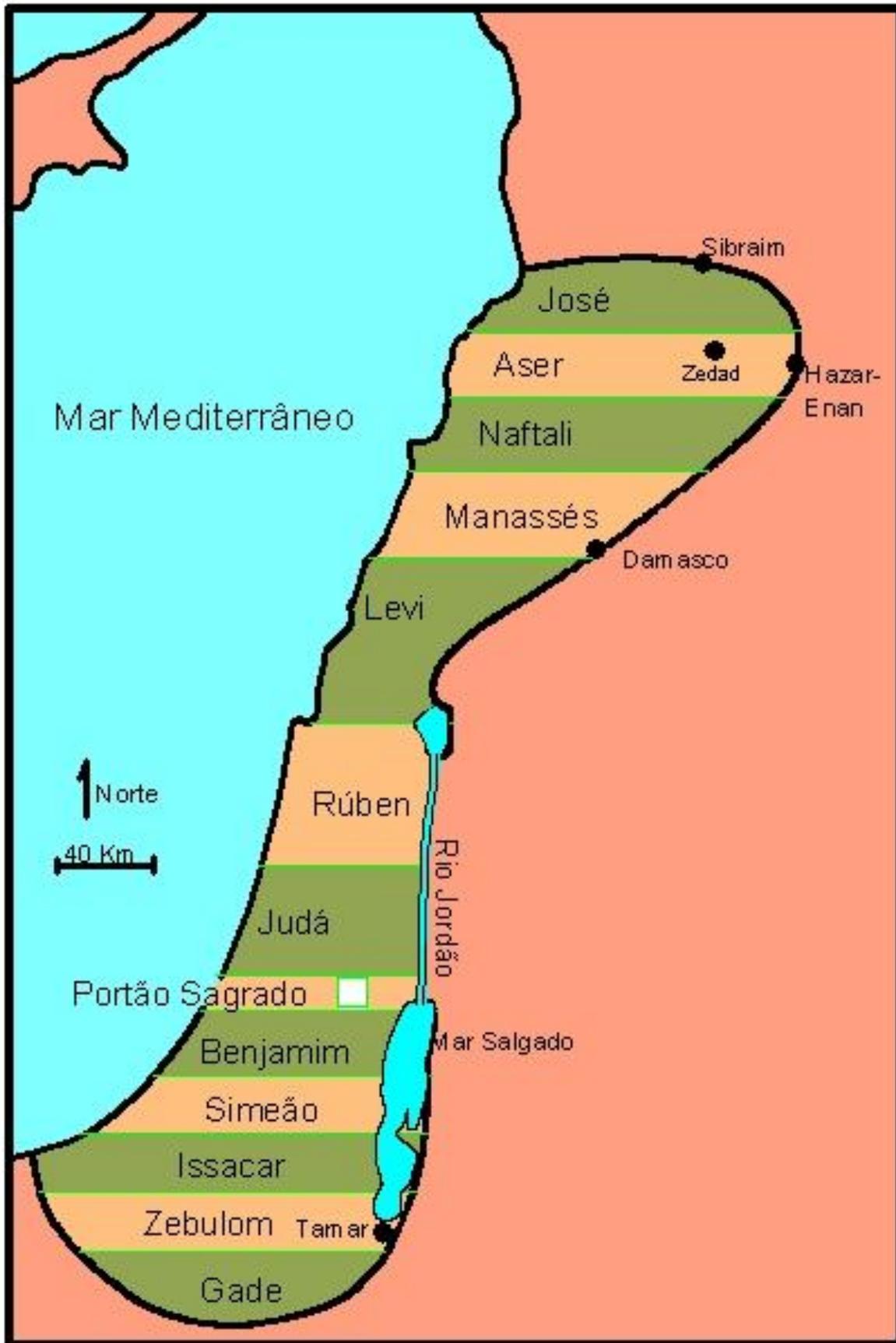


Figura 3.5b - Divisão da terra de Israel no Reino Milenar

3.6 - PROFECIAS DE PEDRO

Texto básico: *II Pedro 3:3-10*

A 1ª carta de Pedro foi dirigida aos “peregrinos na dispersão que estão no Ponto, na Galácia, na Capadócia, na Ásia e na Bitínia”. Já a 2ª é dirigida simplesmente àqueles que obtiveram a preciosa fé em Jesus Cristo. O capítulo 3, em apreço, começa informando que esta é a 2ª carta dirigida a estes recipientes, que tanto podem ser os mesmos da 1ª carta, ou podem ser aqueles listados no início da 2ª. Neste caso, a 1ª carta a estes recipientes ter-se-ia perdido. Seja como for, Pedro não quis deixar de alertá-los com relação a “*perturbadores que surgiriam nos últimos dias, andando segundo a sua própria luxúria*”. Com relação a estes, Pedro ressalta alguns de seus argumentos, bem como alguns dos erros associados aos mesmos:

Versículo 4: “*Que foi feito da promessa da volta de Jesus? O mundo é o mesmo desde que foi criado*”. Com relação a isso Pedro diz que eles intencionalmente ignoraram que houve uma ordem mundial antediluviana, que era diferente da atual e que foi destruída pelas águas por ordem de Deus (versículos 5-6). De igual forma a ordem atual, ou seja, os céus e a Terra que ora existem estão reservados, pela palavra do mesmo Deus, à destruição pelo fogo, no dia do julgamento e da destruição dos ímpios (versículo 7). Neste contexto, ele lembra que Deus não é regido pelo tempo (1 dia = 1.000 anos e vice-versa) e que o cumprimento da Sua promessa não foi esquecido, mas está sendo retardado pela Sua misericórdia, por não querer que ninguém se perca, mas que todos venham ao arrependimento (versículos 8 e 9).

Encerrando este texto, Pedro lembra que o Dia do Senhor virá como um ladrão de noite, no qual os céus passarão com grande estrondo e os elementos se derreterão com intenso calor e que tanto a Terra como as obras nela contidas se queimarão. É interessante que a iminência do retorno de Jesus Cristo esteja associada a uma guerra que João, no Apocalipse, reserva para o período pós-milenar. Mais uma vez se vê o fato de “picos apocalípticos” distantes serem descritos como se fossem um único evento, sem distinguir o “vale milenar” entre eles.

3.7 - PROFECIAS DE JOÃO

a) **Na Casa de Meu Pai há muitas Moradas** (*João 14:1-3*)

Neste texto João transcreve palavras de Jesus no sentido de que Seus discípulos não se preocupassem, mas que colocassem no Pai e também nEle a sua confiança. A preocupação à qual Ele se referia era no sentido de responder à pergunta “o que seria deles?”.

Pois bem, na Casa de Deus Pai Jesus informa que há muitas moradas e que Ele estava de partida para lá, onde havia de preparar lugar para eles.

Além disso, Ele assegurou a Seus discípulos que voltaria para buscá-los pessoalmente, para que onde Ele estivesse ali estivessem eles juntos.

O texto em apreço tem conteúdo óbvio e está entre os prediletos da Bíblia pelo consolo e pela segurança que traz para os discípulos de Jesus Cristo com relação à Sua morada eterna. Não haveria, portanto, porque prover aqui maiores esclarecimentos a respeito do mesmo, se ele não tivesse sido usado para alimentar a discussão a respeito do arrebatamento pré- ou pós-tribulacionista. No âmbito desta, é utilizado por alguns autores para estabelecer um paralelo deste texto de João com *I Tessalonicenses 4:13-18* e depois comparar este último com outros textos que descrevem a volta gloriosa, de modo a concluir que parecem retratar dois eventos distintos da Vinda de Jesus Cristo. Esse assunto será abordado com detalhe no próximo capítulo, mas gostaríamos de mencionar aqui as semelhanças encontradas em La Haye (*/3/*, pág. 114) e em J. B. Smith (*/14/*, págs. 312-313) entre este texto e o de *I Tessalonicenses 4*. As semelhanças dos dois textos são apresentadas na tabela a seguir:

VERS.	TEXTO	VERS.	TEXTO
1	Os discípulos são exortados a não se preocupar	13	Os tessalonicenses são exortados a não se entristecer
1	Os discípulos são exortados a crer em Deus Pai e em Jesus	14	Os tessalonicenses são exortados a crer que Deus Pai vai prover para que Jesus traga Consigo os que dormem
3	Jesus diz que voltará	15	Paulo menciona a Vinda do Senhor
3	Jesus diz que receberá Seus discípulos para Si mesmo	17	Paulo menciona que os vivos serão agrupados aos mortos, previamente ressuscitados, para encontrar o Senhor nos ares
3	Para que estejam onde Eu estiver	17	Para estarmos sempre com o Senhor

Essa tabela não é uma reprodução daquela citada acima, pois este autor considerou que nem todas as comparações eram consistentes, pelo que omitiu algumas, mas se a intenção era provar que ambas falam de um arrebatamento, então, certamente, o objetivo foi alcançado. Será mostrado no item 4.0, contudo, que a inconsistência de *I Tessalonicenses 4* com outros textos é mais em termos de omissões do que em conflitos. Assim sendo, tal comparação não é conclusiva no sentido de provar que o arrebatamento e a vinda gloriosa de Jesus sejam eventos distintos.

b) **Tal qual Ele é, assim seremos nós** (*I João 3:3*)

Este texto confirma o fato de não nos ter sido revelado, ainda, como havemos de ser, não obstante o fato de já sermos filhos de Deus. Apesar disso, nós podemos estar seguros de que tal qual Ele é, assim seremos nós. Além disso, ser-nos-á possível contemplar o Seu corpo glorioso tal como Ele realmente é.

Trata-se de uma referência clara ao fato de que receberemos, todos os cristãos nascidos de novo, um corpo glorificado semelhante ao de Jesus, que já recebeu o dEle (*I Coríntios 15:21-23*), com o qual poderemos ver Deus face a face.

3.8 - PROFECIAS DE ISAÍAS

a) Restauração do Reino Milenar (Isaías 9:6-7 e 11:1-12)

As profecias de Isaías são as que mais maravilhosamente falam a respeito de Jesus como o Messias de Israel. Dentre elas, uma das mais apreciadas se encontra nos versículos 6 e 7 do capítulo 9: *“Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre os Seus ombros; e o Seu Nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz. Do incremento deste principado e da paz não haverá fim, sobre o trono de Davi e no seu reino, para firmar e o fortificar em juízo e em justiça, desde agora para sempre; o zelo do Senhor dos Exércitos fará isso”*.

Raramente paramos para pensar, contudo, a respeito de quando o cumprimento da mesma ocorre. Em termos espirituais, o Reino de Jesus Cristo já vem sendo implantado no coração de Seus servos, que conseguem vê-LO com todos os atributos designados no versículo 6, há 2.000 anos. Se considerarmos, todavia, a existência do reino davídico futuro, temos que associar este texto e seu cumprimento ao Reino Milenar. Finalmente, se pensarmos em termos de eternidade, temos de referi-lo ao novo céu e à nova Terra. Dando continuidade à leitura de Isaías, à procura de maiores informações, vemos que ele retoma o assunto no capítulo 11, onde os versículos 1 a 5 voltam a falar do Messias como um rebento de Jessé, pai de Davi, e somos informados que a natureza terá sido restabelecida com animais carnívoros convivendo com animais domésticos e crianças brincando com répteis peçonhentos sem correr qualquer perigo. O texto então parece referir-se, portanto, ao Reino Milenar, dando a entender que o pleno cumprimento da profecia do capítulo 9 se dá naquela ocasião.

b) O Julgamento das Nações (Isaías 34:1-17)

O capítulo 34 de Isaías fala do juízo das nações associado à volta de Jesus. Trata-se do final da batalha do Armagedom, com os céus se enrolando como um pergaminho no versículo 4 e com a espada do Senhor exercendo juízo nos versículos 5 e 6. É o dia da vingança do Senhor no versículo 8.

c) O Dia da Redenção para Sião (Isaías 35:1-10)

O capítulo 35 trata do início da implantação do Reino Milenar após o juízo descrito no capítulo anterior. O texto fala do deserto florindo (versículos 1 e 2), de mãos enfraquecidas e joelhos instáveis, ambos recebendo força (versículo 3), de curas diversas (versículos 5 e 6) e os “redimidos do Senhor” retornando para Sião com canto e alegria eterna (versículo 10). Os redimidos em apreço são justamente o 1/3 remanescente do povo de Israel.

d) Implantação do Reino Milenar (Isaías 60-66)

O capítulo 60 nos fala da glória do Senhor manifesta sobre a terra de Israel no Reino Milenar. No versículo 9 o profeta fala a respeito de novo ajuntamento dos filhos de

Israel, a exemplo do que ele já fizera em *Isaías 11:11*. Nesta nova era, os estrangeiros não mais representam qualquer ameaça, pelo que os portões estarão continuamente abertos (versículo 11) e os gentios, que outrora os afligiam, agora estarão a serviço dos filhos de Israel (versículo 14)

O capítulo 61 contém os versos do famoso discurso feito por Jesus na sinagoga de Nazaré, onde declarou aos seus conterrâneos ser Ele o Messias. O texto lido por Jesus abrange o versículo 1 e a primeira frase do 2, que descrevem atividades associadas à Sua 1ª Vinda. Já o restante do texto, principiando pelo “*dia da vingança do nosso Deus*” diz respeito a eventos associados à Sua 2ª Vinda após a grande tribulação. A missão de Jesus, na Sua 1ª Vinda, teria principiado com a unção do Espírito Santo, concedida logo após o Seu batismo por João Batista no Rio Jordão (*Lucas 3:21-23*). A partir de então, Ele pregou as Boas-Novas aos pobres, curou os quebrantados de coração, proclamou a liberdade aos cativos e a abertura das prisões para os encarcerados. Além disso, Ele proclamou o ano aceitável do Senhor. Além do sentido espiritual no que diz respeito à “libertação dos cativos” e à “abertura de prisões para os encarcerados”, há alguns comentaristas (*/3/*, pág. 28) que defendem estar implícita aqui uma libertação específica em relação aos santos do Velho Testamento. Advogam a posição de que os santos do Velho Testamento não teriam acesso ao céu antes da consumação do sacrifício de Jesus, porque as ofertas da lei mosaica apenas cobriam os pecados. Base bíblica para isso seria apresentada em *Hebreus 11:39-40*: “*E todos estes, embora tendo recebido bom testemunho pela fé, contudo não alcançaram a promessa; visto que Deus provera alguma coisa melhor a nosso respeito, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados.*”

Assim sendo, eles teriam esperado, ao longo de 1.500 anos (de Moisés até Jesus), no “seio de Abraão” (um lugar temporário extraído da parábola do rico e de Lázaro). Pouco antes de ascender ao céu, Jesus teria, então, passado por lá para libertá-los (“*dar liberdade aos cativos*”) e levá-los ao céu. Isso estaria refletido na Sua declaração ao “bom” ladrão da cruz, a quem disse “*hoje mesmo estarás comigo no paraíso*” (*Lucas 23:43*). Desta forma o paraíso seria o próprio seio de Abraão, ou estaria nele contido, até ser transportado, ele juntamente com seus habitantes, para o céu.

Devemos reconhecer que essa linha de pensamento é muito engenhosa, mas falha em alguns aspectos, que podemos ressaltar aqui. Primeiro, o texto de Hebreus não é tão claro que essa conclusão possa ser dele extraída como verdade inquestionável. Dele podemos inferir que os salvos do Velho Testamento não chegaram a ver o Messias e nem receberam em vida um espírito novo e um coração novo, que vieram com a Nova Aliança (*Ezequiel 36:26*). Mais que isso é especulação. Segundo, Jesus mesmo disse a Maria Madalena que não O tocasse logo após a ressurreição porque Ele ainda não ascendera ao céu (*João 20:17*); logo, Ele não levava o paraíso para o céu naquela ocasião. Convém ressaltar, além disso, que a obra de redenção não se completou até o momento em que Ele, no papel de Sumo Sacerdote, entrou no Santo dos Santos do tabernáculo celestial, levando o Seu próprio sangue para oferecê-lo ao Pai (*Hebreus 9:11-28*). Assim sendo, essa ideia parece “fazer pouco caso” da Velha Aliança, pois significaria que o concerto de Deus com Moisés não só não pagava pecados direito, como também não salvava direito. Considerando que estamos lidando com o Deus que chama à realidade as coisas que não são (*Romanos 4:17*), devemos entender que Jesus foi crucificado antes da fundação do mundo (*Apocalipse 13:8*), pelo que crentes da Velha Aliança foram tão salvos por Seu sacrifício quanto os da nova, embora sequer

O conhecessem. Notem que, quando Jesus disse aos saduceus que Deus era Deus de vivos, referindo-se a Abraão, Isaque e Jacó (*Mateus 22:32*), Ele estava implicitamente dizendo que os três se encontravam com o Pai. Imaginar que Deus seria para eles um Deus de longe por quase 2.000 anos é fazer pouco caso do relacionamento entre eles.

No capítulo 62, o Senhor reitera as Suas promessas de restauração para Israel, ao passo que fala de Sua vingança nos primeiros seis versículos do capítulo 63. O restante deste e todo o 64 apresentam uma oração de intercessão de Israel, pedindo que o Senhor volte a agir com eles como o fizera Moisés. Eles reconhecem que pecaram contra Ele, rebelando-se contra o Seu Espírito Santo (*Isaías 63:10*) e que sua justiça não passa de trapos de imundície (*Isaías 64:6*). A oração termina perguntando se Deus há de continuar a tratá-los com a mesma severidade.

A resposta de Deus começa falando do tempo dos gentios no capítulo 65, instaurado devido aos pecados de Israel, que Ele cita nos versículos 2 a 7. A partir do versículo 8, todavia, começa a falar sobre a restauração de parte dos Seus servos (o remanescente de Israel), ao mesmo tempo em que condena à morte aqueles que O rejeitaram. Para o “restante”, contudo, Ele faz promessas cujo ápice é o versículo 17, quando promete criar novos céus e nova Terra. É interessante que Ele volta a falar de novo céu e nova Terra também em *Isaías 66:22*, mas toda a descrição feita desde *Isaías 65:18* até o final do livro é a respeito do Reino Milenar, que o profeta não parece distinguir dos novos céus e nova Terra.

4.0 - O ARREBATAMENTO DA IGREJA

4.1 - PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

Agora que já fizemos uma revisão das principais profecias escatológicas ao longo da Bíblia, convém dar uma repassada nos principais argumentos com relação ao arrebatamento das correntes mais importantes que compõem a Escola Futurista, quais sejam: a pré-tribulacionista e a pós-tribulacionista. Os meso-tribulacionistas, por serem um grupo muito menor que os outros dois, são considerados apenas um subgrupo dos pré-tribulacionistas.

É interessante ressaltar que a corrente pré-tribulacionista, ou seja, a que crê no arrebatamento da Igreja antes que tenha início o período da grande tribulação, é hoje, ao início do século XXI, a mais popular, apesar de ter surgido por volta do início do século XX. Os motivos principais que contribuíram para tanto foram:

1º → porque é uma corrente defendida pela quase totalidade dos grupos pentecostais, sendo estes os que mais rapidamente têm crescido entre os evangélicos ao longo de todo o século XX e no início do século XXI;

2º → porque defende uma mensagem muito mais popular que aquela apresentada pela corrente pós-tribulacionista. É óbvio que ninguém quer passar pelos sofrimentos previstos para a grande tribulação. Trata-se, portanto, de um assunto em que os pré-tribulacionistas esperam ardentemente estar certos, enquanto os pós-tribulacionistas preferiam mesmo estar errados.

Infelizmente, não há versículos claros em defesa da posição pré-tribulacionista. O que há, isso sim, são conjecturas baseadas em correlações de alguns textos, que permitem supor que o retorno de Jesus Cristo se dará em duas etapas distintas, quais sejam:

- a) para buscar Sua Igreja (chamada de “bendita esperança”);
- b) para implantar o Seu Reino Milenar (denominada “manifestação ou volta gloriosa”).

Esses dois termos alternativos vêm de *Tito 2:13*, onde Paulo fala da volta de Jesus Cristo. Ali os pré-tribulacionistas supõem que ele menciona os dois eventos distintamente, embora isso seja, novamente um problema de interpretação: *“Aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Salvador Jesus Cristo”*.

O autor gostaria de se identificar aqui como um pós-tribulacionista não radical, mas ressalta que se inclui, sinceramente, entre aqueles que torcem para que os pré-tribulacionistas estejam certos. Em função disso, há também sincera disposição para tentar tratar do assunto com isenção.

4.2 - A SEGUNDA VINDA DE CRISTO EM DUAS ETAPAS

Há um grande número de textos bíblicos que falam a respeito da 2ª Vinda de Jesus Cristo. Mesmo os pré-tribulacionistas reconhecem que não há um único que fale disso

ocorrendo em duas etapas, como visto acima (/19/, pág. 9). Não obstante esse fato, eles consideram que a volta do Senhor em duas etapas é “claramente” estabelecida, comparando os principais textos que tratam do assunto, mostrando que se permitem diferenciar pela forma como descrevem sequências conflitantes, caso o evento fosse único, ao passo que se harmonizam ao admitir a volta em duas etapas.

É lícito dizer que alguns autores pré-tribulacionistas da atualidade têm contribuído fortemente para os estudos nessa área, dentre os quais o mais destacado é Tim LaHaye, que inclusive fundou um centro de pesquisa sobre o assunto (Pre-Trib Research Center). Além disso, fez grande divulgação de suas pesquisas, não só através de livros para a Igreja (/3/, /6/ e /12/), mas, principalmente, através de uma série do gênero ficção religiosa, que vendeu milhões de cópias e que no Brasil ficou conhecido pelo nome dado ao primeiro volume: “Deixados para Trás” /28/. Assim sendo, a base para a apresentação feita a seguir foi extraída de LaHaye, T. & Ice, T. /3/, embora muitos outros autores tenham sido consultados.

La Haye e Ice apresentam (/3/, pág. 111) uma série de versículos divididos em dois grupos: um que eles supõem estar se referindo ao arrebatamento e outro em que a referência seria à “volta gloriosa” ou à “manifestação gloriosa”, com base nos quais chegaram a uma lista de 15 diferenças entre os dois grupos de textos. As diferenças em apreço são apresentadas a seguir:

ARREBATAMENTO	2ª VINDA
1) Cristo vem no ar para buscar a Igreja	1) Cristo retorna com os Seus à Terra
2) toda a Igreja é arrebatada	2) não há arrebatamento
3) cristãos são conduzidos à casa do Pai	3) santos ressurretos não veem a casa do Pai
4) nenhum julgamento realizado na Terra	4) Cristo julga os habitantes da Terra
5) a Igreja é levada para o céu	5) Cristo estabelece Seu reino na Terra
6) o retorno de Jesus é iminente	6) só ocorre após os 7 anos do Anticristo
7) não há sinais no céu	7) há muitos sinais no céu
8) é um evento realizado apenas para crentes	8) é um evento que afeta toda a humanidade
9) tempo de alegria	9) tempo de choro
10) ocorrência anterior ao “Dia da Ira” (tribulação)	10) ocorrência após o período de tribulação
11) Satanás não é mencionado	11) Satanás é preso por 1.000 anos
12) tem lugar o julgamento dos crentes (Bema)	12) nenhuma menção do julgamento de crentes
13) bodas do Cordeiro	13) a noiva retorna com Cristo
14) só a Igreja vê Jesus	14) todo olho O verá
15) tem início a tribulação	15) tem início o Reino Milenar

O que gostaríamos de fazer a seguir é verificar, com base na lista de textos relativos ao arrebatamento pré-tribulacional apresentados por La Haye e Ice /3/, se os pontos estabelecidos acima são obtidos por omissão ou se realmente há menção de eventos contraditórios.

Textos que falam do arrebatamento pré-tribulacional segundo La Haye e Ice /3/:

- *João 14:1-3: “Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em Mim. Na casa de Meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, Eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos lugar. E quando Eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para Mim mesmo, para que onde Eu estiver estejais vós também.”*

Este texto fala da existência de mansões na casa do Pai, onde Jesus prepararia lugar para os que nEle crêem, os quais viria posteriormente buscar. Não fala de tempo nem circunstâncias. Assim sendo, se aplicaria perfeitamente às duas situações (voltas pré ou pós-tribulacionistas de Jesus).

- *Romanos 8:19: “Porque a ardente expectativa da criatura espera a manifestação dos filhos de Deus.”*

Fala da expectativa da criação pela manifestação dos filhos de Deus intuitivamente no contexto milenar, mas é inconclusivo nesta discussão e poderia se aplicar aos dois eventos.

- *I Coríntios 1:7-8: “De maneira que nenhum dom vos falta, esperando a manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo, O qual vos confirmará também até ao fim, para serdes irrepreensíveis no dia de nosso Senhor Jesus Cristo.”*

Fala da expectativa da revelação de Jesus, quando os coríntios devem ser encontrados sem culpa para o Dia do nosso Senhor. É interessante que se nesse contexto a “manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo” fosse uma referência ao arrebatamento e “o dia de nosso Senhor Jesus Cristo” a volta gloriosa para derrotar o Anticristo, teríamos que nos perguntar se há pecado no céu, pois que outra necessidade haveria de sermos preservados depois do arrebatamento. Caso ambos os termos se refiram ao arrebatamento, então, o texto é mais uma vez inconclusivo e aplicável a qualquer dos dois eventos.

- *I Coríntios 15:51-53: “Eis aqui vos digo um mistério: Na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados; num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade, e que isto que é mortal se revista da imortalidade.”*

Paulo fala da transformação dos corpos corruptíveis em incorruptíveis, que ocorrerá num piscar de olhos, após o som da última trombeta. LaHaye e Ice /3/ declaram especificamente que esta última não é a 7ª trombeta da grande tribulação. Não há, contudo, nenhum motivo para que não seja, porque a esta trombeta contém os sete flagelos, com os quais finda a grande tribulação. Assim sendo, mais uma vez o texto pode se aplicar tanto a um arrebatamento pré-tribulacional como pós.

- *I Coríntios 16:22: “Se alguém não ama ao Senhor Jesus Cristo, seja anátema. Maranata!”*

Maranata significa “Vem, Senhor Jesus!”. O fato dele não conter qualquer outra referência o torna totalmente inadequado para a discussão em apreço, pelo que sequer deveria ter sido listado.

- *Filipenses 3:20-21: “Mas a nossa cidade está nos céus, de onde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o Seu corpo glorioso, segundo o Seu eficaz poder de sujeitar também a Si todas as coisas.”*

Paulo fala de nossa cidadania dos céus, motivo pelo qual ansiamos pela volta de Jesus, que transformará nossos corpos inferiores em outros conformes à Sua glória, quando todas as coisas Lhe estiverem sujeitas. Curiosamente, este versículo, listado como arrebatamento pré-tribulacional, parece reforçar o arrebatamento pós-tribulacional, quando todas as coisas estiverem sujeitas a Jesus.

- *Filipenses 4:5: “Seja a vossa equidade notória a todos os homens. Perto está o Senhor.”*

De que maneira se poderia concluir que este texto fala de arrebatamento pré-tribulacional eu realmente não sei. A mim me parece inconclusivo.

- *Colossenses 3:4: “Quando Cristo, que é a nossa vida, Se manifestar, então também vós vos manifestareis com Ele em glória.”*

Paulo diz que quando Cristo, nossa vida, Se manifestar, também a nossa glória nEle será manifesta. Mais uma vez, contudo, o texto é inconclusivo para o fim a que se destina. De forma alguma diferencia entre uma ou duas vindas do Senhor Jesus Cristo.

- *I Tessalonicenses 1:10: “E esperar dos céus a Seu Filho, a Quem ressuscitou dentre os mortos, a saber, Jesus, que nos livra da ira futura.”*

Paulo fala de Jesus, que nos livra da ira vindoura. O fato de Jesus nos livrar da ira vindoura tanto pode significar o arrebatamento antes da tribulação como pode dizer respeito ao fato da ira de Deus não atingir Seus filhos. Sob esse aspecto não é conclusivo e nem expressa contradição. Para mostrar boa vontade, contudo, digamos que é o primeiro versículo deste conjunto que realmente dá margem à interpretação defendida por um pré-tribulacionista convicto, qual seja, que a igreja não passará pela grande tribulação.

- *I Tessalonicenses 2:19: “Porque, qual é a nossa esperança, ou gozo, ou coroa de glória? Porventura não o sois vós também diante de nosso Senhor Jesus Cristo em sua vinda?”*

Dentro da ótica pré-tribulacionista de que o juízo de galardões se dá no céu logo após o arrebatamento, Paulo estaria dizendo aos tessalonicenses que eles são a garantia do sucesso dele neste juízo. Obviamente não é nada disso que um pós-tribulacionista lê no mesmo texto. Para ele trata-se apenas do fato de Paulo se regozijar no fato dos tessalonicenses se manterem fiéis até a vinda do Senhor. Assim sendo, está longe de ser conclusivo para essa discussão.

- *I Tessalonicenses 4:13-18: “Não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem, para que não vos entristeçais, como os demais, que não têm esperança. Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem, Deus os tornará a trazer com Ele. Dizemo-vos, pois, isto, pela Palavra do Senhor: que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem. Porque o mesmo Senhor descera do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor. Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras.”*

Este é um dos principais textos no qual se baseiam os pré-tribulacionistas para estabelecer os seus argumentos; portanto, é importante atentar cuidadosamente para os pontos levantados:

- a) o texto fala apenas que vamos estar sempre com o Senhor, sem estabelecer ida imediata para o céu ou retorno com o Senhor para a Terra. Sob este aspecto, não conflita com o arrebatamento pós-tribulacional;
 - b) não se justifica afirmar que não há arrebatamento no texto de *Mateus 24* (ver item 2 da tabela acima), pois o versículo 31 daquele texto retrata exatamente a mesma situação de *I Tessalonicenses 4:16-17*, só que associado à manifestação gloriosa e não à bendita esperança;
 - c) quaisquer outros pontos referentes à manifestação gloriosa de nosso Senhor, e que porventura não foram abordados aqui, não são motivo suficiente para afirmar que este texto prova o arrebatamento pré-tribulacional. Significa tão somente que foram omitidos.
- *I Tessalonicenses 5:9, 23: “Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para a aquisição da salvação, por nosso Senhor Jesus Cristo. E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.”*

O versículo 9 parece se referir à ira que leva ao inferno em contraposição à salvação que leva ao céu e não ao arrebatamento antes da grande tribulação, para o que a contraposição fica sem sentido. O versículo 23 apenas expressa o desejo de Paulo de que os tessalonicenses se mantenham fiéis. Nenhum dos dois expressa qualquer coisa conclusiva para essa discussão.

- *II Tessalonicenses 2:1: “Ora, quanto à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião com Ele, rogamos-vos, irmãos, ...”*

Este versículo, que fala do arrebatamento, não deve ser dissociado dos dois seguintes. Este texto já foi avaliado no item 3.4b e foi mostrado que pode ser aplicado indistintamente ao arrebatamento pré, meso ou pós-tribulacionista, dependendo de como alguns termos contidos no mesmo são interpretados. A “manipulação” de palavras necessárias para viabilizar o ponto de vista pré-tribulacionista faz com que este seja o menos provável, pois exige que a palavra “apostasia” seja entendida como

“arrebatamento”, que, segundo La Haye e Ice (/3/, pág. 39) é a interpretação mais comum no Novo Testamento. É importante ressaltar, contudo, que a maioria dos tradutores bíblicos não concorda com isso. A NVI, por exemplo, usa a palavra “rebelião” para traduzir “apostasia”. Além disso, cabe lembrar que Daniel associa uma “apostasia espiritual” à visão do Anticristo (*Daniel 11:36-37*), definida através de “blasfêmias” pronunciadas contra o Deus dos céus. É interessante, ainda, que Dave Hunt e Tim McMahon (/15/, pág. 64) se apresentem como meso-tribulacionistas justamente baseados neste texto, ao passo que Dave Hunt /9/ tenha passado a defender, veementemente, um ponto de vista pré-tribulacionista, enquanto deixa de mencionar o texto em apreço, obviamente por achar indefensável a tradução sugerida por La Haye.

- *I Timóteo 6:14: “... exorto-te a que guardes este mandamento sem mácula e irrepreensível até a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo;”*

Trata-se de um versículo que apenas menciona a Vinda do Senhor Jesus, pelo que é sem sentido dizer que refere-se à Sua vinda prévia para arrebatá-la Igreja.

- *II Timóteo 4:1, 8: “Conjuro-te diante de Deus e de Cristo Jesus, que há de julgar os vivos e os mortos, pela Sua vinda e pelo Seu reino; ... Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a Sua vinda.”*

Aparentemente LaHaye estaria sugerindo que os vivos e os mortos aqui são apenas os arrebatados. Desta forma o outro versículo, que não está na sequência, seria relativo ao julgamento dos galardões destes. Mesmo que esta interpretação particular seja correta, ainda assim pode se aplicar indistintamente a um arrebatamento pré- ou pós-tribulacionista.

- *Tito 2:13: “... aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus, ...”*

Este texto, segundo La Haye e Ice (/3/, pág. 38), é o que chega mais perto de comprovar a existência das duas vindas de Cristo. La Haye e Ice usaram o termo “bendita esperança” para cunhar o arrebatamento e “manifestação gloriosa” para referir-se à 2ª Vinda propriamente dita. Assim procedendo, conseguiram enxergar os dois eventos num versículo que se refere à volta de Jesus Cristo, a esperança de todos os salvos. Mais uma vez o texto é inconclusivo, na melhor das hipóteses, porque Paulo não parece ter tido essa intenção.

- *Hebreus 9:28: “... assim também Cristo, oferecendo-Se uma só vez para levar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que O esperam para salvação.”*

Este versículo apenas menciona que Cristo aparecerá a segunda vez para a salvação dos que para tanto O esperam, pelo que é inconclusivo para a comparação feita.

- *Tiago 5:7-9: “Portanto, irmãos, sede pacientes até a vinda do Senhor. Eis que o lavrador espera o precioso fruto da terra, aguardando-o com paciência, até que receba as primeiras e as últimas chuvas. Sede vós também pacientes; fortalecei os*

vossos corações, porque a vinda do Senhor está próxima. Não vos queixeis, irmãos, uns dos outros, para que não sejais julgados. Eis que o juiz está à porta.”

Este texto diz apenas que devemos esperar pacientemente a Vinda do Senhor, que não há de tardar. Outra vez é inconclusivo para a comparação feita.

- *I Pedro 1:7, 13: “... para que a prova da vossa fé, mais preciosa do que o ouro que perece, embora provado pelo fogo, redunde para louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo; portanto, cingindo os lombos do vosso entendimento, sede sóbrios, e esperai inteiramente na graça que se vos oferece na revelação de Jesus Cristo.”*

Ambos os versículos apenas mencionam a revelação do Senhor Jesus e estimulam os destinatários da carta no sentido de que se mantenham fiéis. Mais que isso não pode ser extraído do texto.

- *I Pedro 5:4: “E, quando Se manifestar o Sumo Pastor, receberéis a imarcescível coroa da glória.”*

Este versículo fala da coroa de glória a ser recebida do Supremo Pastor quando Este Se manifestar. Aplica-se a ambos os pontos de vista, mas é inconclusivo para defender um arrebatamento pré-tribulacionista.

- *I João 2:28-3:2: “E agora, filhinhos, permaneçei nEle; para que, quando Ele Se manifestar, tenhamos confiança, e não fiquemos confundidos diante dEle na Sua vinda. Se sabeis que Ele é justo, sabeis que todo aquele que pratica a justiça é nascido dEle. Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Vede que grande amor nos tem concedido o Pai: que fôssemos chamados filhos de Deus; e nós o somos. Por isso o mundo não nos conhece; porque não conheceu a Ele. Mas sabemos que, quando Ele Se manifestar, seremos semelhantes a Ele; porque assim como é, O veremos.”*

Este texto é similar ao anterior e, mais uma vez, não exclui qualquer dos dois pontos de vista, pelo que é, mais uma vez, inconclusivo.

- *Judas 1:21: “Conservai-vos no amor de Deus, esperando a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo para a vida eterna.”*

Novamente este versículo é apenas um estímulo à fidelidade dos crentes.

- *Apocalipse 2:25: “... mas o que tendes, retende-o até que Eu venha.”*

Trata-se de uma recomendação do Senhor à Igreja de Tiatira para que retenha firme o que tem, até que Ele volte. É inconclusivo, contudo, para efeito desta avaliação.

É muito importante ressaltar que **nenhum** dos textos avaliados como sendo referentes ao arrebatamento pré-tribulacional somente, segundo La Haye e Ice, mostrou **qualquer** inconsistência que não permitisse usá-lo aplicado ao arrebatamento pós-tribulacional.

O livro de Dave Hunt mencionado acima (“Quanto Tempo nos Resta” /9/) é inteiramente dedicado a mostrar que o arrebatamento pré-tribulacional é o único que

harmoniza os textos bíblicos a respeito. Embora seus argumentos sejam, em sua grande maioria, os mesmos apresentados por La Haye e Ice /3/, ele dá ênfase a dois deles de uma forma que vale a pena apresentar:

a) A iminência de Sua volta

Em *Mateus 24:36* Jesus disse a Seus discípulos que Ele mesmo, na condição de Deus encarnado, mas que Se esvaziou de Sua divindade (*Filipenses 2:6-8*), não sabia a data de Sua vinda. Isso era prerrogativa apenas do Pai. Nos versículos seguintes, contudo, e continuando pelo capítulo 25, Ele apresentou vários exemplos da necessidade de estar vigilante, tendo em vista a iminência de Sua volta.

- Dilúvio → o primeiro exemplo foi baseado no dilúvio, onde Ele falou que Sua volta pegaria todos de surpresa. A vida seguirá seu curso normal com pessoas comendo, bebendo e se casando até que um dia, subitamente, Ele voltará, encontrando a humanidade desapercibida, da mesma forma como ocorreu com o dilúvio nos dias de Noé.
- Apenas um é levado → nos versículos 40 e 41 Ele deu dois exemplos de duas pessoas juntas, ora no campo, ora no moinho, e apenas uma é levada. Mais uma vez Ele manda vigiar, pois o dia do Seu retorno é iminente.

Há ainda mais três exemplos similares, que omitiremos aqui por uma questão de concisão, mas cuja intenção é prover a mesma advertência.

O argumento pré-tribulacionista, neste caso, reside no fato de que o arrebatamento pós-tribulacionista é dissociado de qualquer iminência, ou seja, iniciado o período de 7 anos, todos os demais eventos ficam razoavelmente bem definidos. O Anticristo assina um acordo com Israel e várias outras nações, quebra esse acordo 3,5 anos depois, invade Israel e 7 anos após o acordo inicial Jesus retorna. Não há dúvida de que se trata de um bom argumento (/9/, pág. 97).

b) Seu retorno se dá em tempo de paz

O segundo argumento, similar ao anterior, se baseia em *1 Tessalonicenses 5:3*: “*Pois que, quando disserem: há paz e segurança; então lhes sobrevirá repentina destruição, como as dores de parto àquela que está grávida; e de modo nenhum escaparão*”.

Como o retorno de Jesus está previsto no final da batalha de Armagedom (*Zacarias 14:3*), depois que 2/3 de Israel tiver perecido (*Zacarias 13:8*), segue que não se trata de uma época de paz, portanto ninguém diria “paz e segurança”. Mais uma vez é um bom argumento.

Resumindo tudo que foi dito, podemos dizer que estes últimos dois argumentos pré-tribulacionistas são interessantes, mas, de forma alguma, suficientes para “bater o martelo” em relação a um arrebatamento separado. Assim sendo, os pontos aqui apresentados não foram suficientemente convincentes para me tornar um pré-tribulacionista, mas me permitiram refletir o suficiente para sair de minha posição de pós-tribulacionista seguro. Além disso, creio de todo o coração que isso, de forma

alguma, pode servir de tropeço ao relacionamento que mantenho com meus irmãos pré-tribulacionistas mais ferrenhos.

Concluindo, acredito, sinceramente, que todos deveríamos viver esperando o retorno de Jesus para arrebatá-la Sua Igreja hoje (visão pré-tribulacionista), mas, ao mesmo tempo, estar, igualmente todos, preparados para sofrer a perseguição do Anticristo, caso Jesus nos venha buscar apenas ao final da grande tribulação (visão pós-tribulacionista). Desta forma estaremos sempre prontos, tanto para a Sua volta, como para o sofrimento que porventura nos advenha.

5.0 - OS PAPÉIS DE ISRAEL E DA IGREJA

Sempre ouvi diferentes pregadores dizendo que Israel é o termômetro de Deus para os tempos do fim. Isso certamente é verdade, principalmente nos dias atuais, depois que ocorreu, em 1948, a recriação do Estado de Israel em cumprimento à profecia de *Ezequiel 37*. Antes dessa data tudo parecia muito distante, mas cumprido o evento mais difícil, ocorrido no momento mais crítico da história do povo de Israel, todas as demais profecias assumiram um caráter de iminência.

Ao mesmo tempo em que temos os olhos fixados nos eventos que ocorrem com Israel, não podemos esquecer que o Apocalipse de João é uma carta dirigida à Igreja de Jesus Cristo, pelo que o plano último de Deus é para a Igreja à qual Israel um dia se agregará.

A pergunta principal que gostaríamos de responder neste momento é: “até quando essas duas entidades, que hoje coexistem, manterão sua independência no futuro apocalíptico?”. Infelizmente, contudo, a resposta a essa pergunta passa por vários pontos de disputa, dando margem a um leque de respostas, dependendo das alternativas escolhidas.

É fato que a Bíblia contém muito mais profecias para Israel do que para a Igreja. É claro, também, que muitas delas são aplicáveis igualmente à Igreja, mas constitui-se num erro grave achar que todas elas o são por ser a Igreja o “Novo Israel” de Deus. Paulo deixa muito claro em *Romanos 11:25-27* que Deus ainda tem planos específicos em relação à nação israelita: *“Porque não quero, irmãos, que ignoreis este mistério (para que não presumais de vós mesmos): que o endurecimento veio em parte sobre Israel, até que a plenitude dos gentios haja entrado e assim todo o Israel será salvo, como está escrito: Virá de Sião o Libertador, e desviará de Jacó as impiedades e este será o Meu pacto com eles, quando Eu tirar os seus pecados.”*

Gostaria de ressaltar neste ponto algumas dificuldades que eu tenho e que não parecem preocupar os principais escritores futuristas:

a) Conversões pós-Arrebatamento

Independente de quando o arrebatamento se dará, me causa estranheza que se possa prever conversões após a realização do mesmo. Entre *Mateus 24:37 e 25:30*, Jesus fala a respeito da iminência de Seu retorno, advertindo os Seus servos para que estejam preparados, pois aqueles que não o estiverem, *“serão lançados fora, onde haverá choro e ranger de dentes”*. O texto não dá margem a uma segunda chance. No caso específico dos pré-tribulacionistas, que separam o arrebatamento da “Manifestação Gloriosa”, a conversão pós-arrebatamento é claramente prevista (/3/, pág. 58, por exemplo), incluindo a conversão da nação israelense;

b) Nascimento de Filhos no Reino Milenar

O profeta Isaías, ao tratar do Reino Milenar no capítulo 65, fala dos filhos que nascerão naquela era e que viverão, pelo menos, 100 anos (versículo 20). Ora, Jesus ao falar com os saduceus, disse a eles que “aqueles que chegarem à ressurreição dos mortos

não casam e nem se dão em casamento” (*Lucas 20:35*). Segue que a Igreja, já arrebatada a essa altura, tanto de acordo com os pré-tribulacionistas, como os pós, já terá corpos celestiais (*I Coríntios 15:52* e *I Tessalonicenses 4:13-18*), pelo que seus membros já não mais terão filhos. Segue que estes serão filhos da nação israelita ou dos gentios, que procurarão os israelitas de acordo com *Isaías 11:9-10*. Além disso, eles têm corpos físicos ainda não transformados.

Como sabemos que Satanás, solto ao final do milênio, vai arrebanhar um novo exército de não convertidos, segue que muitos desses gentios ou seus descendentes não serão convertidos, ao mesmo tempo em que isso abre a probabilidade para que muitos outros se convertam durante o milênio, o que sequer parecia uma possibilidade;

c) Convivência de Pessoas com Corpos Celestiais e Físicos

Um dos aspectos mais intrigantes desse Reino Milenar talvez seja tentar visualizar a convivência de pessoas de naturezas diferentes e que deveriam se tornar um só povo (*Efésios 2:16*). Tim LaHaye e Ice (*/3/*, pág. 71) apresentam uma declaração muito curiosa em relação ao Reino Milenar: “As condições físicas das pessoas mudarão drasticamente para melhor. As pessoas viverão por muito mais tempo e muitas enfermidades físicas e preocupações de saúde serão erradicadas (*Isaías 29:18* e *33:24*). A ausência de doenças e deformidades - juntamente com a maior longevidade - minimizarão as diferenças entre aqueles que ainda têm corpos mortais e aqueles que têm corpos ressurretos.”

Trata-se de uma declaração, no mínimo, ousada, porque sabemos muito pouco a respeito de nossos futuros corpos celestiais. Os exemplos que temos são apenas de anjos e do próprio Senhor Jesus Cristo, já que nós mortais só vamos recebê-los por ocasião do arrebatamento. Se pensarmos, por exemplo, no anjo que veio falar com Manoá para explicar a ele como cuidar de Sansão (*Juízes 13:9-21*), então estamos lidando com seres capazes de se materializar quando bem entendem, subir através de chamas de fogo e desaparecer sem deixar vestígios. Tentar entender mortais convivendo com espirituais é impossível com nosso atual conhecimento. É mais fácil admitir, por ora, que a Igreja em corpos celestiais estará reinando com Cristo, sem necessariamente interagir com israelitas e gentios mortais;

d) Construção do Templo Milenar e Restabelecimento dos Sacrifícios

Já vimos antes, no estudo das profecias de Ezequiel (item 3.5), que o profeta descreve, com detalhes, um templo a ser construído no Reino Milenar, aqueles que officiarão os sacrifícios e as ofertas a serem oferecidas pelos mesmos (*Ezequiel 40-46*). Este templo será o centro do culto da nação israelita restaurada, cujo príncipe será Davi (*Ezequiel 37:24-28*). Admitimos, anteriormente, que o propósito desse culto, exclusivamente para a nação israelita, será similar ao que tem a ceia para a Igreja hoje, ou seja, um memorial do sacrifício redimidor do Senhor Jesus Cristo.

Com relação ao fato de Davi reinar sobre eles, devemos reconhecer que ele foi arrebatado juntamente com a Igreja, pelo que terá, naquela ocasião, um corpo celestial, que obviamente reveste o seu reinado de alguma dificuldade, pelos “superpoderes” dos quais é dotado. Outra alternativa seria imaginar que Davi é, na realidade, apenas um descendente legal do mesmo.

As dificuldades citadas acima, nos mostram que não é fácil compatibilizar os eventos descritos no texto bíblico, mantidas todas as restrições entendidas pelo autor. É necessário, portanto, usar de alguma imaginação para fazer encaixar as peças do nosso quebra-cabeça apocalíptico. Essa é, sem dúvida a fase “tentativa e erro”, mencionada pelo autor no primeiro capítulo ao referir-se ao Apocalipse como um quebra cabeça tipo “puzzle”.

Parece necessário reconhecer que continuará a haver conversões após o arrebatamento da Igreja (veremos isso com mais detalhe ao discorrermos sobre o Reino Milenar) e, além disso, tendo em mente a nossa pergunta sobre a junção de Israel e da Igreja, tudo indica que esta só há de ocorrer nos “Novos Céus e Nova Terra”, ou seja, após o Milênio.

É interessante chegar à conclusão de que a chamada da Igreja é para um Reino celestial (com ascendência sobre Israel), ao passo que a de Israel é para um Reino terrestre, que terá a duração literal ou simbólica de 1.000 anos. Somente findo esse tempo é que se imagina que Israel seja transformada e receba corpos espirituais, para então entrar como parte da Igreja nos Novos Céus e Nova Terra.

6.0 - QUEM É O ANTICRISTO

6.1 - INFORMAÇÕES A RESPEITO DO ANTICRISTO

A palavra Anticristo é usada na Bíblia apenas três vezes e todas por João. Em *I João 2:18-22* ele lembra aos seus leitores que vem por aí um Anticristo específico, aquele dos tempos do fim, mas que já se tem manifestado entre eles muitos “anticristos”. É dessa forma que ele se refere a pessoas que eram membros de suas igrejas, mas que acabaram se afastando por defenderem a heresia de que Jesus não era o Cristo. Assim sendo, embora o ensino de João não seja a respeito do Anticristo dos tempos do fim, ele acaba nos informando que se trata de um personagem que nega a divindade de Jesus. Outro atributo do Anticristo é apresentado por João em *I João 4:3*, ao dizer que o espírito do Anticristo, que já está atuando no mundo, é aquele que nega a humanidade plena de Jesus Cristo. Vemos, portanto, que a Cristologia do *Credo dos Apóstolos* (*/29/*, pág. 257), que surgiu nos primeiros séculos do Cristianismo, já apresentava Jesus como Deus pleno e homem pleno, em total consonância com os ensinamentos de João. Esse último ensino de João acabou repetido em sua segunda epístola (*II João 7*), onde ele chama de “anticristos” todos os enganadores que negam que Jesus veio em carne.

6.2 - NOMES DO ANTICRISTO

Embora o nome Anticristo seja apresentado apenas nos textos mencionados no item 6.1 e, assim mesmo, somente por João, isso não significa que ele não fosse um personagem bem conhecido de outros autores bíblicos. La Haye e Hindson (*/6/*, pág. 50) apresentam uma lista de dez outros nomes pelo qual ele é referenciado ao longo da Bíblia. A tabela 6.2a apresenta essa mesma relação.

NOME	REFERÊNCIA BÍBLICA
Besta	<i>Apocalipse 13:1</i> → “E eu pus-me sobre a areia do mar, e vi subir do mar uma besta que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre os seus chifres dez diademas, e sobre as suas cabeças um nome de blasfêmia”.
Homem do pecado e filho da perdição	<i>II Tessalonicenses 2:3</i> → “Ninguém de maneira alguma vos engane; porque não será assim sem que antes venha a apostasia, e se manifeste o homem do pecado , o filho da perdição ”.
Iníquo (Homem sem Lei)	<i>II Tessalonicenses 2:8</i> → “E então será revelado o iníquo , a quem o Senhor desfará pelo assopro da Sua boca, e aniquilará pelo esplendor da Sua vinda”.
Abominação da Desolação	<i>Mateus 24:15</i> → “Quando, pois, virdes que a abominação da desolação , de que falou o profeta Daniel, está no lugar santo; quem lê, atenda”.
Ponta pequena (pequeno chifre)	<i>Daniel 7:8</i> → “Estando eu considerando as pontas, eis que entre elas subiu outra ponta pequena , diante da qual três das pontas primeiras foram arrancadas; e eis que nesta ponta havia olhos, como olhos de homem, e uma boca que falava grandiosamente”.
Rei (altivo)	<i>Daniel 8:23</i> → “Mas, no fim do seu reinado, quando os prevaricadores acabarem, se levantará um rei, feroz de cara , e será entendido em adivinhações”.
Príncipe que há de vir	<i>Daniel 9:26</i> → “E depois das sessenta e duas semanas será tirado o Messias, e não será mais: e o povo do príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será com uma inundação; e até ao fim haverá guerra: estão determinadas assolacões”.
Homem vil	<i>Daniel 11:21</i> → “Depois se levantará em seu lugar um homem vil , ao qual não tinham dado a dignidade real; mas ele virá caladamente, e tomará o reino com engano”.
Rei voluntarioso	<i>Daniel 11:36</i> → “E este rei fará conforme a sua vontade , e se levantará, e se engrandecerá sobre todo o deus; e contra o Deus dos deuses falará coisas maravilhosas, e será próspero, até que a ira se complete; porque aquilo que está determinado será feito”.
Pastor inútil (negligente)	<i>Zacarias 11:16-17</i> → “Porque, eis que levantarei um pastor na terra, que não visitará as que estão perecendo, não buscará a desgarrada, e não sarará a doente, nem apascentará a sã; mas comerá a carne da gorda, e lhe despedaçará as unhas. Ai do pastor inútil que abandona o rebanho; a espada cairá sobre o seu braço e sobre o seu olho direito; o seu braço completamente se secará e o seu olho direito completamente se escurecerá”.

Tabela 6.2a - Nomes do Anticristo na Bíblia

Como podemos ver, pelos nomes que o qualificam, o Anticristo será um homem de muitas facetas, com as quais enganará, igualmente, a muitos. *Daniel 11:21* nos informa que ele se apossará do reino de forma pacífica, mas através de intrigas. Em *Daniel*

11:36 somos informados que ele se exaltará acima de todos os deuses (assumindo o lugar de Deus) e pronunciará blasfêmias contra o Deus dos deuses (colocando-se em contraposição a Deus), conforme indicado pelo seu nome ANTICristo.

6.3 - ORIGEM DO ANTICRISTO

A origem do Anticristo foi prevista por Daniel como o líder de uma coalisão de dez nações que, de alguma forma, é representativa de Roma ou, melhor dito, do Império Romano (*Daniel 2:31-45* - os 10 dedos de ferro e barro). As referências feitas, tanto em *Daniel 7:19-28*, como em *Apocalipse 13:1-9*, falam desse Reino como uma coalisão de dez nações representadas por uma besta de 10 chifres.

Ao longo destes 2.000 anos de história, o Império Romano do lado Ocidental sucumbiu no ano 410 com a tomada de Roma pelos bárbaros, mas foi reeditado por Carlos Magno no ano 800, quando ele foi coroado imperador do Império Romano do Ocidente pelo papa Adriano. O mesmo título foi utilizado por vários séculos pelos imperadores alemães, que passaram a dominar o Império Romano do Ocidente. À luz da informação fornecida acima, o Anticristo poderia ser de origem italiana, francesa ou alemã, porque reis dessas três nações ocuparam a liderança do Império. Em 1804 esse mesmo império voltou a ser reeditado sob o domínio de Napoleão Bonaparte e no século XX por Hitler. Todos esses líderes, exceto Hitler, tiveram em comum o fato de terem reeditado, pela força, um império abrangendo os antigos países ocupados por Roma. O Anticristo, no entanto, há de fazê-lo por seu carisma, por seu gênio político, por sua capacidade administrativa, mas sem usar a força militar, a princípio. Devemos reconhecer que a tragédia da ascensão de Hitler se deu de forma semelhante àquela prevista para o Anticristo.

6.4 - IDENTIFICANDO O ANTICRISTO

Desde a segunda metade do primeiro século, quando João escreveu o livro de Apocalipse, tem havido inúmeras tentativas de identificar o Anticristo e, obviamente, igual número de falhas. É intuitivo que a Igreja primitiva olhasse para os imperadores romanos como prováveis candidatos. Nos séculos recentes, contudo, o papado tem sido o candidato predileto da Igreja Protestante /30/. No século XX a Igreja olhou para Hitler e alguns líderes da União Soviética como nomes bastante prováveis, mas todas essas previsões mostraram-se errôneas. A lição a ser aprendida aqui é que não convém cometer o mesmo erro e apontar esse ou aquele possível candidato. O que podemos e devemos fazer é ter em mente as suas principais características, para que saibamos reconhecê-lo quando efetivamente surgir no cenário político mundial.

É interessante lembrar que, segundo Paulo em *II Tessalonicenses 2:6*, a vinda do Anticristo tem sido impedida por algum poder divino (o Espírito Santo, o arcanjo Miguel ou talvez a própria Igreja), que ele já revelara aos tessalonicenses, mas que nós desconhecemos. Isso significa que nem mesmo Satanás, que será o mentor desse líder mundial, pode preparar o seu escolhido até que Deus remova o impedimento à sua manifestação. É, no mínimo, curioso pensar que as ações satânicas também dependem do trono do Altíssimo. Ao longo da história vimos, por vezes, Satanás se antecipando às ações divinas por serem previsíveis através de profecias. Um possível

exemplo disso seria a mortandade de seis milhões de judeus porque Satanás teria interpretado corretamente a profecia de *Oséias 6:1-2*, que aparentemente prevê o retorno do povo israelita à Terra Santa após dois milênios. Em outras ocasiões as medidas dele são de contra-ataque, como é o caso da contrarreforma no século XVI, pelo fato de não poder prever as correções de rumo que o Espírito Santo fez com relação à Igreja. Neste caso específico, ele nada pode fazer enquanto Deus não o permitir, portanto deve ter sempre um candidato preparado, a cada geração, aguardando o momento possível. Talvez, inclusive, seja essa uma das idéias de João ao nos informar que o espírito do Anticristo está no mundo desde a sua própria época (*João 4:3*).

À Igreja de Jesus Cristo cabe apenas estar atenta, quer seja para o arrebatamento (caso os pré-tribulacionistas estejam corretos), quer para a manifestação do Anticristo (caso os meso-tribulacionistas estejam certos), ou mesmo estar preparada para o sofrimento que acompanhará a grande tribulação (caso os pós-tribulacionistas tenham razão). São apresentadas a seguir, portanto, as principais características que a Bíblia registra para o personagem que vai encarar o papel de Anticristo, além, é claro, de sua origem, que já foi objeto de considerações no item 6.3:

a) Época da Manifestação do Anticristo

Somos informados, através das profecias de Daniel (ver item 3.2), que o surgimento do Anticristo se dará nos tempos do fim (*Daniel 8:19*). Mais especificamente o próprio Daniel nos diz, ainda, que sua apoteose como líder mundial se dará ao longo dos últimos sete anos da presente ordem mundial, ou seja, na semana 70 (*Daniel 9:27*);

b) Abrangência do Reino do Anticristo

João nos informa, em *Apocalipse 13:7*, que sua autoridade se estende a toda tribo, língua e nação. Não está totalmente clara a sequência em que isso se dará, mas sabemos que o seu reinado começa com uma associação de dez nações (*Apocalipse 17:12-13*);

c) Características Pessoais do Anticristo

Daniel fala dele como uma pessoa muito inteligente, persuasiva, mas também arrogante e que engana os seus liderados (*Daniel 7:20 e 8:24-25*);

d) Controle do Anticristo sobre a Economia

Seu rígido controle sobre a economia mundial fará com que obrigue a todos a receberem uma marca na mão direita ou na testa para que lhes seja permitido comprar ou vender. A marca em questão conterá o nome ou o número dele (*Apocalipse 13:16-17*);

e) Acordo de Israel com o Anticristo

Aparentemente ele terá sucesso em firmar um acordo com Israel e outros países, onde muitos outros falharam, no sentido de dar fim aos litígios do Oriente Médio (*Daniel 9:27*);

f) Quebra do Acordo e Invasão de Israel

O acordo em apreço terá duração de 7 anos, mas o Anticristo o romperá na metade do tempo, ou seja, em 3 anos e meio. Nesta ocasião ele mesmo invadirá Israel (*Daniel 9:27*);

g) Auto-deificação

Após o rompimento do acordo com Israel, a identidade do Anticristo já será totalmente conhecida, motivo pelo qual ele também dará a conhecer as suas verdadeiras aspirações. Entre outras coisas *“ele se exaltará acima de tudo que se chama Deus ou que se adora. Ele se assentará, como se Deus fosse, no templo de Deus, mostrando que ele é efetivamente Deus” (II Tessalonicenses 2:4)*.

Embora a Bíblia fale do Anticristo no período referente aos 7 anos da semana 70, é claro que este líder não surgirá de uma hora para outra, de modo que podemos olhar com atenção especial para políticos que se destaquem por seus feitos na área de pacificação, atraindo para si mesmos a admiração mundial. Devemos ter em mente que as conquistas políticas do Anticristo ocorrerão graças ao seu grande carisma e ao apreço que alcançará.

Cabe perguntar como será possível que as pessoas venham a aceitar o Anticristo e mesmo adorá-lo como se fosse o próprio Cristo. Bem, o apóstolo Paulo nos fornece uma boa “dica” no tocante a isso em *Tessalonicenses 2:9-12*: *“A esse cuja vinda é segundo a eficácia de Satanás, com todo o poder, sinais e prodígios de mentira, com todo o engano da injustiça para os que perecem, porque não receberam o amor da verdade para se salvarem. E por isso Deus lhes enviará a operação do erro, para que creiam na mentira; para que sejam julgados todos os que não creram na verdade, antes tiveram prazer na iniquidade”*.

Esse texto deixa claro que Satanás dará poder ao seu servo, o Anticristo, para fazer sinais e maravilhas, que enganarão aqueles que vão perecer, por não terem recebido “o amor da verdade”, para que pudessem se salvar. Assim sendo, Deus vai realmente cegá-los para que deem crédito às mentiras do Anticristo.

Obviamente fica a pergunta: que sinais serão esses e que tipo de mentiras o Anticristo vai contar?

Li recentemente um livro chamado “A Sedução do Cristianismo” /15/, no qual os autores se propõem a mostrar que o Cristianismo cristocêntrico, que prega a salvação pelo sacrifício substitutivo de Jesus na cruz do Calvário, está sendo minado por idéias oriundas de religiões orientais homocêntricas. Isso ocorre na medida em que vários grupos evangélicos passam a hospedar idéias que desembocam na deificação do homem. Dito dessa forma pode parecer incrível, mas na medida em que a fé ousada, que tanto agrada a Deus, cede lugar à confissão positiva (uma prática ou fórmula em lugar da verdadeira fé), à visualização espiritual e a outras tantas “técnicas” comuns também às religiões orientais e à Nova Era, então passamos a enxergar o Cristianismo “homocêntrico” que Satanás está tentando criar. Na medida em que todas as religiões convergem no aprimoramento do homem como ser espiritual que passa a exercer poderes divinos, então fica muito mais fácil criar uma religião mundial. Quando surgir um elemento do gênero humano que tiver dominado os poderes do espírito (mesmo que o faça com poderes de Satanás), esse elemento há de representar o alvo de todos que almejam conquistar poderes semelhantes. O Anticristo é exatamente esse

elemento, que vai encantar o mundo como primeiro homem a alcançar a deificação desejada.

Quanto à forma como isso vai ocorrer, temos um exemplo recente em Adolf Hitler, que nos mostra como um homem de inteligência abaixo da média, mas que se entregou totalmente ao Ocultismo, encantava multidões de alemães ao discursar sempre possuído por um espírito demoníaco /11/. A forma como esse homem planejou a morte de dez milhões de judeus e teve 60% de sucesso só pode ser entendida à luz do apoio que teve. Tão inacreditável quanto foi o apoio ou, pelo menos, o consentimento de governantes do mundo inteiro, dentre os quais cabe ressaltar Franklin Roosevelt (presidente dos USA) e Getúlio Vargas (presidente do Brasil), ambos os quais se recusaram a receber navios carregados de judeus em seus países, mandando-os de volta à Alemanha para serem sacrificados nos campos de concentração. Isso só pode ser alcançado mediante total cegueira espiritual operada por Satanás.

Aquilo que o mundo viu na época de Hitler há de ver novamente, em breve, na figura do Anticristo.

7.0 - MORTE, NOSSA ÚLTIMA INIMIGA

Fui convidado, certa vez, para assistir a uma palestra, proferida numa igreja católica romana por um pastor evangélico, sob o título: “Esperança”. Confesso que minha única motivação para comparecer foi a curiosidade relativa ao tipo de esperança a ser abordada pelo palestrante. Bem, a palestra versou sobre o aprimoramento do gênero humano como um todo, na medida em que este se tem proposto a aprender com os erros do passado, permitindo entrever, segundo o palestrante, dias gloriosos, cheios de esperança, para gerações futuras nos próximos séculos. Dificilmente eu poderia ter ficado mais decepcionado com a falta de objetividade do mensageiro e de sua mensagem. Não fui, contudo, o único a se decepcionar, pois levantou-se um senhor, quando foram facultadas perguntas, para indagar que esperança haveria para ele, que tinha mais poucos anos de expectativa de vida, sem saber o que lhe estava reservado depois da morte. Lamentavelmente o palestrante desconversou, deixando-o sem resposta.

Uma das chamadas perguntas existenciais mais comuns da humanidade é justamente aquela que lida com a existência da vida após a morte. Se, por um lado, a Bíblia esclarece tudo o que o homem precisa saber acerca da salvação em Cristo e da vida eterna com Deus, graças ao sacrifício vicário de Jesus e de Sua vitória sobre a morte, verdade é, por outro, que as Escrituras reconhecem, também, que a morte será o último inimigo nosso a ser destruído (*I Coríntios 15:26*), motivo pelo qual todos os homens lhe estão, ainda, sujeitos.

Assim sendo, mesmo no caso de pessoas que esperam em Cristo, é totalmente válido perguntarem o que vai acontecer com elas entre o instante em que fecharem os seus olhos aqui pela última vez e o dia em que Jesus retornar, quando receberão, cada uma, o seu novo corpo glorificado (*I Coríntios 15:51-55*). Infelizmente, contudo, a resposta igualmente válida não é tão fácil de ser encontrada.

Antes que possamos tentar obtê-la, em meio às poucas informações conclusivas que a Bíblia nos fornece, devemos esclarecer exatamente o que entendemos por morte. Entendemos que o homem é um ser triúno, que tem corpo, alma (mente + coração) e espírito. Além disso, cremos que o corpo e a alma deixam de existir na morte, enquanto o espírito vive para sempre, ou na presença de Deus (vida eterna em termos bíblicos) ou longe dela (perdição eterna). Conquanto a deterioração do corpo, voltando ao pó, tenha constatação trivial, a cessação de existência dos pensamentos tem sido objeto de disputa, principalmente pelos dicotomistas, ou seja, por aqueles que creem que o homem seja composto apenas de corpo e alma, sendo esta segunda sinônimo de espírito. Não cabe aqui entrar no mérito dessa discussão, mas lembramos que o autor de Hebreus nos informa que a Palavra de Deus é viva e eficaz e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, penetrando até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, sendo apta para discernir os pensamentos e os propósitos do coração (*Hebreus 4:12*), onde alma e espírito aparecem tão distintos quanto o são juntas ósseas e medulas, que ficam no seu interior.

Com relação à morte da alma, cabe citar o *Salmo 146:4*, que diz: “*Sai-lhes o espírito e eles tornam ao pó; nesse mesmo dia perecem todos os seus pensamentos*”. Além disso, Salomão nos fala em *Eclesiastes 9:5a*, que “*os vivos sabem que vão morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma*”. Resta, portanto, verificar o que se passa

com o espírito do homem, ou seja, o verdadeiro homem, no dia em que cessam de existir corpo e alma (apenas a título de esclarecimento para aqueles que acham que a alma é igualmente imortal, nada da discussão posterior aqui apresentada muda, caso isso seja verdade).

Antes de darmos prosseguimento, devemos insistir que a Bíblia não é muito explícita a esse respeito, motivo pelo qual há tanta divergência sobre o assunto. No presente estudo serão apresentados os principais textos correspondentes e procuraremos indicar as hipóteses mais prováveis sobre sua interpretação.

O primeiro texto a ser citado diz respeito ao rápido diálogo de Jesus com o ladrão arrependido da cena da crucificação (*Lucas 23:39-43*). Naquele contexto de morte inevitável, Jesus disse ao ladrão recém-convertido que, verdadeiramente, eles estariam juntos no paraíso naquele mesmo dia. Não resta dúvida, portanto, que a morte aqui na Terra determina a nossa presença imediata, em espírito, junto a Deus ou separado dEle.

Esta hipótese é corroborada pela parábola do rico e de Lázaro (*Lucas 16:19-31*), onde Lázaro foi direto para o seio de Abraão (linguagem figurada para o céu) e o rico para o lugar de tormento (inferno). Como informação adicional ficamos sabendo, nesta parábola, da impossibilidade de comunicação dos mortos (espíritos separados de Deus) com os vivos (espíritos na presença de Deus) após a morte.

Se tudo que dissemos até agora é correto, já que fomos estritamente bíblicos, permanece uma dúvida a ser esclarecida: o que é que vai ser ressuscitado quando Cristo vier buscar a Sua igreja? Espírito não deve ser, porque este já se encontra, previamente, no céu ou no inferno. Os principais textos bíblicos que podem esclarecer são fornecidos por Paulo em suas cartas, que veremos a seguir.

Confirmando o que foi dito acima, Paulo, escrevendo aos tessalonicenses, afirma que eles não devem se entristecer, como aqueles que não têm esperança, por causa dos que já dormem. Com relação a estes, ele diz que Jesus os trará consigo, quando de Sua vinda (*I Tessalonicenses 4:13-14*). Na continuação do mesmo texto ele diz ainda que estes mesmos, os que morreram em Cristo, ressuscitarão primeiro (*I Tessalonicenses 4:16*).

Ora, a única interpretação plausível para essa dupla informação é que os espíritos dos mortos em Cristo, não obstante gozarem da presença de Deus na glória, não possuem, ainda, o corpo incorruptível, que nos é prometido em *I Coríntios 15:52*.

Há pelo menos dois textos que parecem confirmar esta hipótese. O primeiro, bastante citado, encontra-se em *Apocalipse 6:9-11* e descreve uma situação que ocorre seguindo a abertura do 5º selo. Neste momento João diz ver as “almas” daqueles que foram mortos por causa da Palavra de Deus e o testemunho que sustentavam (a palavra alma foi colocada entre aspas, para chamar atenção, por ser uma das poucas vezes que ela aparece na Bíblia como sinônimo de espírito). Neste momento ele os vê reclamando da demora do juízo de Deus sobre aqueles que os haviam matado. É pedido que eles sejam pacientes até que se complete o número de seus conservos (daqueles que vão aceitar a Cristo), sendo dado a eles, aparentemente a título de consolo, vestiduras brancas. Isso nos dá a entender que eles estavam se queixando da

longa permanência sem corpo. O outro texto que nos fornece idéia similar é bem menos conhecido e se encontra em *II Coríntios 5:1-4*. Neste texto, que devemos reconhecer como sendo extremamente difícil de interpretar, Paulo parece falar de dois corpos: uma casa terrestre e, da parte de Deus, um edifício espiritual (ambos no versículo 1). Na continuidade do texto ele parece dizer que o ideal seria deixar um, passando imediatamente a ocupar o outro (versículo 2). Este versículo, interpretado à luz dos dois seguintes, sugere que Paulo gostaria mesmo era de estar vivo para a vinda de Jesus Cristo. Neste caso ele passaria direto do corpo corruptível (casa terrestre) para o incorruptível (edifício espiritual). O contrário, apresentado nos versículos 3 e 4, significaria permanecer nu ou despido entre a morte e a ressurreição.

Resumindo, não obstante as dificuldades do texto, parece lícito concluir que o homem morre e cessam a existência de corpo e alma, enquanto seu espírito continua a viver na presença de Deus ou privado dela. Está determinado, contudo, um dia em que Cristo voltará, trazendo consigo aqueles que dormiram confiando a Ele as suas vidas. A hipótese mais provável, neste caso, parece ser que ressuscitarão primeiro os corpos destes, em forma incorruptível, ocasião na qual passarão a ter corpo glorificado (ver também *I Coríntios 15:21-23*). Logo a seguir serão transformados os crentes em Jesus vivos, sendo, a seguir, arrebatados para encontrar o Senhor nos ares (*I Tessalonicenses 4:17*).

Cabe aqui ressaltar uma linha de autores (por exemplo, LaHaye e Hindson - /6/, pág. 17) que interpretam literalmente a parábola do rico e de Lázaro, aplicando-a a todos os que viveram no período abrangido pelo Velho Testamento. Resumindo, o “seio de Abraão” é um lugar real chamado “paraíso” ou “lugar de conforto” para onde foram todos os salvos do Velho Testamento e que é distinto do céu.

Por outro lado, o rico foi levado para o “local de tormento”, que é efetivamente o inferno. Ambos estes locais se encontrariam no Sheol ou Hades (lugar dos mortos), separados entre si por um abismo intransponível. A partir da consumação do sacrifício e ressurreição de Jesus Cristo, os salvos passaram a ir direto para o céu, enquanto os perdidos continuaram a ir para o inferno. Por ocasião de Sua ressurreição, Jesus teria dado uma “passadinha” no paraíso e levado Consigo para o céu os santos do Velho Testamento.

Finalmente, quando do juízo final, a morte e o inferno serão jogados no lago de fogo, que é o destino final de todos os perdidos.

Este autor é a favor de considerar a Bíblia tão literalmente quanto possível, mas tudo tem um limite. A Bíblia nos informa que Enoque andou com Deus e que Ele o tomou para Si (*Gênesis 5:24*) e Elias foi levado para o céu numa carroça de fogo num rodadoiro (*II Reis 2:11*). Se esses dois foram para o céu, por que os demais, salvos sob a primeira aliança, iriam para outro local? Além do mais, isso é fazer muito pouco caso da abrangência dessa aliança, fazendo dela um concerto capenga, deficiente para pagar pecados e ineficiente para salvar.

Por outro lado, entender a linguagem figurada de “jogar a morte e o inferno (hades) no lago de fogo” (*Apocalipse 20:15*) como sendo a consumação do inferno é exagerar, mais uma vez, a interpretação literal das Escrituras.

Um último aspecto relativo à morte e que não está ligado ao estudo do Apocalipse, a ser empreendido a seguir, diz respeito ao conhecimento do nosso espírito de todas as coisas que constavam dos bancos de memória de nossa mente. Estão implícitas nesta questão perguntas como: “será que em chegando ao céu vamos poder reconhecer os nossos familiares e amigos?” Digamos que este assunto está mais ligado à justificativa do fato da alma não mais ser necessária após a morte.

Sabemos, por experiência, que o nosso espírito tem informações privilegiadas que a nossa mente não possui, do que resultam, por vezes, os alertas que, não raramente, fazem com que mudemos nossos planos e, em casos extremos, até salvam nossas vidas. A dúvida aqui consiste em saber se a recíproca é verdadeira, ou seja, será que a mente sabe coisas que nosso espírito desconhece, fazendo com que estas informações se percam com a extinção daquela?

Essa dúvida é elucidada pelo apóstolo Paulo: “*Porque qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o seu próprio espírito que nele está? Assim também as coisas de Deus, ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus*” (I Coríntios 2:11). Fica claro, portanto, que o nosso espírito detém todas as informações que estão contidas em nossa mente, motivo pelo qual poderíamos concluir que ela se torna desnecessária após a morte.

8.0 - OS JUÍZOS DO PERÍODO APOCALÍPTICO

Uma das grandes dificuldades do estudo do período apocalíptico é identificar quais são e quando ocorrem os juízos do tempo do fim mencionados pela Bíblia. Em princípio podemos identificar dois com absoluta certeza, mas há muitos autores que defendem ainda a existência de um terceiro.

a) O Juízo de Cristo

Em ordem sequencial, o primeiro julgamento a se realizar, associado à volta de Jesus Cristo, é aquele citado por Paulo em *Romanos 14:10b* e em *II Coríntios 5:10* e que diz respeito à remuneração dos crentes, os quais a essa altura já terão sido arrebatados para encontrar com o Senhor nos ares, pelas obras que fizeram em prol do Reino de Deus durante o seu período de crentes em Jesus na Terra.

As obras em questão não são aquelas que nós nos dispomos a fazer em prol do Reino de Deus e, sim, aquelas que “... Deus preparou, de antemão, para que nelas andássemos” (*Efésios 2:10*).

Esse juízo é conhecido na literatura específica pela palavra grega “bema”, que significa simplesmente “assento de juízo”. Essa é a plataforma na qual se assentou Pilatos para julgar Jesus (*Mateus 27:19*) e também o local para onde Paulo foi levado em Corinto, perante o procônsul Gálio, para ser acusado pelos judeus (*Atos 18:12*). O uso desse mesmo termo para o juízo de Cristo é um conceito teológico, que estabelece que os cristãos são responsáveis perante o Senhor por seus atos e que, um dia, comparecerão diante dEle em juízo (*I/4*, pág. 967). A forma de avaliação desse juízo é descrita por Paulo em *I Coríntios 3:11-15*, conforme transcrito a seguir: “*Porque ninguém pode por outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo. E, se alguém sobre esse fundamento formar um edifício de ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha, a obra de cada um se manifestará; na verdade o dia a declarará, porque pelo fogo será descoberta, e o fogo provará qual seja a obra de cada um. Se a obra que alguém edificou nessa parte permanecer, esse receberá galardão. Se a obra de alguém se queimar, sofrerá detrimento; mas o tal será salvo, todavia como pelo fogo*”.

Vimos, então, que as obras que não forem queimadas como palha são aquelas que Deus preparou para que as realizássemos. Obviamente cabe a pergunta: como identificar aquelas que Deus preparou? A resposta está intimamente relacionada com a intenção com que lidamos com as oportunidades que a vida cristã nos apresenta. Na igreja local, por exemplo, posso ocupar um cargo e desempenhá-lo como um culto de amor ao Senhor, ou posso fazê-lo de modo a aparecer diante de meus irmãos como um crente de valor. No primeiro caso é uma obra que Deus preparou para o meu desempenho, enquanto no segundo é um ato de hipocrisia da minha parte, que obviamente não tem qualquer galardão. No meu trabalho, seja ele de alto funcionário da diretoria de uma empresa ou de zelador, cujas funções se limitam a lavar banheiros, a mim cabe desempenhá-lo “*como ao Senhor*” (*Efésios 6:7*).

Esse mesmo tipo de atitude se aplica a qualquer coisa que nos vem à mão para fazer. Devemos fazê-la “*com o melhor das nossas forças*” (*Eclesiastes 9:10*) e como oferta de amor ao nosso Deus.

Não obstante o que Jesus declarou em *Mateus 6:19-21*: “*Não ajunteis tesouros na Terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem e onde os ladrões minam e roubam; mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem e onde os ladrões não roubam. Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração*”, não se trata agora de “investir” no céu para assegurar o nosso “pé de meia” na eternidade. O galardão vem como uma consequência do nosso amor a Deus e não como uma motivação em si mesma.

Com relação à recompensa propriamente dita, a Bíblia se refere a ela em termos de uma coroa, que dá margem à idéia de prêmio e adorno, mas algumas parábolas de Jesus nos permitem pensar em autoridade conferida no Reino Milenar. Com relação à coroa ou coroas, há vários versículos bíblicos que se referem a diferentes tipos destas, todas a serem conferidas por ocasião do julgamento associado à volta de Jesus:

- Coroa Incorrúptível → Paulo nos fala dela como melhor recompensa a ser recebida pelo crente na sua corrida espiritual (*I Coríntios 9:25*);
- Coroa de Regozijo → novamente Paulo fala aos tessalonicenses que eles seriam essa coroa para ele quando comparecessem perante o Senhor Jesus na Sua vinda (*I Tessalonicenses 2:19*);
- Coroa de Justiça → essa, ainda segundo Paulo, é a que será recebida do Senhor Jesus por todos que amam a Sua vinda (*II Timóteo 4:8*);
- Coroa de Glória → esta, segundo Pedro, é aquela que receberão do Sumo Pastor todos os fiéis, quando de Sua vinda (*I Pedro 5:4*);
- Coroa da Vida → esta foi prometida pelo Senhor Jesus aos vencedores da Igreja de Esmirna, devido ao sofrimento a que seriam submetidos (*Apocalipse 2:10*).

Além do aspecto de recompensa, La Haye e Hindson (*/6/*, pág. 339) sugerem que estas coroas servirão de adorno para a noiva, preparando-se para as bodas do Cordeiro (*Apocalipse 19:7-8*).

A Bíblia nos fala da Igreja reinando com Cristo durante o Reino Milenar (*Apocalipse 20:4*). Associado a essa idéia, Jesus contou duas parábolas referentes a talentos dados a servos e que foram premiados em função de seu desempenho na administração dos mesmos. A primeira parábola, em *Mateus 25:14-30*, assemelha o Reino dos Céus a um senhor que viajou e confiou a três servos distintos 5, 2 e 1 talentos, de acordo com suas respectivas competências. O resultado mostrou o primeiro negociando de modo a produzir mais 5; o segundo obteve, de igual forma, mais 2; mas o terceiro nada fez com seu talento. A promessa de recompensa aos dois servos que se saíram bem foi de que “*reinariam sobre muitas coisas*”, dando a entender que os cargos no Reino Milenar seriam dados à Igreja em função de seu desempenho avaliado no Juízo de Cristo. A outra parábola, apresentada em *Lucas 19:11-26*, é similar e, mais uma vez, é dada autoridade aos servos fiéis.

b) O Juízo do Grande Trono Branco

Em ordem sequencial, esse seria o último juízo, pelo que é conhecido também como Juízo Final. Ele é apresentado aqui fora de ordem, por ser o segundo sobre o qual não há qualquer discussão, ocorrendo após o Reino Milenar. A melhor descrição que temos do mesmo é aquela que é fornecida em *Apocalipse 20:11-15*: “*E vi um grande trono branco e O que estava assentado sobre ele, de cuja presença fugiu a Terra e o céu; e não se achou lugar para eles. E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se os livros; e abriu-se outro livro, que é o da vida; e os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras. E deu o mar os mortos que nele havia; e a morte e o inferno deram os mortos que neles havia; e foram julgados cada um segundo as suas obras. E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo; esta é a segunda morte. E aquele que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo*”.

A idéia de Juízo Final abrange tanto o Velho como o Novo Testamento. Daniel viu o juízo no Velho Testamento (*Daniel 7:22*), por exemplo, enquanto o autor de Hebreus nos informa, no Novo Testamento, “*que é destinado ao homem morrer uma vez, vindo depois disso o juízo*” (*Hebreus 9:27*).

Chega ao final, com este evento, um bem arquitetado plano divino, segundo o qual Ele criou o homem, permitiu que ele se corrompesse com o pecado para que tivesse ciência do bem e do mal, pagou graciosamente, em Jesus, o preço de sua redenção para que, então, esse optasse, voluntariamente, por amá-IO e servi-IO. Aqueles que exerceram essa opção, bem como os que ainda vão fazê-lo, participarão de uma 1ª ressurreição e reinarão com Cristo por 1.000 anos (*Apocalipse 20:4*). Aqui neste ponto os pré e meso-tribulacionistas só consideram a ressurreição dos mártires do período da tribulação, pois a Igreja teria sido arrebatada antes. Todas essas coisas, que dizem respeito ao Milênio, serão discutidas no item 10.0.

A descrição desse juízo começa com João dizendo que viu um grande trono branco, bem como Aquele que sobre ele se assentava. No versículo 12 ele O identifica como Deus, mas sem especificar se é o Pai, o Filho ou ambos. Ele complementa a descrição, contudo, dizendo que Ele aterrorizava tanto Terra como céu, com os presentes procurando fugir de Sua presença, sem, contudo, consegui-lo. João nos informa, então, que diante dEle se encontravam mortos grandes e pequenos para serem julgados. Não houve menção de uma 2ª ressurreição, mas por associação com a primeira, que ocorreu antes do Milênio, somos levados a imaginar que terá acabado de ocorrer uma segunda e que dela participaram os “não-cristãos” de todos os tempos, que o versículo 5 nos disse, especificamente, que não participaram da primeira. É curioso, contudo, que João ainda se refira a eles como mortos. Isso nos sugere que se trata de uma ressurreição diferente, em que não ganharam um corpo vivo, ou havia algo neles que os identificava como espiritualmente mortos.

Não há qualquer referência a crentes em Jesus neste juízo, mas há um texto de Jesus no Sermão do Monte das Oliveiras (*Mateus 25: 31-46*) que também fala de um juízo, no qual estão presentes justos e injustos. Alguns autores creem tratar-se do mesmo juízo (/15/, pág. 447), enquanto outros afirmam ser aquele um outro evento (/13/, págs. 68-69). Este texto será discutido adiante.

Para efeito de realização deste julgamento, o critério de avaliação é o conteúdo de alguns livros que foram abertos, os quais descrevem as obras de cada um. Foram condenados ao inferno (“lago de fogo”), de acordo com suas obras, todos aqueles cujos nomes não foram encontrados no Livro da Vida. Depreende-se desta informação, contida nos versículos 13 e 15, que havia pessoas cujos nomes estavam no Livro da Vida e que faziam parte de outro grupo, cujas ações não foram avaliadas, mas essa informação foi omitida.

O versículo 14 nos diz que a Morte e o Hades foram lançados no inferno, o que aparentemente é apenas uma forma poética de dizer que a Morte simplesmente deixou de existir, conforme prometido: “*a morte é tragada na vitória*” (I Coríntios 15:54-56). Quanto ao inferno, sua população eterna agora está completa.

c) O Juízo das Nações

Esse juízo, caso efetivamente se constitua em um terceiro, deve se dar ao final da grande tribulação, após a vinda gloriosa do Senhor Jesus e antes do início do Reino Milenar. Teria como função definir as pessoas que hão de entrar no mesmo, dentre as quais estaria o remanescente de Israel e os gentios das demais nações, que não foram eliminados na Batalha de Armagedom, por não terem participado da mesma. O texto que descreve esse juízo seria justamente aquele mencionado acima e que faz parte do sermão pronunciado por Jesus para os Seus discípulos no Monte das Oliveiras. Cabe ressaltar que muitos teólogos entendem que o texto em apreço (Mateus 25:31-46) diz respeito ao Juízo Final e, neste caso, não se constituiria em outro juízo.

O texto em questão começa dizendo que “*quando o Filho do Homem vier em Sua glória, juntamente com Seus santos anjos, que Ele Se assentará no Seu trono de glória. Todas as nações se assentarão diante dEle ...*” (Mateus 25:31-32). O fato de Jesus não fazer menção do Milênio entre a Sua vinda e o juízo em apreço, faz com que muitos autores apocalípticos entendam ser este um juízo que antecede o Milênio, embora Jesus tampouco mencione o Milênio na continuidade do texto. Trata-se, obviamente, de mais uma incógnita do cronograma apocalíptico, cuja ocorrência só será conhecida no futuro.

Mesmo admitindo, contudo, que tal juízo efetivamente vá existir, há, ainda, um problema em relação ao mesmo, qual seja o critério segundo o qual as pessoas serão julgadas.

Antes disso, contudo, precisamos identificar quem está sendo julgado. A Igreja, a essa altura, já foi arrebatada, mesmo considerando a hipótese pós-tribulacional, que tem o arrebatamento mais tardio. A Bíblia nos informa que ela reinará com Cristo no Reino Milenar, mas não consta que participará interagindo com os seres ainda não glorificados. Esse grupo inclui, segundo qualquer dos critérios de arrebatamento, também aqueles que morreram durante a grande tribulação.

Aparentemente Israel já foi objeto do juízo associado à guerra de Armagedom. Isso significa que todos aqueles que falharam em reconhecer Jesus como Messias foram mortos, conforme previsto em Zacarias 13:8 (2/3 de toda a nação israelita). Restaram, então, somente os “judeus cristãos”, tanto em Israel como espalhados pelo mundo. Desta forma, esse grupo tampouco participará desse juízo. Convém ressaltar que a

conversão de Israel se dá após a volta de Jesus, pelo que o regime que se lhes aplica é distinto. Sobraram, portanto, para este juízo, apenas os gentios que não participaram da batalha de Armagedom.

Com relação, finalmente, ao conceito de julgamento, há teólogos que defendem aqui uma salvação em regime de exceção, onde o critério deixa de ser a graça associada ao sangue redimidor de Jesus Cristo, passando a ser as ações que as pessoas teriam tido em relação aos irmãos de Jesus, os israelitas, enquanto esses fugiam à perseguição empreendida pelo Anticristo (*Mateus 24:21-22*). É claro que esse critério é inaceitável, não apenas porque contraria o ponto central da Bíblia (salvação pela cruz), mas porque o próprio texto em apreço termina dizendo que “os justos irão para a vida eterna” (*Mateus 25:46*). Esse critério de exceção tem sido utilizado inclusive como alternativo à cruz de Jesus Cristo. Veja, por exemplo, o discurso da Madre Tereza de Calcutá no *Times Magazine* /16/.

Outro critério, bem mais aceitável, apresentado, por exemplo por Gaebhehin (/17/, pág. 519) e por France (/18/, págs. 354-355), sugere que os irmãos de Jesus seriam os Seus discípulos. Assim, a avaliação em questão seria conforme a aceitação ou rejeição dos mesmos, ou seja, da mensagem por eles pregada. Desta forma estarão entrando no Reino Milenar, juntamente com Israel, os gentios convertidos vivos por ocasião da instauração do mesmo. Essa interpretação é totalmente consistente com aquela apresentada pelo próprio Jesus em *Mateus 10:40-42*: “*Quem vos recebe, a Mim Me recebe; e quem Me recebe a Mim, recebe Aquele que Me enviou. Quem recebe um profeta na qualidade de profeta, receberá a recompensa de profeta; e quem recebe um justo na qualidade de justo, receberá a recompensa de justo. E aquele que der até mesmo um copo de água fresca a um destes pequeninos, na qualidade de discípulo, em verdade vos digo que de modo algum perderá a sua recompensa*”.

Independente do fato de haver ou não a necessidade de existir um juízo que impeça a entrada de não crentes no Reino Milenar, não há como deixar de reconhecer que o levante feito por Satanás, quando solto ao final desse período, será feito dentre os não convertidos que existirão nesta época. Somos forçados a reconhecer, portanto, que haverá dentre os filhos que nascerão, tanto aos israelitas como aos gentios do Reino Milenar, filhos que se converterão e outros que rejeitarão a salvação propiciada por Jesus Cristo. Esse problema será abordado quando estivermos falando do Reino Milenar.

9.0 - O PERÍODO DE TRIBULAÇÃO

9.1 - INFORMAÇÕES GERAIS

Uma grande parte do discurso de Jesus no Monte das Oliveiras é dedicado ao período apocalíptico de tribulação (*Mateus 24:4-28*, *Marcos 13:5-23* e *Lucas 21:8-24*). O texto de Mateus consagrou dois termos: “o princípio das dores” e “a grande tribulação” e que coletivamente passaram a ser conhecidos como “o período de tribulação”. Essa informação não se constituiu em nenhuma surpresa para os discípulos, pois os profetas do Velho Testamento já tinham feito várias advertências quanto a esse período, como podemos ver na tabela 9.1a. Esta contém, também, referências feitas a esse mesmo período por autores neotestamentários.

TEXTO BÍBLICO	REFERÊNCIA
<i>Deuteronômio 4:30</i>	A tribulação
<i>Deuteronômio 32:35</i>	O dia da calamidade de Israel
<i>Isaías 26:20</i>	A indignação
<i>Isaías 28:15, 18</i>	A morte
<i>Isaías 28:21</i>	A ira
<i>Isaías 34:8</i>	O dia da vingança
<i>Isaías 35:4</i>	A vingança
<i>Isaías 61:2</i>	O dia da vingança do nosso Deus
<i>Jeremias 30:7</i>	Tempo de angústia
<i>Daniel 9:27</i>	A assolação
<i>Daniel 11:36</i>	A ira
<i>Daniel 12:1</i>	A angústia
<i>Joel 2:2</i>	Dias de trevas e tristeza
<i>Amós 5:18, 20</i>	As trevas
<i>Obadias 12-14</i>	A angústia
<i>Sofonias 1:15-16</i>	A indignação
<i>Mateus 24:21</i>	A grande tribulação
<i>Mateus 24:29</i>	A tribulação
<i>Marcos 13: 19, 24</i>	A tribulação
<i>Lucas 21:20</i>	Desolação
<i>Lucas 21:22</i>	Dias de vingança
<i>I Tessalonicenses 1:10</i>	A ira vindoura
<i>I Tessalonicenses 5:2</i>	O dia do Senhor
<i>I Tessalonicenses 5:9</i>	A ira
<i>Apocalipse 2:22</i>	A grande tribulação
<i>Apocalipse 3:10</i>	A hora do juízo
<i>Apocalipse 7:14</i>	A grande tribulação
<i>Apocalipse 8:16-17</i>	O grande dia da ira do Cordeiro de Deus
<i>Apocalipse 11:18</i>	A ira
<i>Apocalipse 14:7</i>	A hora do julgamento
<i>Apocalipse 14:10, 19</i>	A ira de Deus
<i>Apocalipse 15:1, 7</i>	A ira de Deus
<i>Apocalipse 16:1</i>	A ira de Deus

Tabela 9.1a - Referências bíblicas ao período de tribulação

Embora a duração do período de tribulação tenha sido fixada, desde o Velho Testamento, em 7 anos (*Daniel 9:24-27*), a interpretação daquilo que o texto apocalíptico diz a respeito destes anos tem sido o mais diverso possível. Enquanto os futuristas acham “óbvio” que toda a descrição de *Apocalipse 6-19* se encaixe dentro desse período, por não ter havido nada ao longo da história que se assemelhe, os historicistas nomeiam eventos ocorridos ao longo dos últimos dois milênios que se encaixam “perfeitamente” nos fatos ali descritos.

Conforme já informado antes, a ênfase deste autor é futurista, pelo que se admitirá aqui que todo o período de tribulação se encontra ainda no futuro. Mesmo assim, não há como garantir que todos os eventos previstos para essa época, e que se encontram descritos na Bíblia, se encaixam dentro dos 7 anos.

Um exemplo claro disso é o surgimento do líder mundial, que posteriormente será reconhecido como o Anticristo. Daniel nos informa (*Daniel 7:24*) que o reino de onde surgirá o Anticristo é formado por uma associação de dez reis, dos quais três cederão seu lugar para o Anticristo. Depois disto, ele falará pomposamente contra o Altíssimo e perseguirá os Seus santos por 3,5 anos, que é a segunda metade da semana. Já em *Daniel 9:27*, somos informados que ele fará um acordo “com muitos” no início da semana, ou seja, 3,5 anos antes dele se virar contra os santos.

Fica claro, portanto, que o surgimento do Anticristo como líder da associação de 10 nações ocorrerá antes do início da semana e ele já será um líder mundial reconhecido no início da mesma. Como tal, e graças ao seu carisma, terá autoridade para negociar um acordo com Israel, os árabes e quem mais estiver envolvido na disputa à época e determinará uma paz de 7 anos, que vem sendo negociada desde 1948, quando Israel foi reconduzida à sua terra. Ao longo desses últimos 60 anos, houve três guerras e muitas escaramuças (algumas bem grandes, como a de 2006, com o Hezbollah) e inúmeros acordos, sempre quebrados. Não cabe aqui entrar em detalhes sobre o conflito entre árabes e judeus, mas, resumindo, podemos dizer que a única alternativa que satisfará os países árabes é a total extinção do Estado de Israel. Todos os acordos de devolução de terras que Israel está sendo pressionada a aceitar, visam apenas minar a defesa israelense e de forma alguma resolverão o problema. Além disso, já foi visto no item 3.5 que a terra prometida por Deus a Israel é muito maior que aquela ocupada hoje pelos israelenses.

A verdadeira intenção dos representantes de todos os muçulmanos foi expressa, claramente, pelo presidente Ahmadinejad (Irã) em seu discurso na ONU em nova Iorque em setembro de 2008, quando falou que estão chegando os dias em que o estado sionista será totalmente destruído.

Não obstante a existência desse estado de beligerância, o acordo supracitado, a ser obtido pelo Anticristo, dará a Israel uma falsa impressão de que a paz verdadeira finalmente foi alcançada. Além disso, o acordo permitirá aquilo que hoje parece totalmente impossível, qual seja, a reconstrução do templo no local onde hoje está erigido o Domo da Rocha (a mesquita de El Acsa, ao lado, situa-se onde ficava, à época de Jesus, o palácio de Herodes). Embora tal reconstrução não seja especificamente citada na Bíblia, fica subentendida, porque o Anticristo interromperá os

sacrifícios do templo no meio da semana (após 3,5 anos). Assim sendo, urge que o templo seja reconstruído e restaurados os sacrifícios, antes que sejam interrompidos.

Um resumo dos eventos abrangidos em *Apocalipse 6-19*, e que se referem ao período de tribulação, é apresentado na tabela 9.1b.

EVENTO	DESCRIÇÃO
Abertura do 1º Selo	<i>Apocalipse 6:1-2</i> apresenta um cavaleiro sentado num cavalo cuja missão é “sair vencendo para vencer”. Aparentemente se trata do início do reino do Anticristo (<i>Mateus 24:5</i>).
Abertura do 2º Selo	<i>Apocalipse 6:3-4</i> narra a abertura deste selo acompanhada por um cavaleiro num cavalo vermelho, cuja missão é promover guerra, assemelhando-se, assim, à previsão de Jesus acerca de guerras e rumores destas (<i>Mateus 24:6-7a</i>).
Abertura do 3º Selo	<i>Apocalipse 6:5-6</i> introduz um cavaleiro num cavalo preto, que parece lidar com o racionamento de alimentos, principalmente para os mais pobres. Isso condiz bem com a fome prevista por Jesus (<i>Mateus 24:7b</i>).
Abertura do 4º Selo	<i>Apocalipse 6:7-8</i> apresenta um cavaleiro num cavalo pálido ou amarelo, cujo nome será morte e cuja missão será matar 25% dos habitantes da Terra através de violência, pragas e fenômenos diversos, o que completa a lista de itens ao qual Jesus deu o nome de “Princípio das Dores”.
Abertura do 5º Selo	<i>Apocalipse 6:9-11</i> narra um evento diferente associado à abertura do 5º selo. João viu um altar, debaixo do qual estavam as almas daqueles que foram mortos por causa da Palavra de Deus e do seu testemunho. Foram dadas a eles roupas brancas e lhes foi pedido paciência até que se completasse o número de seus conservos mortos.
Abertura do 6º Selo	<i>Apocalipse 6:12-17</i> fala da abertura do 6º selo, que se faz acompanhar de um grande terremoto e dos sinais da natureza que caracterizam a volta gloriosa de Cristo (escurecimento do sol, a lua se tornando vermelha e o céu se enrolando como um pergaminho). Tudo indica que o pergaminho está sendo todo aberto e que seu conteúdo principal (trombetas e taças da ira) poderá, então, ser visto. Eventos associados à abertura dos selos parecem ocorrer em paralelo, pelo menos parcialmente, com os eventos das trombetas e das taças.
Intervalo para identificação e adoração	<i>Apocalipse 7</i> interrompe a abertura dos selos para marcar 144.000 pessoas (12.000 de cada uma das 12 tribos de Israel), o que, aparentemente, é um número simbólico da totalidade do remanescente de Israel, que reconhecerá seu Messias. Depois disso João viu em pé, diante do trono, uma multidão inumerável de todos os povos, línguas e nações vestidos de branco, dizendo que a “ <i>salvação pertence ao nosso Deus, que Se assenta no trono, e ao Cordeiro</i> ”. Todos os seres celestiais se juntaram, a seguir, em adoração. Estes seres, vestidos de branco, são identificados, por um dos anciãos, como aqueles que vieram da Grande Tribulação, tendo lavado suas vestes no sangue do Cordeiro.

Abertura do 7º Selo	<i>Apocalipse 8:1</i> nos informa da abertura do último selo, associado ao qual se fez meia hora de silêncio no céu. Com isso, o livro ficou totalmente aberto, deixando visíveis os juízos de Deus a serem derramados sobre a Terra.
Toque da 1ª Trombeta	<i>Apocalipse 8:2-7</i> apresenta os sete anjos que vão tocar suas trombetas, outro que trazia as orações dos santos e, finalmente, o toque da primeira trombeta. O juízo de Deus tem início com saraiva, fogo e sangue lançados do céu e que destroem a terça parte das árvores e de toda a erva verde.
Toque da 2ª Trombeta	<i>Apocalipse 8:8-9</i> nos informa que uma grande montanha (talvez um meteoro) caiu no mar contaminando 1/3 das águas salgadas, matando 1/3 dos peixes e afundando 1/3 das embarcações. Desta feita já há algumas mortes associadas ao afundamento dos navios, mas a mortandade há de se agravar.
Toque da 3ª Trombeta	<i>Apocalipse 8:10-11</i> traz o juízo de Deus sobre 1/3 da água potável do planeta, ao fazer com que uma estrela chamada Absinto caia sobre os rios. Em decorrência disso, há muitas mortes por envenenamento da água.
Toque da 4ª Trombeta	<i>Apocalipse 8:12</i> relata o escurecimento de 1/3 do sol, 1/3 da lua e 1/3 das estrelas. Neste momento João vê um anjo, que informa haver ainda três “ais” associados às três trombetas restantes (<i>Apocalipse 8:13</i>).
Toque da 5ª Trombeta	<i>Apocalipse 9:1-12</i> nos apresenta um anjo que recebeu a chave do abismo, de onde saiu muita fumaça e uma nuvem de gafanhotos, semelhantes àqueles descritos em <i>Joel 2:4-5</i> . Estes tinham esporas com as quais tiveram o poder de ferir todos os homens que tinham o sinal da Besta, causando-lhes grandes dores, mas sem matá-los por cinco meses. Como o sinal da Besta só foi introduzido após a manifestação do Anticristo, segue que as trombetas a partir da 5ª, pelo menos, não podem fazer parte dos primeiros 3,5 anos. “Foi-se o primeiro ‘ai’” (<i>Apocalipse 9:12</i>).
Toque da 6ª Trombeta	<i>Apocalipse 9:13-21</i> narra o toque da 6ª trombeta na qual quatro anjos, que estavam retidos junto ao Eufrates, foram liberados para comandar um exército de 200 milhões de soldados a cavalo, cuja missão era matar a terça parte da humanidade. Os cavaleiros tinham couraças vermelhas, azuis e amarelas, mas eram os cavalos que matavam as pessoas com o fogo, a fumaça e o enxofre, que lhes saía da boca. Também os rabos dos cavalos eram como cobras, cuja ponta era a cabeça, que igualmente feriam as pessoas. É claro que tamanha mortandade por parte de Deus tem a intenção de mostrar que Seu juízo é sério e só pode ser evitado mediante arrependimento e conversão a Jesus, mas a resposta dada pelos 2/3 que ficaram foi exatamente o contrário. Não se arrependeram do seu culto a demônios e ídolos, nem tampouco de seus atos de assassinato, feitiçaria, imoralidade sexual e roubos.
Intervalo dentro da 6ª Trombeta	O fim dos eventos associados à 6ª Trombeta só é declarado em <i>Apocalipse 11:14</i> , enquanto a narrativa de <i>Apocalipse 10:1 - 11:13</i> forma uma espécie de intervalo, no qual João descreve coisas que

	<p>estão se passando na Terra (lembrando que João havia sido chamado para subir ao céu - <i>Apocalipse 4:1</i>).</p> <p>a) Anjo forte com um pé na terra e outro no mar Esse anjo, com um livrinho aberto na mão, gritou com uma voz forte e foi respondido por sete trovões, mas João foi proibido de registrar o que disseram. O anjo foi instruído, contudo, no sentido de dar a João o livro para comer. Ele advertiu a João dizendo que o livro seria doce na sua boca, mas amargo ao ser digerido. Assim foi, mas foi dito a João, ainda, que ele deveria testemunhar novamente a respeito de muitos povos, nações, línguas e reis.</p> <p>b) Medidas do Templo João informa, em <i>Apocalipse 11:1-2</i>, que recebeu uma vara com a qual deveria medir o templo. Aparentemente se trata do templo a ser construído graças ao acordo de Israel com o Anticristo e onde voltarão a ser realizados os sacrifícios diários, suspensos desde o ano 70, quando o templo foi destruído pelos romanos. Curiosamente ele é instruído no sentido de não medir o pátio externo, pois esse seria pisado pelos gentios por 42 meses (3 anos e meio).</p> <p>c) As Duas Testemunhas <i>Apocalipse 11:3-12</i> fala de duas testemunhas que Deus há de enviar e que a Besta (o Anticristo) não conseguirá vencer até que completem a sua missão. Esta durará 1.260 dias ou 3,5 anos. A firmeza e integridade dessas testemunhas é descrita à luz de figuras do Velho Testamento que nos lembram Josué e Zorobabel, em primeira instância, e depois Elias e Moisés. Essas testemunhas terão poderes sobrenaturais com os quais se defenderão e impressionarão durante o período supracitado. Ao final do prazo designado, a Besta terá licença para vencê-las e matá-las. Esse fato será grandemente celebrado pelos povos da Terra, que apóiam a Besta. Eles deixarão seus corpos em exposição, mas serão surpreendidos com sua ressurreição ao terceiro dia e meio e mais aterrorizados ficarão quando subirem ao céu numa nuvem, atendendo a um convite de lá, que todos ouvirão.</p> <p>d) Terremoto Finalizando essa descrição, somos informados em <i>Apocalipse 11:13</i> que haverá um grande terremoto que matará 7.000 pessoas e destruirá 1/10 da cidade, que subentende-se ser Jerusalém, ocupada pelo Anticristo e suas tropas, já que o texto acabara de falar da cidade onde o Senhor das testemunhas fora crucificado (<i>Apocalipse 11:8</i>).</p>
Toque da 7ª Trombeta	<i>Apocalipse 11:15-19</i> nos apresenta o toque da 7ª trombeta e os eventos associados. João ouviu vozes no céu dizendo que os “ <i>Reinos da Terra viraram reinos do nosso Senhor e do Seu Cristo</i> ”. Os 24 anciãos passaram então a exaltar ao “ <i>Deus Todo-</i>

	<p><i>Poderoso, que era e é</i>". A tríplice saudação, que incluía o tempo futuro "será", já não é necessária, pois Ele assumiu o Seu grande poder e reina! É chegado o tempo de recompensa dos servos do Altíssimo. Embora essa trombeta se faça acompanhar por relâmpagos, estrondos, trovões, um terremoto e granizo, o verdadeiro conteúdo desta trombeta final é a ira de Deus a ser derramada sobre o trono da Besta através de sete flagelos narrados a partir do capítulo 15.</p>
<p>Intervalo para apresentação dos personagens principais da Grande Tribulação e antevisão do fim</p>	<p><i>Apocalipse 12-13</i> fornece uma espécie de apresentação dos principais personagens da segunda metade da semana apocalíptica, conhecida como a "Grande Tribulação". O texto principia com um grande sinal no céu, qual seja uma mulher vestida do sol com a lua sob seus pés e um diadema de estrelas.</p> <p><i>Apocalipse 12:2</i> continua informando que ela estava grávida de um filho que identificamos com o Messias no versículo 5, pois se trata do Filho que regerá as nações. No versículo 3 surge outro personagem, um dragão vermelho de sete cabeças, também com diademas e dez chifres. Este João indica, claramente, no versículo 9, tratar-se da velha serpente chamada Diabo ou Satanás. Somos informados, em <i>Apocalipse 12:4</i>, que o dragão tenta devorar o Filho, mas que Deus O arrebatou para o Seu trono (versículo 5). Qualquer dúvida que poderia haver em relação à identidade da mulher é elucidada no versículo 6, porque somos informados que ela foge para o deserto, onde Deus a alimentará por 1.260 dias. Trata-se, portanto, do remanescente de Israel. Irrompe, a seguir, guerra no céu, com Miguel e seus anjos expulsando as hostes satânicas. No restante do capítulo 12, o dragão falha, novamente, tentando destruir Israel e passa a fazer guerra aos "outros descendentes da mulher", que identificamos como sendo a Igreja gentílica, pois são <i>"aqueles que guardam os mandamentos de Deus e dão testemunho de Jesus Cristo"</i>.</p> <p>No capítulo 13 encontramos João na praia vendo surgir do mar (dentre povos, multidões, nações e línguas - <i>Apocalipse 17:15</i>) uma besta que, à semelhança de Satanás, tem sete cabeças e dez chifres. Uma dessas cabeças, mortalmente ferida, foi curada, de modo que a Besta maravilhou o mundo. Os habitantes da Terra passaram a adorar o Dragão e a Besta, que recebera dele autoridade e poder. Não há dúvida que se trata do Anticristo. Aparentemente ele fora mortalmente ferido, mas supera essa situação e assombra o mundo com sua recuperação.</p> <p><i>Apocalipse 13:6</i> nos informa de sua blasfêmia contra Deus, contra Seu Nome, contra Seu Tabernáculo e contra os céus. Na continuidade, ele recebe poder para fazer guerra contra os santos (a Igreja) e vencê-los. O Anticristo terá toda a autoridade sobre tribos, línguas e nações, ou seja, sobre aqueles cujos nomes não constam do Livro da Vida.</p>

	<p><i>Apocalipse 13:11-17</i> fala a respeito de uma segunda besta, uma espécie de sacerdote do Anticristo, que tem aspecto de cordeiro, mas fala como Satanás. Este personagem faz grandes sinais com poder satânico e estimula a adoração do Anticristo, em honra de quem é feita uma imagem, à qual ele dá vida, a ponto de matar aqueles que não adoram o Anticristo. Ele introduz, ainda, o sinal da Besta (666), exigido de todos para que possam comprar e vender.</p> <p>Finda a apresentação dos personagens citados nos capítulos 12 e 13, o capítulo 14 nos traz uma visão antecipada dos eventos que acompanham o fim. Em <i>Apocalipse 14:1-5</i> vemos, novamente, os 144.000 do remanescente de Israel em Jerusalém, no Monte de Sião, acompanhados do Cordeiro, cantando um cântico novo que aprenderam porque a essa altura (vencida a Batalha de Armagedom), eles já reconheceram e aceitaram a Jesus como seu Messias e passaram a fazer parte da Igreja, embora ainda não tenham se ajuntado à mesma. O versículo 4 diz que eles são as primícias de Israel (durante o Reino Milenar nascerão outros que O aceitarão).</p> <p>No versículo 6 João parece retroceder no tempo e vê um anjo dos céus pregando o Evangelho a toda nação, tribo, língua e povo. Sua mensagem adverte para a hora de juízo que se aproxima e a necessidade de temer o Senhor.</p> <p>No versículo 8 outro anjo anuncia a queda da Babilônia, sobre a qual mais será dito adiante, ao ser abordado o capítulo 17. Os versículos 9 a 11 apresentam um 3º anjo, cuja mensagem de advertência é específica aos adoradores da Besta, informando da natureza do juízo caso não se convertam.</p> <p>Finalmente, os versículos 14 a 20 falam a respeito de duas ceifas: a primeira, dos servos do Senhor que serão “colhidos” (versículos 15 e 16), enquanto a segunda é uma clara referência à matança dos demais.</p>
<p>Cerimônia que antecede o derramamento das sete taças</p>	<p>No capítulo 15 João vê, novamente no céu, sete anjos prontos para derramar sobre a Terra o conteúdo de sete taças, que correspondem à totalidade da ira de Deus sobre o pecado. Nesse momento parece haver uma espécie de cerimônia de abertura, na qual João vê um mar de vidro, onde se encontram todos os que tiveram vitória sobre a Besta e sua imagem. Estes cantavam o hino de Moisés e do Cordeiro, motivo pelo qual parece tratar-se de toda a Igreja arrebatada com servos, tanto do Velho como do Novo Testamento. A letra do canto é fornecida e inspirou alguns cantos que hoje entoamos para o louvor e a glória do Deus que nos redimiu. Logo a seguir os sete anjos recebem dos quatro seres viventes as respectivas taças e o templo celestial se enche da fumaça da glória e do poder de Deus, impedindo que qualquer pessoa o adentre antes que os anjos derramem suas taças sobre</p>

	a Terra.
Derramamento da 1ª Taça	<i>Apocalipse 16:2</i> nos fala que a 1ª taça da ira de Deus foi derramada sobre a Terra, resultando em feridas abertas e terríveis sobre os portadores da marca da Besta, ou seja, aqueles que adoraram a sua imagem.
Derramamento da 2ª Taça	A 2ª taça derramada sobre os mares (<i>Apocalipse 16:3</i>) resultou na transformação de toda a água salgada em sangue, bem como na morte da totalidade dos peixes ali contidos.
Derramamento da 3ª Taça	Os rios e as fontes de água foram o alvo da ira de Deus na 3ª taça (<i>Apocalipse 16:4</i>). O texto nos informa que toda a água potável dessas fontes também foi convertida em sangue. Embora não seja mencionada, fica implícita a morte da fauna de águas doces.
Derramamento da 4ª Taça	<i>Apocalipse 16:8-9</i> apresenta o alvo da 4ª taça, que atingiu o sol, fazendo com que este superaquecesse a Terra, produzindo queimaduras dolorosas nos servos da Besta.
Derramamento da 5ª Taça	A 5ª taça corresponde ao derramamento da ira de Deus diretamente sobre o trono da Besta. <i>Apocalipse 16:10-14</i> nos informa que seu reino foi mergulhado em trevas, causando agonia aos súditos do mesmo. Estes, em face das feridas e das dores das queimaduras, passaram a blasfemar do Deus do céu, ao invés de se arrependerem.
Derramamento da 6ª Taça	A 6ª taça difere das anteriores, pois tem como consequência o preparo da invasão de Israel através da secagem das águas do rio Eufrates (<i>Apocalipse 16:12-14</i>). Somos informados que mensageiros vindos do Anticristo e do seu profeta, fazendo sinais milagrosos, saem por todos os reinos angariando apoio para a invasão de Armagedom. Essa é a armadilha que Deus está preparando para o Anticristo.
Derramamento da 7ª Taça	A descrição das ocorrências associadas ao derramamento da última taça é feita em <i>Apocalipse 16:17-21</i> . João nos informa que a taça foi derramada no ar, produzindo barulhos, trovões e relâmpagos, seguidos do maior terremoto da existência da humanidade. O resultado levou à divisão da grande cidade em três partes. A grande cidade parece ser a “Grande Babilônia”, que foi destruída. Maiores informações a esse respeito são dadas adiante. Como resultado do terremoto, muitas ilhas parecem ter afundado, ao passo que montanhas foram arrasadas. Como se tudo isso não bastasse, Deus complementou essa taça com uma chuva de granizo de pedras extraordinariamente grandes, fazendo com que os homens blasfemassem, ao invés de se arrepender.
Visão da mulher sentada na Besta	No capítulo 17, João tem uma visão na qual um dos sete anjos portadores das taças da ira mostra a ele uma mulher sentada numa Besta escarlate que tinha sete cabeças e dez chifres. A mulher, vestida de púrpura e escarlate, estava adornada de jóias em ouro, pedras preciosas e pérolas, tendo na mão uma taça de ouro cheia de abominações e imundície de sua fornicação cometida com os reis da Terra. Na cabeça ela portava uma tiara, que dizia: “Mistério, Babilônia a Grande, a Mãe de todas as Prostitutas e das Abominações da Terra”. João ficou muito impressionado com a mulher, principalmente por estar bêbada por

	<p>ter ingerido o sangue dos mártires por Jesus. Diante disso, o anjo se dispôs a explicar algumas coisas referentes à Besta e à mulher. Com relação à Besta ele disse que esta “<i>era, no momento não é, mas que ascenderá do abismo para voltar a ser</i>”. Para efeito de identificação da mulher, suas sete cabeças são sete montes sobre os quais a Grande Babilônia, representada pela mulher, foi construída. Aparentemente, para identificação da Besta, as sete cabeças correspondem, também, a sete reis ou sete reinos, dos quais cinco já são passados, um é presente e um é futuro. O 7º terá pequena duração, mas ressurgirá, dando origem a um 8º, que é o da Besta. Seus dez chifres correspondem a dez reis ou reinos, que cederão seu poder à Besta, formando uma coligação, que o anjo informa, desde já, há de ser derrotada pelo Cordeiro, que é o Rei dos reis e Senhor dos senhores. Com relação à mulher, a informação é mais concisa. Trata-se de uma cidade que está assentada sobre muitas águas, representativas de povos, multidões, nações e línguas. Ela reina sobre os reis da Terra. No tocante à relação entre a mulher e a Besta, consta que os reis dos dez reinos vão odiá-la, fazendo com que a própria Besta se volte contra ela. A informação nos leva a associar a mulher com a cidade de Roma, mas alguns vão um pouco além e a identificam com o Vaticano /13/. Quanto à Besta, ela já foi objeto de considerações no item 6.4.</p>
<p>Destruição da Grande Babilônia e lamentos correspondentes</p>	<p>O capítulo 18 de Apocalipse é totalmente dedicado ao anúncio da destruição da Grande Babilônia, bem como aos lamentos dos reis, dos mercadores e dos marinheiros que transportavam seus produtos, todos entristecidos por sua própria perda associada à fatalidade que a ela sobreveio. O capítulo é concluído informando que foi achado nela o sangue de profetas e santos abatidos sobre a Terra.</p>
<p>As Bodas do Cordeiro</p>	<p>O capítulo 19 começa com o louvor à justiça de Deus no tocante ao Seu juízo exercido sobre a Grande Babilônia, mas já no versículo 7 o assunto passa a ser as Bodas do Cordeiro com a Sua Igreja. O versículo 8 nos informa que os atos de justiça dos santos são, na realidade, as roupas de linho fino com as quais a noiva está trajada. O anjo, então, comunica a João que benditos são aqueles que são convidados para a ceia de casamento do Cordeiro. Por estranho que possa parecer a maneira de expressar isso, os convidados em apreço são, na realidade, os próprios membros da Igreja, que é a noiva.</p>
<p>A Volta de Cristo</p>	<p><i>Apocalipse 19:11-21</i> narra, finalmente, a volta gloriosa do Senhor Jesus Cristo e Sua vitória sobre o Reino da Besta. Os versículos 11 a 16 narram o céu aberto para que apareça Aquele que é Fiel e verdadeiro montado em um cavalo branco. São descritas as Suas vestes e apresentado o exército que O acompanha composto de anjos e da Igreja. Sua arma é limitada a uma espada afiada que Lhe sai da boca, com a qual há de derrotar as nações. Somos informados que Ele há de ser o agente da ira do Deus Todo-Poderoso. A descrição termina dizendo que Ele porta no Seu manto e no Seu corpo o nome “Rei dos reis e Senhor dos</p>

	<p>senhores”. Nos versículos 17 e 18 Ele comanda as aves dos céus para que se preparem para uma grande ceia, qual seja comer as carnes do exército do Anticristo.</p> <p>Finalmente, nos versículos 19 a 21, o exército do Anticristo ataca, mas é derrotado. O Anticristo e seu falso profeta são jogados no inferno, enquanto o seu exército é morto, servindo efetivamente de ceia aos pássaros do céu.</p>
--	--

Tabela 9.1b - Eventos abrangidos pelo período de tribulação

9.2 - UM CRONOGRAMA GERAL DO PERÍODO DE TRIBULAÇÃO

A forma como estes eventos se encaixam dentro do cronograma apocalíptico de sete anos é extremamente difícil de definir, a não ser que se admita que o livro de Apocalipse seja absolutamente seqüencial. Assim sendo, como o Anticristo só é mencionado no capítulo 13, associado ao início da perseguição de Israel, após a abertura dos 7 selos e do tocar das 7 trombetas, segue que todos estes eventos devem estar inseridos nos primeiros 3,5 anos, ao passo que o restante (as taças da ira e a volta gloriosa de Cristo) ficariam para a segunda metade. Essa é a forma de interpretação apresentada, por exemplo, por La Haye e Ice (/3/, pág. 57). Na realidade, contudo, não há qualquer garantia de que as coisas sejam sequenciais, conforme apresentadas no texto. Trata-se de um pergaminho lacrado com sete selos e que não necessariamente estão um ao lado do outro no início do mesmo.

Pode ser, por exemplo, que estes selos estejam espaçados ao longo de todo o pergaminho e que o Cordeiro, que os abriu, o tenha feito de modo a ler primeiro todo o verso do documento, removendo os selos, para só depois voltar ao início (cabe lembrar que o rolo estava escrito dos dois lados - *Apocalipse 5:1*). Isso explicaria porque os sinais associados à abertura do 6º selo se parecem com aqueles previstos para a 2ª Vinda do Senhor Jesus.

Outro problema associado à interpretação sequencial é o fato de Deus estar derramando os Seus juízos associados aos selos e às trombetas antes do Anticristo efetivamente se manifestar como tal. Não que isso seja impossível, mas não parece condizer com os eventos de paz e segurança com os quais o mundo estará tão satisfeito.

Em vista do acima exposto, será adotado aqui um cronograma apocalíptico, conforme proposto na figura 9.2a. Cabe lembrar, contudo, que se trata apenas de uma proposta, mas que teremos que esperar a ocorrência dos fatos para confirmá-la. Além disso, a verdadeira seqüência, dentro do período de sete anos, não afeta muito a compreensão dos fatos. Isso se aplica tanto ao cronograma proposto aqui, como àquele adotado por muitos autores, qual seja, La Haye e Ice /3/, por exemplo.

TEXTO LIDO POR JOÃO NO VERSO DO ROLO À MEDIDA EM QUE SÃO ABERTOS OS SEUS SETE SELOS																					
1º SELO	2º SELO	3º SELO	4º SELO	5º SELO							6º SELO						7º SELO				
Cavalo branco: Representando o início do domínio do Anticristo	Cavalo Vermelho: Período de várias guerras e derramamento de sangue	Cavalo Preto: Período de escassez e fome	Cavalo Amarelo: Período de mortandade causada por pestilência	Tem início a perseguição do Anticristo a Israel e à Igreja. Os primeiros mártires sob o altar celestial perguntam até quando e recebem roupas brancas para vestir até que o número deles se complete							Há um grande terremoto e tem lugar o escurecimento do sol à medida em que a lua se torna vermelha e o céu se enrola como um pergaminho						Volta de Jesus Cristo precedida pela identificação do remanescente de Israel (144.000) e pelo conteúdo do 7º selo: trombetas e flagelos				
Princípio das dores = 3,5 anos = 1.260 dias				Período de Tribulação = 3,5 anos = 1.260 dias = conteúdo do 7º selo																	
EVENTOS CAPITAIS DESSE PERÍODO				Texto principal lido por João do lado interno do rolo																	
INÍCIO DA SEMANA	DURANTE OS PRIMEIROS 3,5 ANOS	NA METADE DA SEMANA	TROMBETAS							TAÇAS DA IRA DE DEUS (FLAGELOS)							A VOLTA DE CRISTO				
			1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º					
Surge no cenário internacional uma figura carismática que passa a liderar uma coligação de dez nações. Ele usa do seu carisma para conseguir um acordo de paz entre árabes e israelenses, cuja duração prevista é de sete anos	Durante o período inicial de 3,5 anos é facultado a Israel reconstruir o seu templo no monte sagrado e reinstaurar os sacrifícios previstos na Lei Mosaica.	Crescem os sentimentos antissemitas e ao final dos 3,5 anos o próprio líder da coligação de 10 anos rompe o acordo e invade Israel. Ele ocupa e profana o templo declarando-se Deus. Fica patente, então, que se trata do Anticristo.	Saraiva, fogo e sangue são lançados do céu. É destruída a terça parte das árvores e de toda a erva verde.	Uma grande montanha é lançada nos mares, destruindo 1/3 da fauna marinha e afundando 1/3 das embarcações.	Uma estrela de nome Absinto cai nos rios liquidando 1/3 da água potável e causando muitas mortes.	É apagada 1/3 da luz do sol, da lua e das estrelas.	Ocorre uma praga de gafanhotos com esporas que causam grandes dores, por 5 meses, àqueles que têm o sinal da Besta.	Um grande exército comandado por anjos mata 1/3 da humanidade. Espera-se o arrendimento do remanescente, que não ocorre.	Os céus celebram a proximidade do fim, enquanto relâmpagos, estrondos, trovões, um terremoto e granizo pronunciam o derramamento da ira de Deus através dos sete flagelos.	Brotam feridas abertas e terríveis nos portadores da marca da Besta.	As águas dos mares viram sangue e morrem todos os peixes dos oceanos.	Toda a água potável dos rios e das fontes se transforma em sangue e morre toda a fauna correspondente.	O sol superaquece, causando queimaduras nos servos da Besta.	Formam-se trevas no trono da Besta, com seus servos blasfemando devido à dor das feridas e das queimaduras.	Deus permite que as tropas da Besta façam sinais que convencem as nações a se juntar para a batalha de Armagedom.	Barulhos, trovões, relâmpagos e o maior de todos os terremotos destroem a Grande Babilônia, ilhas afundam, montes são arrasados e chuvas de granizo fecham os flagelos.	Tem início a batalha de Armagedom	Arrebatamento da Igreja ou dos convertidos da Grande Tribulação	Bodas do Cordeiro	Retorno de Cristo com a Igreja	O Anticristo é destruído e Satanás preso
<p>Informações fornecidas entre a 6ª e 7ª trombetas (fatos que cobrem toda a semana):</p> <ul style="list-style-type: none"> - João entende que sua mensagem deve ser profetizada a muitos povos, nações, línguas e reis - Ele recebe, também, uma vara com a qual deve medir um templo, que deve ser aquele erigido durante a primeira metade da semana apocalíptica, pois será profanado pelos gentios durante toda a segunda metade; - Durante esse mesmo período Deus envia duas testemunhas que profetizam contra o trono da Besta; - Um terremoto destrói parte da cidade de Jerusalém. 									<p>Informações a respeito dos personagens importantes da tribulação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Mulher vestida do sol, com a lua sob seus pés e estrelas na cabeça: Israel; - Filho dessa mulher: Jesus, o Messias; - Dragão vermelho de sete cabeças com diademas e dez chifres: Satanás; - Outros descendentes da mulher: A Igreja de Jesus Cristo; - Besta com sete cabeças e dez chifres cuja ferida mortal foi sarada: o Anticristo; - Segunda Besta, que faz o papel de sacerdote da primeira: preposto do Anticristo. 												

Figura 9.2a - Cronograma proposto para *Apocalipse 6-19*

A sequência dos eventos obviamente principia antes da semana apocalíptica da figura 9.2a, com a formação do reino do Anticristo. Tanto *Daniel 7:7* quanto *Apocalipse 17:12* nos falam de uma associação de dez reinos, dando origem ao reino em apreço. Apenas Daniel, contudo, diz que três dos dez reis serão diretamente substituídos pelo rei de “fala pomposa”. Se isso se dará por guerra ou por simples influência não está claro, mas a admiração pela figura do Anticristo será tão abrangente que os sete demais simplesmente delegarão a ele o seu poder, de modo que ele será o mandatário de uma associação de dez nações. É provável que tudo isso se dê ainda antes da semana apocalíptica.

O evento que dá início ao período apocalíptico de sete semanas será um Tratado de Paz, cuja viabilização se dará por influência do Anticristo e que provavelmente dirá respeito à disputa entre Israel e os países árabes, relativa à situação dos palestinos. O surpreendente desfecho dessa negociação incluirá aquilo que vem sendo buscado há 60 anos: paz!

Os árabes não só reconhecerão o Estado de Israel (condição absolutamente necessária para que haja qualquer tipo de paz), como permitirão que seja reconstruído o templo para adoração em Jerusalém, onde hoje se encontra hoje o Domo da Rocha.

De acordo com os pré-tribulacionistas, o arrebatamento da Igreja se daria antes da assinatura desse tratado. Dando um pouco de asas à imaginação, alguns autores têm sugerido que o sumiço repentino de centenas de milhões de pessoas, incluindo os salvos e as crianças que não chegaram à idade da razão, será motivo de uma verdadeira comoção mundial. Nessa ocasião o Anticristo conquistará a simpatia mundial por não só explicar de forma convincente (mas mentirosa) o ocorrido, como também propondo soluções para trazê-los de volta.

Durante os primeiros 3,5 anos seguintes ao Tratado, o reino do Anticristo se consolidaria, mas haveria, também, guerras, fome, pestes e fenômenos naturais, como terremotos, conforme previstos por Jesus no que Ele chamou de “princípio das dores”.

Na metade da semana, ou seja, após 3,5 anos, decorridos desde a assinatura do Tratado, este é rompido unilateralmente pelo Anticristo, que interromperá, mais uma vez, os sacrifícios diários que haviam sido retomados no templo recém-reconstruído (*Daniel 9:27*). Ele se autoglorificará, exaltando-se sobre todo deus e falará blasfêmias contra o Altíssimo (*Daniel 11:36*). Além disso, passará a perseguir tanto Israel como os servos de Jesus (*Daniel 7:25; Apocalipse 12:14-17*). Obviamente isso criará, também, problemas entre o Anticristo e a Grande Babilônia (possivelmente o Vaticano). Os associados do Anticristo passarão a perseguir a mulher que outrora dirigia a Besta (figura que representa a Grande Babilônia) e acabarão por destruí-la (*Apocalipse 17:16*). Tão logo a verdadeira identidade do Anticristo, como Besta a serviço de Satanás, se torne conhecida, tem lugar o arrebatamento da Igreja, de acordo com os meso-tribulacionistas.

Começam a chegar ao céu, então, os santos martirizados durante a Grande Tribulação e tem lugar aquilo que se passa associado à abertura do 5º selo (*Apocalipse 6:9-11*). Simultaneamente tem início o juízo de Deus, primeiro através das sete trombetas e depois, de forma mais severa, através das sete taças de Sua ira. Desenha-se uma vitória retumbante do Anticristo, que mata 2/3 dos habitantes de Israel, enquanto o

terço remanescente se refugia na Jordânia atual. Exatamente neste momento altera-se completamente o cenário com a Volta Gloriosa de Jesus Cristo. De acordo com os pós-tribulacionistas, a Igreja se encontra com Ele nos ares e retorna a seguir com Ele, Seus anjos e demais santos à Terra, onde o Rei dos reis e Senhor dos senhores derrota o Anticristo e o seu exército apenas com a Sua Palavra. Para pré e meso-tribulacionistas, a Igreja já se encontraria no céu, pelo que apenas retorna com Cristo. O Anticristo e seu profeta são lançados no inferno, enquanto todo o seu exército é morto.

Finalmente João contempla a celebração de Jesus com o remanescente de Israel no Monte de Sião (*Apocalipse 14:1*).

10.0 - O REINO MILENAR

O Reino de Deus entre os homens na Terra é um assunto mencionado inúmeras vezes ao longo do Velho e do Novo Testamento. *Isaías 66:22*, inclusive, nos dá a idéia de tratar-se de um período de transição ao falar de “novos céus e nova Terra” a serem criados posteriormente, mas nenhum texto apresenta isso de forma tão esclarecedora como os primeiros 10 versículos do capítulo 20 de Apocalipse. Somos informados ali seis vezes, em seis versículos seguidos (2 a 7), que a duração desse reino é de 1.000 anos. Dentre aqueles que gostam de números, considerar essa cifra de forma literal é um ‘prato cheio’. Sejam, por exemplo, 2.000 anos de ausência da lei, 2.000 anos do concerto de Deus com Israel, 2.000 anos com Deus lidando com a Igreja e, admitindo a iminência da volta de Cristo, fechando a semana, um milênio de descanso no Reino de Cristo na Terra. Embora essa idéia seja tentadora, não há qualquer certeza de que 1.000 anos seja uma duração literal.

Seja como for, é interessante revermos aqui o que a Bíblia tem para nos dizer a respeito desse Reino. A tabela 10a apresenta alguns dos principais textos.

TEXTO	DESCRIÇÃO
<i>Salmos 2:6-8</i>	Neste texto Deus Pai declara que colocou como Rei no Monte de Sião (Jerusalém) o Filho que gerou no dia da ressurreição de Jesus Cristo (<i>Atos 13:33</i>). A Esse Ele declara que dará as nações por herança e os confins da Terra por possessão.
<i>Isaías 2:2-4</i>	Este texto contém as palavras que temos cantado em nossos cultos: “ <i>Vinde e subamos hoje ao Monte do Senhor, à Casa do Deus de Jacó, que nos ensina Seus caminhos, andando em Suas veredas, pois de Sião virá a Lei e a Palavra do Senhor de Jerusalém</i> ”. Neste texto somos igualmente informados que será um reino de paz (versículo 4).
<i>Isaías 11:1-12</i>	Aqui o texto fala da Vara que brotará da raiz de Jessé, sobre a qual repousará a plenitude do Espírito de Deus. Ele regerá um reino no qual animais ferozes pastarão com animais domésticos, onde crianças brincarão com serpentes e onde o Conhecimento do Senhor encherá a Terra, como as águas cobrem o mar. Nessa época, pela segunda vez, Deus ajuntará o Seu povo Israel na sua terra.
<i>Isaías 65:7-25</i>	Tanto neste texto quanto no próximo (<i>Isaías 66:22-24</i>), o profeta fala a respeito de novos céus e nova Terra, mas a descrição em apreço em nada corresponde à de <i>Apocalipse 21 e 22</i> . Assim sendo, tudo indica que Isaías continua a falar do Reino Milenar. O principal indicativo disso reside no fato de que Israel, no texto, segue sendo um povo de carne e osso, ao qual foi dado longevidade, mas não imortalidade. Seu trabalho é abençoado pelo Senhor, assim como também os seus descendentes. Todos gozam do favor de um Deus de perto (versículo 24) e é reiterada a condição dócil dos animais selvagens e répteis peçonhentos.
<i>Isaías 66:22-24</i>	Isaías reitera aqui o restabelecimento do culto cerimonial mosaico, aparentemente com o mesmo significado que a ceia tem para a Igreja.

<i>Jeremias 31:1-14</i>	Este texto fala do restabelecimento de Israel no período após a destruição deixada pela Batalha de Armagedom. “O povo que sobreviveu à espada encontrou graça no deserto - Israel, quando lhe dei descanso” (versículo 2). No versículo 8 o profeta fala novamente do ajuntamento por vir e nos versículos 13 e 14 ele reitera o regozijo do povo com a bondade do Senhor. Chega para Israel o tempo da graça!
<i>Jeremias 31:27-40</i>	Jeremias agora fala a Israel como nação única (Israel + Judá) sobre a Nova Aliança, da qual a Igreja já usufrui há 2.000 anos. Após Armagedom ela se torna uma realidade para o remanescente do povo de Deus. Nos versículos 35 e 36 Deus reitera que, enquanto durarem o sol, a lua e as estrelas, também Israel continuará a ser uma nação diante dEle.
<i>Ezequiel 34:22-31</i>	Deus usa Ezequiel para dizer aqui que salvará o Seu rebanho, sobre o qual estabelecerá Davi como pastor (versículo 23). Ele fará com que os animais selvagens deixem de sê-lo (versículo 25) e derramará sobre eles “chuvas de bênçãos”. Nunca mais Seu povo será escravizado ou sofrerá fome. Israel saberá que o Senhor é o seu Deus.
<i>Ezequiel 36:24-30</i>	Ezequiel apresenta aqui uma versão mais detalhada da Nova Aliança, já citada por Jeremias.
<i>Ezequiel 37:9-10</i>	Esta é a 2ª parte, ainda por se cumprir, da profecia de Ezequiel relativa ao vale de ossos secos. Trata-se do derramamento do Espírito de Deus sobre o remanescente do povo de Israel, que há de reconhecer o seu Messias Jesus Cristo.
<i>Ezequiel 40-46</i>	Esses capítulos proveem uma descrição completa e as medidas correspondentes do templo a ser construído em Jerusalém no Reino Milenar. Pelas dimensões do muro que o circunscreve: 1,5km x 1,5km, vê-se que o espaço disponível no Monte do Templo é insuficiente. Obviamente a destruição causada pela Batalha de Armagedom vai abrir espaços naquele local.
<i>Ezequiel 47:1-12</i>	Este texto descreve o Rio de Águas Vivas que flui a partir da entrada da face leste do templo.
<i>Ezequiel 47:13-23</i>	Ezequiel descreve aqui os limites da terra de Israel no Reino Milenar, que concedem ao povo de Israel muito mais espaço do que tem hoje (ver figura 3.5b).
<i>Ezequiel 48</i>	Neste capítulo Ezequiel descreve a subdivisão da terra pelas tribos no Reino Milenar.
<i>Daniel 7:13-14</i>	Nestes versículos Daniel tem uma visão da 2ª Vinda Gloriosa do Senhor Jesus Cristo, a Quem é dado domínio, glória e um Reino ao qual servem todos os povos, nações e línguas e cuja duração é para todo o sempre.
<i>Joel 2:21-27</i>	Joel vê aqui a restauração, no Reino Milenar, de tudo que as diversas nuvens de gafanhotos haviam tirado de Israel, em função de sua idolatria. O povo reconhecerá que só o Senhor é Deus e não há nenhum outro.
<i>Amós 9:11-15</i>	Amós profetiza a respeito de um dia em que o tabernáculo de Davi será reerguido. Será um tempo de abundância, no qual o Senhor trará de volta os cativos e nunca mais serão removidos da terra que Ele lhes deu.

<i>Miquéias 4:1-8</i>	Esse texto de Miquéias fala dos últimos dias, quando a montanha da Casa do Senhor será estabelecida no topo das colinas. Isso parece indicar que a montanha outrora existente para essa finalidade terá sido arrasada e agora uma nova e maior abrangerá o cume de diversas colinas. O versículo 2 repete as palavras de <i>Isaías 2:3</i> , conclamando o povo à adoração do Deus de Jacó. O Senhor fará com que cesse a guerra e todos andem em Seus caminhos. Ele mesmo reinará sobre eles em Jerusalém.
<i>Sofonias 3: 9-20</i>	Mais uma vez o profeta fala de um tempo em que Deus trará Seu povo de volta a Jerusalém, onde não mais pecarão contra Ele. A filha de Sião é conclamada a cantar, Israel a gritar e a filha de Jerusalém a regozijar-se de todo o coração, pois o Rei de Israel, o Senhor, está no meio deles.
<i>Zacarias 13:8-9</i>	Zacarias fala de um tempo de juízo sobre Israel, quando 2/3 do povo será morto, mas o 1/3 remanescente Ele refinará e eles clamarão a Ele, que os responderá, dizendo: “ <i>Este é o Meu povo</i> ”, ao que cada um dirá: “ <i>O Senhor é o meu Deus</i> ”.
<i>Mateus 26:29</i> <i>Marcos 14:25</i> <i>Lucas 22:18</i>	Nestes versículos paralelos Jesus ministra a ceia aos Seus discípulos ao estabelecer a Nova Aliança e diz que só voltará a tomá-la com eles no Reino de Deus.
<i>I Coríntios 6:9-11</i>	Paulo neste texto alerta os coríntios para o fato de que os injustos não herdarão o Reino de Deus, ou seja, nele não entrarão os fornicadores, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os homossexuais, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os cobiçosos, nem os bêbados etc., mas somente aqueles que foram lavados, santificados e justificados no Nome de Jesus pela atuação do Espírito Santo.

Tabela 10a - Principais textos bíblicos relativos ao Reino Milenar

Apesar de todos estes textos indicarem um reino futuro de paz e segurança para Israel, a informação neles contida apenas complementa, conforme ressaltado acima, aquilo que lemos a respeito desse reino no capítulo 20 de Apocalipse. É muito interessante, contudo, que embora todos eles falem de um reino para o povo de Israel, João sequer menciona Israel. Pelo contrário, ele fala daqueles que ressuscitaram e sobre os quais não tem poder a segunda morte, ou seja, a Igreja. Estes, todavia, já receberam corpos glorificados e não se encaixam na descrição de *Isaías*, onde os cidadãos do Reino em apreço terão filhos e viverão por muito tempo, mas morrerão. Temos, portanto, uma dualidade com a qual não podemos deixar de lidar.

Sabemos, por um lado, que o próprio texto de Apocalipse 20 diz que a Igreja reinará com Cristo por mil anos. Reforçando essa idéia, Jesus prometera a Seus discípulos que eles reinariam com Ele e que julgariam as doze tribos de Israel:

“Ao que lhes disse Jesus: Em verdade vos digo a vós que Me seguistes, que na regeneração, quando o Filho do homem Se assentar no trono da Sua glória, sentar-vos-eis também vós sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel” (Mateus 19:28).

Ora, se Jesus nos informa que os discípulos, membros da Igreja, reinariam sobre Israel, segue que os dois grupos interagem de alguma forma no Reino Milenar. Sabemos, também, por outro lado, que os Filhos de Israel que escaparão da destruição que resultará da Batalha de Armagedom (*Zacarias 13:8*), bem como da morte imposta à grande maioria de seus irmãos, são aqueles que terão reconhecido Jesus como seu Messias (*Zacarias 12:10*). Juntamente com eles adentrarão o Reino Milenar, em carne e osso, também os gentios que tiverem se convertido durante a grande tribulação e que não tiverem sido mortos pelo Anticristo (*Zacarias 14:16*).

Segue, portanto, que tanto a Igreja, com corpos glorificados, como Israel, em carne e osso, estarão presentes no Reino Milenar, com algum tipo de ascendência do primeiro sobre o segundo, mas não há como saber se esses dois povos, em condições tão diferentes, terão algum tipo de convivência direta. A Bíblia simplesmente não o diz e não cabe aqui especular a esse respeito.

11.0 - NOVOS CÉUS E NOVA TERRA

11.1 - AS ORDENS MUNDIAIS

A criação que a Bíblia descreve nos capítulos 1 e 2 de Gênesis corresponde a uma primeira ordem mundial, que foi destruída pelo dilúvio, conforme ressaltado em *II Pedro 3:5-6*. A segunda, qual seja, a presente, tem igualmente a sua destruição prevista, só que desta vez pelo fogo, conforme, mais uma vez, descrito por Pedro (*II Pedro 3:7-13*). Para o estabelecimento do Reino Milenar Deus há de restaurar céus e terra, dando origem ao que podemos chamar de terceira ordem mundial. Aparentemente é a essa ordem mundial a que a Bíblia se refere em *Isaías 65:17-20*.

Passado o Milênio, contudo, Satanás será solto novamente e promoverá a sua última rebelião contra o trono do Altíssimo. Embora ele seja definitivamente derrotado e lançado no lago de fogo, é evidente que a terceira ordem mundial ficará comprometida, pelo que Deus criará uma quarta e permanente ordem mundial, com a qual nos defrontamos neste capítulo.

Tudo que sabemos a respeito dessa nova ordem mundial é aquilo que está descrito em *Apocalipse 21 e 22*. Vejamos, portanto, de que se trata.

11.2 - DESCRIÇÃO GERAL DA ORDEM ETERNA

O capítulo 21 de Apocalipse começa com João dizendo que viu um novo céu e uma nova terra, pois já o primeiro céu e a primeira terra são passados. Isso nos dá a idéia de uma mudança muito mais radical da ordem mundial do que aquela observada nas duas alterações anteriores. Isso se deixa confirmar pela inexistência de mar nesta nova terra, pois implica em quadruplicar o espaço de terra seca na superfície do planeta.

Essa descrição é interrompida, contudo, no versículo seguinte, quando João viu descer do céu a santa cidade, Nova Jerusalém, vinda da parte de Deus. Neste exato momento ele foi informado, por uma voz vinda do céu, que se trata do Tabernáculo de Deus entre os homens, com os quais vai habitar de modo a ser o seu Deus e eles o Seu povo. Cumpre-se, assim a promessa feita várias vezes ao longo da Bíblia (*Jeremias 31:33; Ezequiel 36:28*).

A mesma voz continua a dizer que Deus enxugará toda lágrima de seus olhos e que ali não haverá mais morte, tristeza nem choro. Tampouco haverá ali dor, pois isto pertence à velha ordem, que passou.

Com base nessa visão inicial, Jesus fala diretamente com João e diz a ele que escreva tudo isso, pois as palavras que ouviu são fiéis e verdadeiras. Ele, o Alfa e o Ômega, dará de beber da fonte da água da vida a todo aquele que tiver sede. Aqueles que vencerem herdarão todas as coisas, mas aos demais está reservada a segunda morte.

11.3 - A NOVA JERUSALÉM

Se tínhamos alguma dúvida em relação à Nova Jerusalém no versículo 2, onde diz que ela seria “*adornada como noiva para o seu marido*”, essas dúvidas ficam sanadas nos versículos 9 e 10, quando um anjo se dispõe a mostrar a João a noiva, agora esposa do Cordeiro. Não há dúvida, portanto, que vai mostrar a ele a Igreja. Como no versículo 10, ele passa a mostrar a cidade, fica claro que a Nova Jerusalém se confunde com a Igreja.

Trata-se de uma cidade construída com materiais preciosos, cujo muro tem doze portões, cada um com o nome de um dos doze filhos de Israel e doze fundações, cada uma com o nome de um dos doze apóstolos. Constata-se, portanto, que finalmente está reunida aqui a Igreja toda, formada por santos do Velho e do Novo Testamento. O mesmo anjo mediu as dimensões da cidade e viu tratar-se de um cubo com aproximadamente 2.200km de lado. É claro que não há nenhuma cidade na Terra que chegue sequer perto. Apenas para fixação de idéias, é uma cidade que ocupa metade da área do Brasil e que tem uma altura igual à distância entre o Rio de Janeiro e Brasília. Enfim, nada que possamos conceber (ver figura 11.3a, que mostra o tamanho desta cidade comparado ao globo terrestre).

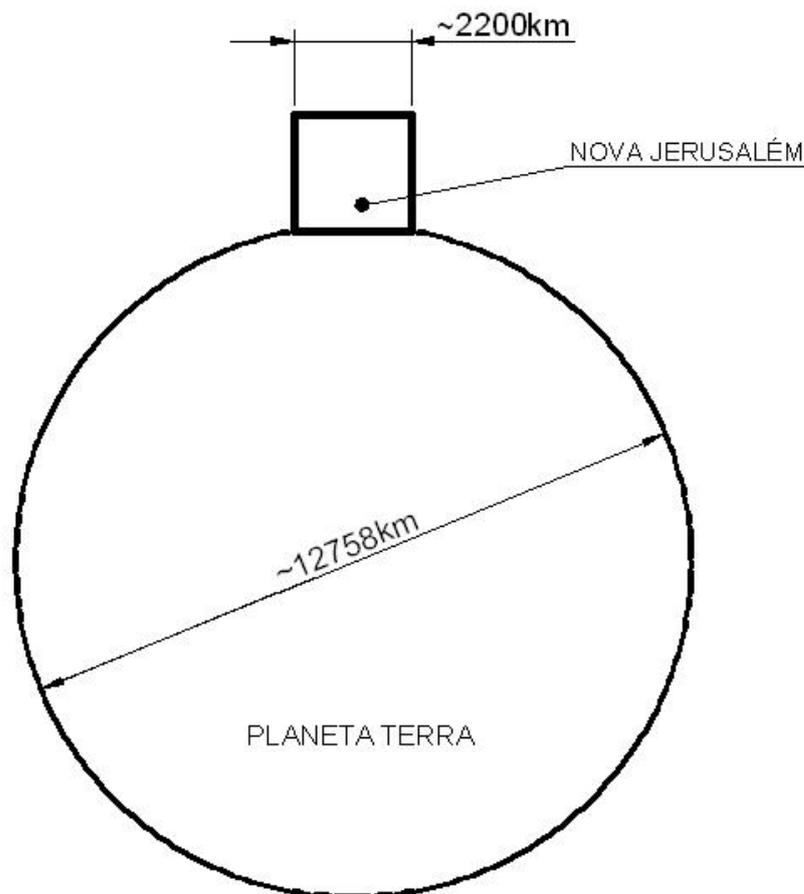


Figura 11.3a - Tamanho da Nova Jerusalém comparada ao globo terrestre

O muro é todo feito de jaspe e a cidade é edificada de ouro transparente, um material que desconhecemos. As fundações são todas em pedras preciosas, algumas das quais desconhecemos. Os portões gigantes são feitos de uma única pérola cada. Maiores, portanto que qualquer pérola conhecida.

Toda essa descrição nos leva a considerar a hipótese de que João não tenha tido palavras para descrever a beleza do que vira, pelo que limitou-se a fazer o seu melhor. Em outras palavras estamos dizendo que se trata de uma descrição apenas figurada.

Chamou a atenção de João não haver na cidade um templo, pois o próprio Senhor Deus Todo-Poderoso e o Cordeiro estão presentes dispensando, portanto, a necessidade do mesmo. Tampouco a cidade requer luz solar ou mesmo lunar, porque a glória de Deus a ilumina.

Cabe perguntarmos se há vida fora dos muros da cidade. Essa pergunta é respondida nos versículos 24 a 27 de Apocalipse 21. Somos informados que as nações da Terra, todos salvos, andam na luz da cidade e que seus reis trazem glória e honra para dentro dela. Os portões ficam permanentemente abertos porque também não haverá noite. Todas as nações prestam culto e não há abominações, pois toda a Terra é habitada por pessoas cujos nomes foram escritos no Livro da Vida.

No capítulo 22 mais uma vez nos encontramos com o Rio de Águas Vivas fluindo a partir do trono de Deus e do Cordeiro. De novo essas águas formam um rio que parece dividir a rua principal da Nova Jerusalém. Ao longo das duas margens desse rio cresce a Árvore da Vida da qual não tínhamos notícias desde o Jardim do Éden. Ela dá fruto mensalmente e cada árvore produz doze frutos.

Mudando de assunto, o anjo informou a João que na Nova Jerusalém não há mais maldições, justamente devido à presença do trono de Deus e do Cordeiro a Quem servem todos os santos. Nossos corpos espirituais permitem que todos possamos ver a face de Deus, cujo nome está estampado em nossas testas.

A partir do versículo 7 o anjo passa a falar como se fosse o próprio Jesus, dizendo que *“Ele vem sem demora. Benditos aqueles que guardam as palavras da profecia deste livro”*. Isso confundiu João, que se dobrou diante do anjo para adorá-lo, mas este não o permitiu, dizendo ser ele apenas um conservo.

Continuando, o anjo mandou que ele não selasse as palavras dessa profecia, pois seu cumprimento é iminente. O justo, portanto, deve zelar por sua justiça e santidade na medida em que o mundo se corrompe pela sua iniquidade.

Jesus mais uma vez é identificado como o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim, o Primeiro e o Último, a Raiz e a descendência de Davi e a Brilhante Estrela da Manhã. Encerrando o livro, João expressa o seu desejo pela volta abreviada de Jesus: *“Maranata vem Jesus”* e abençoa seus leitores com a graça de nosso Senhor Jesus Cristo.

12.0 - UMA VISÃO GERAL

Este capítulo contém três gráficos gerais abrangendo a história da humanidade, conforme preconizada pela Bíblia. Os três se distinguem apenas no que diz respeito ao tempo do arrebatamento da Igreja, ou seja: o 1º de acordo com a visão dos pré-tribulacionistas, o 2º com considerações meso-tribulacionistas e o 3º com base numa posição pós-tribulacionista.

CRIAÇÃO	PERÍODO SEM LEI	ISRAEL - PERÍODO DA LEI									PERÍODO DA GRAÇA	SEMANA APOCALÍPTICA	MILÊNIO	ETERNIDADE	
1º dia (era): terra é formada e Deus distingue entre luz e trevas 2º dia (era): Deus separa entre águas na terra e águas nos céus 3º dia (era): Deus cria partes secas entre os mares e toda a erva verde 4º dia (era): Deus cria os luminares para governar o dia e a noite 5º dia (era): Deus cria aves e peixes	Criação de Adão e Eva no 6º dia juntamente com os animais	Deus faz uma aliança com Moisés	Os filhos de Israel ocupam Canaã depois de 400 anos no Egito	Os filhos de Israel são governados por juizes (~400 anos)	Saul se torna rei, seguido por Davi e outros (~400 anos)	Cativeiro babilônico dos filhos de Judá	Últimos profetas e período interbíblico	Nascimento, ministério, morte e ressurreição de Jesus Cristo †	A igreja tem início em Jerusalém e se espalha primeiro dentro de Israel e depois por toda a Terra.	Arrebatamento da Igreja	Princípio das dores Surgimento do Anticristo, acordo de paz por 7 anos, rompimento do acordo no meio da semana, com o anticristo se declarando deus	Possível juízo para entrada no reino milenar	Israel e o remanescente dos gentios vivem por 1.000 anos (literais ou simbólicos) num reino de paz e prosperidade. Ao final desse período Satanás é solto, junta novo exército e marcha contra Jerusalém, mas é derrotado e jogado no inferno	Juízo Final	Novos Céus e Nova Terra
↑ 8 ↓ -4000	↓ -2300	↓ -1500	↓ -1450	↓ -1050	↓ -606	↓ -536	↓ 0	↓ 33	↓ >2000		7 anos - ver figura 9.2a		1.000 anos		↓ +8

Figura 12a - Cronograma geral da história da humanidade - Visão pré-tribulacionista

13.0 - DETALHANDO O TEXTO APOCALÍPTICO

De modo geral os teólogos dividem o livro em três partes distintas, conforme as três visões, igualmente distintas, que João teve, englobando:

- mensagens do Senhor Jesus para a Sua Igreja na terra;
- informações sobre o período de tribulação;
- a redenção divina na consumação dos tempos.

João inicia o livro de Apocalipse deixando claro que se trata de uma revelação de Deus Pai, feita na figura do Senhor Jesus Cristo, usando, para tanto, o Seu anjo. A revelação em apreço versa sobre as coisas que em breve devem acontecer, que João atesta ter transcrito fielmente, sendo bem-aventurado todo aquele que as ouvir e guardar, tendo em vista a exiguidade do tempo (*Apocalipse 1:1-3*). João está escrevendo para sete igrejas e espera que esta sua carta seja lida em público (são os que ouvem), de modo que as exortações de Deus sejam para o seu benefício (bem-aventurança), na medida em que forem guardadas.

A carta de João é endereçada a sete igrejas que se encontram na Ásia, não havendo nenhum motivo especial para se supor que se trate de sete eras da Igreja, ao invés de igrejas físicas reais, conforme defendido por muitos autores (ver /2/, pág. 45). O fato de João não começar a divulgação de sua visão por sete igrejas maiores e mais conhecidas está longe de ser um argumento convincente para defender a teoria de que se trata de sete igrejas representativas de tempos distintos.

João as saúda com seu desejo de graça e paz da parte dAquele que era, que é e que há de vir (o Pai), da parte dos sete espíritos que se acham diante de Seu trono (a plenitude do Espírito Santo - comparar com *Isaías 11:2*) e da parte de Jesus Cristo, apontado como a Fiel Testemunha, o Primogênito entre os mortos e o Soberano dos reis da Terra (*Apocalipse 1:4-5*). Resumindo, sua saudação às igrejas é feita em nome do Pai, do Espírito e do Filho e irrompe a seguir num louvor a Jesus, que pelo Seu próprio sangue nos constituiu como reis e sacerdotes de Deus Pai (*Apocalipse 1:5-6*).

João confirma, a seguir, o tema do livro, ao falar da vinda de Jesus, que todos hão de testemunhar, incluindo aqueles que O traspassaram (uma referência a Israel) e O rejeitaram e que agora hão de lamentar-se.

13.1 - A VISÃO DO SENHOR EM GLÓRIA - CARTAS ÀS IGREJAS

A primeira visão de João começa com ele se identificando como companheiro nas tribulações daqueles a quem escreve, visto estar ele exilado na ilha de Patmos por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus.

De repente ele tem um arrebatamento de sentidos, onde não fica claro se ele é transportado no tempo para o grande e terrível Dia do Senhor, ou se o Dia do Senhor ao qual se refere apenas indica que essa visão se passa num domingo. Seja como for, ele ouve uma voz potente como que de trombetas atrás de si, mandando que ele escreva às igrejas de Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia.

No instante em que ele se volta para ver de que se trata, depara-se com sete candeeiros e no meio deles ele vê o Cristo glorificado com sete estrelas na mão direita.

João tem reação semelhante à de Daniel e de Ezequiel, caindo sem forças ao chão, mas é igualmente levantado, sendo, então, informado de que Aquele que ele agora via, sob forma mui gloriosa, é Jesus, com Quem convivera por três anos aqui na Terra. É explicado a ele, ainda, que as sete estrelas que se achavam em Sua mão direita eram os anjos das sete igrejas, enquanto os candeeiros seriam as próprias igrejas.

Conquanto não haja qualquer dúvida em relação aos candeeiros, a parte referente aos anjos apresenta alguma dificuldade. Alguns sustentam que os anjos seriam os pastores de cada uma das igrejas. Embora não pareça haver uma explicação melhor, devemos reconhecer que a Bíblia não tem qualquer outro texto em que pastores sejam associados a anjos.

A forma como João se dirige às igrejas nos dá a entender que ele conhece pessoalmente as pessoas a quem escreve. Talvez possamos até inferir que estas sejam as sete igrejas com as quais ele trabalhava à época, mas a forma geral como ele diz sempre “*quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas*”, nos mostra claramente que as mensagens são dirigidas não só àquelas igrejas, mas a quantos as ouvem.

Carta à Igreja em Éfeso

Éfeso (ver figura 13.1a) era a cidade mais importante da Ásia à época, visto que através de seu porto escoava a maior parte do comércio da região. Do ponto de vista religioso pagão ela era igualmente importante, pois abrigava o famoso templo da deusa Diana (*Atos 19:35*), uma das maravilhas do mundo antigo. A comunidade cristã se desenvolvera ali, aparentemente por um trabalho iniciado por Áquila e Priscila, que tinham vindo de Corinto junto com Paulo (*Atos 18:18-19*). Graças também ao trabalho de Paulo, que depois retornou e permaneceu ali por 3 anos (*Atos 20:31*), ela se tornou a igreja mais importante da Ásia, de onde partia a evangelização de toda a região. Esse trabalho teve continuação sob a orientação de Timóteo, enviado ali por Paulo para substituí-lo (*1 Timóteo 1:3*). A tradição sustenta que João se estabeleceu ali após a morte de Paulo, de modo que esta carta estaria sendo escrita à sua própria igreja local.

A carta é dirigida ao anjo da igreja de Éfeso e vem acompanhada de uma declaração de que se trata de palavras de Jesus. Ele começa dizendo que conhece as obras, o labor e a perseverança da igreja, elogiando-a no que diz respeito à forma como põe à prova e rejeita os maus obreiros, que se chegam a ela com doutrinas heréticas. Ele a elogia, ainda, no tocante às provas que tem resistido pelo Seu nome, sem se deixar esmorecer.

Ficamos sabendo, com base no acima exposto, que a igreja de Éfeso era madura, no que diz respeito a distorções doutrinárias que surgiam em profusão à época. Satanás sempre fez, e continua pródigo em tentar fazer, desviar os crentes da sã doutrina, mas a igreja de Éfeso, doutrinada pelo próprio apóstolo Paulo, aprendera a questionar as heresias que surgiam; dentre estas, a própria carta cita a doutrina dos nicolaítas.

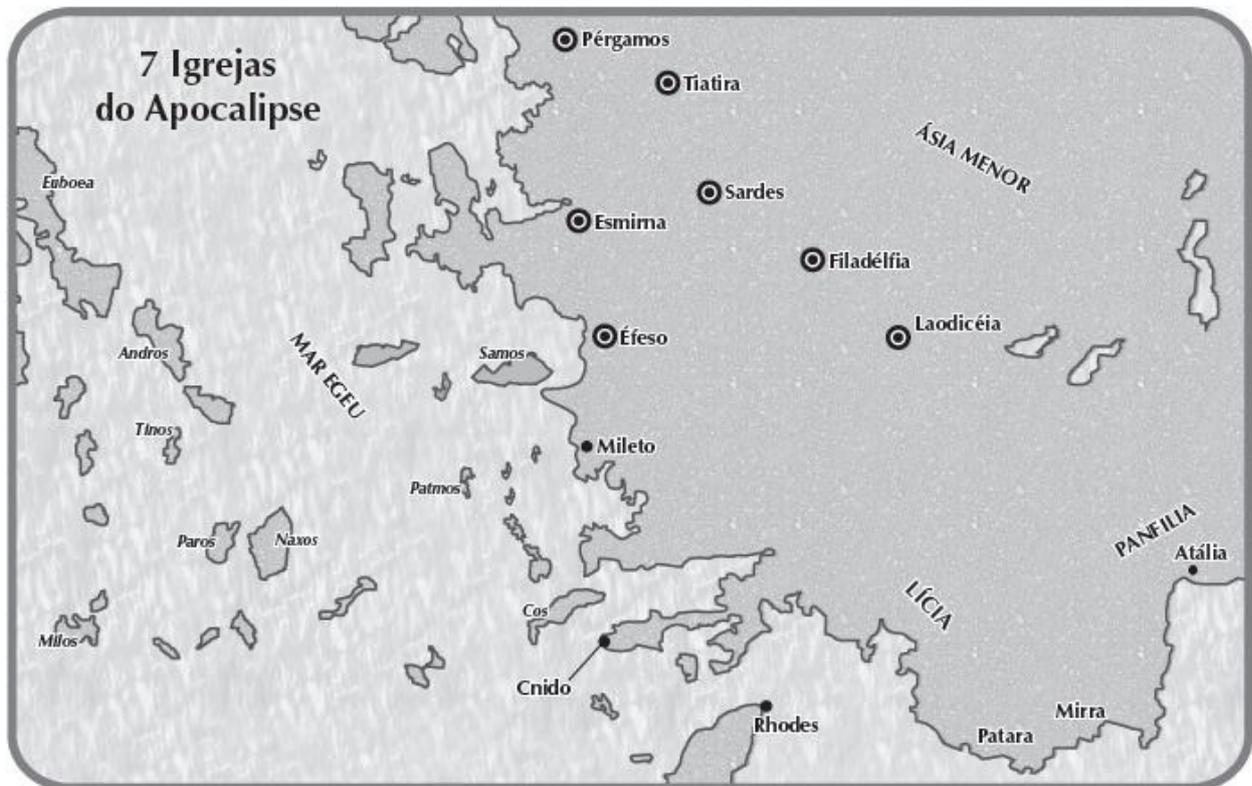


Figura 13.1a - Cidades às quais foram dirigidas as sete cartas

Não era, portanto, por falta de conhecimento e permanência na Palavra de Deus, que a igreja de Éfeso passou a ser repreendida a seguir: *“Tenho, porém, contra ti que abandonaste o teu primeiro amor”* (Apocalipse 2:4-5). A igreja de Éfeso fora ensinada a amar a Deus sobre todas as coisas, mas talvez o formalismo ou o excessivo zelo doutrinário tivessem arrefecido o seu amor pelo Senhor e uns pelos outros, fazendo com que outras prioridades se impusessem ao Senhor.

Mesmo que nós sejamos doutrinariamente sadios, ainda assim Jesus pode ser obrigado a rejeitar o nosso culto (Apocalipse 2:6), devido à falta de amor com que o oferecemos. As obras realizadas com a melhor das intenções, mas feitas sem amor, são de nenhum proveito (I Coríntios 13:1-3). Deus preparou obras para que andássemos nelas (Efésios 2:10) e são justamente essas que devem ser realizadas em amor.

“Quem tiver ouvidos que ouça o que o Espírito diz às igrejas! Quem der ouvidos e vencer terá direito ao alimento da árvore da vida, que se encontra no paraíso de Deus” (Apocalipse 2:7). Uma exortação como esta, sempre acompanhada de uma promessa para quem a ouve, se faz presente em todas as sete cartas.

Carta à Igreja em Esmirna

Esmirna era uma cidade fundada por Alexandre Magno, que ficava 55km ao norte de Éfeso (ver figura 13.1a) e, como esta, também se tornara próspera devido ao seu comércio marítimo, a ponto de disputar com ela a hegemonia da região.

É provável que a igreja local tenha sido organizada pela ação missionária da igreja de Éfeso e possivelmente durante o período em que Paulo ali estava.

As informações que temos desta igreja, contudo, não são por causa de seus organizadores, nem pelos missionários que por ali passaram e, sim, por causa da crueldade da perseguição realizada aos cristãos daquela localidade. Somos informados num livro intitulado “O Martírio de Policarpo”, que este Policarpo, pastor da igreja local, foi morto em execução pública, devido a uma incitação das autoridades romanas pelos judeus desta cidade, por se ter recusado a negar a Jesus e prestar adoração a Cesar. Há, ainda, informações a respeito de duas mortandades, realizadas por meio de execução pública, na qual teriam perecido, respectivamente, 1.500 e 800 fiéis nesta localidade.

A esta congregação, que escolheu ser pobre, espoliada de seus bens, e que amou mais a Jesus do que a própria vida, Ele diz que conhece a sua tribulação e que eles, na verdade, são ricos (*Apocalipse 2:8-9*). Jesus, Aquele que foi morto, mas vive, os exorta a serem fiéis até a morte, para receberem, com certeza, a coroa da vida (*Apocalipse 2:10*).

O vencedor, continua Ele, não sofrerá o dano da segunda morte (*Apocalipse 2:11*). É interessante ver que aquele que nasce duas vezes morre uma, ao passo que aquele que nasce apenas uma, morre duas. O nascimento espiritual e a morte eterna de mesma natureza são eventos mutuamente exclusivos na vida do homem.

Ser crente de modo algum garante uma vida de sucesso financeiro e ausência de perseguição por amor a Cristo. O evangelho da prosperidade e do bem-estar social são uma negação da carta de Cristo à igreja de Esmirna. Ninguém é obrigado a perder a sua vida por amor de Jesus, mas somente aqueles que estão dispostos a cedê-la fazem jus à vida eterna (*João 12:25*).

Carta à Igreja em Pérgamo

Pérgamo ficava 85km a norte de Esmirna (ver figura 13.1a), sendo menos importante que as anteriores do ponto de vista comercial, apesar de ser a mais antiga das três. Pertencera ao antigo Império Persa, fora parte do Império Macedônio, tivera um período de independência como capital do Império Pérgamo, mas a essa altura já pertencia a Roma desde o ano 133aC, quando foi deixada em testamento para os romanos pelo seu último rei, Átalo III.

Embora não tivesse grande importância comercial, o mesmo não era verdade em relação à religiosidade pagã do local, visto tratar-se do centro de adoração de várias divindades. Havia, em decorrência disso, uma forte pressão sobre os cristãos para que estes fossem participantes da adoração oficial.

A carta, enviada por Aquele que tem a espada afiada de dois gumes, reconhece que, não obstante habitarem numa cidade tão iníqua (onde está o trono de Satanás), eles não haviam negado a fé, nem o nome de Jesus, mesmo em face ao martírio de um deles de nome Antipas (*Apocalipse 2:12-13*). Ele afirmou ter, contudo, contra eles, o fato de haver alguns dentre eles que apoiavam a permissividade da doutrina de Balaão. Nesse caso estaria sendo tolerada a participação no culto pagão e possivelmente nos atos sexuais promíscuos que eram praticados neste. Não está claro se a doutrina dos nicolaítas seria o nome dessa doutrina de Balaão ou se seria um outro desvio doutrinário (*Apocalipse 2:14-15*).

O problema de Pérgamo tem paralelos graves nas igrejas de nossos dias, na medida em que seus membros continuam a professar o nome de Jesus, mas vão cedendo à mundanização em seu viver diário.

Como sempre, a solução para o pecado é o arrependimento que, obviamente, pressupõe uma atitude de renúncia a ele. Para aqueles que assim procederem, está previsto comerem do maná escondido, aparentemente uma forma de dizer que continuarão a receber o necessário alimento espiritual, e receberão pedras brancas sobre as quais há um nome novo. Pedras brancas eram usadas, à época, como bilhete de entrada para eventos especiais. Se for esta a idéia, então as pedrinhas garantiriam a entrada para a festa das bodas do Cordeiro.

O apelo ao arrependimento continua tão aplicável às nossas igrejas de hoje, quanto o era à igreja de Pérgamo.

Carta à Igreja em Tiatira

A cidade de Tiatira não era importante nem do ponto de vista comercial, nem religioso. A única coisa que florescia naquela localidade eram as corporações de venda de púrpura (a vendedora de púrpura, Lídia, mencionada em *Atos 16:14*, vinha desta cidade). Sua localização era cerca de 55km a sudeste de Pérgamo (ver figura 13.1a).

A igreja de Tiatira recebeu a carta mais extensa com palavras ditas por Aquele que tem os olhos como chama de fogo e os pés semelhantes ao bronze polido. Como nas anteriores, Ele começa elogiando os pontos positivos da igreja, quais sejam: o amor, a fé, o serviço prestado, a perseverança e o crescimento das obras realizadas (*Apocalipse 2:18-19*). Estava longe, portanto, de ser uma igreja estagnada.

Entendemos pelo texto que havia na igreja uma mulher, de nome Jezabel, que se autodenominara profetisa, e que praticava e ensinava a licenciosidade ocorrida em reuniões promovidas pelas corporações de púrpura (*Apocalipse 2:20*). Embora alguns teólogos defendam o fato de que Jezabel não ser aqui uma pessoa e, sim, uma tendência doutrinária, os detalhes a seu respeito parecem qualificá-la muito bem como membro da igreja local.

Somos informados de que ela já fora advertida em outra ocasião, talvez pelo próprio apóstolo João, e que não se havia arrependido de sua prostituição, motivo pelo qual seriam afligidos ela e seus seguidores (*Apocalipse 2:21-23*).

Mais uma vez vemos o mundanismo entrando em uma das igrejas da Ásia e, de igual forma, somos alertados para o perigo de que o mesmo possa ocorrer com as igrejas de nossos dias. Nunca a liberdade sexual foi tão propalada e a nudez tão endeusada como o é em nossos dias. A nós cabe zelar para que tais conceitos não adentrem as nossas portas.

Aos demais, contudo, que não participavam das obras da profetisa, Jesus exortou tão somente que permanecessem fiéis, prometendo-lhes autoridade sobre as nações, quando da instituição do Seu reino, ocasião na qual brilharão como a estrela da manhã.

Carta à Igreja em Sardes

Sardes ficava cerca de 65km a sudeste de Esmirna (ver figura 13.1a) e vivia, basicamente, do esplendor de seu passado. Ela fora capital do reino da Lídia e tivera, mais tarde, importância estratégica para o governo persa. Em tempos neotestamentários, contudo, tornara-se um lugar obscuro, conhecido apenas por estar na confluência de algumas estradas romanas e por ser um centro industrial de produtos de lã e tinturaria. Embora a cidade fosse sede do templo da deusa Cibele e promovesse com fervor o culto ao imperador de Roma, não consta que houvesse qualquer perseguição gentílica ou judaica à igreja cristã local.

Em meio a esse cenário de paz e sossego, Aquele que tem os sete Espíritos de Deus e as sete estrelas não apresenta para esta igreja qualquer palavra introdutória de elogio, a exemplo do que fizera para as quatro primeiras. Ele começa dizendo que conhece suas obras e que estas, no fundo, não passam de obras de fachada. O comportamento dos membros de Sardes dá, aos de fora, a impressão que se trata de uma igreja viva, mas que no fundo pratica uma religião formal, que o próprio Senhor Jesus Cristo diz ser morta (*Apocalipse 3:1*).

Eles estavam praticando uma religião nominal, tal como faz a vasta maioria das pessoas, ligadas aos mais diversos credos, e que visa apenas aplacar a ira de Deus sobre o seu procedimento, sabidamente iníquo.

Não é de admirar que a igreja não sofresse qualquer perseguição de judeus, gregos ou romanos, porque ela já estava morta. Satanás sequer precisava se preocupar com ela. Quantas igrejas, mesmo dentre as evangélicas, não são assim também nos dias de hoje? Oferecem um culto litúrgico com aparência de grande religiosidade, organizam e praticam obras de assistência social, mas para Deus, que vê o coração, tudo é morto.

A saudação do Senhor parece, contudo, estar intimamente ligada às deficiências que Ele aponta na igreja de Sardes. Ele, Aquele que detém a plenitude do Espírito (*João 3:34*) e que zela pelas igrejas, está apto para dar a vida que flui pelo Espírito de Deus ao mesmo tempo em que provê para que a igreja ande nas verdadeiras obras de Deus (*Efésios 2:10*).

Sua recomendação em *Apocalipse 3:2-3* mostra que nem tudo está perdido. Há um resto, prestes a morrer, que, não obstante praticar obras, que Jesus diz não serem íntegras diante de Deus, poderia ainda ser despertado e fortalecido. Para estes bastaria que se lembrassem daquilo que haviam recebido e ouvido quando creram,

reconhecer onde haviam caído e, mediante arrependimento, rejeitar o pecado em relação ao qual haviam se tornado tolerantes. O verdadeiro arrependimento é movido por um ato de fé que vem mediante o ouvir, e ouvir a Palavra de Deus (*Romanos 10:17*). Era necessário, portanto, que tomassem a Palavra que haviam ouvido e a aplicassem aos seus corações.

A persistência no erro teria como contrapartida o fato de serem surpreendidos com a Sua vinda, na qual teriam destino similar ao das cinco virgens, que o Novo Testamento chama de néscias, por não estarem vigilantes quando da chegada do noivo (*Mateus 25:1-13*).

Jesus reconheceu, contudo, que havia ainda alguns crentes em Sardes que não haviam sujado as suas vestes, ou seja, a embriaguez espiritual daqueles que achavam que podiam servir a Jesus e participar da luxúria de Sardes não havia contaminado a todos. Havia alguns cujas vestes estavam ainda brancas, por viverem uma vida santa diante de Deus.

Para os que assim se mantivessem, bem como àqueles que se arrependessem da situação em que se encontravam, Jesus prometeu a permanência de seus nomes no livro da vida e o Seu desejo de confessar seus nomes diante do Pai (*Apocalipse 3:4-5*). Ele aqui repete, assim, a promessa que havia feito a Seus discípulos (*Mateus 10:32*).

Carta à Igreja em Filadélfia

Filadélfia ficava cerca de 120km a leste de Esmirna (ver figura 13.1a). Trata-se de uma cidade pequena e pobre fundada pelo rei de Pérgamo, cujo apelido era Filadelfo. O nome da cidade significava amor fraterno e nela ficava o templo do deus Dionísio.

O texto desta carta deixa transparecer que a igreja de Filadélfia era pequena, mas a exemplo do que já ocorrera na carta a Esmirna, não vemos aqui senão elogios e palavras de incentivo, dando a entender que se tratava de uma igreja fiel.

Jesus Se identifica como Aquele que tem a chave de Davi, que abre e ninguém fecha e não pode ser aberto quando fechado (*Apocalipse 3:7*). Trata-se aqui de uma referência Àquele que herdou a autoridade do trono de Davi, o Messias davídico. Ele é o Rei dos reis. Só Ele tem as chaves da morte e do inferno (*Apocalipse 1:18*).

A seguir Ele afirma que conhece as suas obras (*Apocalipse 3:8*), que, não obstante a sua pequena força, eles haviam guardado a Sua palavra e não haviam negado o Seu Nome. Justamente pela sua fidelidade, Ele agora lhes concede uma porta aberta para que possam abençoar a outros. Trata-se, sem dúvida, de uma oportunidade de serviço, que ninguém impediria.

É muito interessante vermos que a fidelidade no Reino de Deus é recompensada com maiores oportunidades de servir. Claro! Nada alegria mais o coração do servo de Deus do que saber que se encontra no centro de Sua vontade, realizando as obras que Ele preparou para que nelas andássemos (*Efésios 2:10*).

Em *Apocalipse 3:9* Jesus novamente Se refere aos judeus da sinagoga de Satanás como falsos judeus. A inferência óbvia é a de que o verdadeiro judeu não é o da

circuncisão da carne e, sim, do coração (*Romanos 2:28-29*). Assim, o verdadeiro judeu é o crente nascido do Espírito, membro de uma igreja, ironicamente de maioria gentílica. O fato de Ele prometer que eles virão prostrar-se a Seus pés é uma provável referência à conversão futura da nação judaica. Por enquanto os verdadeiros ramos haviam sido arrancados da boa oliveira e enxertados nela os gentios, oliveiras bravas (*Romanos 11:17*), mas dias virão em que os verdadeiros ramos voltarão a ser implantados (*Romanos 11:23-26*).

Em *Apocalipse 3:10* é prometido à igreja de Filadélfia que a sua perseverança seria recompensada com a proteção do Senhor no momento em que chegasse a hora da provação. Não é verdade que a vida com Cristo seja apenas um mar de rosas. Neste mundo tereis aflições, disse Jesus (*João 16:33*), mas porque Ele está conosco, venceremos como Ele também o fez. Convém ressaltar, contudo, que os pré-tribulacionistas veem neste versículo uma das provas de que a Igreja não passará pela grande tribulação (/3/, pág. 49).

Ao vencedor é feita a promessa de vir a ser coluna no templo de Deus Pai (*Apocalipse 3:12*). Mais uma vez Ele assegura, de forma figurada, a participação dos vencedores no reino de Deus. Nesta coluna estará o selo de posse, qual seja o nome do nosso Deus, o lugar de nossa habitação perene: a nova Jerusalém e o nome dAquele que nos resgatou.

Carta à Igreja em Laodicéia

Laodicéia, cerca de 140km a leste de Éfeso (ver figura 13.1a), ficava no entroncamento de três importantes estradas romanas, o que fez com que a cidade se tornasse um destacado centro comercial. A cidade era famosa por seus belos tecidos de lã e pelos produtos medicinais que fabricava, notadamente o pó frígio, utilizado para produzir colírio. Era uma cidade muito rica à época em que a carta de João foi escrita, tanto que, havendo sido totalmente arrasada por um terremoto cerca de 15 anos antes, fora completamente reconstruída com recursos próprios.

Embora não haja registro da passagem de Paulo por esta cidade, somos informados, em *Colossenses 4:17*, que ele escreveu uma carta aos laodicensens, que infelizmente se perdeu.

Assim como a cidade, tudo indica que os membros da igreja local também gozavam de excelente situação financeira, pelo que, materialmente falando, poder-se-ia dizer que se tratava de uma igreja rica. A exemplo do que acontecia em Sardes, não havia em Laodicéia qualquer tipo de perseguição, o que por si só já denota que ela não se constituía em ameaça ao reino de Satanás.

Jesus Se apresenta ao anjo da igreja de Laodicéia como o Amém, a testemunha fiel e verdadeira e o princípio de toda a criação de Deus (*Apocalipse 1:14*). Mais uma vez vemos que a saudação de Jesus é no sentido de mostrar a Sua suficiência para resolver o problema de torpor espiritual no qual viviam. Ele é o sim, Aquele que cumpre Suas promessas e que, tendo criado todas as coisas, não terá qualquer dificuldade para recriá-las.

Em *Apocalipse 3:15-17* Jesus diz, então, qual o problema da igreja: trata-se, a exemplo de Sardes, de sua conformação ao modo de viver do mundo. A única diferença é que Sardes tinha ainda uns poucos que não haviam sujado as suas vestes, ao passo que em Laodiceia a contaminação era total. Eles viviam numa situação que Jesus define como sendo morna, ou seja, nem quente nem fria, a qual Ele diz ser para Deus abominável, motivo pelo qual estariam prestes a ser vomitados. Sua declaração mostra bem o que Deus pensa a respeito de crentes que querem estar na igreja, vivendo, ao mesmo tempo, uma vida que pouco difere do mundo à sua volta: Ele não os tolera. Olhando para a sua situação financeira, eles se achavam ricos, abastados e suficientes, ao passo que Jesus lhes diz serem espiritualmente pobres, necessitados e cegos.

Laodiceia é considerada, para os teólogos que associam épocas a cada uma dessas igrejas, como a igreja de nossos dias. Embora as cartas tenham sido enviadas a igrejas verdadeiras e haver pouco motivo para se crer desta forma, ainda assim, devemos reconhecer que a igreja de Laodiceia tem toda a semelhança com a vasta maioria das igrejas de nossos dias. Na medida em que os bens do mundo passam a ser encarados como a confirmação de que Deus está satisfeito com o “status” espiritual de Seus filhos, um dos corolários do chamado ‘evangelho da prosperidade’, reconhecemos ser este um mal que já assolava Laodiceia. Eles se encontravam espiritualmente cegos e impossibilitados de ver o estado de miséria espiritual ao qual haviam descido.

Não obstante a condenação iminente, Jesus ainda apela ao arrependimento e apresenta a solução do problema no versículo 18: era preciso que adquirissem dEle (sem dinheiro - *Isaías 55:1*) o verdadeiro ouro refinado para suprir a sua pobreza, vestiduras brancas para cobrir a sua nudez e o verdadeiro colírio para que pudessem voltar a ver no mundo espiritual.

Apocalipse 3:18-19 mostra o amor e o cuidado de Jesus para com a Sua igreja, não obstante ter chegado à triste condição em que se encontrava a Laodiceia de então e se encontra a Laodiceia de nossos dias. Ele repreende e disciplina a quantos ama. Para evitar a necessidade de tal disciplina, era preciso que eles reencontrassem o zelo, como consequência de um sincero arrependimento. Ele apela continuamente na medida em que bate na porta de nossa nova consciência no Espírito Santo, esperando que a abramos para que Ele possa ceiar conosco, num verdadeiro relacionamento de comunhão. Ao vencedor, aquele que aceitar o convite ao arrependimento, independente do quanto tenha descido, é dado reinar com Ele, assentando-se com Ele no trono. Glória!

13.2 - A VISÃO DAS TRIBULAÇÕES

13.2.1 - A VISÃO DO TRONO

Dando continuidade ao texto de Apocalipse, João se limita a dizer “depois destas coisas” e passa a descrever uma nova visão, na qual não mais o Cristo vem a ele, mas é ele que se vê transportado ao céu, onde vê o trono de Deus e lhe são mostrados a abertura de sete selos, o tocar de sete trombetas e a ocorrência de sete flagelos. Trata-se de uma visão que abrange os capítulos de 4 a 16, ou seja, a quase totalidade do livro.

O estudo do livro se torna agora muito mais figurado e as divergências de opinião e interpretação se tornam muito mais acentuadas. Lembramos que a nossa posição será a de ressaltar as principais correntes de interpretação futuristas, mas sem a preocupação de “bater o martelo” em alguma específica.

Esta nova visão de João principia com ele se dizendo convidado a subir ao céu, onde lhe serão mostradas as coisas que hão de vir (*Apocalipse 4:1*). Imediatamente, então, ele se vê arrebatado, em espírito, para a sala do trono, na qual se acha assentado o Deus Todo-Poderoso, mas que João tem dificuldade de ver, tendo em vista o resplendor do brilho de Sua presença (*Apocalipse 4:2-3*).

Há quem veja nesse arrebatamento de João uma figura do arrebatamento da Igreja, mas, infelizmente, não há base para uma inferência dessa natureza, pelo que citamos tal paralelo aqui apenas como especulação possível. Trata-se, aparentemente, de tentar arranjar uma citação bíblica que confirme o arrebatamento antes de ter início o período de tribulação (*/7/*, pág. 284).

Ao redor do trono principal João vê, ainda, 24 outros tronos, nos quais se encontram assentados anciãos vestidos de branco e com uma coroa na cabeça, mas sua atenção se desvia imediatamente deles para relâmpagos, vozes e trovões que vêm do trono central. Ele percebe, então, ali, a presença de sete tochas de fogo, que representam a plenitude do Espírito Santo (*Apocalipse 4:4-5*). João vê, ainda, na frente do trono, um mar de vidro, como que de cristal e quatro seres cheios de olhos, com cabeças de leão, novilho, homem e águia, respectivamente, junto ao trono (*Apocalipse 4:6-8a*).

As explicações e interpretações para os anciãos, para o mar de vidro e para os quatro seres são as mais diversas. Alguns acham que os anciãos representam a plenitude dos salvos no Velho e no Novo Testamento (seriam doze pelas tribos de Israel e doze pelos apóstolos). Outros veem o número de 24 como equivalente aos vinte e quatro turnos sacerdotais preconizados por Davi para o serviço do templo (*I Crônicas 24*), pelo que seriam representativos do louvor a ser prestado pela Igreja. Vamos nos limitar aqui a identificá-los como seres celestiais, que não parecem pertencer à comunidade dos remidos, visto que em *Apocalipse 14:3* os encontramos novamente ouvindo o cântico da Igreja, que não puderam aprender.

O mar de vidro lembra aquele construído por Salomão (*I Reis 7:23-26*), cuja finalidade não é clara; portanto, de igual maneira, não cabe especular sobre o simbolismo deste. Digamos apenas que tornava mais majestosa a visão de João do trono e daquele que sobre ele se assentava.

Quanto aos quatro seres, muito se assemelham àqueles vistos pelo profeta Ezequiel em *Ezequiel 1:10* e *10:14*, sendo identificados como querubins no segundo texto. Assim, tudo indica que aqui também o sejam.

O ponto alto deste texto é, sem dúvida, o canto contínuo dos quatro seres proclamando ser Santo, Santo, Santo o Deus Todo-Poderoso que é, que era e que há de vir, ensejando os vinte e quatro anciãos a tirarem as suas coroas, colocando-as diante do trono à medida que proclamam ser Ele digno de receber a glória, a honra e o poder,

por ter criado todas as coisas (*Apocalipse 4:8b-11*). Cabe ressaltar que é, no mínimo, coerente que o Deus Trino seja saudado com o adjetivo “SANTO” três vezes.

13.2.2 - A ABERTURA DOS SETE SELOS

Descrito o ambiente do trono e suas adjacências, a atenção de João se volta para um livro, em forma de rolo, que viu na mão direita de Deus, que estava escrito por dentro e por fora e que tinha o seu conteúdo selado por sete selos (*Apocalipse 5:1*). As perguntas que precisamos nos fazer são: que livro é este e qual o seu conteúdo? Na verdade, a carta de João não nos fala explicitamente sobre o livro e seu conteúdo, mas como João foi chamado para ouvir a respeito das coisas que deveriam acontecer, fica subentendido que o livro em questão contém a revelação das coisas que irão suceder. Curiosamente, os sete selos são abertos e não se fala mais do livro; portanto, devemos concluir, por lógica imediata, que as sete taças e os sete flagelos, narrados nos capítulos subsequentes, formam o seu conteúdo supracitado. Assim sendo, o Deus que rege a história da humanidade detém todo o poder e mantém em Sua mão direita os destinos do fim.

Quando a expectativa de João era que se começasse a abrir o livro, para que a informação nele contida pudesse se tornar pública, surgiu um imprevisto, qual seja: não ter sido achado ninguém que fosse digno de abrir os selos ou nem mesmo de olhar para dentro do livro, motivo pelo qual o apóstolo muito se entristeceu, a ponto de chorar copiosamente (*Apocalipse 5:2-4*). Obviamente a tristeza de João estava relacionado ao fato de ver retardado o cumprimento das promessas relativas ao livramento de Deus para o Seu povo, mas também reflete a atitude típica do homem, que se esquece que Deus tem uma única solução para todos os males desta vida: **a Cruz!**

Exatamente nesta situação, um dos anciãos se virou para ele e o consolou, dizendo que não chorasse, pois o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi havia vencido e estava apto para abrir o livro e os seus sete selos. Trata-se do uso de figuras ou nomes oriundos de duas profecias bíblicas distintas: uma de Jacó para o seu filho Judá (*Gênesis 49:8-12*) e outra do profeta Isaías, dissertando a respeito do Messias (*Isaías 11:1-10*). Não haveria abertura de selos, nem tampouco haveria esperança para o destino dos homens, se não fosse pela vitória retumbante de Jesus sobre o pecado.

Neste instante João se vira para ver o Leão da tribo de Judá, mas ao invés disso o que ele vê é um Cordeiro, que trazia sobre Si os sinais de que fora traspassado e morto, no entanto estava vivo (*Apocalipse 5:6*).

Essa figura expressa bem a dualidade do Messias, motivo pelo qual Jesus havia sido rejeitado pelos judeus. Não lhes fora possível conciliar a imagem de um Messias vencedor “Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz”, cujo reino seria sem fim (*Isaías 9:6-7*), com o Servo Sofredor, no qual não víamos qualquer beleza que nos agradasse e que acabaria tomando sobre Si as nossas iniquidades, sendo levado para o matadouro sem abrir a boca (*Isaías 53:2, 6-7*). Mas foi exatamente o fato de Ele se ter humilhado, tomando a forma de homem e aceitando a maldição da cruz, o trunfo que O qualificou, tornando-O agora digno de abrir os selos. Foi na obediência e na humildade que Ele conseguiu a Sua grande vitória sobre o pecado e a morte. Como vitorioso, recebeu toda a autoridade (denotada no texto pelos sete chifres) e a onisciência (tipificada pelos sete olhos).

Na condição de qualificado, o Cordeiro Se dirige para o trono e toma o livro que se encontrava na mão direita do Pai (*Apocalipse 5:7*). Neste mesmo instante os céus irrompem em louvor e adoração, que principia pelos quatro seres que estão no trono e contagia os anciãos, visto que todos prostrados entoam um novo cântico, exaltando o Cordeiro por ter comprado com Seu sangue, para Deus, aqueles que procedem de toda tribo, língua, povo e nação, permitindo que fossem constituídos reino de sacerdotes para reinarem sobre a terra (*Apocalipse 5:8-10*).

João percebe, então, uma verdadeira miríade de anjos em volta do trono, que proclama ser digno o Cordeiro que foi morto de receber o poder, a riqueza, a sabedoria, a força, a honra, a glória e o louvor. Finalmente se juntam a estes seres celestiais também aqueles que há sobre a Terra para cantar Àquele que está sobre o trono (Deus Pai) e ao Cordeiro (Deus Filho), o louvor e a honra e a glória e o domínio pelos séculos dos séculos (*Apocalipse 5:11-14*).

A abertura do 1º selo é acompanhada pela voz de um dos quatro seres, que diz: “Vem!”, aparentemente convidando um primeiro cavaleiro com um arco, sentado sobre um cavalo branco, a dar início a suas atividades. O texto diz que lhe foi dada uma coroa e que ele saiu vencendo e para vencer (*Apocalipse 6:1-2*). A dificuldade de interpretação do significado deste cavaleiro está associada à sua cor e ao fato de não ser razoável dissociá-lo dos outros três seguintes. Veremos adiante que os outros três são facilmente relacionados a períodos de guerra (vermelho), fome (preto) e pestes (amarelo), respectivamente. O branco, contudo, é normalmente uma cor que é associada à pureza. A roupa dos santos, por exemplo, é branca (*Apocalipse 3:4-5 e 18*), os vinte e quatro anciãos também se vestem de branco (*Apocalipse 4:4*), os que vencerem receberão uma pedra branca (*Apocalipse 2:17*) etc. Assim, a tendência de muitos autores apocalípticos é de associar o primeiro cavaleiro a Cristo ou a alguma coisa positiva no reino do espírito. Outros, contudo, insistem que, por uma questão de coerência, deve ser algo negativo; logo, a cor branca representaria o Anticristo, que se faz passar por Cristo.

A hipótese desse cavaleiro ser o Cristo, numa antevisão do mesmo cavaleiro que surge em *Apocalipse 19:11-16*, parece ser pouco provável, visto que já é o Cristo que está abrindo os selos. Outra alternativa, bastante razoável, seria o fato deste cavaleiro representar a pregação do Evangelho em toda a terra, pois isso foi previsto por Jesus em *Mateus 24:14* como condição para que venha o fim. O arco como arma parece dificultar um pouco esta hipótese. A possibilidade de ser alguém que se faça passar pelo Cristo (o Anticristo), preenchendo, assim, outra previsão de Jesus, fornecida em *Mateus 24:5*, parece, portanto, ser a hipótese mais atraente e, também, a mais coerente com o efeito negativo dos demais cavaleiros.

Na abertura do 2º selo vemos repetido o convite, por parte do segundo ser vivente, para que venha o segundo cavaleiro. Este cavalga, desta feita, um cavalo vermelho e tem na mão uma grande espada, com a qual deve tirar a paz da terra e fazer com que os homens se matem uns aos outros, ou seja, deve promover a guerra (*Apocalipse 6:3-4*).

Admitindo que o primeiro cavaleiro retrate o Anticristo, previsto por Jesus em *Mateus 24:4-5*, teremos na sequência o segundo alerta dEle para o período do princípio das

dores, qual seja o surgimento de guerras e rumores de guerra (*Mateus 24:6-7a* com paralelos em *Marcos 13:7-8a* e *Lucas 21:9-10*). Este segundo cavaleiro preenche bem este papel.

Convém notar que à época de João não havia guerras e nem tampouco rumores delas porque o poderoso exército romano, composto de suas muitas legiões, havia imposto uma paz pela força, que se estendia por toda a região do Mediterrâneo. Com o enfraquecimento de Roma vieram as guerras, que nunca foram tantas e tão abrangentes quanto o foram no século XX. Assistimos a duas guerras mundiais e inúmeras outras menos abrangentes, com os homens se matando uns aos outros em cifras que ultrapassam a casa dos 100 milhões de mortos apenas no século XX. Não há qualquer dúvida de que a aproximação do princípio das dores é atestada através deste cavaleiro assumindo a cor vermelha, de tanto sangue que derramará.

O 3º selo trouxe consigo, ao convite do terceiro ser vivente, um cavalo preto, cujo cavaleiro tinha na mão uma balança. Vindo do meio dos quatro seres João ouviu uma voz, que dizia: “*Uma medida de trigo por um denário, três medidas de cevada por um denário e não danifiques o azeite e o vinho*” (*Apocalipse 6:5-6*).

O próximo item previsto no sermão profético de Jesus, relativo ao princípio das dores, foi a fome (*Mateus 24:7b*). Neste quadro nós vemos exatamente isso. Há um racionamento de alimento simbolizado pela balança e os preços elevados, tornando a aquisição de alimentos instável. O denário é a medida monetária correspondente ao salário de um dia de trabalhador à época de João. Assim sendo, a escassez é retratada pela capacidade do trabalhador de comprar apenas o trigo para si mesmo, em troca de sua diária de trabalho. Para o sustento de uma família pequena seria necessário substituir o trigo pela cevada (alimento usual dos animais e dos muito pobres).

O significado exato da recomendação no sentido de que não fossem danificados o azeite e o vinho não é conhecido. Alguns acham que se trata de uma informação relativa à forma como os ricos, cujo cardápio inclui estes alimentos mais nobres, não seriam afetados. Outros dizem que mostra alguma atenuação para a missão deste cavaleiro, ou seja, uma forma de dizer que esta fome não seria de severidade excessiva. Há, ainda, os que veem aqui uma referência ao fato da Igreja ser poupada desta fome. Raciocinando com base na fome que já encontramos em alguns lugares do nosso planeta, a primeira destas três interpretações parece ser a mais adequada, visto que morrem hoje milhões de subnutrição, enquanto muitos, que possuem recursos, vivem alheios a esse fato.

O 4º selo, registrado em *Apocalipse 6:7-8*, principia com um convite semelhante, partindo, desta feita, do quarto ser vivente. João nos informa que olhou e viu um cavalo amarelo e seu cavaleiro, cujo nome era Morte. Este era seguido pelo inferno, na medida em que saiu para cumprir sua missão, qual seja matar a quarta parte dos habitantes da Terra por meio de pragas diversas.

O paralelo de Jesus, descrevendo o princípio das dores em *Lucas 21:11*, fala de grandes terremotos e epidemias, que mais uma vez caracterizam bem este personagem. Quanto ao inferno, que segue recolhendo aqueles que são vitimados pela morte, mais uma vez ficamos em dúvida quanto ao real significado da visão de João, mas o fato de ambos terem sido comissionados para matar a quarta parte dos

habitantes da Terra nos leva a crer que o inferno é apenas uma maneira figurada de indicar o aspecto terminal da missão.

Esta, como as pragas referentes aos três selos anteriores, têm ocorrido desde o princípio da Era Cristã, mas todas atingiram sua intensidade máxima em nossos dias. Um exemplo interessante é o impressionante aumento no registro de terremotos ao longo dos séculos da Era Cristã. A seguinte tabela é fornecida por Malgo (/31/, pág. 27):

Século	Nº de Terremotos
12	84
13	115
14	137
15	174
16	258
17	378
18	640
19	2.119
20	> 5.000

As condições para o surgimento do Anticristo são totalmente propícias, pois a presença desses cavalheiros, que caracterizam o “Princípio das Dores”, já se faz sentir.

A abertura do 5º selo difere dos quatro anteriores, visto que não se faz acompanhar de praga alguma e, sim, de uma visão que João tem de um altar sob o qual se encontram as almas dos que foram mortos por causa da Palavra de Deus e do testemunho que sustentavam. Estes clamavam em alta voz dizendo: “*Até quando, Soberano Senhor, Santo e Verdadeiro, não julgas e nem vingas o nosso sangue sobre os que habitam sobre a Terra*” (Apocalipse 6:9-10)?

Ele viu, então, que a cada um deles foi dada uma vestimenta branca e lhes foi dito que repousassem ainda por um pouco de tempo até que se completasse o número de seus conservos e irmãos que seriam mortos como eles o foram (Apocalipse 6:11).

A abertura deste selo só tem um aspecto em que todos os teólogos parecem concordar: é que o tempo de abertura do 6º selo não era ainda chegado. Fora isso, as discordâncias parecem atingir a tudo, ou seja: que altar é esse, onde fica, qual a identidade destes mártires, que pretendem com seu pedido, o que vem a ser as roupas que lhes são entregues e quem são os conservos e irmãos, cujo número ainda não foi completado?

A questão do altar parece ser relevante para alguns teólogos, porque querem estabelecer um paralelo entre o templo do céu e o de Salomão erigido aqui na Terra. Ficam discutindo se o altar em questão seria o de sacrifícios ou de incenso. No nosso caso, vamos nos limitar a lembrar que a morte de Seus santos é preciosa aos olhos de Deus (Salmos 116:15), de modo que o fato do martírio destes servos estar associado a um altar, serve apenas como memorial diante de Deus de que não terá sido em vão.

Usando palavras de Paulo, podemos dizer que se trata, literalmente, de um sacrifício vivo, santo e “agradável” a Deus (*Romanos 12:1*).

Com relação à identidade destes santos, o texto bíblico nos informa que se trata de pessoas que “*foram mortas pela Palavra de Deus e por seu testemunho*” (*Apocalipse 6:9*), mas a partir daí eles são diferenciados de acordo com a interpretação que se dá ao arrebatamento.

Para os pré e meso-tribulacionistas são pessoas que se converteram após o arrebatamento da Igreja e que a essa altura foram punidas com morte por não se submeterem aos ditames do Anticristo. Para os pós-tribulacionistas o motivo de sua morte é o mesmo, mas se trata de crentes da Igreja, ainda não arrebatada, e que estão passando pela grande tribulação.

O teor de sua pergunta está associada àquela que todos os crentes fazemos quando paramos para observar a iniquidade crescente à nossa volta: “Até quando, Senhor, teremos que esperar para que seja implantado o reino de justiça pelo qual ansiamos?”. Já vimos, anteriormente, que a impaciência destes irmãos pode estar associada, ainda, ao fato de estarem sem os seus corpos glorificados, que, segundo Paulo, serão recebidos no dia da volta de Jesus Cristo (*I Coríntios 15:42-45* e *I Tessalonicenses 4:16*).

Esta hipótese é corroborada pelo fato de receberem roupas brancas como sinal de aprovação do Senhor, para que se vistam enquanto não se completa o número daqueles que ainda hão de sofrer perseguições, a exemplo das que eles haviam sofrido.

O 6º selo é também diferente dos anteriores porque parece descrever o dia do Senhor, que João viu principiar com um grande terremoto seguido de modificações marcantes na natureza. Sua descrição narra o escurecer do sol e a lua se tornando vermelha como o sangue. Ao mesmo tempo ele disse ter visto as estrelas caindo do firmamento como os figos verdes sendo lançados de uma figueira em meio a um vento forte. Culminando todos esses eventos, ele viu os céus se enrolando como se enrola um pergaminho (*Apocalipse 6:12-14*).

Toda esta descrição é reproduzida fielmente na narrativa de Jesus (*Mateus 24:29-31*), mas que não se encontra mais no princípio das dores (*Mateus 24:3-14*) e, sim, ao final da grande tribulação (*Mateus 24:15-28*). Isso nos joga numa tremenda confusão, porque vínhamos abrindo os selos referindo-os, passo a passo, aos eventos descritos no princípio das dores e, de repente, saltamos a grande tribulação sem passar por ela e, pior, sequer abrimos todos os selos.

Tudo parece indicar que o abrir do 6º selo já concede uma pequena visão daquilo que se encontra no final do pergaminho. João olha, narra e depois volta atrás nos preparando para a abertura do 7º selo, ocasião na qual poderão abrir o livro e ver, com detalhes, o seu interior.

Talvez o que João viu tenha sido, inclusive, bem diferente do evento pelo qual ele tanto ansiava. Ao invés de grande alegria, cercado o maior evento da história, João

contemplou um quadro de desespero para a grande maioria das pessoas cuja grande preocupação, a essa altura, era se esconder da ira do Cordeiro (*Apocalipse 6:15-17*).

Ele, então, retrocede no tempo e passa a falar do que se dará com o povo de Deus durante o período de tribulação, que será abordado por ocasião da abertura do 7º selo. Nesta ocasião João contempla duas comunidades distintas: uma com um número contado de servos e outra com uma quantidade incontável de pessoas.

A visão do primeiro grupo começa com quatro anjos, um em cada canto da Terra, prontos a dar início à grande tribulação, quando um quinto anjo, tendo nas mãos o selo de Deus, instrui os demais no sentido de não começarem até que fossem marcados em suas frentes os servos de Deus. O número destes servos seria de 144.000, sendo 12.000 de cada uma das doze tribos de Israel (*Apocalipse 7:1-8*).

Embora a visão do segundo grupo seja narrada logo a seguir, o texto dá a entender que os componentes deste grupo seriam vítimas dentre o povo de Deus, abatidas durante a grande tribulação. Essa seria uma interpretação pós-tribulacionista. Para os pré e meso-tribulacionistas, a Igreja já teria sido arrebatada e estes seriam os convertidos durante o período de tribulação. Trata-se de uma multidão de pessoas vestidas de branco, talvez as mesmas que estavam sob o altar, que um dos anciãos descreveu como “os que vêm da grande tribulação e tiveram suas vestiduras lavadas e alvejadas no sangue do Cordeiro”. Deles se diz que nunca terão fome ou sede e que Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima, ou seja, serão largamente recompensados pelo que tiveram que passar (*Apocalipse 7:9-17*).

Aparentemente o primeiro grupo diria respeito à comunidade convertida de Israel, tal como preconizado por Paulo em *Romanos 9-11*, enquanto o segundo falaria de crentes da Igreja Gentílica. É no mínimo curioso que João lista as doze tribos de Israel de uma forma diferente de qualquer outra lista apresentada na Bíblia. A tribo de Dã foi excluída de todo e a de Efraim é considerada apenas indiretamente, visto que José foi listado, mas segundo esta mesma lógica Manassés, que aparece na lista, foi considerado duas vezes.

O número 144.000 nos fornece uma idéia de totalidade e não de limite máximo de vagas. O fato de ter sido usado por várias seitas, que se consideram os verdadeiros detentores da sã doutrina, como uma referência a si mesmos, só denota o quão tola a vaidade humana pode se tornar. Cabe ressaltar, contudo, que os 144.000 seriam, não todo o Israel, mas apenas os que vão reconhecer Jesus como Messias. De acordo com *Zacarias 13:8* isso talvez seja apenas 1/3 dos israelitas. Alguns escritores apocalípticos defendem que os 144.000 de Israel, em número real, são pessoas comissionadas para pregar o evangelho após o arrebatamento da Igreja (*/2/, pág. 257*). Desta forma o segundo grupo de pessoas, sem número, que João viu diante do trono, seriam gentios martirizados que atenderam ao apelo de sua pregação.

Com base no acima exposto, o capítulo 7, como um todo, teria a intenção de mostrar que o povo de Deus, tanto o remanescente dos filhos de Israel como a Igreja de Jesus Cristo, que recebeu também promessas de proteção, não passará pela grande tribulação desassistido pelo Pai. Seriam marcados para que não sofressem os efeitos das pragas derramadas sobre os rebeldes, a exemplo do que já ocorrera com os filhos de Israel no Egito, mas não estariam imunes às investidas do Anticristo. É importante

dizer que o fato da Igreja de Jesus Cristo passar pela grande tribulação é totalmente coerente com o discurso de Jesus sobre o sofrimento de Seu povo naquela ocasião (*Mateus 24:21-22*), quer seja a Igreja toda (pós-tribulacionismo), quer sejam apenas os convertidos posteriormente (pré e meso-tribulacionismo).

Dito isso, João agora retorna à abertura do 7º e último selo. Este, ao contrário do que ocorreu nos selos anteriores, não contém qualquer tipo de praga ou catástrofe, mas é seguido pelo tocar de sete trombetas, contendo, estas sim, o derramamento da ira de Deus sobre os ímpios. Podemos concluir, portanto, que as sete trombetas e os sete flagelos são o próprio conteúdo do livro, visto que a abertura deste deixa totalmente aberto o livro que se encontra nas mãos do Cordeiro. Isso explicaria, também, o silêncio de meia hora, que é descrito em *Apocalipse 8:1*. Trata-se, no caso, de uma atitude de temor e tremor dos sete seres celestiais e dos anciãos ao verem, no interior do livro, o julgamento de Deus, que está prestes a ser derramado sobre toda a Terra.

Por tudo que foi dito acima, parece justificado concluir que o livro foi primeiro totalmente aberto, pela remoção dos sete selos, que não estavam todos no início do rolo, mas sim ao longo do mesmo. Além disso, podemos imaginar que associado a cada selo havia um texto escrito do lado do verso do pergaminho, sendo esta a informação que foi prestada até agora (o pergaminho estava escrito de ambos os lados - *Apocalipse 5:1*).

Depois de aberto o 7º selo, o livro está totalmente aberto e João pode passar agora a descrever o lado interno, ou seja, o texto principal do rolo.

Em termos práticos, isso significa que os eventos relativos à abertura dos selos podem ocorrer em paralelo com aqueles referentes às trombetas e às taças da ira de Deus. Estas sim parecem ocorrer sequencialmente.

Esta é a forma como esses eventos são retratados nos cronogramas apocalípticos apresentados no capítulo 12.

13.2.3 - O TOCAR DAS SETE TROMBETAS

Seria de se esperar agora que o texto nos falasse a respeito da abertura do livro, mas, ao invés disso, João passa a descrever as sete trombetas (*Apocalipse 8-9*) e depois destes os setes flagelos (*Apocalipse 15-16*). É intuitivo, portanto, que as trombetas e os flagelos sejam, na realidade, o conteúdo do livro. Além disso, parece lícito associar o derramar da ira de Deus sobre aqueles que optaram por servir ao Anticristo, ao período da grande tribulação, da mesma forma que a abertura dos primeiros selos parece se relacionar com o período das dores.

Tudo parece indicar que as trombetas e os flagelos serão derramados sobre os adoradores da Besta (*Apocalipse 16:2*). Vemos, portanto, uma grande semelhança com as pragas do Egito, pois assim como essas deixaram de atingir os filhos de Israel, também aqui, vemos que Israel e a Igreja (total ou parcial, dependendo de como o arrebatamento foi considerado) não são atingidos. Aliás, alguns versículos deixam claro que a intenção de Deus não é, simplesmente, uma demonstração do Seu poder e nem, tampouco, uma vingança parcial e, sim, que os adoradores da Besta se arrependam e

se voltem para Ele. Isso fica claro em *Apocalipse 9:20-21*, por ocasião do tocar da 6ª trombeta, e em *Apocalipse 16:11*, após o quinto flagelo e confirma o que Pedro havia dito em *II Pedro 3:9*: “O Senhor não retarda a Sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; mas é longânimo para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se”.

Apocalipse 7 tinha começado com quatro anjos que estavam prestes a executar as ordens de destruição que haviam recebido e aos quais foi dito que esperassem até que os servos do nosso Deus fossem todos identificados. Seria de se esperar, agora, que fosse dada ordem a estes anjos para a execução de suas missões, mas, ao invés disso, somem de cena os quatro anjos e aparecem outros sete, aos quais são dadas trombetas, uma a cada um (*Apocalipse 8:2*). Podemos presumir, portanto, que o tocar das trombetas corresponde à autorização que é dada aos quatro anjos executores.

Antes que sejam tocadas as trombetas, contudo, surge ainda um outro anjo, cujo papel em relação às orações dos santos não é clara. Não parece que faça propriamente uma mediação e, sim, que seu desempenho esteja associado à sua apresentação com incenso. Este depois de fazer subir a Deus, com muito incenso, as orações de todos os santos, enche o seu incensário de fogo do altar, que ele, então, atira à Terra, resultando em fenômenos naturais que antecipam o toque da 1ª trombeta (*Apocalipse 8:3-6*). A figura dá a entender que Deus está para responder ao clamor de Seus servos, no sentido de que venha o Reino e seja implantada a justiça.

Tem início, então, o toque das trombetas, sendo que ao som da 1ª caem do céu saraiva e fogo misturado com sangue, fazendo com que a terça parte das árvores e de toda erva verde sejam consumidas (*Apocalipse 8:7*). Muitos teólogos veem aqui uma linguagem figurada em que as árvores representam autoridades e a erva as pessoas comuns, mas não há nenhum bom motivo para que o texto não seja entendido literalmente. Assim sendo, esta catástrofe se assemelharia bastante à 7ª praga derramada, sob os auspícios de Moisés, sobre os egípcios (*Êxodo 9:23-25*).

É importante ressaltar que o juízo de Deus principia pela natureza e não pelos homens, para que estes possam ver e vir ao arrependimento. Até em meio ao juízo a misericórdia do Senhor ainda é o ponto alto. Glória a esse Deus!

Ao soar da 2ª trombeta, somos informados de que uma grande montanha, ardendo em chamas, é atirada ao mar, tornando sua terça parte em sangue. Como resultado desta catástrofe morre a terça parte dos seres marinhos e é destruída a terça parte das embarcações (*Apocalipse 8:8-9*). Embora possamos conjecturar a respeito de um possível meteoro ou algo assim caindo no oceano, tudo que podemos dizer não passará de especulação. Fato é que por alguma obra de Deus, semelhante à primeira praga do Egito (*Êxodo 7:20-21*), um terço das águas serão contaminadas, matando um terço dos peixes, ao mesmo tempo em que as grandes ondas resultantes desta catástrofe farão afundar um terço das embarcações. Mais uma vez não há qualquer motivo para se supor que a descrição feita acima seja figurada e não literal.

A 3ª trombeta afeta, desta feita, as reservas de água potável. Somos informados da queda de uma estrela, de nome Absinto, que contamina um terço dos rios de água doce, fazendo com que pereçam muitos homens por ingerirem água amargosa (*Apocalipse 8:10-11*). Deus fizera promessa de juízo semelhante para seu próprio

povo, que O abandonara à época de Jeremias, ao dizer que alimentaria Seu povo com absinto e que lhes daria a beber água venenosa (*Jeremias 9:15*). O juízo desta vez atinge, também, alguns homens, mostrando o agravamento das pragas e, ao mesmo tempo, o apelo divino mais forte por arrependimento.

Quando o quarto anjo tocou a sua trombeta, João nos informa que foi ferida a terça parte do sol, da lua e das estrelas, de modo que o brilho destes cessou parcialmente tanto de dia como de noite (*Apocalipse 8:12*). Esta descrição de João talvez encontre paralelo na grande tribulação descrita por Jesus (*Mateus 24:29, Marcos 13:24-25 e Lucas 21:25-26*), bem como em profecias do Velho Testamento, qual seja a de *Joel 2:31*, por exemplo. Esse não é ainda, contudo, o escurecimento total desses astros.

Neste ponto está concluída a primeira parte das trombetas, contendo pragas que atingem, basicamente, a natureza. De repente a atenção de João se volta para uma águia voando pelo meio do céu e que grita: “*Ai, ai, ai dos homens que moram sobre a terra por causa da trombeta dos três anjos que ainda hão de tocar*” (*Apocalipse 8:13*). Obviamente esta preocupação se dá em função da abrangência das pragas seguintes, que não mais afetam a natureza e, sim, os próprios homens que têm o sinal da Besta.

O primeiro destes ais diz respeito à 5ª trombeta, que está associada a uma estrela caída do céu na terra e à qual foi dada a chave do abismo (*Apocalipse 9:1*). Aparentemente trata-se aqui de um ser angelical ou demoníaco que irá exercer o juízo de Deus previsto nesta praga. A preferência de alguns teólogos recai sobre o ser demoníaco, devido à dificuldade de associar um anjo a uma estrela caída. Há, ainda, os que reconhecem aqui o próprio Satanás. O fato de sabermos que este ser está a serviço de Deus permite, contudo, imaginar tratar-se de um anjo, cuja queda é apenas posicional: ele desce do céu à Terra.

Infelizmente a escassez de informações não permite concluirmos, com toda a certeza, que a Satanás, ou a um de seus demônios, é dado, nesta praga, o poder de soltar todos os demônios que já haviam sido aprisionados no inferno (*Judas 6*). Tudo que podemos concluir é que este ser do mundo espiritual recebeu poder para abrir os poços do abismo de onde sai uma grande quantidade de fumaça, que tapa o sol e escurece o ar.

O abismo em apreço é reconhecido pela grande maioria dos teólogos como sendo o inferno, mas devemos lembrar que, no dilúvio, Deus também abriu todas as fontes do abismo (*Gênesis 7:11*) e obviamente não se trata de uma referência a água saída do inferno.

Continuando, João vê sair desta fumaça para a Terra uma grande quantidade de gafanhotos, que são dotados de caudas e ferrões como os que têm os escorpiões, com os quais estes têm ordem de atormentar, por cinco meses, todos os homens que possuem em sua frente o sinal da Besta, deixando, contudo, a erva do campo intacta. Segundo João, o tormento causado pela picada dos gafanhotos será tamanha que eles desejarão a morte, sem, contudo, poder encontrá-la (*Apocalipse 9:3-6*).

Esta visão nos traz à mente imediatamente a profecia de Joel, que viu uma invasão de gafanhotos, associada ao grande e terrível dia do Senhor, e que ele descreve de forma semelhante aos da visão de João (*Joel 1:4 e 2:4-11*).

João conclui sua descrição da praga resultante da 5ª trombeta informando que essa grande quantidade de gafanhotos invasores teria sobre si um rei, que seria um anjo do abismo de nome Abadom, em hebraico, e Apoliom, em grego (*Apocalipse 9:11*). Esse nome, cujo significado é destruidor, não nos dá grande informação adicional, mas nos tenta a associá-lo com a estrela caída do início da visão.

Esta praga é concluída com um lembrete de que foi-se o 1º ai, mas que faltam ainda dois (*Apocalipse 9:12*).

O soar da 6ª trombeta se faz acompanhar de uma voz procedente do altar de ouro que se encontra diante do trono, dizendo ao próprio anjo que tocou a trombeta que vá e solte os quatro anjos que estão junto ao rio Eufrates e que estão prontos para matar a terça parte dos homens em uma data determinada (*Apocalipse 9:13-15*).

A praga da 6ª trombeta se assemelha à da 5ª pelo fato de ser, igualmente, dirigida aos homens, mas difere desta pelo fato dos homens serem efetivamente mortos. Cumprisse, neste caso, o juízo de Deus sobre a terça parte da humanidade.

Por estarem os anjos amarrados junto ao rio Eufrates (*Apocalipse 9:14*), alguns teólogos (por exemplo /31/, pág. 89) veem nestes quatro seres também anjos caídos, ou seja, demônios. Assim sendo, as hostes satânicas estariam novamente a serviço de Deus nesta praga.

Apocalipse 9:15-19 descreve um exército, aparentemente a serviço dos quatro anjos e que João diz ser composto de 200 milhões de soldados montados em cavalos especiais, de cujas bocas saía fogo, fumaça e enxofre, que se constituem nas armas da mortandade.

Alguns teólogos veem aqui uma guerra de grandes proporções, onde o fogo, a fumaça e o enxofre bem podem representar os efeitos de uma guerra nuclear, cujo palco seria o Oriente Médio, devido à citação do rio Eufrates, mas com danos se estendendo a toda a Terra.

Apocalipse 9:20-21 nos mostra que esta escalada no juízo de Deus continua a ter por finalidade o arrependimento do homem mas, infelizmente, somos informados que estes não se arrependem de sua idolatria, dos seus assassínios, de suas feitiçarias, de suas prostituições e de seus furtos.

13.2.4 - UMA VISÃO GLOBAL DO FIM

Os capítulos 10 e 11 parecem se constituir numa espécie de interlúdio entre a 6ª e a 7ª trombetas, mas a informação prestada em *Apocalipse 11:14*, dizendo que se encerra ali o 2º “ai”, deixa claro que as coisas que João vê, após a mortandade registrada no final do capítulo anterior, são, ainda, parte da 6ª trombeta.

João, que subira ao céu atendendo a um chamado no início do 4º capítulo, encontra-se, agora, novamente na Terra no momento em que vê “outro anjo forte” descendo do céu, vestido pelas nuvens, com um arco-íris sobre a cabeça, o rosto brilhando como o

sol e as pernas de colunas de fogo (*Apocalipse 10:1*). Com base nesta descrição bem poderíamos acompanhar alguns teólogos (/31/, pág. 94) e dizer que se trata do próprio Senhor Jesus Cristo, mas o fato do Apocalipse nunca tratar Jesus como sendo anjo, aliado ao fato de que João não o adora e considerando, ainda, o fato dele jurar em nome do Criador (*Apocalipse 10:6*), que no caso seria Ele mesmo, faz com que adotemos uma posição de mais cautela. Assim sendo, vamos considerá-lo apenas da forma como é citado: outro anjo forte.

O anjo em apreço tem na mão um livrinho aberto que, segundo aqueles que acham ser este o Cristo, é o mesmo que estava na mão do Cordeiro, mas que o texto parece indicar, claramente, um livro distinto. O fato do texto dizer que Ele tem um pé sobre o mar e outro sobre a terra parece enfatizar o domínio que Lhe é dado (*Apocalipse 10:2*). Essa idéia é reforçada por Sua forte voz, ao qual respondem os trovões (*Apocalipse 10:3*). Cabe enfatizar, também, o fato do livro estar aberto, o que significa que seu conteúdo estava totalmente acessível a João.

O texto nos diz que João entendeu aquilo que foi dito pelos trovões e o assunto de tal modo pareceu a ele importante, que se apressou em transcrevê-lo para que nada caísse em esquecimento, mas naquele exato instante ele ouviu uma voz dos céus, talvez do próprio Cordeiro, dizendo que aquela informação era restrita e não deveria ser repassada (*Apocalipse 10:4*). Aparentemente a experiência de João é semelhante à de Paulo, que recebeu revelações num arrebatamento, as quais, nos informa, ser ilícito passar adiante (*II Coríntios 12:2-4*). Obviamente isso aguça a nossa curiosidade, mas o fato da informação ali contida estar ligada, certamente, a detalhes mais precisos, relativos ao derramamento da ira de Deus, podemos ter certeza que nos foi ocultada porque assim nos convém, visto que Ele nos ama.

Na sequência do texto vemos o anjo levantar a sua mão aos céus e prestar um solene juramento em nome dAquele que vive para sempre e que criou céus, terra e mar, que já não haverá demora para o cumprimento dos desígnios de Deus. Logo a seguir ele esclarece dizendo que, ao tocar da 7^a trombeta, serão cumpridas todas as revelações feitas aos profetas, servos do Senhor, obviamente referindo-se à 2^a Vinda e à implantação do Reino de Deus (*Apocalipse 10:5-7*).

Ouve-se, neste instante, provavelmente vinda do próprio Senhor Jesus Cristo, uma voz dos céus, mandando que João peça ao anjo o livrinho e que o coma, ao que ele obedece sem questionar. O anjo, ao lhe dar o livro, alerta-o para o fato de que será doce na sua boca, mas amargo ao chegar ao ventre, o que ele constata ser verdade (*Apocalipse 10:8-10*). Isso nos traz à mente um relato semelhante ocorrido com Ezequiel (*Ezequiel 2:8-3:3*).

Claro está, em ambos os casos, que o comer do livro está relacionado com o recebimento da mensagem a ser proclamada. O fato dela ser agradável ao paladar certamente se refere ao prazer que o crente tem de ser portador da mensagem vinda de Deus, mas a sua digestão difícil se relaciona à dificuldade com que a mensagem dura do derramamento da ira de Deus seria pregada.

Confirmando isso, é dito a João que ele haveria de profetizá-la, ainda, a muitos povos, nações, línguas e reis (*Apocalipse 10:11*) e certamente as profecias de João no Apocalipse têm varrido o globo ao longo de séculos.

Sem maiores explicações João nos informa, a seguir, que lhe foi dado um caniço, semelhante a uma vara, com o qual deveria medir o santuário de Deus, o seu altar e aqueles que nele adoram, deixando de lado, contudo, o átrio exterior, visto que este foi dado aos gentios para ser pisado por um período de 42 meses (*Apocalipse 11:1-2*).

Nossa primeira dificuldade consiste em saber que templo é esse. Sabemos que o templo era composto por um prédio, em cujo interior ficava o lugar santo, onde entravam apenas os sacerdotes escalados, e o Santo dos Santos, de acesso restrito ao Sumo-Sacerdote. No entorno deste ficavam o pátio dos sacerdotes, o dos judeus, um local separado para as mulheres e, finalmente, um átrio onde qualquer estrangeiro poderia entrar. Cabe identificar, aqui, que relação pode haver entre tais medidas e o plano de Deus. Há várias interpretações, dentre as quais podemos citar:

- 1^a → seria literal, ou seja, João estaria medindo o templo a ser construído em Jerusalém durante o período da Grande Tribulação, no qual os judeus viriam a se converter. Na melhor das hipóteses, poderíamos dizer que as dimensões teriam que ser adequadas ao número de convertidos;
- 2^a → o templo em apreço seria o do Espírito Santo, ou seja, João estaria medindo a Igreja de nosso Senhor Jesus Cristo. Os gentios pisando o átrio exterior seriam todos os não crentes, inclusive os judeus;
- 3^a → o povo judeu seria a parte do templo do Espírito Santo que estaria sendo considerada, ou seja, tratar-se-ia de uma profecia referente à conversão do povo judeu, prevista imediatamente após a ressurreição das duas testemunhas, conforme veremos adiante.

A primeira interpretação, a literal, parece ser a mais indicada, pois urge que seja construído um templo em Jerusalém para que os sacrifícios sejam reinstaurados.

O período de quarenta e duas semanas, ao longo das quais o átrio exterior e toda Jerusalém seriam pisados, parece nos remeter para a profecia das setenta semanas de Daniel (*Daniel 9:25-27*). Encontramos ali o Messias morrendo na 69^a semana e uma aparente suspensão da última semana até o tempo do fim, quando surgiria, então, um personagem mundial dominante (o Anticristo), que faria uma aliança com os judeus, cuja duração seria de apenas 3,5 dias (ou, no caso, anos). No meio da semana romperia o acordo com os judeus e os oprimiria pelos 3,5 anos restantes, quais sejam: quarenta e duas semanas.

Apocalipse 11:3 parece introduzir uma mudança de assunto, com a voz do céu, provavelmente de Jesus, informando a João que instituiria duas testemunhas, que haveriam de profetizar por 1.260 dias, vestidas de pano e de saco. Ao que tudo indica, contudo, Deus estaria permitindo este período de tribulação de 3,5 anos para o povo judeu, justamente para que este se volte para Ele. Os 1.260 dias, que correspondem igualmente a quarenta e duas semanas, seriam o período ao longo do qual estas duas testemunhas profetizariam, entre outras coisas, a conversão da nação judaica.

O versículo seguinte (*Apocalipse 11:4*) faz uma referência a dois candelabros que os associa com dois servos do Senhor que militaram nos dias do profeta Zacarias, quais sejam: Josué e Zorobabel (*Zacarias 3:1-4:7*). Estas testemunhas seriam revestidas de toda a autoridade e poder para a realização da obra que lhes está proposta. Durante

este período poderão fechar o céu para que não chova, converter água em sangue ou lançar mão de quaisquer outros flagelos (*Apocalipse 11:5*). Estes poderes mais uma vez nos trazem à lembrança Elias e Moisés, que empreenderam, em seus dias, feitos semelhantes.

Estas referências que os associam a heróis da fé do Velho Testamento nos levam a crer que estas duas testemunhas seriam efetivamente duas pessoas realizando uma grande obra para o seu Senhor, mas despertando, ao mesmo tempo, a ira da Besta e de todos quantos a servem.

Somos informados, em *Apocalipse 11:7*, que, concluído o seu testemunho, ou seja, ao final da Grande Tribulação, o Senhor permitirá que a Besta se levante contra eles e os mate. Tamanho será o incômodo que essas testemunhas trarão, que a sua morte se tornará motivo de festejos. Seus corpos serão mantidos em exposição pública e as pessoas celebrarão a sua “remoção” enviando presentes uns aos outros (*Apocalipse 11:8-10*).

Passados 3,5 dias, contudo, o Senhor lhes enviará o sopro divino, de modo que voltarão a se levantar para surpresa e pânico geral (*Apocalipse 11:11*). Como se isso já não bastasse, todos ouvirão quando lhes é dirigida uma voz do céu solicitando a sua subida para lá, que será atendida prontamente, também aos olhos de todos.

Exatamente neste momento João testemunha a ocorrência de um grande terremoto que destrói 1/10 das construções da cidade e causa a morte de 7.000 pessoas (*Apocalipse 11:13*).

O fato das duas testemunhas terem 3,5 anos para testemunhar (toda a segunda metade do período de tribulação) faz com que muitos autores, como por exemplo La Haye e Ice (*/3/*, pág. 57) coloquem a abertura dos selos e o toque das trombetas nos primeiros 3,5 anos. Não podemos esquecer, contudo, que os capítulos 10 e 11 representam uma espécie de intervalo para dar uma visão geral, da mesma forma como 12 a 15 apresentam personagens que se destacam nesta fase final da semana apocalíptica. Não se justifica, portanto, utilizar essa informação para estabelecer a sequência. O fato do Anticristo só se revelar como tal na metade da semana (*Daniel 9:27*) nos dá a entender que suas verdadeiras intenções só ficarão claras para todos neste momento.

Antes de passar ao tocar da 7ª trombeta, João nos informa aqui do encerramento da 6ª: são passados já 2 “ais” e fica faltando apenas o 3º (*Apocalipse 11:14*).

Com o tocar da 7ª trombeta não vemos, conforme já antecipado acima, qualquer praga associada, pelo que somos obrigados a reconhecer que os 7 flagelos se constituem, na realidade, na praga associada ao 3º “ai”. Ao invés de pragas vemos, portanto, o anúncio da chegada do Reino de Deus: “*O Reino do mundo se tornou do nosso Senhor e do Seu Cristo e Ele reinará pelos séculos dos séculos*” (*Apocalipse 11:15*).

O tema central de todas as profecias apocalípticas é a implantação do Reino de Deus, pelo que a aproximação do fim da grande tribulação faz entrever a sua implantação. Lembramos aqui que o apóstolo Paulo nos fala desta implantação em duas etapas (*1 Coríntios 15:24-28*), com um período inicial do Reino Messiânico, para que Este, numa

segunda etapa, entregue o Reino a Deus Pai, numa provável referência ao governo do Novo Céu e Nova Terra.

João, a essa altura, reassume a sua visão nos céus e testemunha o instante em que os vinte e quatro anciãos, que até então estavam sentados diante de Deus, se prostram sobre os seus rostos e começam a louvar, dizendo: “*Graças Te damos, Senhor Deus Todo-Poderoso, que és e que eras porque assumiste o Teu grande poder e passaste a reinar*” (*Apocalipse 11:17*). É marcante aqui a diferença entre este louvor e outro semelhante dos quatro seres viventes, registrado em *Apocalipse 4:8*, onde proclamam ser Santo Aquele que era, que é e que há de vir. No presente caso o porvir é chegado, pelo que substituem a tríplice saudação com um agradecimento pelo cumprimento daquilo que estava prometido desde o princípio, quando foi asseverado a Adão que a cabeça da serpente seria esmagada (*Gênesis 3:15*).

Os anciãos reconhecem, ainda, que as nações haviam se enfurecido contra Deus, mas que é chegado o dia de Sua ira. Outrora Pedro e João, defrontados com furor semelhante, haviam pedido intrepidez para continuar pregando a mensagem da cruz (*Atos 4:29*), mas o tempo para isso está esgotado. É chegado o dia do juízo, com a condenação de toda a iniquidade e a destruição daqueles que transtornam a terra. Para os servos, os profetas, os santos e todos os que temem o Seu nome, é chegado o momento de receberem galardão (*Apocalipse 11:18*).

Apocalipse 11:19 nos deixa um pouco atrapalhados, porque somos informados que abriu-se o santuário celeste e pode ser vista a arca da aliança que ali se encontrava. Ora, toda a visão de João, desde que foi chamado até ao céu, é passada diante do trono, que entendemos ser o Santo dos Santos, ou seja, justamente o lugar onde ficava a arca da aliança. A existência de outro templo é pouco provável, mesmo porque somos informados mais adiante da inexistência de santuário na Nova Jerusalém, visto que o seu santuário é o Senhor Todo-Poderoso e o Cordeiro (*Apocalipse 21:22*). Assim sendo, devemos concluir que a intenção aqui é de tão somente nos lembrar que todas as alianças que Deus havia feito com os homens estão sendo cumpridas (*Apocalipse 11:19*).

Apocalipse 12-14 parece, em princípio, uma espécie de interlúdio entre o tocar da 7ª trombeta e o início dos sete flagelos. Um estudo mais apurado mostra, contudo, que se trata de uma espécie de apresentação dos personagens que desempenham os principais papéis na Grande Tribulação, quais sejam: Israel, a Igreja, Satanás, a Besta e o preposto desta.

O grande sinal no céu, a saber, uma mulher vestida do sol, tendo a lua sob seus pés e um diadema de doze estrelas na cabeça, visto por João a seguir, tem sido interpretado como sendo Maria /1/, o povo de Israel /2/ e o povo de Deus na Terra (em nossos dias, a Igreja /3/).

A primeira destas não chega a ser considerada senão por alguns segmentos da Igreja Católica Romana, no afã de ver perpetuada a presença de Maria nas Escrituras além do primeiro capítulo de Atos, onde é citada pela última vez (*Atos 1:14*). Não obstante o texto falar, figuradamente, da gravidez que deu origem ao Messias, ainda assim a maioria dos teólogos se divide entre as hipóteses 2 e 3, havendo, ainda, os que acham tratar-se de ambas. De modo geral, a forma de interpretação é ditada pela posição dos

teólogos em relação ao arrebatamento, ou seja, aqueles que creem no arrebatamento da Igreja antes da grande tribulação veem aqui uma referência ao povo de Israel, ao passo que aqueles que acham que a Igreja passará pela tribulação veem aqui ou a representante de Deus na Terra antes e após a vinda do Messias (neste caso seria o povo de Israel e posteriormente a Igreja) ou simplesmente a Igreja.

Esta última hipótese, ou seja, uma referência somente à Igreja, talvez seja a menos provável, visto que a Igreja não deu origem ao Messias e, sim, Ele a ela, mas os defensores desta hipótese se valem de palavras de Paulo fornecidas em *Gálatas 4:26*: “A Jerusalém de cima é livre, a qual é nossa mãe...”. No nosso afã de não forçar a interpretação de qualquer texto em seu contexto, digamos, apenas, que esta mulher, descrita de forma gloriosa, parece se adequar melhor ao papel de Israel até o versículo 16 e à Igreja gentílica no versículo 17.

O texto, para apresentar os personagens supracitados, parece abandonar, provisoriamente, o período do Apocalipse, retrocedendo aos tempos veterotestamentários em que o povo de Israel vivia a expectativa do nascimento do Messias (*Apocalipse 12:2*).

Vendo a mulher (Israel) nesta condição, João percebe a presença de um dragão vermelho com sete cabeças, sobre as quais havia chifres e diademas (*Apocalipse 12:3*). Trata-se, segundo somos informados em *Apocalipse 12:9*, da antiga serpente, chamada Diabo e Satanás. Não cabe aqui ficar discutindo o significado das cabeças e seus adornos, mas fica ressaltado no texto que estão associados à autoridade daqueles que os ostentam. O fato do texto narrar que arrasta 1/3 das estrelas ao mover a cauda (*Apocalipse 12:4a*) é, segundo alguns (por exemplo, Szczerbacki), uma referência aos anjos que o seguiram por ocasião de sua rebelião contra Deus (/32/, pág. 207). Citam como texto paralelo *Daniel 8:10*, onde diz que ele lançou por terra alguns do exército dos céus. Por esse raciocínio Satanás teria à sua disposição um exército de demônios igual a metade dos anjos a serviço de Deus. Embora tal possibilidade exista, é possível, também, que a citação de João tivesse apenas a intenção de mostrar o quão notável era o dragão.

O fato do dragão se postar diante da mulher para tragar o seu filho tão logo nascesse (*Apocalipse 12:4b*), retrata bem o papel de Satanás, destruindo o povo de Israel, levando-o sempre a reincidir no pecado, de modo a fracassar no seu papel sacerdotal. Lembra-nos, ainda, de como usou Herodes para tentar matar os meninos nascidos à época em Belém. Aponta, também, para tantas ocasiões, ao longo do ministério de Jesus, em que tentou induzi-LO ao erro.

De nada adiantaram, contudo, as tentativas de Satanás porque o Cristo, o filho varão que há de reger todas as nações, nasceu e foi arrebatado para Deus, para assentar-Se no Seu trono (*Apocalipse 12:5*). É no mínimo curioso que João omita aqui o Seu ministério, limitando-se a citar Seu nascimento e Sua ascensão.

No versículo seguinte a mulher, agora já presumivelmente o remanescente de Israel, foge para o lugar que Deus lhe preparara, no qual deverá resistir a Satanás pelo período de 1.260 dias (*Apocalipse 12:6*). O fato do apóstolo ter saltado todo o período em que a Igreja foi a efetiva representação de Deus na Terra e olhar diretamente para a segunda metade da grande tribulação (3,5 anos ou 42 meses ou 1.260 dias), ressalta

o fato de ela não estar falando da Igreja e sim de Israel. Alguns autores vêem no deserto onde a mulher (o remanescente de Israel) se refugia, apenas como uma figura para a proteção de Deus (/34/, pág. 129), enquanto outros reconhecem aqui uma efetiva fuga do remanescente para Edom (atual Jordânia), onde estarão a salvos da mortandade de judeus que ocorrerá em Israel (*Zacarias 13:8-9*).

Apocalipse 12:7-9 nos traz mais informações a respeito de Satanás, sem ter, contudo, qualquer preocupação de localizá-las no passado ou no futuro. João diz apenas ter visto Miguel e seus anjos lutando contra o dragão e também seus anjos. Esta é uma das cinco referências nominais que encontramos na Bíblia a Miguel, três das quais se encontram no livro de Daniel (*Daniel 10:13, 21 e 12:1*). Todos estes textos têm em comum o fato de relatarem contendas espirituais entre Miguel e Satanás com reflexos imediatos no mundo visível, nos quais, invariavelmente, Miguel leva a melhor. Neste texto somos informados que Satanás é expulso do céu e atirado à Terra, que nos traz à mente a citação de Jesus encontrada em *Lucas 10:18 (Apocalipse 12:9)*.

Este fato é comemorado em meio às hostes celestiais como marco da implantação da salvação, do poder e do reino do nosso Deus, bem como da autoridade do Seu Cristo, visto que o Seu sangue e o testemunho dado em Seu nome concederam a vitória aos Seus servos, mesmo enfrentando estes perseguição de morte (*Apocalipse 12:10-12*).

Mas, se por um lado foi derrotado o acusador dos servos do Senhor, por outro a situação na Terra será agravada, pois o Diabo vem cheio de cólera e sabendo que tem pouco tempo. Ali, vendo que nada pudera contra o Messias, passou a perseguir a mulher (o remanescente de Israel, que reconhece Jesus como Messias), que Deus promete proteger por um tempo, dois tempos e metade de um tempo. Esta é apenas mais uma maneira de se referir aos 3,5 anos da segunda metade da grande tribulação (*Apocalipse 12:13-14*).

Encerrando este capítulo, João narra a tentativa frustrada do dragão de atingir a mulher, passando, então, a pelejar contra o restante de sua descendência: a Igreja para os pós-tribulacionistas ou os convertidos da grande tribulação para os pré e meso-tribulacionistas. Para atingir este intento Satanás se encontra na praia, onde fará surgir do abismo a Besta e seu preposto (*Apocalipse 12:15-18*).

Apocalipse 13 nos fala, então, sobre o surgimento de duas bestas, uma que aparentemente dominará o cenário político da época da grande tribulação, enquanto a segunda, preposto da primeira, fará um papel semelhante ao de um sacerdote, cujo objetivo é fazer com que todos os olhares se voltem com admiração e louvor à 1ª besta.

Não cabe aqui, agora, acharmos que Satanás estará efetivamente em pé na praia enquanto surge, vindo das profundezas dos oceanos, um monstro grotesco de várias cabeças. Obviamente tudo continua muito figurado, de modo que uma das chaves para a compreensão do texto será sempre a definição do critério de interpretação das figuras. Neste caso específico temos que começar por descobrir o papel do mar e a natureza da criatura com a qual estamos lidando. Se valer o mesmo critério apresentado para as águas em *Apocalipse 17:15*, podemos dizer que o mar representa povos, nações, multidões e línguas, dentre as quais surgirá a Besta. Já com relação à natureza dessas criaturas, *Apocalipse 13:18* nos informa que o nome da Besta é nome

de homem, donde tudo parece indicar que se tratará de um governante comum, estabelecido através de uma nação comum e que se destacará sobremaneira durante o seu governo, a ponto de alcançar a soberania sobre todas as nações da terra.

Ao emergir das águas, vemos que esta Besta tem grande semelhança com o próprio dragão, ou seja, possui igualmente sete cabeças e dez chifres, mas difere dele pelos diademas, em número de dez e que se encontram sobre os chifres, enquanto os sete diademas do dragão encontravam-se sobre as sete cabeças.

Esta Besta também mostra grande semelhança com o 4^o animal visto por Daniel em sua visão (*Daniel 7*). Também este tinha dez chifres, que ali eram representativos de reis distintos de um mesmo reino (*Daniel 7:23-27*). Embora a história mostre que a profecia de Daniel tenha tido cumprimento parcial no reinado dos selêucidas e especificamente com o rei Antíoco IV Epifânio, que no ano 167aC profanou o altar do templo de Jerusalém, causando a cessação temporária das ofertas, só restabelecida por Antíoco V em 163aC, cerca de 3,5 anos mais tarde, ainda assim, o cumprimento desta profecia aponta para um reino escatológico, certamente o mesmo da visão de João.

Somos levados a concluir, portanto, que a Besta é o mandatário de um reino da Terra, existente à época da Grande Tribulação, o qual será dotado de grande autoridade, outorgado pelo poder do dragão, ou seja, por Satanás (*Apocalipse 13:1-2*). Maiores detalhes a respeito da Besta (Anticristo) são dados no capítulo 6.

Durante o período apostólico, sabemos que a volta do Senhor era considerada iminente até pelos próprios apóstolos, mas aparentemente o assunto tomara proporções obsessivas para os tessalonicenses, pelo que Paulo foi obrigado a lhes escrever esclarecendo que a volta do Senhor não se daria até que surgisse no cenário mundial “o iníquo”, que operaria, segundo a eficácia de Satanás, com todo o poder e sinais e prodígios da mentira (*II Tessalonicenses 2:9*).

A interpretação particular dada a este texto pelas correntes pré-, meso- e pós-tribulacionista já foi objeto de comentários no capítulo 4.

Jesus também falou a respeito do iníquo supracitado, ao dizer: “*Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo (quem lê, entenda), então ...*” (*Mateus 24:15*). Também esta profecia teria tido cumprimento parcial, segundo o historiador judeu Flávio Josefo, quando o general romano Tito entrou no templo, profanando-o e destruindo-o totalmente no ano 70dC. Seu cumprimento pleno aponta igualmente, contudo, para um personagem escatológico, que surgirá nos dias da Grande Tribulação. É no mínimo significativo que Jesus fale a seu respeito exatamente ao introduzir em Seu discurso o assunto da Grande Tribulação (*Mateus 24:15-28*).

Sempre ao longo da História os teólogos se viram tentados a estabelecer um paralelo entre um reino ou um poder vigente e o reinado da Besta. Obviamente o primeiro reino a merecer tal paralelo foi o de Roma, mas uma das dificuldades que sempre complicou esta associação foi o fato da Besta ter sido mortalmente ferida, através de um golpe em uma de suas cabeças e depois ter sido curada (*Apocalipse 13:3*). Na época do Império Romano havia uma lenda, que dava conta que Nero não morrera de suicídio, conforme

nos narra a História, mas que fugira para o Oriente, de onde voltaria com um exército conquistador. A restauração desse reino, ou alguma forma do mesmo em nossos dias é a posição defendida por alguns teólogos (/6/, pág. 52), que veem isso profetizado no livro de Daniel.

Outros teólogos contemporâneos vinham atribuindo à União Soviética o papel de reinado da Besta, mas foram decepcionados pela dissolução desta união de nações durante os anos 90. Não faltou, contudo, quem dissesse ter sido esta a ferida mortal na cabeça de Gorbachev, caído em desgraça, mas que ressurgirá com muito maior poder quando este se levantar /33/.

Houve ainda, de igual modo, quem visse no Mercado Comum Europeu a associação correspondente de nações (/19/, pág.179).

Verdade é, contudo, que associações desta natureza têm servido apenas para criar preconceitos. É necessário, portanto, que fiquemos atentos, conferindo os fatos em nossos corações, para que reconheçamos o seu cumprimento à medida em que vão se realizando.

Apocalipse 13:4 nos dá a entender que ficará patente que a Besta opera maravilhosamente pelo poder que lhe foi outorgado por Satanás, constituindo-se em motivo de adoração ao Diabo. A Besta será tida por invencível, o que obviamente denota apenas a falta de conhecimento das Escrituras por parte da maior parte dos homens. Paulo, por exemplo, disse aos tessalonicenses que “*O Senhor Jesus o matará com o sopro de Sua boca, destruindo-o pela manifestação de Sua vinda*” (*II Tessalonicenses 2:8*).

João nos fala, ainda, que serão dadas à Besta uma boca para proferir arrogâncias e blasfêmias e autoridade para agir por um período de 42 meses - novamente o mesmo período referente à segunda metade do período apocalíptico, ou seja, a Grande Tribulação (*Apocalipse 13:5*). Tal autoridade o levará a começar um período de perseguição pela difamação do nome de Deus, da Igreja e posteriormente dos crentes individualmente (*Apocalipse 13:6*). Esta perseguição se tornará em peleja aberta contra os crentes em Jesus, que serão vencidos nesta época (*Apocalipse 13:7*). O termo vencido, utilizado em nossas traduções, não tem o sentido de cederem à tentação de negar o nome de Jesus. O que está implícito é o martírio, que na realidade se constitui em vitória, visto que a fidelidade até a morte tem por prêmio a coroa da vida (*Apocalipse 2:10*).

A autoridade da Besta será sobre todas as nações da Terra e ela será, também, por todos adorada, mas João faz uma ressalva: “... *aqueles cujos nomes não foram escritos no livro da vida do Cordeiro, que foi morto, desde a fundação do mundo*” (*Apocalipse 13:8*). Fica implícito, portanto, que a Igreja (toda para os pós-tribulacionistas e os convertidos após o arrebatamento para os demais) se recusará a prestar tal adoração, motivo pelo qual será tão perseguida.

João conclui sua descrição da Besta e da abrangência do seu poder com uma advertência: “*Quem tem ouvidos para ouvir, ouça*” (*Apocalipse 13:9*). Aparentemente ele diz, ainda, que a perseverança e a fidelidade dos santos reside justamente no fato de que a vingança é do nosso Deus (*Apocalipse 13:10*).

Surge, então, a segunda Besta, emergindo, desta feita, da terra. Esta João diz que tem dois chifres e o aspecto de cordeiro, embora fale como dragão (*Apocalipse 13:11*). Trata-se, sem dúvida, de uma imitação do Cristo, tendo em vista o seu aspecto de cordeiro, mas na hora em que começa a falar percebe-se, imediatamente, que ela nada tem de divino. Esta Besta não oferece qualquer tipo de concorrência à primeira. Pelo contrário, exerce toda a autoridade da 1ª na presença desta, a quem dá toda a honra e glória, fazendo com que todos os moradores da Terra a adorem (*Apocalipse 13:12*). Fica patente, portanto, que a 1ª besta exerce um papel de líder civil, ao passo que a 2ª desempenha uma espécie de sacerdócio a serviço da 1ª.

O texto nos diz que é dado a esta 2ª Besta operar grandes sinais, dentre os quais faz até descer fogo dos céus, de modo que os homens ficam totalmente seduzidos pelo poder que exerce (*Apocalipse 13:12-13*). É importante ressaltar que o poder em questão é real e tem origem no reino das trevas.

Diz-nos João que este preposto da Besta convencerá os homens a fazerem uma imagem para fins de adoração e que usará de seus poderes satânicos para transmitir vida à imagem, de modo que esta matará todo aquele que se recusar a adorá-la (*Apocalipse 13:14-15*). Obviamente estarão incluídos aqui muitos dos santos.

A todos os adoradores da Besta será concedida uma marca sobre a fronte ou sobre a mão direita, com a qual poderão comprar e vender. Serão tempos difíceis para a Igreja (ou para os convertidos após o Arrebatamento no cenário pré e meso-tribulacionista), cuja perseguição abrangerá a cassação do próprio direito à aquisição de gêneros alimentícios.

Esta marca aparentemente se constitui num nome, cujo número equivalente é 666, que João apresenta àqueles que têm sabedoria para que possam decifrá-lo (*Apocalipse 13:16-18*). Para a melhor compreensão deste desafio é preciso saber que nem o hebraico nem o grego possuíam um sistema numérico. Ambos os idiomas utilizavam letras do alfabeto em lugar dos números. Seria o equivalente a usarmos, por exemplo A=1, B=2, C=3 etc. Assim sendo, algum tipo de combinação dos números que constituem o nome do homem que encarna a besta deve levar ao número 666.

Não é difícil de entender, portanto, que muitas pessoas usem operações algébricas, aplicadas a nomes de indivíduos em evidência, com o intuito de saber se são ou não candidatos ao cargo de Besta. Durante a 2ª Guerra Mundial, por exemplo, muitas pessoas atribuíam a Hitler o ofício de Besta, visto que puderam mostrar que a soma dos números atribuídos às letras do seu nome totalizava 666. O fato de seu principal assessor direto, de nome Göebel, viver para enaltecer o Führer (título que Hitler se deu e que significa líder), fez com que fosse atribuído a ele o cargo de 2ª Besta ou falso profeta. O tempo mostrou rapidamente o equívoco.

A atenção de João se volta, então, para o Cordeiro em pé sobre o monte de Sião, onde se encontra acompanhado de 144.000, que têm escrito em suas frentes não o símbolo da Besta, mas o nome do Cordeiro e do Seu Pai (*Apocalipse 14:1*).

Parece tratar-se de uma situação em que o Cordeiro e o remanescente de Israel celebram no Monte do Templo em Jerusalém a vitória sobre o Anticristo e os reinos da

Terra. Embora estejam na Jerusalém terrestre, o texto diz que estão cantando, diante do trono, um novo cântico que apenas os 144.000 remidos podem aprender. Estes, continua João, são aqueles que permaneceram virgens, aparentemente no sentido espiritual, ou seja, que não cederam à idolatria da Besta. Desta forma representam as primícias, para Deus e para o Cordeiro, dentre o povo de Israel. Assim sendo, eles são agora, também, parte da Igreja de Jesus Cristo, à qual se juntarão, contudo, somente depois do Milênio.

Com base em *Apocalipse 14:4* há aqueles que procuram identificar este grupo como uma classe especial de celibatários, porque o texto nos fala não se terem maculado com mulheres, por serem castos. Embora o sentido literal seja este mesmo, sabemos que a Bíblia não apresenta as relações sexuais como uma coisa indigna, senão quando praticadas fora do casamento, além de deixar claro ser ilícito proibir o casamento (*// Timóteo 4:3*). Por outro lado a Bíblia usa, inúmeras vezes, da infidelidade conjugal como uma figura da idolatria. Segue, portanto, ser mais provável que a referência aqui se faça a pessoas que não dobraram os seus joelhos à Besta, sendo seguidores do Senhor Jesus, sem mentiras e sem mácula de pecado outro (*Apocalipse 14:5*).

Concluída a apresentação dos personagens que desempenharão papéis de destaque no período da Grande Tribulação, João tem uma visão de três anjos que trazem como que os últimos avisos aos homens que se encontram sobre a terra, antes que efetivamente comece o derramamento dos sete flagelos do fim.

O primeiro destes anjos voa pelo céu tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a Terra, e a cada nação, tribo, língua e povo. É necessário que temam a Deus e que Lhe deem glória. Devem adorar Aquele que fez o céu, a Terra, o mar e as fontes das águas, pois o Seu juízo é iminente (*Apocalipse 14:6-7*).

Não obstante o texto referir-se a “um” evangelho, não há dúvida que está sendo concedido aos adoradores da Besta a sua última oportunidade para que aceitem “o” evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo. Fica claro que Deus ama o mundo de tal maneira, que até a última hora continua Se esforçando para que ninguém se perca (*// Pedro 3:9*). Apesar de difamado, menosprezado e rejeitado, o Seu amor continua a andar de mãos dadas com Sua justiça. O Pai está sempre pronto a fazer com que esta seja satisfeita em Jesus, se tão somente houver arrependimento e confissão de pecados. Esse é o Deus de toda a Bíblia, que continua imutável às portas do juízo!

O 2º anjo nos antecipa informações, que são detalhadas posteriormente nos capítulos 17 e 18, relativas à queda da grande Babilônia, que corrompeu as nações através de sua prostituição (*Apocalipse 14:8*).

A Babilônia bíblica é o protótipo da Babilônia escatológica. Trata-se de uma cidade de grande influência mundial que, além de sua soberania bélica e comercial, exporta para todo o mundo também a sua corrupção sexual e a sua idolatria. Nos dias dos apóstolos, os cristãos olhavam para Roma certos de que ela preenchia este papel, mas 19 séculos depois muitos teólogos continuam a cometer o mesmo julgamento precipitado, olhando com suspeitas para as cidades e nações mais poderosas e moralmente decaídas de nossos dias.

Tudo o que sabemos é que a sua queda dar-se-á nos dias da Grande Tribulação, com maiores detalhes fornecidos adiante, mas fica patente que a queda da cidade que era o orgulho de todas as nações, antes que venha o Dia do Juízo, ainda representa uma nova tentativa do Senhor de levar os demais povos ao arrependimento.

O 3º anjo traz mais uma advertência, esta, contudo, sob forma de ameaça para aqueles que adoram a Besta e a sua imagem e recebem a marca na sua fronte ou mão. Ele diz que todo aquele que estiver nesta condição beberá do vinho da cólera de Deus, preparado sem atenuação do cálice de Sua ira. Seu futuro será passado no lago de fogo e enxofre, onde será atormentado pelos séculos dos séculos (*Apocalipse 14:9-11*).

A cólera e a ira de Deus, retratados pelo anjo, não podem ser entendidos como sentimentos iguais àqueles despertados pela emoção do homem. A ira de Deus é caracterizada pela Sua aversão ao pecado: simplesmente não pode tolerá-lo. A condenação do pecado é automática por estar debaixo da ira de Deus. João expressa isso ao dizer: “... o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do Unigênito Filho de Deus” (*João 3:18b*).

Assim sendo, o que parece vir sob forma de ameaça é, na realidade, apenas um fato consumado: quem não aceita a justiça em Jesus permanece em pecado e, automaticamente, sob a ira de Deus. É na certeza de que nenhum pecado ficará impune que reside, segundo João, a perseverança dos santos (*Apocalipse 14:12*).

Concluído o recado do 3º anjo, João ouviu, ainda, uma voz dirigida do céu, que dizia: “*Bem-aventurados os mortos, que desde agora morrem no Senhor, para que descansem de suas fadigas, pois suas obras os acompanharão*” (*Apocalipse 14:13*). Pode parecer um tanto estranho dizer: feliz daquele que for morto por causa da perseguição que vai sofrer, porque isso será computado para o seu galardão, mas na realidade esta promessa é até bastante comum no Novo Testamento. Jesus, por exemplo, disse que quem perdesse a sua vida por amor dEle achá-la-ia (*Mateus 10:39b*). Paulo, falando aos filipenses, expressou esta mesma idéia ao dizer que para ele o viver é Cristo, mas o morrer ganho (*Filipenses 1:21*).

Fala-se muito sobre qualidade de vida, mas na prática parece que não é fácil para o homem estabelecer um padrão de vida desejável. Pois bem, para Deus fica claro que a vida de qualidade é aquela que é gasta a Seu serviço, independente de sua duração. Que possamos todos nos esforçar por viver uma vida cristã de qualidade!

Apocalipse 14:14-20 encerra o intróito de João, que antecede a descrição dos sete flagelos da ira de Deus. Trata-se, contudo, de um trecho de compreensão extremamente difícil, onde a maioria dos teólogos concorda que João tem uma antevisão do fim, ou seja, daquilo que é descrito em maiores detalhes adiante, mas apresentam grande divergência em relação ao conteúdo da mesma.

A visão começa distinguindo alguém que identificamos, a princípio, com o Senhor Jesus, em cuja mão João vê uma foice. Repentinamente sai um anjo do santuário, presumivelmente da presença de Deus Pai, dizendo ser chegada a hora da ceifa na Terra, visto estar já madura a seara. Esse anjo manda, então, que o personagem da nuvem inicie a ceifa e este estende a sua foice e a Terra é ceifada. Nada nos é dito

sobre a natureza desta ceifa, mas uma ceifa normal implica na colheita dos frutos aproveitáveis, pelo que o texto pode ser entendido como uma descrição sumaríssima do Arrebatamento. Como não é próprio que um anjo dê ordens ao Senhor Jesus, ficamos em dúvida sobre a identidade do personagem da nuvem, que parece ser, agora, apenas outro anjo.

Ficamos ansiosos por maiores informações, mas, ao prosseguirmos a leitura, ficamos surpresos, pois João parece ver uma 2ª colheita, desta vez específica de uvas, ou seja, uma vindima, só que não para serem aproveitadas e, sim, para serem pisadas no grande lagar da cólera de Deus. Trata-se, aparentemente, de uma grande mortandade, que de uma forma ou outra a maioria associa à chamada batalha do Armagedom, onde o sangue das muitas vítimas se estenderá por 300km, chegando à altura dos freios dos cavalos, ou seja, acima de um metro. Esta 2ª operação seria realizada, segundo o texto, pelos anjos.

Obviamente a colheita de todos os frutos, bons e maus, nos levaria ao Dia do Juízo Final e não à descrição dos flagelos feita a seguir, pelo que reiteramos só ser possível entender este texto como uma antevisão do que vem após as tragédias que se seguem.

O capítulo 15 nos leva, então, aos sete flagelos finais do derramamento da ira de Deus. Ao invés de entrar diretamente nos mesmos, contudo, João presencia aqui uma espécie de cerimônia de abertura. Ele tem a visão dos mártires, que venceram a Besta pela sua fidelidade até à morte, em pé diante do trono entoando a Deus o cântico de Moisés e o cântico do Cordeiro (*Apocalipse 15:1-3*).

Aparentemente não se trata de dois cânticos, como pode parecer a princípio, mas de um só, cuja letra nos é fornecida. A referência, no caso, seria às pessoas que o entoam, quais sejam: os servos tanto do Velho como do Novo Testamento. O cântico em questão é de exaltação a Deus pelos Seus poderosos feitos e pelos Seus atos de justiça, que serão manifestos a todos.

Dando continuidade à cerimônia de abertura surgem sete anjos, com trajes resplandecentes de linho puro, a quem os quatro animais entregam sete taças de ouro cheias da cólera do Deus eterno. No instante em que os anjos recebem as taças e vão começar a entrar em ação João observa que o santuário celestial se enche de fumaça, impedindo que alguém possa adentrá-lo antes que as sete taças sejam derramadas.

Sempre que o templo se enchia de fumaça no Velho Testamento (ver, por exemplo, *Êxodo 40:35*, *I Reis 8:10-11* e *Isaías 6:4*), tal fato estava associado à manifestação da glória de Deus. Desta feita, de igual maneira, o Nome do Senhor será glorificado pela manifestação de Sua soberania e Sua justiça.

13.2.5 - O DERRAMAR DAS SETE TAÇAS

Tem início, então, o derramamento das sete taças da ira de Deus. Estas, como veremos, são mais intensas que os sete selos e as sete trombetas e são dirigidas, principalmente, ao reino da Besta, atingindo frontalmente os homens que optaram por servi-la.

A 1ª taça é derramada por toda a terra pelo 1º anjo, em obediência a uma voz não identificada vinda do santuário. Ela atinge somente os homens portadores da marca da Besta e os adoradores de sua imagem, afligindo-os com feridas, que o texto classifica como malignas e perniciosas (*Apocalipse 16:1-2*). A natureza desta praga parece semelhante à 6ª praga que foi derramada sobre os egípcios (*Êxodo 9:8-12*), fazendo com que os magos não pudessem permanecer diante de Moisés. Naquele caso não vemos Faraó pedindo a remoção desta praga, nem tampouco há informações no livro de Êxodo sobre mortes decorrentes da mesma. Aparentemente, portanto, as úlceras apenas torturaram os egípcios durante algum tempo, findo o qual as chagas foram vencidas, com a permissão de Deus, pelas próprias defesas do organismo.

À luz do paralelo do Egito, e tendo em vista a ausência de qualquer referência a mortes decorrentes desta praga, podemos presumir que se trata de um sofrimento, cuja finalidade é alertar os aliados da Besta para o fato de que Deus reina e que Sua soberania se estende às suas vidas.

A idéia de alguns comentaristas apocalípticos de que se trata de feridas decorrentes de uma catástrofe atômica mundial, da qual seriam poupados os fiéis, parece não se encaixar na sequência dos eventos, visto que uma contaminação letal de todos os que servem à Besta, inclusive a própria, tornaria desnecessários os outros flagelos.

A 2ª taça é derramada sobre os mares, a exemplo do que acontecera por ocasião da 2ª trombeta, mas desta feita todas as águas se tornam em sangue e a totalidade dos peixes morre (*Apocalipse 16:3*), contrastando com a terça parte dos danos causados pela 2ª trombeta (*Apocalipse 8:8-9*). Trata-se de uma catástrofe de proporções mundiais, que dá fim a um dos grandes celeiros da alimentação do povo deste planeta.

No Rio de Janeiro, os moradores das margens e proximidades da lagoa Rodrigo de Freitas não têm qualquer saudade da época em que ocorria, algumas vezes por ano, a obstrução da ligação da lagoa com o mar, fazendo com que morressem todos os peixes. O cheiro insuportável dos peixes em putrefação durava alguns dias, até que as autoridades sanitárias pudessem removê-los e as águas serem renovadas pela desobstrução do canal que dá acesso ao oceano Atlântico.

Resguardadas as devidas proporções, talvez possamos ter uma vaga idéia do que representa a mortandade dos peixes residentes nas águas que cobrem 75% da face do nosso planeta! Os oceanos estarão mortos e os peixes apodrecerão, tornando insuportável o odor do ar em toda a Terra.

A 3ª taça também é derramada sobre as águas, só que desta vez a dos rios e das fontes, fazendo com que toda a água potável do planeta se converta, igualmente, em sangue (*Apocalipse 16:4*). O efeito correspondente sobre os peixes não é descrito no texto, mas consequências similares sobre a fauna dos rios são previsíveis.

Neste instante João tem sua atenção despertada pela voz de um ser que ele descreve como sendo o anjo das águas. Não cabe aqui especular sobre anjos tendo autoridade sobre áreas distintas da natureza; o mais provável é que se trate do mesmo anjo que derramou a sua taça sobre os rios e as fontes, sendo esta a forma de João de se referir a ele (*Apocalipse 16:5*).

Este anjo irrompe num louvor motivado pelo juízo de Deus, que o qualifica como justo. Os servos da Besta haviam derramado o sangue dos santos e dos profetas, pelo que Deus agora lhes dá a beber o sangue resultante da taça de Sua ira. Ele ainda complementa, dizendo: “*Eles são dignos disso*” (*Apocalipse 16:5-6*).

À primeira vista podemos ter a impressão que o anjo está contente pela vingança sobre os adoradores da Besta, mas isso seria atribuir ao anjo sentimentos humanos. Quando nos lembramos da tamanha alegria que há no céu por um pecador que se arrepende (*Lucas 15:7*), compreendemos que não pode ser esse o caso. Tudo que podemos dizer é que o anjo reconhece que, não obstante o grande amor de Deus, chegou o momento de exercer juízo e que este é baseado em critérios justos.

Em resposta às palavras deste anjo João ouve, vindo do altar, outra expressão de louvor, que diz: “*Certamente, ó Deus Todo-Poderoso, verdadeiros e justos são os Teus juízos*” (*Apocalipse 16:7*), que nos faz lembrar, imediatamente, dos mártires que João vira por ocasião da abertura do 5º selo, perguntando quando viria o juízo (*Apocalipse 6:9-11*). Também estes estariam reconhecendo que Deus agira com justiça, aplicando agora o juízo depois de ter esperado longamente por arrependimento.

No 4º flagelo o anjo derrama a sua taça sobre o sol e João constata que o resultado disso são distúrbios que fazem com que este passe a queimar as pessoas (*Apocalipse 16:8*). Sabemos que a natureza funciona bem graças à manutenção de Deus, porque Ele faz com que o sol se levante sobre maus e bons e que a chuva desça sobre justos e injustos (*Mateus 5:45*). No dia em que resolveu fazer chover granizo sobre os egípcios, enquanto o tempo permanecia bom na terra de Gósen (*Êxodo 9:22-26*), Ele o fez porque reina sobre a natureza.

O resultado previsto para este flagelo é de igual natureza. Deus há de alterar a posição ou a temperatura do sol de modo a abrasar os homens, mas pelo cuidado dEle com os Seus, esse flagelo não há de ter efeito sobre os santos.

O texto deixa claro que isto há de ficar patente aos olhos dos adoradores da Besta, mas não será motivo para Lhe darem glória. Pelo contrário, os seus corações estarão tão endurecidos, que ao invés disso vão blasfemar o Seu nome (*Apocalipse 16:9*).

O 5º flagelo diz respeito a uma taça derramada diretamente sobre o trono da Besta, de modo que o seu reino se torna em trevas, trazendo sobre os seus servos grande angústia que, aliada à dor das úlceras que estavam sentindo, faz com que mordam as línguas e blasfemem do Deus do céu (*Apocalipse 16:10-11*).

Não está explícita aqui a forma como o reinado da Besta foi atingido, nem tampouco o que significa um reino virar trevas, mas está bastante claro que a situação desse reino se tornou desesperadora, trazendo insegurança aos seus súditos, que o achavam inexpugnável. O que mais impressiona, contudo, é que mesmo derrotados eles não se dispõem a reconhecer os seus erros e tornar para o Senhor Jesus Cristo. Antes preferem blasfemar do Deus do céu e continuar em seus pecados.

O 6º e penúltimo flagelo difere dos anteriores, pois não há qualquer grande catástrofe envolvida. O anjo derrama a sua taça sobre o rio Eufrates, fazendo com que o leito

deste se torne seco (*Apocalipse 16:12*). Para melhor compreensão do que se passa aqui, é preciso entender que o rio Eufrates é o limite natural da Terra Prometida (*Gênesis 15:18*) e ao mesmo tempo se constituía num símbolo dos inimigos de Israel. Em *Isaías 8:7*, por exemplo, a invasão da Assíria pelas tropas de Senaqueribe é descrita como um transbordar do rio Eufrates. Assim sendo, o secar das águas do Eufrates corresponderia a abrir o caminho para as tropas invasoras do Oriente, exatamente como João o descreve. Curiosamente este flagelo parece se constituir em uma armadilha contra Israel, mas o que estamos assistindo, na realidade, é o preparo do “xeque-mate” para o Anticristo e seus exércitos.

Neste mesmo contexto, vemos as tropas satânicas aceitando o desafio e concentrando forças para esse ataque. João assiste a um ajuntamento de demônios saídos de Satanás, da Besta e do falso profeta, sob forma de rãs, cuja missão é a de convencer os reis de toda a Terra a saírem com eles para a batalha do Grande Dia do Deus Todo-Poderoso (*Apocalipse 16:13-14*).

O Grande Dia do Deus Todo-Poderoso é mais um sinônimo para o Dia do Senhor, cuja ênfase aqui reside na certeza de Sua vitória sobre as tropas de Satanás. Trata-se do ponto para o qual convergem todos os atos de Deus, visando a redenção da humanidade. É o dia de consumação, tanto da salvação como do juízo.

O versículo seguinte aparece como uma espécie de inserção fora do contexto. De repente Jesus assume a palavra e diz que Sua vinda dar-se-á como o ladrão de noite e que bem-aventurado é aquele que for encontrado vigilante (*Apocalipse 16:15*). O que isso tem a ver com a batalha que está sendo descrita? Na realidade, tudo. O que Jesus está dizendo é que o contexto fica sem sentido se for dissociado do seu ponto mais importante, qual seja: a Sua vinda. O povo de Deus não é exortado a ficar de olho nas batalhas e, sim, na Sua vinda (*Mateus 24:42*).

Estar preparado é comparado ao vestir de roupas alvas em todo o tempo, o que corresponde a ter um comportamento impecável sempre. Advertência similar já fora feita à igreja de Laodicéia (*Apocalipse 3:18*).

Na continuidade do contexto João vê a consumação da batalha num lugar chamado Armagedom, que significa colina de Megido, mas não entra em qualquer detalhe a respeito (*Apocalipse 16:16*). Também nós vamos deixar esta batalha para o item seguinte.

O último flagelo, onde somos informados que o anjo derrama a sua taça no ar, se faz acompanhar da mesma voz, não identificada, vinda do santuário, dizendo que está feito. Seguem relâmpagos, trovões e um gigantesco terremoto, o qual João nos informa ser o maior já presenciado pela humanidade, e só então nos é dito que o objeto deste flagelo era a destruição da grande Babilônia (*Apocalipse 16:17-19*).

Um prenúncio desta destruição já fora feito no capítulo 14 e novamente é citado aqui como o objeto deste flagelo, mas maiores detalhes são fornecidos nos próximos dois itens.

O fato de João dizer que Deus se lembrou da grande Babilônia para dar-lhe do vinho do furor da Sua ira, não significa que Ele tivesse esquecido, enquanto seus santos

sofriam martírio e os povos em geral bebiam da prostituição oferecida por aquela cidade. Significa, isso sim, que Ele reservara para o momento oportuno o seu castigo.

Com relação às outras nações que apoiaram a Besta, somos informados que Deus destruiu as suas cidades. Também neste caso maiores informações são fornecidas no item seguinte. A extensão desta destruição é atestada pelas ilhas e pelos montes que não mais foram achados (*Apocalipse 16:20*). Sobre a forma como ela se deu, João fala de chuvas de pesadas pedras, razão pela qual os homens novamente blasfemaram de Deus (*Apocalipse 16:21*).

13.3 - A VISÃO DA REDENÇÃO DIVINA

13.3.1 - A DESTRUIÇÃO DA GRANDE BABILÔNIA

Os capítulos 17 a 20 mostram os eventos relativos à intervenção final de Deus na ordem mundial, a volta de Cristo, o período do milênio, o juízo final e o estabelecimento de novo céu e nova terra. Trata-se, portanto, de uma visão de vitória.

Já por duas vezes anteriores João havia mencionado a destruição da grande Babilônia, sem, contudo, entrar em maiores detalhes a respeito (*Apocalipse 14:8 e 16:19*). Agora, nos capítulos 17 e 18, o apóstolo se estende longamente sobre a identificação e a destruição desta cidade, respectivamente.

Um dos anjos que portava uma das sete taças se aproxima então de João e o convida para ver o julgamento da grande meretriz que se acha assentada sobre muitas águas, com a qual se haviam prostituído os reis e que havia embebedado, com sua devassidão, os habitantes da terra. Ele se viu, então, transportado em espírito para o deserto, onde viu uma mulher montada numa besta escarlate, com sete cabeças e dez chifres, repleta de nomes de blasfêmia. Esta mulher, ricamente trajada e tendo na mão um cálice de ouro cheio de suas abominações, tinha escrito na testa: "*Babilônia, a grande, a mãe das meretrizes e das abominações na Terra*". João, então, se admirou sobremaneira desta mulher estar embriagada por causa do sangue dos fiéis em Jesus (*Apocalipse 17:1-6*).

Se a intenção aqui é fornecer uma revelação, então, nós devemos poder entender quem é essa mulher e onde ela se encaixa no contexto da guerra entre o reino de Deus e as hostes satânicas.

A figura da meretriz é utilizada na Bíblia associada à infidelidade do povo de Deus (*Isaías 1:21, Jeremias 3:1* etc.), mas é usada, também, para descrever a devassidão de cidades pagãs, como, por exemplo, Tiro (*Isaías 23:17*). Esta parece ser a aplicação neste caso.

Com relação ao nome da cidade, sabemos que a Babilônia histórica preenche bem a descrição que é feita, ou seja, trata-se de uma cidade construída sobre as águas, que vivia em opulência e devassidão, ao mesmo tempo em que seduzia os povos que conquistava. Obviamente, portanto, esse é o motivo pelo qual empresta o nome à Babilônia escatológica. O fato de estar embriagada com o sangue dos santos nos dá a idéia de que perseguiu a Igreja do Senhor.

Enquanto João estava admirado, provavelmente fazendo essas mesmas conjecturas, o anjo se dispôs a esclarecer não só o mistério da mulher, mas também o da Besta sobre a qual ela se encontrava assentada (*Apocalipse 17:7*). Trata-se, aqui, de identificar o relacionamento que existe entre a mulher e a Besta, bem como, tanto quanto possível, quem são.

As informações que o anjo passa a dar inicialmente acerca da Besta, parecem ser coerentes com aquelas já fornecidas no capítulo 13. Ela teria as mesmas sete cabeças, sobre os quais carrega a mulher e dez chifres. Ele informa a João que a Besta, que ele viu, já foi, no momento não é, mas voltará a ser, pelo que será motivo de grande admiração por parte daqueles cujos nomes não se encontram escritos no Livro da Vida (*Apocalipse 17:8-9*). Vemos, portanto, que a ferida mortal da Besta em *Apocalipse 13:3* corresponde à cessação de existência temporária do reino desta, cuja segunda fase será curta, visto que caminhará rapidamente para a destruição quando for restaurado.

O anjo diz a João que as sete cabeças representam sete montes sobre os quais a mulher está assentada, mas que ao mesmo tempo são, também, sete reis. Isso faz com que muitos teólogos pensem logo em Roma, e mais especificamente na Igreja Romana como a mulher, visto que é uma cidade conhecida por ter sido edificada sobre sete colinas.

Ao dizer, contudo, que as cabeças representam, também, sete reis, a interpretação óbvia, que faria do Império Romano a Besta, apresenta dificuldades, visto que Roma teve onze imperadores (Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio, Nero, Galba, Oto, Vitélio, Vespasiano, Tito e Domiciano) e não sete. Além disso, João fala da cessação temporária de existência deste reino, do qual cinco reis já foram, o 6º existe e o 7º, que vai reinar por pouco tempo, ainda não chegou (*Apocalipse 17:10*). O 8º, que é a Besta e procede dos sete (*Apocalipse 17:11*), viria, então, após o período de cessação do reino. Não obstante muitas tentativas, não foi fornecida uma explicação razoável que associe os sete reis aos imperadores de Roma.

Tem sido sugerido, como alternativa, que os sete reis sejam, na realidade, uma referência aos mandatários de sete reinos, dos quais Roma seria apenas um. Neste caso, contudo, Roma não seria o 1º, mas o 6º reino. Assim sendo, as colinas seriam aplicáveis apenas à mulher, a grande Babilônia, na figura de Roma que, eventualmente, poderia ser o Vaticano, como querem alguns autores.

Ao longo desta linha de raciocínio, apresentado, por exemplo, por Kampen (/19/, pág. 106-110), os seis primeiros reinos em apreço seriam aqueles que perseguiram a nação de Israel, quais sejam: o Egito, a Assíria, a Caldéia, a Média e Pérsia, a Grécia e o Império Romano. A partir da queda do Império Romano os judeus foram severamente perseguidos por Filipe da Espanha e, de forma desumana, pelo IIIº Reich de Hitler. O critério usado por Kampen (/19/, pág. 115) para a escolha de Hitler foi o fato de todos os reinos anteriores serem descendentes de Jafé, assim como os alemães, mas não os espanhóis. Assim sendo, Kampen (/19/, pág. 117) sugere que o III Reich, ou algo semelhante, ressurgirá de alguma forma.

João nos fornece, em *Apocalipse 17:12-13*, mais uma informação, à qual podemos estar atentos. Ele fala de dez reis que ainda não são, mas que hão de receber poder

por um curto período, por ocasião do reino da Besta, e que delegarão seu próprio poder a esta, à qual serão totalmente devotos. Estes versículos têm feito com que muitos autores modernos voltem os seus olhos para o Mercado Comum Europeu, esperando identificar dentre aquelas nações uma que reine sobre as demais (de acordo com Kampen /19/, esta seria a Alemanha), mas o erro de tantos comentaristas apocalípticos do passado, que interpretaram erroneamente as profecias para eventos de seus dias, nos devem servir de alerta em relação a precipitações neste sentido. Se 10 é um número literal ou simbólico não sabemos, mas com certeza temos apenas mais uma dica: outros reinos delegarão o seu poder ao reinado da Besta. O que passa disso, por enquanto, é especulação.

A narração do conflito, que culmina com a vitória do Cordeiro sobre a Besta e seus aliados, só é feita em *Apocalipse 19:17-21*, mas já vemos aqui em *Apocalipse 17:14* uma alusão a esta batalha, na qual serão vencedores também os eleitos e fiéis que O acompanham. João não se furta a dizer que esta vitória já está implícita porque: “*Ele é Rei dos reis e Senhor dos senhores*”. Aleluia!

Até aqui o anjo só falou a João a respeito da Besta, mas no texto de *Apocalipse 17:15-18* ele fala sobre a mulher e o método que Deus há de usar para condená-la. O primeiro e último versículos deste texto são destinados à identificação da senhora mencionada acima, ao passo que os outros dois falam efetivamente de condenação. A mulher é identificada como uma grande cidade que domina sobre os reis da terra. O anjo enfatiza isso dizendo que as águas sobre as quais ela se assentava na visão de João eram, na realidade, povos, multidões, nações e línguas.

Alguns autores veem esta cidade como a capital do reino da Besta, mas não encontramos um versículo que sugira isso. Os versículos 16 e 17 parecem sugerir, isso sim, que a Besta, antiga aliada da meretriz, comece a odiá-la, por algum motivo não explicitado, e que consiga persuadir os seus aliados a lhe dar apoio, fazendo com que rompam seus laços com ela, odiando-a e destruindo-a, transferindo à Besta todo o seu poder. Esta intriga, que nos lembra algumas batalhas ganhas no Velho Testamento pelas divergências internas, suscitadas por Deus, nos flancos inimigos (*II Crônicas 20:23*), é claramente atribuída aqui ao trono do Deus Altíssimo.

O capítulo 18 é dedicado à queda da Babilônia escatológica, cuja narração é feita por um anjo de grande poder que João vê descer do céu e que ilumina toda a terra com a sua glória (*Apocalipse 18:1*).

Ele exclama com potente voz, dizendo que já caiu a grande Babilônia e que se tornou morada de demônios como consequência do seu pecado de ter corrompido todas as nações da terra com o vinho do furor de sua prostituição (*Apocalipse 18:2-3*). Está implícita aqui a disseminação indiscriminada de um padrão moral baixo, visando tão somente auferir lucros. Essa descrição nos lembra imediatamente a nossa sociedade de consumo atual, que é capaz de usufruir de qualquer coisa que produza lucro ao mesmo tempo em que consome qualquer coisa que seja moda. Isso tem feito com que alguns autores olhem para os Estados Unidos, sabidamente a nação mais consumista do globo terrestre, como candidato mais forte ao cargo de grande meretriz (/20/, pág. 17). Mais uma vez, contudo, devemos alertar para o perigo de conclusões desta natureza, principalmente porque a prostituição aqui é, antes, espiritual.

Em *Apocalipse 18:4*, uma voz vinda do céu passa a alertar o povo de Deus para que saia de Babilônia, para: 1) não vir a ser cúmplice de seus pecados; 2) não acabar por sofrer os flagelos a ela destinados. No mundo em que vivemos essa advertência continua aplicável a todos os crentes. Vivemos num meio corrompido pelo pecado, onde os valores são completamente errados. O risco que corremos de nos acostarmos ao erro, passando a encará-lo como normal, é muito grande. Temos visto o mundo entrando nas congregações que representam o Senhor Jesus Cristo exatamente porque os crentes não têm a preocupação de guardar distância em relação ao pecado.

Jesus, em Sua oração sacerdotal, pediu ao Pai, não que os tirasse do mundo, mas que os livrasse do mal (*João 17:15*). Na continuidade deste texto Ele lembra que não somos do mundo, tanto quanto Ele não o é; portanto, urge que sejamos santificados, ou seja, separados pela Palavra. O crente que tem comunhão com Deus, através do estudo da Bíblia, automaticamente é separado do pecado pela unção do Espírito Santo, na medida em que coloca em prática os ensinamentos ali recebidos. A opção de sair de Babilônia está ao alcance de cada um de nós. Devemos ter em mente, que sem santificação ninguém verá a Deus (*Hebreus 12:14b*)! Assim sendo, a alternativa de não nos separarmos de Babilônia reside em sofrermos o castigo a ela destinado.

Este texto contém uma informação importante, que diz respeito à Igreja. Sabemos que no período da Grande Tribulação haverá acirrada e ostensiva perseguição àqueles que se recusarem a receber o sinal da Besta. Sabemos, ainda, que muitos serão mortos, mas este texto deixa claro que este extermínio não será total. Essa é a mesma impressão que tiramos do discurso de Jesus, onde Ele diz: “*Não tivessem aqueles dias sido abreviados, ninguém se salvaria, mas por causa dos escolhidos tais dias serão abreviados*” (*Mateus 24:22*). Obviamente está implícito aqui que, segundo as visões pré e meso-tribulacionistas, Igreja se refere apenas aos convertidos após o arrebatamento.

Em *Apocalipse 18:5-8* a voz do céu citada acima relembra o pecado da meretriz e decreta o seu castigo. Em princípio o fato dela receber em dobro todo o mal que causou a outros parece uma espécie de vingança, mas devemos lembrar que se trata apenas do cumprimento da justiça divina. Esta no Velho Testamento às vezes exigia o pagamento em dobro (*Jeremias 16:18 e 17:18*) e, em outras ocasiões, até quadruplicada e quintuplicadamente (*Êxodo 22:1*).

A autoexaltação e a vida de luxúria da mulher estavam sendo castigados com tormento e pranto. Sobre a grande Babilônia viriam flagelos de morte, pranto e fome, com a cidade sendo consumida pelo fogo em um só dia.

O texto de *Apocalipse 18:9-19* traz o lamento dos diversos segmentos de pessoas que usufruíam da luxúria e dos ganhos resultantes do comércio com a grande Babilônia e que se encontram agora frustradas, não pela perda da cidade, mas pelo seu próprio prejuízo.

Os versículos 9 e 10 trazem o lamento dos reis da terra, que se mantêm à distância por medo de serem envolvidos no castigo, e que estão assombrados com o juízo repentino e rápido. Já nos versículos de 11 a 16 o choro é apresentado pelos mercadores, que choram, contudo, por tamanha perda de bens e porque já não há mais quem compre os seus produtos. A lista dos produtos apresentada nos versículos 12 e 13 lembra

bastante aquela apresentada por ocasião da queda de Tiro (*Ezequiel 27:5-24*). Finalmente, os versículos 17 a 19 trazem o lamento do pessoal da Marinha Mercante, que enriqueceu transportando os produtos de Babilônia, e agora não terá mais carga para os seus navios.

Em contrapartida a voz do céu exorta santos, apóstolos e profetas a exultarem porque a sua causa, o clamor devido à perseguição que vinham sofrendo pela meretriz, foi julgada. A exultação, mais uma vez, se dá não pelo espírito de vingança, mas porque a justiça de Deus está triunfando sobre o poder satânico reinante no mundo.

Quando Jeremias acabou de escrever as suas profecias contra a Babilônia histórica, ele chamou a Seraías, descendente do rei Zedequias, que estava sendo levado cativo, e deu a ele uma cópia dessa profecia, mandando que, em ali chegando, ele a lesse em voz alta, findo o que deveria atá-la com uma pedra e lançá-la no rio Eufrates como sinal. Ele, então, pronunciaria as seguintes palavras: “Assim será afundada Babilônia e não se levantará, por causa do mal que hei de trazer sobre ela, e os seus moradores sucumbirão” (*Jeremias 51:60-64*). A narração de João em *Apocalipse 18:21-24* mostra um evento similar presenciado por ele com relação à Babilônia escatológica. Ele viu quando um anjo forte levantou uma pedra de moinho e a jogou no mar, dizendo: “Assim será arrojada Babilônia, a grande cidade, e nunca mais será achada”. Nos versículos 22 e 23 ele continua falando das atividades normais, que não mais ocorrerão na cidade porque ela estará deserta, quais sejam: o tocar de instrumentos, a obra dos artífices, o barulho do moinho, o brilhar das candeias à noite e a alegria dos noivos, tudo por causa da ganância dos mercadores e pela feitiçaria que seduziu as nações.

Encerrando a narração da destruição da grande Babilônia, João lembra que nela foi achado o sangue ali derramado dos profetas e dos santos, cujo clamor certamente chegara aos céus.

Conforme dito acima, e ao contrário do que ocorre em relação à Besta, a maioria dos autores evangélicos tende a identificar o Vaticano como a Grande Babilônia ou a mulher que monta a Besta. Dave Hunt /13/ apresenta um dos arrazoados mais completos em defesa dessa idéia, cujos principais argumentos são resumidos abaixo:

- o governo católico do Vaticano (Roma) se assenta sobre muitas águas (*Apocalipse 17:1*), ou seja, domina sobre mais de um bilhão de pessoas (povos, multidões, nações e línguas, conforme indicado em *Apocalipse 17:5*);
- Roma representa a continuidade da corrupção da Igreja iniciada por Constantino em 313, após sujeitá-la a si mesmo e não mais a Cristo. Dessa união de Igreja e Estado resultou a fornicação espiritual de Roma com os reis da Terra (*Apocalipse 17:2a*);
- Roma tem levado milhões de pessoas ao inferno por enganá-las (fornicação espiritual) quanto à sua salvação. Tem pregado a seus membros um evangelho corrompido que nada tem a ver com o de Jesus Cristo (*Apocalipse 17:2b*);
- Roma sempre se interessou pelo poder político como forma de aumentar seus ganhos. O ápice desse poder se deu com Inocêncio III, que foi papa entre 1198 e 1216. A seguinte declaração dele mostra claramente o seu conceito em relação ao seu poder secular (/13/, pág. 54): “Assim como a lua recebe luz do sol ... também o poder real [entenda-se os reis] deriva da autoridade pontifícia, o esplendor da sua dignidade ... O estado do mundo ... será restaurado por nossa diligência e cuidado ... pois a autoridade pontifícia e o poder real são suficientes para tal propósito”.

É claro que essa posição de Inocêncio III não guarda a mais remota relação com a de Jesus, que disse a Pilatos que “*Seu Reino não era desse mundo*” (João 18:36). O declínio do Papado começou gradativo depois de Inocêncio III, mas se acentuou com a Revolução Francesa e chegou a um mínimo por volta de 1870, quando Pio IX perdeu todos os Estados Papais para o reino da Itália. A Itália ofereceu à Igreja Romana reinar apenas sobre o Vaticano, o que foi inicialmente recusado, mas acabou sendo aceito por Pio XI em 1929, na concordata que assinou com Mussolini. A partir desse ponto a Igreja Romana, vendo não ter mais acesso ao poder da forma como o buscara antes, mudou de estratégia e passou a fazer alianças com os governos que desejava influenciar. Esse foi o caso da concordata com o governo fascista de Mussolini e, com muito mais ênfase, na concordata de 1930 com o III Reich de Hitler, onde a Igreja apoiou o extermínio de seis milhões de judeus e patrocinou a fuga de centenas de nazistas depois que foram derrotados. A mesma tática será usada para influenciar o governo do Anticristo (a mulher montará a Besta), conforme previsto em *Apocalipse 17:3*. O Anticristo, por outro lado, se deixará orientar enquanto isso lhe for conveniente.

- as vestimentas ricamente adornadas, em cores púrpura e escarlate, utilizadas por papas e cardeais, se adequam bem à descrição que João dá em *Apocalipse 17:4a*;
- o enriquecimento do Vaticano é descrito em *Apocalipse 17:4b* através da taça de ouro cheia de abominações e fornicação. A venda de indulgências e tantas outras abominações levaram não apenas ao acúmulo de relíquias de valor inestimável, mas uma vasta gama de propriedades espalhadas pelo mundo, bem como indústrias diversas e participação acionária em Wall Street e em outras bolsas de valores. A perda repentina de toda essa riqueza será motivo de lamento daqueles que dela se beneficiaram (*Apocalipse 18:9-19*);
- a mulher tinha na testa uma escrita, dizendo: “*Mistério, Babilônia a Grande, a Mãe das Meretrizes e Abominações da Terra*” (*Apocalipse 17:5*). Roma representa, segundo Hunt, um sistema religioso mundial que afirma ser cristão, mas tem suas raízes no paganismo babilônico, que teve início em Babel. Esse é o mistério citado por João. É chamada de meretriz porque adulterou espiritualmente com os reis da Terra. A história papal é uma longa sequência de pessoas perversas, genocidas, fornicadores, ladrões, fomentadores de guerras etc.;
- ela se embriagou com o sangue de muitos mártires, que morreram por ousar discordar da religião corrompida por interesses papais escusos (*Apocalipse 17:6a*). As cruzadas que exterminaram os albigenses e os valdenses, bem como os mortos pela Anti-Reforma são apenas alguns exemplos;
- o provável motivo da admiração de João (*Apocalipse 17:6b*) residia no fato dele reconhecer naquela meretriz a noiva que ele tanto trabalhara por edificar;
- Roma é a única cidade edificada sobre sete montes e que preenche todos os demais requisitos (*Apocalipse 17:9*);
- o fato dela ter reinado sobre os reis da Terra já foi abordado acima.

No início do capítulo 19 o cenário muda para o céu, mas o assunto é o mesmo. Há júbilo ali pelo juízo justo de Deus sobre a meretriz, que corrompia a terra com a sua prostituição. O canto de louvor ressalta que a salvação, a glória e o poder são do nosso Deus (*Apocalipse 19:1-2*).

Curiosamente a palavra “aleluia”, que significa “Deus seja louvado!” e aparece inúmeras vezes nos salmos, não havia sido usada uma única vez ao longo de todo o Novo Testamento, mas consta aqui 4 vezes em 6 versículos. Em *Apocalipse 19:3* é

usada para louvor de Deus pela destruição de Babilônia, cuja fumaça sobe em memorial pelos séculos dos séculos.

13.3.2 - AS BODAS DO CORDEIRO

Neste instante João vê os anciãos e os quatro seres vivos aderindo ao canto e, aparentemente, um deles conclamando todos a se unirem no canto de louvor ao Pai. Esta conclamação tem resposta imediata de uma multidão, cujo canto, mais uma vez, começa com “Aleluia!”, mas que introduz um assunto novo: as bodas do Cordeiro (*Apocalipse 19:4-7*).

O canto nos diz que são chegadas as bodas do Cordeiro e que a noiva já se ataviou, pois lhe foram dadas, para vestir, roupas de linho finíssimo, resplandecente e puro. O linho finíssimo, segundo o texto bíblico, corresponde aos atos de justiça dos santos (*Apocalipse 19:7-8*).

A figura do casamento para representar o relacionamento entre Deus e o Seu povo permeia toda a Bíblia, mas no Novo Testamento este casamento é apresentado como um noivado a se consumir na 2ª vinda de nosso Senhor Jesus Cristo (*I Coríntios 6:17, II Coríntios 11:2 e Efésios 5:23-32*). Como Cristo está voltando na visão de João (a volta se dá a partir do versículo 11), os céus já estão anunciando as bodas.

É importante ressaltar que neste contexto é a noiva, ou seja, a Igreja, que se veste, mas as roupas, de linho finíssimo, lhe são dadas. Para que não fiquemos nos perguntando que roupas são essas, João já se adiantou e disse que elas são as que correspondem aos nossos atos de justiça.

Bem sabemos que não temos atos de justiça próprios, mas, uma vez salvos, podemos praticar atos que agradam a Deus, desde que sejam aqueles que Ele de antemão preparou para que neles andássemos (*Efésios 2:10*). A avaliação desses atos se deu no juízo de Cristo (Bema), conforme já indicado no capítulo 8.

Logo a seguir um anjo se dirige a João e lhe diz que bem-aventurados são aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro (*Apocalipse 19:9*). Há uma aparente confusão aqui porque se Cristo é o noivo e a Igreja a noiva, quem seriam os convidados e porque seriam bem-aventurados. Tudo indica que os convidados, no caso, são aqueles que aceitam o convite e se juntam à noiva, ou seja, são, na realidade, a própria noiva, que obviamente é bem-aventurada porque vai herdar o reino dos céus.

Isso pode parecer estranho, mas não seria a primeira vez na Bíblia que tal associação é feita. Na parábola das bodas, registrada em *Mateus 22:1-14*, o rei (que representa Deus), manda celebrar bodas para o seu filho (Jesus, no caso) e os convidados (os judeus) se desculparam e não aceitam. O rei, irado, manda convidar, então, aqueles que lhe são estranhos (a Igreja). Nesta parábola nem há menção da noiva. Outro exemplo é a parábola das 10 virgens, fornecida em *Mateus 25:1-13*. As virgens prudentes, no caso, são as convidadas que representam a igreja vigilante, enquanto mais uma vez a noiva é omitida.

João deve ter confundido a glória desse anjo com a do Senhor Jesus, pois em seguida nós o vemos prostrando-se a seus pés para adorá-lo (*Apocalipse 19:10*). Ele certamente estava ciente do problema de culto a anjos que houvera na igreja de Colossos, que Paulo repreendera com veemência (*Colossenses 2:18-19*). A reação do anjo, não permitindo que ele fizesse aquilo, denota bem o seu zelo. Ele informou a João que era seu conservo, bem como dos seus irmãos, que mantinham o testemunho de Jesus, e disse que deveriam adorar a Deus.

O anjo acrescentou, então, uma informação digna de registro: é que o testemunho de Jesus é o espírito de profecia. Os teólogos de modo geral dizem que esta frase pode ter dois significados: 1) o testemunho do plano de redenção só é efetivo se feito pelo espírito de profecia; 2) o verdadeiro testemunho só pode ser dado pelo espírito de profecia. Embora ambas estas declarações estejam corretas, a conexão desta frase com a anterior sugere que o anjo esteja dizendo que a prova dele ser conservo é de que ele profetizara a sua bem-aventurança pelo mesmo Espírito que levava João e seus irmãos a darem testemunho de Jesus.

13.3.3 - A VOLTA DE CRISTO

Apocalipse 19:11-21 nos narra, finalmente, a volta de Cristo e a Sua vitória sobre o trono da Besta. Trata-se do Grande Dia do Senhor, pelo qual toda a criação espera ansiosamente (*Romanos 8:19-22*). João anunciara, no capítulo anterior, a chegada das Bodas do Cordeiro, que ele não chegou a narrar, mas cuja realização ficou implícita com a volta do Senhor Jesus.

Essa maravilhosa visão principia com o céu aberto, do qual surge um cavalo branco, sobre o qual está assentado um cavaleiro, que não temos qualquer dificuldade para identificar. Seu nome é Fiel e Verdadeiro, já conhecido desde a carta a Laodiceia (*Apocalipse 3:14*), que julga e peleja com justiça. Este é Aquele que manteve todas as Suas promessas, cumprindo todos os aspectos da Aliança que fez com os santos. Nós O conhecíamos como mediador dessa Aliança, segundo a qual venceu a morte, mas agora João O vê como Aquele que efetivará a implantação do Reino através de uma vitória cabal sobre os inimigos deste Reino, não num ato de vingança, mas de justiça divina.

Os versículos 12 e 13 continuam a descrever os Seus atributos. O fato dele ter olhos como chamas de fogo (*Apocalipse 1:14*) nos fala de Sua capacidade de ver todas as coisas, nada Lhe é oculto. Já os Seus muitos diademas são próprios de Sua ilimitada autoridade, contrastando com um número finito dos mesmos encontrados no dragão e na Besta. O fato de ter um nome que só Ele mesmo conhece é uma forma de descrever a Sua onisciência, ressaltando, ao mesmo tempo, o limitado conhecimento que temos dEle. Por enquanto, diz Paulo, conhecemos em parte, mas um dia conhecê-IO-emos da mesma forma como Ele nos conhece a nós (*I Coríntios 13:12*).

Ele vem vestido com um manto tinto de sangue, ou seja, respingado de sangue, enquanto todas as hostes celestiais que O seguem estão trajadas de linho finíssimo branco e puro (*Apocalipse 19:14*). Há quem interprete esse sangue como sendo o dos inimigos vencidos nas batalhas que Ele trava por nós, mas o fato dEle ferir as nações com a espada de Sua boca (*Apocalipse 19:15*) mostra que a Sua luta é travada pela

Palavra e não pela força. É preferível ver aqui, portanto, uma linda figura que sugere que Ele Se dispôs a sujar as Suas vestes com Seu próprio sangue, para que as nossas pudessem estar impecavelmente brancas.

O Seu outro nome, o Verbo de Deus, está intimamente relacionado com a espada do versículo 15. Esse mesmo Verbo esteve na criação (*Colossenses 1:16* e *Hebreus 1:2*) e o próprio João O apresentara como o Verbo de Deus, quando Se fez carne para executar o plano de Deus para a recriação do homem (*João 1:1-14*). A Palavra Viva de Deus é agora pronunciada, sob forma de juízo, para derrotar os inimigos do Reino. Isso é realizado na medida em que fere as nações e passa a regê-las com cetro de ferro, pisando, assim, pessoalmente, o lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-Poderoso.

Os exércitos celestiais que O acompanham não são identificados neste texto, mas é razoável admitirmos, com base em várias outras citações bíblicas, que se trata tanto de anjos (*Marcos 8:38*, *Lucas 9:26*, *I Tessalonicenses 3:13* e *II Tessalonicenses 1:7*) como dos santos que já estão na glória (*Zacarias 14:5*, *I Tessalonicenses 4:14* e *Apocalipse 17:14*).

Encerrando os versículos de identificação, João percebe escrito no Seu manto e na Sua coxa mais um nome, qual seja: Rei dos reis e Senhor dos senhores. Ele não deixou qualquer margem para dúvida com relação a Quem seja este personagem!

O texto de *Apocalipse 19:17-19* tem como pano de fundo um apelo similar às aves do céu que encontramos em *Ezequiel 39:17-20*. Elas são convidadas a se reunir para a grande ceia de Deus, na qual comerão as carnes de todos os que apoiaram a Besta na chamada guerra do Armagedom, onde esta se congregou, aos reis da terra e seus exércitos, para lutar contra o Cristo e Seu exército. Esta batalha, que fora anunciada quando do derramar da 6ª taça (*Apocalipse 16:12-16*), tem agora o seu cumprimento.

Curiosamente, contudo, João não narra a batalha em questão, mas se limita a constatar que a Besta e o falso profeta são aprisionados e jogados vivos dentro do lago de fogo, que arde com enxofre (*Apocalipse 19:20*), o qual nós identificamos com o inferno, lugar de castigo eterno, previsto por Jesus em *Marcos 9:43-46*. O fato dos demais (os reis que apoiaram a Besta e seus exércitos) serem mortos pela espada que saía da boca do Cristo, ou seja, simplesmente pela Sua palavra (*Apocalipse 19:21*), nos mostra um grande desequilíbrio de forças entre as hostes da Besta e o onipotente Rei. Temos aí uma prova prática do que vem a ser essa onipotência.

A exemplo do que já ocorrera anteriormente em relação ao Arrebatamento da Igreja, o capítulo 20 de *Apocalipse* narra uma série de eventos que incluem o Reino Milenar de Cristo.

O capítulo 20 começa com João vendo descer do céu um grande anjo, trazendo nas mãos a chave do abismo e uma grande corrente, com a qual amarrou a Satanás, que foi jogado no abismo e trancado pelo período de 1.000 anos, para que não mais enganasse as nações ao longo deste período (*Apocalipse 20:1-3*).

Cabe aqui um comentário em relação à forma de amarrar Satanás. Quando Jesus fala de amarrar o valente em *Mateus 12:29*, subentende-se que Ele está falando de restringir os seus poderes espirituais. Neste caso não podemos entender isso de forma

diferente, mas certamente temos que entender uma restrição bem mais abrangente que aquela mencionada por Jesus. Durante esse período Satanás não tentaria ninguém.

O fato de João mencionar outras nações, acrescenta-nos uma informação relativa à mortandade dos “restantes” mencionados em *Apocalipse 19:21*. Aparentemente não são mortos todos os que tinham recebido o sinal da Besta, mas apenas aqueles que participaram da batalha contra o Cordeiro. Exatamente por isso alguns autores defendem que o juízo mencionado em *Mateus 25:31-46* se dará antes do Milênio, para que entrem no Reino Milenar apenas pessoas convertidas.

O texto de *Apocalipse 20:4-6* tem trazido, também, grande discordância em relação à sua interpretação. A atenção de João se volta para uns tronos que são postos e sobre os quais se assentam pessoas para julgar. Em conexão com isso ele vê pessoas que ressuscitaram na Vinda de Cristo e que vão reinar com Ele por 1.000 anos.

Para que possamos entender esse texto de uma forma consistente com o que foi dito anteriormente (capítulos 4, 5, 8, 9 e 10), devemos lembrar que, independente do fato da Igreja ter sido arrebatada ou não antes da Grande Tribulação, temos ao final desta os seguintes grupos com os quais temos que lidar:

- aqueles que foram martirizados por sua fé em Jesus durante a Grande Tribulação (esses seriam membros da Igreja para os pós-tribulacionistas e convertidos martirizados durante Grande Tribulação para os pré e meso-tribulacionistas);
- aqueles que se converteram nesse mesmo período, mas conseguiram sobreviver;
- o remanescente de Israel que reconheceu Jesus como seu Messias e se converteu;
- a Igreja (apenas para os pós-tribulacionistas).

No Reino Milenar, por outro lado, há apenas dois grupos:

- a Igreja, já com corpos espirituais, reinando com Cristo sobre Israel;
- o remanescente de Israel, mais os convertidos vivos dentre os gentios, que também farão parte do Reino Milenar, todos mortais ainda com corpos físicos.

Os tronos de juízo que João viu têm um paralelo em *Daniel 7:9-10, 22* que tanto pode referir-se a um juízo pré-milenar ou ao Juízo Final.

Caso aceitemos que o juízo das nações, de Mateus, se dê aqui, fica resolvida a condenação de todos os não crentes antes da instauração do Reino Milenar; portanto, tudo indica que esse juízo efetivamente se realiza aqui.

Ainda no versículo 4, João nos informa que viu as almas daqueles que haviam sido decapitados devido a seu testemunho relativo a Jesus e em prol da Palavra de Deus. Estes tampouco haviam adorado a Besta ou a sua imagem, não tendo recebido, ainda, a sua marca. Uma interpretação literal desse texto parece favorecer os pontos de vista pré ou meso-tribulacionistas, já que limita essa 1ª ressurreição àqueles que foram martirizados durante a Grande Tribulação. Como a 2ª ressurreição está reservada para aqueles sobre os quais tem poder a 2ª morte (versículo 6), segue que a Igreja já teria sido arrebatada antes. À alternativa pós-tribulacionista resta argumentar que João só reparou nestes, mas que todo o restante da Igreja estava lá, porque afinal esta é a primeira ressurreição, eliminando qualquer possibilidade de que tenha havida uma anterior para arrebatá-la. Prá variar, ambos os lados da discussão têm bons

argumentos para a defesa de suas posições. Outra alternativa seria de que o texto não pode ser interpretado literalmente.

Independente do posicionamento em relação ao arrebatamento, este grupo reinará com Cristo (versículo 6), pelo que se subentende que todos serão transformados e receberão corpos glorificados.

Com relação a Israel também não há qualquer dúvida. O remanescente será salvo e entrará no Milênio em carne e osso, ao passo que 2/3 de Israel, os que não reconhecem o Messias Jesus, serão mortos na Batalha de Armagedom (*Zacarias 13:8-9*).

A única dúvida diz respeito ao grupo de gentios crentes que se juntará ao Israel remanescente em carne e osso. Se adotarmos o ponto de vista pré ou meso-tribulacionista, estes serão os convertidos do período da Grande Tribulação, mas no pós-tribulacionismo eles são pessoas convertidas após o arrebatamento e, portanto, somos obrigados a admitir que há conversão pós-arrebatamento não apenas para os israelitas, mas também para os gentios. Trata-se de mais uma conclusão adotada por tentativa e erro no nosso “puzzle” apocalíptico.

Devemos ressaltar, ainda, que Paulo não se preocupa, em nenhuma de suas epístolas, com a ressurreição dos ímpios. Assim sendo, a idéia de uma 2ª ressurreição após o Milênio, apenas para os não salvos, conforme sugere *Apocalipse 20:5*, não conflita com qualquer outro texto bíblico.

O versículo 6, que apresenta uma bem-aventurança sobre os participantes nesta 1ª ressurreição, acrescenta que sobre estes não tem poder a 2ª morte. Embora o texto não mencione a 1ª morte, fica implícito que se trata da morte física, pelo que a 2ª seria a espiritual, aplicável a todos os que não ressuscitaram com a vinda de Cristo.

Entre os versículos 6 e 7 decorre o milênio anunciado, não havendo, por parte de João, qualquer descrição do mesmo. O texto de *Apocalipse 20:7-10* passa a falar de um curto tempo (*Apocalipse 20:3b*), durante o qual Satanás será libertado para, novamente, conduzir uma rebelião contra Deus.

Talvez pudéssemos nos perguntar pela finalidade disso. Por que é que, tendo Deus vencido e removido o mal, Ele, agora, permitiria que começasse tudo de novo, com o Diabo fazendo aquilo que sempre fez: ensejar rebelião? A resposta a essa pergunta talvez nos seja dada por Paulo em *Romanos 3:9-20*, onde ele aborda a questão da justiça de Deus ao condenar o pecado. Durante o Milênio, o pouco que vimos permite admitir que o mundo, sob o governo dos santos, viverá um período de paz e prosperidade. Através desse bem-estar, Deus permite que fique claro que o pecado não provém de circunstâncias adversas e, sim, da rebelião inata do homem contra Deus. Tão logo Satanás é solto ele consegue, sem qualquer dificuldade, arrebanhar adeptos para um assalto final ao trono do Cordeiro. É ressaltado, aqui, que ele consegue arrebanhar, desta feita, todas as nações que há nos quatro cantos da terra.

O ataque objeto desta rebelião não chega a se concretizar porque Deus consome os ímpios com fogo dos céus, mas o aparente objetivo de Deus, que é de mostrar a inexcusabilidade do homem (*Romanos 1:20b*), é alcançado.

Encerrando o Seu juízo contra Satanás, Deus o lança no mesmo lago de fogo e enxofre em que se encontram a Besta e o falso profeta, que, aliás, foi preparado para ele mesmo. Com isso fica extirpado todo o mal, abrindo o caminho para a criação de novos céus e nova terra, onde reinará a justiça.

Finalmente tem lugar, então, o juízo de Deus sobre aqueles que não participaram da 1ª ressurreição e sobre os quais tem autoridade a 2ª morte, a ser pronunciada neste evento (*Apocalipse 20:11-15*). João nos informa que viu um grande trono branco, sobre o qual Se assenta alguém, que é motivo de temor e tremor para todos. Normalmente no Apocalipse é Deus Pai que Se assenta no trono, mas o Novo Testamento também apresenta Jesus como juiz em Sua 2ª vinda (*II Timóteo 4:8*), especificamente associado “àquele dia”. Não há dúvida de que é Deus que está sentado no trono, mas realmente não fica claro se é o Pai, o Filho ou ambos. A menção posterior do trono de Deus e do Cordeiro em *Apocalipse 22:1 e 3* reforça esta última hipótese.

Em pé diante deste trono foram achados todos os vivos, para o julgamento dos quais foram abertos livros, cujo conteúdo, conforme sugerido pelo contexto, é o registro de todos os atos de cada indivíduo. Foi aberto, ainda, um outro livro que é o livro da vida, mencionado em alguns outros lugares do Novo Testamento (*Lucas 10:20, Filipenses 4:3, Apocalipse 3:5, 13:8 e 21:27*).

Não foi mencionada a 2ª ressurreição, mas esta fica, igualmente, implícita na medida em que a morte restitui todas as vidas que havia ceifado. Os versículos 13 e 14 poderiam nos dar a impressão de que se encontram diante do trono apenas aqueles que não participaram desta última ressurreição, mas um paralelo com o juízo narrado por Jesus (*Mateus 25:31-46*) nos mostra que estão presentes, embora de lados distintos, tanto a Igreja, à Sua direita, como os recém-ressuscitados, à Sua esquerda. Isto fica claro no versículo 15, onde consta que foram lançados no lago de fogo todos os que não estavam inscritos no livro da vida. Não obstante a omissão, está óbvio que foram destinados ao novo céu e nova terra aqueles cujos nomes ali constavam.

O fato da morte e do hades serem lançados, igualmente, no lago de fogo (*Apocalipse 20:14*), atesta a vitória do nosso Senhor Jesus Cristo sobre o último inimigo: a morte (*I Coríntios 15:26*). Está aberto agora o caminho para o estabelecimento de uma nova ordem, nos termos daquela que fora concebida no Éden, diferente daquela, contudo, porque esta é feita para pessoas que conscientemente optaram por servir a Deus. Este é e sempre foi o plano último de Deus. Aleluia!

13.4 - NOVO CÉU E NOVA TERRA

No Antigo Testamento a idéia de céu como um novo jardim do Éden, tal como no texto de *Isaías 66*, citado acima, é bastante comum. Já chegando ao Novo Testamento, o autor de *Hebreus* nos fala da Jerusalém celestial como o lugar dos espíritos dos justos aperfeiçoados (*Hebreus 12:22-23*) e as referências de Jesus ao céu nos passam a idéia de um lugar espiritual, onde coisas como o casamento, por exemplo, não têm lugar (*Marcos 12:24-25*). Nossa idéia de um novo Éden fica, então, prejudicada, visto que ali o próprio Deus reconheceu que o homem precisava de uma companheira (*Gênesis 2:18*).

Quando chegamos, contudo, à descrição de João, ele parece ressuscitar a idéia do novo Éden. Ele nos passa a impressão de uma nova ordem material e visível, substituindo aquela que ficou comprometida pela decadência resultante do pecado (*Romanos 8:19-22*).

Ele começa a sua descrição dizendo que o 1º céu e a 1ª terra passaram e que o mar já não existe (*Apocalipse 21:1*). Quando pensamos que o mar ocupa a grande parte da face do nosso planeta, entendemos que esta observação de João ressalta o quão diferentes são o antigo e o novo sistema.

No momento em que pensamos que ele vai entrar em maiores detalhes sobre estes novos céu e Terra, sua atenção se desvia para a nova Jerusalém descendo do céu da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo (*Apocalipse 21:2*). Já mencionamos acima a referência de *Hebreus 12:22-23*, que apresenta a nova Jerusalém como cidade do Deus Vivo, onde residem incontáveis hostes celestiais e também a Igreja. Agora vemos a cidade celestial se fundindo com a nova ordem terrena e percebemos que João não mudou de assunto, mas que o novo céu e a nova Terra serão, na realidade, uma coisa só.

Isso fica mais claro quando vem uma voz do trono para reafirmar a morada eterna de Deus com os homens, numa coexistência sem dor nem morte. O próprio Deus acrescenta, então, que aquela promessa é fiel e verdadeira e que Ele, Alfa e Ômega, daria graciosamente, a quem tem sede, a beber da fonte da Água da Vida. Neste instante Ele reafirma, ainda, uma promessa feita reiteradas vezes no Velho Testamento (*Jeremias 31:33*), e que caracteriza bem a Sua intenção: ser Deus daquele que Lhe for por filho (*Apocalipse 21:3-7*).

Feitas tão ricas promessas, Deus lembra, contudo, que elas são limitadas aos vencedores, ou seja, àqueles que perseveraram em seguir a Jesus. Quanto aos covardes (os que O negaram), aos incrédulos (os que não creram no Senhor Jesus), aos abomináveis (aqueles que se contaminaram com as abominações do mundo), aos assassinos, aos sexualmente impuros, aos que praticam feitiçaria de qualquer natureza, aos idólatras (aqueles cujo Deus não é o Senhor) e aos mentirosos, a estes está reservado o lago de fogo e enxofre.

O restante do capítulo 21 e o início do capítulo 22 contêm uma descrição da nova Jerusalém, conforme mostrada a João por um dos anjos que continham as sete taças da ira. É interessante que este diz a João que Lhe mostrará a noiva, a esposa do Cordeiro, para, então, passar a mostrar a cidade celeste. Ficamos nós a imaginar qual seria a relação entre a nova Jerusalém e a Igreja. Talvez possamos inferir que Deus Pai preparou para o Seu Filho a noiva segundo o Seu coração e que a referência a ela se confunde com a sua moradia.

A descrição em questão nos lembra alguma coisa do templo descrito por Ezequiel nos últimos nove capítulos do livro que recebe o seu nome. Em ambos os casos a glória do Senhor enchia o templo (*Ezequiel 43:5 - Apocalipse 21:11*) e nas doze portas encontramos escritos os nomes dos doze filhos de Israel (*Ezequiel 48:30-35 - Apocalipse 21:12*).

O fato do muro da cidade ter doze fundamentos, cada um deles com o nome de um dos apóstolos do Senhor (*Apocalipse 21:14*), nos faz lembrar da Igreja de Jesus Cristo que, segundo Paulo, também é edificada sobre o fundamento dos apóstolos (*Efésios 2:20*).

A associação dos doze filhos de Israel com os doze apóstolos do Senhor sugere que se trata de uma Igreja que engloba as duas dispensações. Assim sendo, são participantes desta Igreja os crentes do Velho e do Novo Testamentos.

As dimensões da cidade, um cubo com 2.200km de lado, e os materiais de construção descritos (ouro transparente, por exemplo), tornam a nova Jerusalém diferente de qualquer outra cidade que conhecemos (*Apocalipse 21:15-21*). Não cabe aqui especular a respeito de eventuais simbolismos escondidos nesta descrição. Podemos apenas dizer que João estava extasiado pela glória da cidade que viu e fez o melhor possível para descrevê-la com o seu vocabulário limitado.

Nesta cidade chamou a atenção de João não haver santuário, porque o próprio Deus Todo-Poderoso e o Cordeiro estavam presentes. Nem tampouco havia necessidade de qualquer tipo de iluminação, porque a glória do Senhor a iluminava totalmente (*Apocalipse 21:22-23*).

O capítulo 21 termina falando da segurança e da pureza da nova Jerusalém (*Apocalipse 21:24-27*), lembrando, mais uma vez, que nela não entrarão senão aqueles que estão inscritos no Livro da Vida do Cordeiro.

Continuando o “tour” pela cidade, o anjo mostrou a João o rio da Água da Vida, cujas águas brotam do trono de Deus e do Cordeiro (*Apocalipse 22:1*). Este rio nos lembra aquele citado pelo salmista, cujas águas alegam a cidade de Deus, que é o santuário da morada do Altíssimo (*Salmos 46:4*). Não há dúvida de que esta é, também, a fonte de Água Viva que brota para a vida eterna, da qual falou o próprio Jesus (*João 4:14*).

Curiosamente, depois de estar sumido desde *Gênesis 3:22*, eis que surge novamente a Árvore da Vida, regada pelas águas que saem do trono (*Apocalipse 22:2*). Ali no *Gênesis* o homem havia sido privado dela para que não vivesse eternamente em sua condição de pecado. Agora, mais uma vez, ela é franqueada ao povo de Deus, que dela se nutrirá eternamente.

Culminando essa descrição da cidade, o anjo informa que os servos do Senhor ali O servirão e verão a Sua face. Aquilo que foi vedado a Moisés (*Êxodo 33:20*) e a Paulo (*ICoríntios 13:12*), será franqueado a todos quantos estivermos ali na Nova Jerusalém, reinando com Ele pelos séculos dos séculos (*Apocalipse 22:3-5*).

Terminada a descrição da Jerusalém celeste, o anjo assegura a João que estas palavras são fiéis e verdadeiras, pois procedem do Senhor, o Deus dos espíritos e dos profetas, que enviou o Seu anjo para mostrar aos Seus servos as coisas que em breve hão de acontecer. O anjo repetiu, então, palavras de Jesus, dizendo: “*Eis que venho sem demora. Bem-aventurado aquele que guarda as palavras das profecias deste livro*” (*Apocalipse 22:6-7*).

Talvez isto tenha confundido João, pois ele, mais uma vez, se pôs de joelhos com a intenção de adorar o anjo. A exemplo do que ocorrera em *Apocalipse 19:10*, o anjo o impediu, dizendo-se conservo seu e daqueles que guardam as profecias daquele livro (*Apocalipse 22:8-9*).

O anjo continuou dizendo, ainda, que ele não deveria selar as palavras daquela profecia, pois o tempo estava próximo (*Apocalipse 22:10*). Esta ordem contrasta com aquela recebida por Daniel, segundo a qual deveria selar as suas profecias até o tempo do fim, quando a ciência se multiplicaria (*Daniel 12:4*). As palavras ditas a João eram e sempre foram atuais. É claro que havia e há uma parte escatológica, que vemos, ainda, no futuro, mas a exortação de vigilância com relação às astutas ciladas do inimigo valem hoje como valeram para a Igreja dos tempos apostólicos.

O texto de *Apocalipse 22:11-17* parece ter uma mudança de orador. A impressão que temos é que o próprio Senhor Jesus dá as palavras de encerramento. O versículo 11 pode parecer externar desinteresse pela causa do pecador, mas veremos, através do apelo feito adiante, que esse não é o caso. Uma interpretação livre deste versículo ressalta a necessidade dos santos seguirem o caminho da santificação contínua, não obstante o mundo continuar em sua pecaminosidade.

É preciso que não esqueçamos que Ele vem sem demora e que de nossa santificação depende o galardão que Ele traz consigo, pois Ele é onisciente (*Apocalipse 22:12-13*).

Mais uma vez o texto define, de forma clara, quem terá acesso à Árvore da Vida e quem não. Tê-la-ão os que tiveram lavadas as suas vestiduras no sangue do Cordeiro, ao passo que os demais ficam de fora (*Apocalipse 22:14-15*).

Jesus, então, Se identifica como Aquele que enviou o Seu anjo para testificar às igrejas aquelas coisas. Ele é a Raiz e a Geração de Davi. Ele é a brilhante Estrela da Manhã (*Apocalipse 22:16*).

As últimas palavras de Jesus lembram que tanto o Espírito Santo como a noiva, ou seja, a Igreja, continuam a apelar para que as pessoas venham. A todo aquele que tem sede continua franqueado o convite para que venha e beba de graça da Água da Vida (*Apocalipse 22:17*).

João encerra sua profecia com uma advertência àqueles que ouvem as palavras da profecia deste livro, para que não tentem corromper a mensagem de urgência de arrependimento e vigilância contida no mesmo, pois Jesus Cristo volta sem demora (*Apocalipse 22:18-20*).

Sua saudação final é a mesma com que encerramos este capítulo: “*Que a graça do Senhor Jesus seja com todos!*”

BIBLIOGRAFIA

- /1/ "The Broadman Bible Commentary", vol. 6 (Jeremiah - Daniel). Broadman Press, Nashville, Tennessee, 1971;
- /2/ Gaebelhein, F. E.: "The Expositor's Bible Commentary", vol. 7 (Daniel - Minor Prophets), Zondervan Publishing House, Grand Rapids, Michigan, 1985;
- /3/ LaHaye, T. & Ice, T.: "Charting the End Times", Harvest House Publishers, Eugene, Oregon, 2001;
- /4/ "Holman Illustrated Bible Dictionary", Holman Bible Publishers, Nashville, Tennessee, 2003;
- /5/ "Harvey's Bible Handbook", Zondevan, Grand Rapids, Michigan, 1965;
- /6/ LaHaye, T. & Hindson, E.: "The Popular Bible Prophecy Workbook", Harvest House Publishers, Eugene, Oregon, 2006;
- /7/ Duck, D. R. & Richards, L.: "Prophecies of the Bible", Nelson Books, Nashville, Tennessee, 2007;
- /8/ Hunt, D.: "Jerusalém um Cálice de Tontear", Actual Edições, Porto Alegre, RS, 1999;
- /9/ Hunt, D.: "Quanto Tempo nos Resta", Obra Missionária Chamada da Meia-Noite, Porto Alegre, RS, 1996;
- /10/ Hunt, D.: "Israel no Centro do Cenário Profético", Actual Edições, Porto Alegre, RS, 2005;
- /11/ Hunt, D.: "O Quase-Anticristo", Chamada da Meia-Noite, Porto Alegre, RS, 1995;
- /12/ LaHaye, T. & Hindson, E.: "The Popular Encyclopedia of Bible Prophecy", Harvest House Publishers, Eugene, Oregon, 2004;
- /13/ Dave Hunt: "A Mulher Montada na Besta", vols. 1 e 2, Actual Edições, Porto Alegre, RS, 2006;
- /14/ Smith, J. B.: "A Revelation of Jesus Christ: A Commentary on the Book of Revelation", Herald Press, Scordale, Pennsylvania, 1961;
- /15/ Hunt, D. & McMahon, T.: "The Seduction of Christianity", Harvest House Publishers, Eugene, Oregon, 1985;
- /16/ Times;
- /17/ Gaebelhein, F. E.: "The Expositor's Bible Commentary" (Mattew, Mark & Luke), Zondervan Publishing House, Grand Rapids, Michigan, 1985;

- /18/ France, R. T.: "Tyndale New Testament Commentaries" (Matthew), William B. Eerdmans Publishing Company, Grand Rapids, Michigan, 1985;
- /19/ Kampen, R.: "The Sign", Crossway Books, Wheaton, Illinois, USA, 1999;
- /20/ Wilkerson, D.: "Toca a Trombeta em Sião", CPAD, Lindale, Texas, 1985;
- /21/ <http://www.dakebible.com/WebPages/dispensationalism.htm>;
- /22/ "Scofield Study Bible", Oxford University Press, 1909;
- /23/ http://en.wikipedia.org/wiki/Daniel_Whitby;
- /24/ http://en.wikipedia.org/wiki/Augustine_of_Hippo;
- /25/ <http://www.cai.org/bible-studies/1967-%E2%80%93-last-date-bible>;
- /26/ Howard, K. e Rosenthal, M.: "The Feasts of the Lord", Thomas Nelson Publishers, Nashville, Tennessee, USA, 1997;
- /27/ http://en.wikipedia.org/wiki/Hebrew_calendar;
- /28/ LaHaye, T. e Jenkins, J. B.: "Deixados para Trás", série de ficção religiosa editada entre out. 1994 e abr. 2007 acerca do livro de Apocalipse, conforme lista apresentada a seguir:
Vol. 1 - Deixados para Trás
Vol. 2 - Comando Tribulação
Vol. 3 - Nicolae
Vol. 4 - Colheita, A
Vol. 5 - Apoliom
Vol. 6 - Assassinos
Vol. 7 - Possuído, O
Vol. 8 - Marca, A
Vol. 9 - Profanação
Vol. 10 - Remanescente, O
Vol. 11 - Armagedom
Vol. 12 - Glorioso Aparecimento, O
Vol. 13 - Vitória Final, A;
- /29/ Grudem, W.: "Bible Doctrine", Zondervan, Grand Rapids, Michigan, USA, 1999;
- /30/ <http://en.wikipedia.org/wiki/Antichrist>;
- /31/ Malgo, Wim: "Apocalipse de Jesus Cristo: Um Comentário para a nossa Época", Obra Missionária Chamada da Meia-Noite, vol. II, Porto Alegre, RS;
- /32/ Szczerbacki, R.: Revelando os Mistérios do Apocalipse, Betel, Rio de Janeiro, RJ, 2001;
- /33/ <http://www.mikhailgorbachevantichrist.com/>;
- /34/ Ladd, G: Apocalipse Introdução e Comentário, Editora Mundo Cristão e Edições Nova Vida, São Paulo, SP, 1982.